

MILAN KUNDERA

*A vida está
em outro lugar*

COMPANHIA DE BOLSO





MILAN KUNDERA

A VIDA ESTÁ EM OUTRO LUGAR

Tradução

Denise Rangé Barreto



COMPANHIA DE BOLSO

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Sumário

Primeira parte *ou* O poeta nasce

Segunda parte *ou* Xavier

Terceira parte *ou* O poeta se masturba

Quarta parte *ou* O poeta corre

Quinta parte *ou* O poeta tem ciúme

Sexta parte *ou* O quadragenário

Sétima parte *ou* O poeta morre

Sobre o autor

Créditos

Primeira parte

ou

O POETA NASCE

1

Quando a mãe do poeta se perguntava onde o poeta fora concebido, apenas três possibilidades eram levadas em consideração: uma noite sobre um banco de praça, uma tarde no apartamento de um amigo do pai do poeta, ou uma manhã num lugar romântico dos arredores de Praga.

Quando o pai do poeta fazia-se a mesma pergunta, chegava à conclusão de que o poeta fora concebido no apartamento de seu amigo, pois naquele dia tudo tinha saído errado. A mãe do poeta recusava-se a ir à casa do amigo do pai, por duas vezes brigaram e por duas vezes se reconciliaram, enquanto faziam amor a fechadura do apartamento vizinho rangera, a mãe do poeta assustara-se, interromperam, recomeçaram a fazer amor e terminaram com um nervosismo recíproco ao qual o pai do poeta atribuía a concepção do poeta.

A mãe do poeta, por outro lado, não admitia nem por um segundo que o poeta tivesse sido concebido num apartamento emprestado (reinava ali uma desordem de solteiro, e a mãe observava com repugnância o lençol da cama desfeita onde estava jogado o pijama amassado do desconhecido) e rejeitava também a possibilidade de que ele tivesse sido concebido sobre um banco de praça onde ela só se deixara convencer a fazer amor contra a sua vontade e sem prazer, pensando enojada que quem fazia amor assim, sobre os bancos das praças, eram as prostitutas. Portanto ela estava absolutamente

convencida de que o poeta só poderia ter sido concebido durante uma manhã ensolarada de verão, à sombra de um grande rochedo que se erguia pateticamente em meio a outros rochedos num pequeno vale onde os habitantes de Praga costumam passear aos domingos.

Essa paisagem, por diversas razões, convém à concepção do poeta: iluminada pelo sol de meio-dia, é uma paisagem não de escuridão mas de luz, de dia, não de noite; é um lugar situado ao centro de um espaço natural aberto, portanto um lugar feito para o voo e para as asas; e por fim, sem estar muito afastada dos últimos imóveis da cidade, é uma paisagem romântica salpicada de rochedos surgidos de um solo selvagemmente recortado. Para a mãe, tudo isso parecia uma imagem expressiva do que ela vivia então. Seu grande amor pelo pai do poeta não era uma revolta romântica contra a placidez e a regularidade da vida de seus pais? Não havia aí uma discreta semelhança entre a audácia que estava demonstrando, ela, filha de ricos comerciantes, escolhendo um engenheiro sem um tostão que apenas acabara de terminar seus estudos, e aquela paisagem indomável?

A mãe do poeta estava vivendo então um grande amor, mesmo que àquela bela manhã passada ao pé do rochedo viesse a suceder uma decepção. Realmente, quando foi anunciar a seu amante, com uma alegre excitação, que a indisposição íntima que costumava incomodá-la todos os meses de sua vida estava atrasada alguns dias, o engenheiro afirmou com uma indiferença revoltante (mas, parece-nos, fingida e embaraçada) que se tratava de uma insignificante perturbação do ciclo vital que certamente retomaria seu ritmo correto. A mãe percebeu que seu amante recusava-se a partilhar de suas esperanças e de suas alegrias, sentiu-se ferida e não falou mais com ele até o dia em que o médico anunciou-lhe que estava grávida. O pai do poeta disse então conhecer

um ginecologista que a livraria discretamente de suas preocupações, e a mãe explodiu em soluços.

Emocionantes conclusões das revoltas! Primeiro ela se revoltara contra seus pais em nome do jovem engenheiro, e depois correria para eles pedindo ajuda contra o rapaz. E os pais não a decepcionaram: foram ao encontro do engenheiro, falaram-lhe com franqueza, e o engenheiro, compreendendo claramente que não havia como escapar, consentiu num casamento pomposo e aceitou sem protesto um dote considerável que lhe permitia abrir sua própria empresa de construção; depois transportou sua modesta fortuna, que cabia dentro de duas malas, para a mansão onde a recém-casada vivia com seus pais desde o dia de seu nascimento.

A imediata capitulação do engenheiro, entretanto, não era capaz de esconder da mãe do poeta que a aventura em que se lançara com um atordoamento que lhe parecia sublime não representava o grande amor partilhado ao qual acreditava ter todo o direito. Seu pai era proprietário de duas prósperas drogarias em Praga, e a filha professava a moral das contas equilibradas; do momento em que tinha investido tudo no amor (não estava pronta a trair os próprios pais e seu tranquilo lar?), queria que seu parceiro investisse na caixa comum uma soma igual de sentimentos. Esforçando-se para reparar a injustiça, ela queria retirar da caixa comum o afeto que ali depositara, e após o casamento ofereceria ao marido um rosto altivo e severo.

A irmã da mãe do poeta deixara recentemente a mansão da família (ela se casara e alugara um apartamento no centro de Praga), de maneira que o velho comerciante e sua esposa ficaram nos aposentos do térreo e o engenheiro e sua filha puderam instalar-se nas três peças do andar superior — duas grandes e uma menor — cuja arrumação era

exatamente a mesma que o pai da recém-casada escolhera vinte anos antes, quando mandara construir a casa. Receber como lar um ambiente já todo instalado era um bom negócio para o engenheiro, já que além do conteúdo das duas malas já mencionadas ele não possuía absolutamente nada; no entanto, ele sugeriu algumas pequenas alterações para modificar o aspecto dos aposentos. Mas a mãe do poeta não podia admitir que o homem que quisera entregá-la à lâmina de um ginecologista ousasse alterar a antiga disposição do interior onde habitavam a alma dos pais, vinte anos de doces hábitos, de intimidade recíproca e de segurança.

Mais uma vez o jovem engenheiro capitulou sem resistência e permitiu-se apenas um tímido protesto que fazemos questão de assinalar: no quarto do casal havia uma pequena mesa cujo pé robusto suportava um pesado tampo redondo em mármore cinza onde estava a estatueta de um homem nu; o homem tinha na mão direita uma lira apoiada contra o quadril ressaltado; o braço direito curvava-se num gesto patético, como se os dedos tivessem acabado de tocar nas cordas; ele tinha a perna direita à frente, a cabeça ligeiramente inclinada, e seus olhos estavam voltados na direção do céu. Diga-se ainda que o homem tinha um rosto muito bonito, os cabelos encaracolados, e que a brancura de alabastro em que fora esculpida a estatueta dava ao personagem algo de suavemente feminino ou de *divinamente* virginal; não é aliás por acaso que acabamos de usar a palavra divinamente: de acordo com a inscrição gravada no pedestal, o homem com a lira era o deus grego Apolo.

Mas raramente a mãe do poeta podia olhar para o homem com a lira sem que se zangasse. A maior parte do tempo, o que ele oferecia aos olhares era a sua retaguarda, ora servia de cabide ao chapéu do engenheiro, ora tinha um sapato pendurado à sua delicada cabeça,

outras vezes ainda estava coberto por uma meia do engenheiro que, fedorenta, era uma profanação especialmente odiosa do mestre das Musas.

Se a mãe do poeta recebia tudo isso com impaciência, a única razão não era o seu parco senso de humor: na verdade ela percebera que pondo uma meia sobre o corpo de Apolo o marido queria transmitir-lhe, com aquela brincadeira, o que dissimulava com seu silêncio: que rejeitava seu universo e que capitulara apenas provisoriamente diante dele.

Assim o objeto de alabastro tornou-se um verdadeiro deus antigo, isto é, um ser do mundo sobrenatural que intervém no universo humano, embaralha os destinos, conspira e desvenda o segredo. A jovem recém-casada considerava-o seu aliado, e sua sonhadora feminilidade fez dele uma criatura viva, cujos olhos adquiriam às vezes as cores de íris ilusórias e cuja boca parecia respirar. Ela apaixonou-se por aquele pequeno homem nu, que se humilhara por ela. Contemplava seu rosto encantador e começava a desejar que a criança que crescia em seu ventre se parecesse com aquele belo inimigo do esposo. Queria que se parecesse com ele a tal ponto que chegou a imaginar que nascera por obra não do esposo, mas do jovem da estatueta. E implorava-lhe que, por intermédio de sua magia, retificasse os traços do embrião, transformasse-os, transfigurasse-os, como fizera outrora o grande Ticiano quando pintava um de seus quadros sobre uma telha estragada de um aprendiz.

Tomando instintivamente como modelo a Virgem Maria, que foi mãe sem a interferência de um procriador humano e transformou-se assim no ideal de um amor materno em que o pai não se mistura e não vem semear a discórdia, ela experimentava o desejo provocante de chamar o

filho de Apolo, pois esse nome significava para ela *aquele que não tem pai humano*. Mas ela sabia que seu filho teria uma vida dura carregando um nome tão pomposo e que seriam, tanto ele quanto ela, alvos de pilhéria. Procurou então um nome tcheco que fosse digno do deus juvenil da Grécia e pensou no nome de Jaromil (que significa *aquele que ama a primavera* ou *aquele que é amado pela primavera*), e essa escolha foi aprovada por todos.

Aliás, foi exatamente na primavera, quando os lilases estavam em flor, que ela foi levada para a maternidade; lá, após algumas horas de sofrimento, o jovem poeta deixou-se escorregar de sua carne sobre o lençol manchado do mundo.

2

Depois o poeta foi posto num berço perto de sua cama e ela pôde ouvir os gritos deliciosos; seu corpo dolorido estava repleto de orgulho. Mas não invejemos essa altivez; até então esse corpo não passara por nada, apesar de ser razoavelmente bem-feito: é verdade que tinha as ancas um tanto inexpressivas e as pernas um pouco curtas, mas por outro lado o busto era extremamente jovem, e sob os cabelos finos (tão lisos que era difícil arranjar-lhes um penteado) exibia um rosto talvez não resplandecente, mas de um charme discreto.

Mamãe sempre fora bem mais consciente de sua descrição do que de seu charme, ainda mais que vivera desde a infância junto a uma irmã mais velha que dançava admiravelmente, vestia-se no melhor costureiro de Praga e, munida de uma raquete de tênis, penetrava à vontade no mundo dos homens elegantes, virando as costas à casa natal. A evidente impetuosidade da irmã confirmou-a em sua modéstia agastada e ela

aprendeu, por protesto, a gostar da gravidade sentimental da música e dos livros.

É verdade que, antes de conhecer o engenheiro, ela saíra com outro rapaz, estudante de medicina, que era filho de amigos de seus pais, mas aquela ligação não foi suficiente para dar muita segurança ao seu corpo. Depois que ele a iniciou no amor físico numa casa de campo, ela rompeu com ele no dia seguinte, com a certeza melancólica de que nem os seus sentimentos nem os seus sentidos jamais conheceriam o grande amor. E como acabara de passar nos exames de conclusão do curso secundário, anunciou que queria encontrar o sentido de sua vida no trabalho e decidiu inscrever-se (apesar da desaprovação de seu pai, que era um homem prático) na faculdade de letras.

Seu corpo desgostoso já passara quatro ou cinco meses sobre o grande banco do anfiteatro universitário quando encontrou na rua um jovem engenheiro insolente que o interpelou e apoderou-se dele ao fim de três encontros. E como desta vez o corpo estava enormemente (para sua surpresa) satisfeito, a alma logo esqueceu a ambição de uma carreira universitária e (como sempre deve fazer uma alma sensata) apressou-se em prestar concurso para o corpo: ela concordou de bom grado com as ideias do engenheiro, com sua alegre despreocupação, com sua irresponsabilidade encantadora. Mesmo sabendo que todas essas qualidades eram estranhas à sua família, queria identificar-se com elas, pois ao seu contato seu corpo tristemente modesto parava de duvidar e começava, para seu próprio espanto, a gozar de si mesmo.

Será que finalmente era feliz? Não completamente: ela oscilava entre as dúvidas e a confiança; quando se despia diante do espelho olhava-se com os olhos dele e achava-se ora excitante, ora insípida. Entregava seu corpo à mercê dos olhos dos outros — e havia aí uma grande incerteza.

Mas apesar de hesitar entre a esperança e a dúvida ela saía definitivamente da sua resignação prematura; a raquete de tênis de sua irmã não mais a desmoralizava; seu corpo finalmente vivia como um corpo e ela compreendia que era bom viver assim. Desejava que aquela vida nova fosse algo mais que uma promessa enganosa, que fosse uma verdade durável; desejava que o engenheiro a arrancasse do banco da faculdade e da casa dos pais e transformasse uma aventura de amor na aventura de uma vida. Foi por isso que acolheu a gravidez com entusiasmo: podia ver a si mesma, ao engenheiro e ao seu filho, e parecia-lhe que aquela tríade elevava-se até as estrelas e enchia o universo.

Já o explicamos no capítulo anterior: a mãe rapidamente compreendeu que o homem que buscava uma aventura de amor recusava a aventura de uma vida e não pensava absolutamente em transformar-se com ela numa cópia de estátua elevando-se às estrelas. Mas sabemos também que desta vez sua segurança não se desmanchou sob a pressão da frieza do amante. Algo de muito importante realmente havia se modificado. O corpo da mãe, que os olhos do amante ainda recentemente mantinham à sua mercê, acabava de entrar numa nova fase de sua história: deixara de ser um corpo para os olhos alheios para ser agora um corpo para alguém que ainda não tinha olhos. A superfície externa não era mais tão importante; o corpo tocava outro corpo através de sua membrana interna, jamais vista por ninguém. Os olhos do mundo exterior só podiam, portanto, captar a aparência inessencial, e mesmo a opinião do engenheiro não contava mais e por isso ele não poderia mais influir de maneira alguma sobre seu grande destino: o corpo finalmente concordava com uma independência e uma autonomia totais; o ventre

que crescia e enfeava era para esse corpo uma reserva sempre crescente de orgulho.

Após o parto, o corpo da mãe entrou numa nova fase. Quando ela sentiu pela primeira vez a boca de seu filho tateando para tentar sugar seu seio, um suave arrepio explodiu no meio de seu peito irradiando por todo o corpo raios estremeecedores; aquilo parecia a carícia do amante, mas havia alguma coisa a mais: uma grande felicidade tranquila, uma grande tranquilidade feliz. Aquilo ela jamais conhecera antes; quando o amante beijava-lhe o seio era um instante que precisaria resgatar horas de dúvida e desconfiança; mas agora sabia que a boca que se comprimia contra seu seio trazia-lhe a prova de uma ligação ininterrupta da qual podia estar segura.

Havia ainda outra coisa: quando o amante tocava seu corpo desnudo, ela sempre experimentava um sentimento de pudor; a aproximação mútua era sempre o excedente de uma alteridade, e o instante do abraço só era inebriante porque não era mais que um instante. O pudor nunca diminuía, tornava o amor exultante, mas ao mesmo tempo vigiava o corpo, temendo que se abandonasse por inteiro. Mas desta vez o pudor desaparecera; estava abolido. Os dois corpos abriam-se inteiramente um ao outro e não tinham nada para se esconder.

Jamais ela se abandonara de tal forma a outro corpo, e jamais outro corpo se abandonara de tal forma a ela. O amante podia gozar de seu ventre, mas nunca o habitara, podia tocar seu seio, mas nunca bebera dele. Ah, o aleitamento! Ela observava com amor os movimentos de peixe da boca sem dentes e imaginava que seu filho bebia, junto com o leite, seus pensamentos, suas fantasias e seus sonhos.

Era um estado *edênico*: o corpo podia ser plenamente corpo e não precisava esconder-se atrás de uma folha de parreira; estavam

mergulhados no espaço ilimitado de um tempo sereno; viviam juntos como viviam Adão e Eva antes de morderem a maçã da árvore do conhecimento; viviam em seu corpo fora do bem e do mal; e não apenas isso: no Paraíso a feiura não se distingue da beleza, de maneira que todas as coisas de que se compõe o corpo não eram para eles nem feias nem bonitas, mas apenas deliciosas; deliciosas eram as gengivas, apesar de não terem dentes, delicioso era o seio, delicioso era o umbigo, delicioso era o traseirinho, deliciosos eram os intestinos cujo funcionamento era cuidadosamente vigiado, deliciosos eram os pelos que surgiam do crânio grotesco. Ela controlava com atenção os arrotos, xixis e cocôs de seu filho, não apenas por uma solicitude de enfermeira preocupada com a saúde da criança; não, ela vigiava todas as atividades do corpinho com *paixão*.

Aquilo era uma coisa absolutamente nova para a mãe, já que desde a infância sentira uma extrema repugnância pela animalidade, tanto a dos outros quanto a sua própria; achava degradante sentar-se num vaso sanitário (ao menos tomava muito cuidado para que não a vissem penetrar o recinto), e havia até mesmo períodos em que tinha vergonha de comer diante das pessoas, porque a mastigação e a deglutição pareciam-lhe repugnantes. E eis que, estranhamente, a animalidade de seu filho, elevada acima de qualquer feiura, purificava e justificava, a seus olhos, seu próprio corpo. Quando restava alguma gotinha de leite sobre a pele enrugada de sua mama, ela lhe parecia tão poética quanto uma pérola de orvalho; acontecia-lhe com frequência tomar um dos seios e apertá-lo levemente para observar a gota mágica; recolhia-a sobre o dedo indicador e provava-a; dizia que queria conhecer o sabor da bebida com que alimentava seu filho, mas na verdade queria conhecer o gosto do próprio corpo; e como seu leite lhe parecesse deleitável, aquele sabor

reconciliava-a com todos os seus outros sucos e com todos os seus humores; ela mesma começava a sentir-se deleitável, seu corpo parecia-lhe agradável, natural e bom como todas as coisas da natureza, como a árvore, como a moita, como a água.

Infelizmente, ela estava tão feliz com seu corpo que o negligenciou; um dia percebeu que já era tarde, que guardaria no ventre uma pele enrugada com estrias esbranquiçadas sobre a derme, uma pele que não aderiria com firmeza à carne, parecendo um envelope lacrado com descuido. No entanto, estranho, não ficou desesperada. Mesmo com o ventre enrugado, o corpo da mãe estava feliz porque era um corpo feito para olhos que até então só percebiam do mundo contornos confusos e não sabiam (não eram olhos *edênicos*?) que existe um mundo cruel onde se faz distinção entre os corpos de acordo com sua beleza ou feiura.

Se os olhos da criança não eram capazes de enxergar essa distinção, os do marido, que tentara uma reconciliação após o nascimento de Jaromil, viam-na muito bem. Eles haviam voltado a fazer amor após um longo intervalo, mas não era mais como antes: escolhiam para o amor físico momentos discretos e banais, amavam-se no escuro e com moderação. No que se refere à mãe, isso certamente resolvia seu problema: ela sabia que o corpo enfeara e recusava-se a perder rapidamente em carícias vivas e apaixonadas a deleitável paz interior que o filho lhe proporcionava.

Não, não, ela jamais esqueceria que o marido lhe dera um prazer cheio de incertezas, e seu filho, uma serenidade cheia de felicidade; ela continuava, portanto, a procurar junto a ele (que já se locomovia, já andava, já falava) seu conforto. Ele caiu gravemente doente e durante quinze dias ela permaneceu quase sem pregar os olhos, sempre com o corpinho ardente e convulso em dores; também esse período ela viveu

numa espécie de êxtase; quando o mal começou a regredir ela disse consigo mesma que atravessara o reino dos mortos com o corpo do filho nos braços e que voltara de lá com ele; dizia-se também que após aquela provação comum nada poderia jamais separá-los.

O corpo do esposo, vestido com um terno ou enfiado num pijama, aquele corpo discreto e fechado em si mesmo, afastava-se dela e perdia dia após dia sua intimidade, mas o corpo do filho a cada momento estava mais sob sua dependência; é verdade que ela não o alimentava mais, mas o ensinava a usar o vaso sanitário, ela o vestia e o despia, escolhia seu penteado e suas roupas, entrava cada dia em contato com suas vísceras através dos pratos que lhe preparava com amor. Quando, na idade de quatro anos, ele começou a sofrer de inapetência, ela mostrou-se severa; obrigava-o a comer e, pela primeira vez, experimentou o sentimento de não ser apenas a amiga, mas também a *soberana* daquele corpo; o corpo se rebelava, se defendia, recusava-se a engolir, mas era obrigado; ela observava com uma estranha satisfação aquela vã resistência e aquela capitulação, o pescoço fino no qual era possível acompanhar o caminho da colherada engolida a contragosto.

Ah, o corpo do filho, seu lar e seu Paraíso, seu reino...

3

E a alma de seu filho? Não era seu reino? Oh, sim, sim! Quando Jaromil pronunciou a primeira palavra e essa palavra foi *mamã*, a mãe ficou louca de felicidade; dizia consigo mesma que a inteligência de seu filho, que se compunha então de um único conceito, era ocupada apenas por ela, e no futuro cresceria, se ramificaria e se enriqueceria, mas ela continuaria a ser sempre a raiz. Agradavelmente encorajada, passou a seguir cuidadosamente todas as tentativas de seu filho para adquirir o

uso da palavra e, como sabia que a memória é frágil e que a vida é longa, comprou uma agenda encadernada na cor grená e aí escreveu tudo o que saía da boca do filho.

Portanto, se buscarmos ajuda no diário da mãe, constataremos que a palavra *mamã* foi logo seguida de outras, e que a palavra *papá* só aparece em sétimo lugar, após as palavras *vovó*, *vovô*, *totó*, *tutu*, *uá-uá* e *pipi*. Após essas palavras simples (no diário da mãe elas são sempre acompanhadas por um breve comentário e uma data), encontramos os primeiros ensaios de frase. Verificamos que muito antes de seu segundo aniversário ele pronunciou: *mamãe é boa*. Algumas semanas mais tarde disse: *mamãe vai levar pampam*. Por essa observação, proferida depois que a mãe lhe recusara um refresco de framboesa antes do almoço, recebeu uma palmada, depois do que exclamou chorando: *quero outra mamãe!* Por outro lado, uma semana mais tarde, deu uma grande alegria à mãe ao anunciar: *minha mamãe é a mais linda*. Em outra ocasião disse: *mamãe, vou te dar um beijo pirulito*, pelo que se deve entender que pôs a língua para fora e começou a lamber todo o rosto da mãe.

Pulando algumas páginas, chegamos a uma reflexão que nos retém a atenção por sua forma rítmica. O avô prometera a Jaromil dar-lhe um pãozinho de chocolate, mas em seguida esqueceu a promessa e comeu o pão; Jaromil sentiu-se traído, ficou furioso e repetiu diversas vezes: *vovô é o bicho-papão, ele roubou meu pão*. Em certo sentido essa frase merece ser censurada tanto quanto a já citada, *mamãe vai levar pampam*, mas dessa vez não lhe deram palmada porque todos riram, inclusive o avô, repetindo depois com frequência a frase em família, com gosto, o que evidentemente não escapou à perspicácia de Jaromil. Ele certamente não compreendeu a razão de seu sucesso, mas, por outro lado, sabemos

muito bem que foi salvo da palmada pela rima e que foi dessa maneira que o poder mágico da poesia lhe foi revelado pela primeira vez.

Outras reflexões rimadas aparecem nas páginas seguintes do diário da mãe, e os comentários maternos mostram claramente que aquilo era uma fonte de alegria e satisfação para toda a família. Foi assim, parece, que ele compôs um retrato condensado da empregada, Aninha: *a empregada Aninha é uma belezinha*. Ou então podemos ler um pouco mais adiante: *vamos ao bosque passear e o coração alegrar*. Mamãe imaginava que aquela atividade poética se devia, além do talento absolutamente original que Jaromil possuía, à influência dos poemas infantis que lia para ele em tão grande abundância que o menino poderia até mesmo pensar que o tcheco compunha-se exclusivamente de troqueus, mas devemos retificar nesse ponto a opinião materna: mais importante que o talento e que os modelos literários era o papel do avô, espírito sóbrio e prático e inimigo ardente da poesia, que inventava propositalmente os dísticos mais bobos e ensinava-os às escondidas ao neto.

Jaromil logo percebeu que suas palavras eram registradas com grande atenção e começou a comportar-se de acordo com isso; se primeiro usara a palavra para fazer-se entender, agora falava para suscitar a aprovação, a admiração ou o riso. Ele gozava com antecedência do efeito que suas palavras provocariam sobre os outros e, como frequentemente não obtinha a reação desejada, tentava dizer incongruências para chamar a atenção sobre si. Nem sempre era bem-sucedido; quando disse a seus pais: *vocês são todos uns peidões* (ele ouvira a palavra *peidões* de um garoto no jardim vizinho e lembrava-se de que todos os outros meninos haviam rido muito), o pai deu-lhe uma palmada.

Desde então observava atentamente o que os adultos apreciavam em suas palavras, o que aprovavam, o que desaprovavam e o que os deixava pasmos; assim, um dia em que estava com a mãe no jardim, pôde pronunciar uma frase impregnada da melancolia das lamentações da avó: *mamãe, a vida é como as ervas daninhas*.

É difícil dizer o que ele entendia por essa reflexão; o certo é que não visava essa insignificância vivaz e essa vivacidade insignificante próprias das ervas adventícias, mas provavelmente queria expressar a ideia resumida e vaga de que a vida é uma coisa triste e vã. Apesar de ter dito uma coisa diferente do que pretendia, o efeito de suas palavras foi enorme; sua mãe calou-se, acariciou-lhe os cabelos e olhou-o nos olhos com um olhar úmido. Jaromil ficou inebriado com aquele olhar em que se podia ler um elogio emocionado, a tal ponto que desejou revê-lo. Durante um passeio, chutou uma pedrinha e disse à sua mãe: *mamãe, acabei de chutar uma pedrinha e agora tenho tanta pena dela que quero acariciá-la*, e realmente abaixou-se para acariciar a pedra.

A mãe estava convencida não apenas de que o filho era bem-dotado, mas também de que o filho possuía uma sensibilidade excepcional e diferente das outras crianças. Ela sempre expressava essa opinião ao pai e à mãe, e Jaromil, que brincava modestamente com os soldadinhos ou com o cavalo, constatava-o com grande interesse. Ele mergulhava então o olhar nos olhos dos visitantes e imaginava, encantado, que aqueles olhos o viam sob a forma de uma criança excepcional e singular, que talvez nem se tratasse de uma criança.

Quando se aproximou seu sexto aniversário e não lhe restavam mais que alguns meses antes de ir para a escola, a família insistiu para que tivesse um quarto independente e dormisse sozinho. A mãe, que via com tristeza o tempo passar, aceitou. Resolveu com o marido que

ofereceriam ao filho como presente de aniversário o terceiro e menor quarto do andar superior e comprariam um divã e outros móveis mais convenientes para um quarto de criança: uma pequena estante, um espelho para incentivá-lo à limpeza e uma pequena mesa de trabalho.

O pai sugeriu decorar o quarto com os próprios desenhos de Jaromil e logo se pôs a emoldurar os rabiscos pueris representando maçãs e jardins. Foi então que a mãe aproximou-se dele e disse: “Eu queria lhe pedir uma coisa”. Ele olhou-a e a voz da mãe, ao mesmo tempo tímida e enérgica, continuou: “Queria folhas de papel e algumas tintas”. E foi sentar-se frente a uma mesa em seu quarto, pôs diante de si uma folha e ali desenhcou longamente algumas letras a lápis; finalmente umedeceu um pincel na cor vermelha e começou a pintar as primeiras letras, depois um *V* maiúsculo. O *V* foi seguido por um *i* e o resultado foi uma inscrição: *A Vida é como as ervas daninhas*. Ela examinou sua obra e ficou satisfeita: as letras estavam retas e aproximadamente do mesmo tamanho; tomou então outra folha de papel, desenhcou novamente a inscrição e pôs-se a colorir, dessa vez em azul-escuro, pois essa cor parecia-lhe mais de acordo com a inefável tristeza da máxima de seu filho.

Depois se lembrou de que Jaromil dissera *O vovô é o bicho-papão, ele roubou o meu pão* e, com um alegre sorriso nos lábios, começou a escrever (em vermelho vivo) *O vovô tem razão de gostar muito do pão*. Em seguida, com um sorriso secreto, lembrou-se ainda do *Vocês são todos uns peidões*, mas absteve-se de reproduzir esse pensamento. Por outro lado desenhcou e coloriu (em verde) *Vamos ao bosque passear e o coração alegrar*, depois (em violeta) *Aninha é uma belezinha* (é verdade que Jaromil dissera *a empregada Aninha*, mas a palavra *empregada*, para a mãe, soava mal), então se lembrou de que Jaromil abaixara-se para acariciar uma

pedrinha e após um instante de reflexão pôs-se a escrever (em azul-celeste) *Eu não faria mal a uma pedrinha* e finalmente, com uma ligeira sensação de incômodo mas cada vez com mais prazer, desenhou (em laranja) *Mamãe, vou te dar um beijo pirulito*, e ainda (em letras douradas) *Mamãe é a mais linda de todas*.

Na véspera de seu aniversário, seus pais mandaram Jaromil, excitadíssimo, dormir no quarto da avó embaixo, e puseram-se a rearranjar os móveis e enfeitar as paredes. No dia seguinte de manhã, quando mandaram buscar o menino para que visse o quarto metamorfoseado, mamãe estava nervosa e Jaromil nada fez para dissipar sua perturbação; estava pasmo e não dizia nada; o essencial de seu interesse (mas que manifestava fraca e timidamente) estava na mesa de trabalho; era um móvel bizarro que parecia uma carteira escolar, o tampo da escrivaninha (inclinado e móvel, sob o qual havia espaço para guardar cadernos e livros) formava uma única peça com o assento.

“Pois bem, o que é que acha, está gostando?”, perguntou a mãe, impaciente.

“Sim, estou gostando”, respondeu o menino.

“Do que é que você gosta mais?”, perguntou o avô, que contemplava a cena, há tanto esperada, de pé na soleira da porta com a avó.

“Da escrivaninha”, disse a criança. Sentou-se e pôs-se a levantar e abaixar o tampo.

“E o que acha dos quadros?”, perguntou o pai, mostrando os desenhos emoldurados.

A criança levantou a cabeça e sorriu: “Eu os conheço”.

“E o que acha deles, assim, na parede?”

A criança, que continuava sentada à sua escrivaninha, sacudiu a cabeça para indicar que os desenhos na parede lhe agradavam.

Mamãe tinha o coração apertado e teria preferido desaparecer. Mas estava ali e não podia deixar passarem em silêncio as inscrições enquadradadas e penduradas na parede, pois teria sentido aquele silêncio como uma condenação. Foi por isso que disse: “E veja as inscrições”.

O menino abaixou a cabeça e olhou para o interior da mesinha de trabalho.

“Sabe, eu queria”, ela retomou em meio a uma grande confusão, “eu queria que você pudesse se lembrar de como cresceu, do berço à escola, porque era um menino inteligente e foi uma grande alegria para todos nós...” Ela dizia isso como se estivesse se desculpando e, porque estava nervosa, repetiu diversas vezes a mesma coisa. Finalmente, não sabendo mais o que dizer, calou-se.

Mas estava enganada ao imaginar que Jaromil pudesse não ter gostado de seu presente. É verdade que ele não encontrava nada para dizer, mas não estava desgostoso; sempre se orgulhara de suas palavras e não queria usá-las sem razão. Agora que podia vê-las cuidadosamente recopiadas em cores e transformadas em quadros, experimentava uma sensação de sucesso, de um sucesso tão grande e tão inesperado que não sabia como responder a isso e sentia medo; entendia que era *uma criança que profere palavras admiráveis*, e sabia também que aquela criança devia dizer, naquele exato momento, alguma coisa de admirável, apenas não lhe vinha à cabeça nada de admirável, portanto baixou a cabeça. Mas quando percebeu pelo canto do olhar suas próprias palavras nas paredes, petrificadas, congeladas, mais duráveis e maiores do que ele mesmo, ficou inebriado; tinha a impressão de estar cercado pela sua própria pessoa, de ser inumerável, de preencher todo o aposento, de encher toda a casa.

Antes de frequentar a escola, Jaromil já sabia ler e escrever, e mamãe decidiu que poderia entrar logo na primeira série; ela obteve do ministério uma autorização excepcional e Jaromil, após passar por um exame diante de uma comissão especial, pôde tomar lugar junto aos alunos que tinham um ano a mais que ele. Como todos o admiravam na escola, a sala de aula parecia-lhe um reflexo da própria casa. No Dia das Mães os alunos apresentaram suas produções na festa da escola. Jaromil foi o último a subir sobre o estrado e recitou um pequeno poema emocionante que lhe valeu grandes aplausos por parte do público de pais.

Mas logo pôde constatar que, por detrás daquele público que o aplaudia, havia outro público que o espiava dissimuladamente e que lhe era hostil. Ele estava no dentista, numa sala de espera repleta, e ali encontrou um colega de classe. Estavam lado a lado, apoiados à janela, e Jaromil percebeu que um velho senhor escutava o que diziam com um sorriso de benevolência. Encorajado por aquele sinal de interesse, perguntou ao colega (levantando um pouco a voz para que a pergunta não escapasse a ninguém) o que faria se fosse ministro da Educação. Como seu colega não soubesse o que dizer, começou a discorrer ele mesmo suas considerações, o que não lhe era nada difícil, pois bastava-lhe repetir o discurso de seu avô, que assim o distraía frequentemente. Pois bem, se Jaromil fosse ministro da Educação, haveria dois meses de aulas e dez meses de férias, o professor deveria obedecer aos alunos e ir buscar seu lanche na confeitaria e aconteceriam outras coisas admiráveis, que Jaromil expunha com grandes detalhes e em alto e bom som.

Em seguida a porta do consultório do dentista se abriu, deixando passar a enfermeira que acompanhava um cliente. Uma senhora, que tinha sobre os joelhos um livro semifechado no qual pusera um dedo para marcar a página em que interrompera a leitura, voltou-se para a enfermeira e pediu com voz quase suplicante: “Por favor, diga alguma coisa a esta criança! É incrível como fica se mostrando!”.

Depois do Natal o professor chamou os alunos ao quadro e pediu-lhes que contassem o que haviam encontrado sob a árvore. Jaromil começou a enumerar um jogo de construções, esquis, patins de gelo, livros, mas logo constatou que as crianças não o olhavam com o mesmo fervor com que ele as olhava, e que algumas tinham até mesmo uma expressão indiferente, por vezes hostil. Ele interrompeu-se e não disse mais uma palavra sobre os outros presentes.

Não, não, não se preocupem, não pretendemos recomeçar com a velha história mil vezes repetida do garoto rico que os amiguinhos pobres detestavam; na verdade havia na classe de Jaromil crianças de famílias mais abastadas que a sua, mas que se entendiam bem com as outras e ninguém lhes censurava a riqueza. O que tinha então Jaromil que desagradava a seus amigos, o que havia nele que os irritava, o que é que o tornava diferente?

Chegamos quase a hesitar em dizer: não era a riqueza, era o amor de sua mãe. Aquele amor deixava traços em tudo; estava inscrito em sua camisa, seu penteado, nas palavras que empregava, na mochila onde guardava seus cadernos de escola e nos livros que lia em casa para distrair-se. Tudo era especialmente escolhido e preparado para ele. As camisas que a avó lhe confeccionava parcimoniosamente pareciam, só Deus sabe por quê, mais blusas de menina que camisas de menino. Era obrigado a manter seus longos cabelos presos acima da testa por um

barrete da mãe para que não lhe caíssem nos olhos. Quando chovia, mamãe esperava em frente à escola com um grande guarda-chuva, enquanto os colegas tiravam os sapatos e saíam pulando pelas poças.

O amor materno imprime no rosto dos garotos uma marca que afasta a simpatia dos colegas. É verdade que, com o tempo, Jaromil aprendeu a dissimular com habilidade aquele estigma, mas após sua entrada gloriosa na escola conheceu também um período difícil (que durou um ano ou dois) durante o qual seus colegas, que zombavam dele apaixonadamente, deram-lhe várias sovas para distraírem-se. Mas mesmo durante esse período, que foi o pior, ele teve alguns amigos, a quem ficou reconhecido por toda a vida; é preciso falar um pouco sobre isso.

Seu amigo número um era o pai: às vezes pegava uma bola de futebol (ele jogara quando estudante) e Jaromil se posicionava entre duas árvores no jardim; ele atirava na sua direção e Jaromil imaginava que era goleiro e que estava defendendo pela seleção da Tchecoslováquia.

Seu amigo número dois era o avô. Ele levava Jaromil às suas duas lojas; uma era uma grande drogaria onde o genro garantia, já sozinho, a direção, a outra era uma perfumaria onde a vendedora era uma mulher jovem que acolhia o garoto com um sorriso amável, deixando-o cheirar todos os perfumes, de tal forma que Jaromil logo aprendeu a reconhecer pelo cheiro as diferentes marcas; depois ele fechava os olhos e obrigava o avô a manter os frascos sob suas narinas e testá-lo. “Você é um gênio do olfato”, o avô o cumprimentava, e Jaromil sonhava em ser o inventor de novos perfumes.

Seu amigo número três era Alik. Alik era um cachorrinho maluco que vivia na mansão havia algum tempo; apesar de mal-educado e indócil, Jaromil dedicava-lhe grandes sonhos, já que o imaginava sob a forma de um amigo fiel que o esperava no corredor da escola, diante da classe, e

que o acompanhava até a casa no final das aulas, com tanta fidelidade que todos os seus colegas tinham inveja dele e queriam segui-lo.

Sonhar com cães tornou-se a paixão de sua solidão e arrastou-o até mesmo para um maniqueísmo bizarro: os cães representavam para ele o *bem* do mundo animal, a soma de todas as virtudes naturais; ele imaginava uma grande guerra dos cachorros contra os gatos (uma guerra com generais, oficiais e todas as armadilhas guerreiras que aprendera com seus soldados de chumbo) e estava sempre do lado dos cachorros, da mesma forma que o homem deve estar sempre do lado da justiça.

E como passava muito tempo no escritório do pai com um lápis e um papel, os cães passaram a ser também o principal objeto de seus desenhos: havia neles um número incalculável de cenas épicas em que os cachorros eram generais, soldados, jogadores de futebol e cavaleiros. E como eles não podiam apoderar-se desses papéis humanos com a morfologia de quadrúpedes, Jaromil representava-os com corpo de homem. Era uma grande invenção! Quando tentava desenhar um ser humano, encontrava na verdade uma grande dificuldade: não chegava a desenhar um rosto humano; por outro lado, conseguia fazer perfeitamente a forma alongada da cabeça canina com a mancha do nariz na extremidade, de maneira que seus sonhos e sua inépcia fizeram nascer um universo estranho de homens cinocéfalos, um universo de personagens que se podia simples e rapidamente desenhar e associar a partidas de futebol, a guerras e a histórias de salteadores. Jaromil desenhava aventuras em série e assim encheu uma quantidade de folhas de papel.

Finalmente, se havia um garoto da sua idade entre seus amigos, este era o número quatro: era um colega de classe cujo pai era o porteiro da

escola, homem pequeno de pele esverdeada que frequentemente denunciava os alunos ao diretor; estes vingavam-se dele no filho, que era o pária da sala. Quando os alunos começaram a afastar-se, um após outro, de Jaromil, o filho do porteiro permaneceu seu único admirador fiel e acabou assim por ser convidado um dia à mansão no subúrbio; convidaram-no para almoçar, para jantar, brincou com os jogos de armar de Jaromil e fez com ele os deveres. No domingo seguinte, o pai de Jaromil levou os dois a um jogo de futebol; a partida foi esplêndida e esplêndido foi também o pai de Jaromil, que conhecia todos os jogadores pelo nome e comentava tudo como conhecedor, tanto e tão bem que o filho do porteiro não tirava os olhos dele e Jaromil tinha do que se orgulhar.

Era uma amizade aparentemente cômica: Jaromil sempre cuidadosamente vestido, o filho do porteiro com os cotovelos furados; Jaromil com os deveres cuidadosamente apresentados, o filho do porteiro não muito dotado para os estudos. E no entanto Jaromil sentia-se bem perto de seu fiel companheiro, pois o filho do porteiro era extraordinariamente vigoroso; num dia de inverno os companheiros de classe os atacaram, mas encontraram resistência; Jaromil estava orgulhoso de ter triunfado, com seu amigo, sobre um adversário superior em número, mas o prestígio de uma defesa bem-sucedida não pode se comparar ao prestígio do ataque.

Um dia em que passeavam juntos entre os terrenos baldios do subúrbio, encontraram um garoto tão limpo e tão bem-vestido que teriam jurado que estava indo para uma matinê infantil. “Um filhinho de mamãe!”, disse o filho do porteiro, impedindo-lhe a passagem. Fizeram-lhe algumas perguntas de zombaria e encantaram-se com seu medo. Finalmente, o garoto tomou coragem e tentou afastá-los. “O que é que

você está tentando fazer! Vai lhe custar caro!”, exclamou Jaromil, ferido no mais fundo de sua alma por aquele contato impertinente; o filho do porteiro interpretou aquelas palavras como um sinal e atingiu o garoto no rosto.

O intelecto e a força podem algumas vezes completar-se admiravelmente. Não é certo que Byron sentia um amor fervilhante pelo boxeador Jackson, que acompanhava com dedicação o fraco lorde a todos os tipos de esportes? “Não bata nele, só segure firme”, disse Jaromil ao amigo enquanto ia buscar um ramo de urtiga; em seguida obrigaram o garoto a despir-se e esfregaram-lhe o ramo de urtiga dos pés à cabeça. “Certamente a sua mãe terá prazer em ver que o seu queridinho está vermelho como um camarão”, dizia Jaromil, ao mesmo tempo que experimentava o sentimento grandioso de uma calorosa raiva para com todos os filhinhos de mamãe do mundo.

5

Mas por que exatamente Jaromil continuava a ser filho único? Será que sua mãe não queria um segundo filho?

Muito pelo contrário: ela desejava ardentemente reviver a época feliz dos primeiros anos de maternidade, mas seu marido sempre alegava inúmeras razões para adiar o nascimento de outra criança. É verdade que o desejo que sentia por uma segunda criança não diminuía, mas ela não ousava insistir mais, pois temia uma nova recusa do marido e sabia que essa recusa a deixaria humilhada.

Mas quanto mais ela se proibia falar sobre seu desejo maternal, mais pensava nele; pensava como uma coisa ilícita, clandestina, portanto proibida; e a ideia de que seu marido pudesse fazer-lhe um filho não a atraía mais apenas por causa da criança, mas adquiria nos seus

pensamentos uma tonalidade lascivamente equívoca; *vem, faz-me uma menina*, dizia ela em pensamento ao marido, e aquelas palavras pareciam-lhe excitantes.

Uma noite em que os esposos haviam voltado tarde e um pouco alegres da casa de amigos, o pai de Jaromil, após ter-se deitado junto à mulher e apagado a luz (note-se que, desde o casamento, ele só a possuía às escuras, deixando-se levar ao desejo, não pela visão, mas pelo tato), recusou a coberta e uniu-se a ela. A característica excepcional de suas relações amorosas e a embriaguez do vinho fizeram com que tudo acontecesse com uma volúpia que ela não experimentava havia muito tempo. A ideia de que estavam fazendo um filho juntos enchia novamente seu espírito e, quando ela sentiu que o esposo aproximava-se do paroxismo do prazer, parou de se controlar e pôs-se a gritar-lhe de dentro do seu êxtase para que renunciasse à sua prudência habitual, que não saísse dela, que lhe fizesse um filho, que lhe fizesse uma linda menina, e apertava-o com tanta força e convulsivamente que ele precisou soltar-se com violência para estar certo de que o desejo de sua mulher não seria atendido.

Em seguida, como estavam deitados fatigados lado a lado, mamãe aproximou-se dele e recomeçou a sussurrar ao seu ouvido, dizendo que ainda queria um filho dele; não, ela não queria insistir mais, preferia explicar-lhe, como que se desculpando, por que, alguns momentos antes, manifestara o desejo de ser mãe com tal violência e de maneira tão inesperada (e talvez inconveniente, ela admitia); ela disse que dessa vez certamente teriam uma menininha na qual ele poderia reconhecer-se, da mesma forma que ela se reconhecia nos traços de Jaromil.

O engenheiro disse-lhe então (era a primeira vez desde o casamento que lhe lembrava isso) que, no que se referia a ele, jamais quisera ter um

filho dela; que fora obrigado a ceder, na ocasião do primeiro, mas que agora seria a vez de ela abrir mão; se ela queria que ele se reconhecesse nos traços de um segundo filho, ele garantia que a imagem mais fiel de si mesmo poderia ser encontrada nos traços de uma criança que nunca veria a luz do dia.

Estavam deitados lado a lado e mamãe não dizia mais nada e ao fim de um breve instante ela explodiu em soluços e soluçou toda a noite e seu marido nem a tocou, apenas disse algumas frases para acalmá-la que não penetraram nem mesmo sob a onda mais superficial de suas lágrimas; ela tinha a impressão de finalmente compreender tudo: o homem junto ao qual vivia nunca a amara.

A tristeza em que mergulhou foi o mais profundo de todos os desgostos que conhecera até então. Felizmente, o consolo que o marido lhe recusava foi-lhe oferecido por outro: a História. Três semanas após a noite que acabamos de evocar, o esposo recebeu sua convocação, afivelou a mochila e partiu para a fronteira. A guerra ameaçava estourar a qualquer momento, as pessoas compravam máscaras de gás e organizavam abrigos antiaéreos nos porões. E mamãe agarrou-se à desgraça da pátria como a uma mão salvadora: vivia-a pateticamente e passava horas com o filho, a quem descrevia os acontecimentos com toda a ênfase.

Depois as grandes potências fizeram um acordo em Munique e o pai de Jaromil voltou de um fortim que fora ocupado pelo exército alemão. Desde então, todos os membros da família reuniam-se embaixo no quarto do avô e, noite após noite, passavam em revista os diferentes passos da História que, ainda recentemente, pensavam adormecida (mas talvez ela espiasse enquanto fingia dormir) e que subitamente acabava de pular de sua toca para dissimular todo o resto à sombra de sua grande

estatura. Oh, como se sentia bem, protegida por aquela sombra! Os tchecos fugiam em massa da região dos Sudetos, a Boêmia permanecia no centro da Europa como uma laranja descascada, privada de qualquer defesa, seis meses mais tarde, de manhã bem cedo, os tanques alemães irromperam nas ruas de Praga e durante esse tempo a mãe de Jaromil esteve sempre junto a um soldado a quem era proibido defender sua pátria e ela esquecera completamente que se tratava do homem que nunca a amara.

Mas mesmo nos períodos em que a História explode tão impiedosamente, a vida cotidiana emerge cedo ou tarde da sombra, e o leito conjugal aparece em sua trivialidade monumental e sua mesmice entorpecente. Uma noite em que o pai de Jaromil novamente veio pôr a mão sobre o seio da mãe, ela deu-se conta de que o homem que a tocava era o mesmo que a humilhara. Afastou então sua mão e lembrou-lhe por uma sutil alusão as palavras brutais que ele pronunciara algum tempo atrás.

Não queria ser má; queria apenas comunicar, com aquela recusa, que as grandes aventuras das nações não podem fazer com que sejam esquecidas as modestas aventuras dos corações; queria dar a seu marido a oportunidade de corrigir hoje suas palavras de ontem e encorajar hoje aquela a quem ele então humilhara. Ela achava que a tragédia da nação a tornara mais sensível e estava disposta a acolher, com gratidão, mesmo uma carícia furtiva como sinal de um arrependimento e como o começo de um novo capítulo de seu amor comum. Mas que pena! O esposo cuja mão acabara de ser afastada do seio de sua mulher virou-se para o outro lado e adormeceu rapidamente.

Após a grande manifestação dos estudantes de Praga, os alemães fecharam as universidades tchecas e mamãe esperava em vão que seu

marido novamente deslizesse a mão sob a coberta para acomodá-la sobre seu peito. O avô descobriu que a linda vendedora da perfumaria o roubava havia dez anos, ficou enfurecido e morreu de um ataque de apoplexia. Os estudantes tchecos foram levados ao campo de concentração em vagões de gado, e mamãe consultou um médico que deplorou o péssimo estado de seus nervos e recomendou-lhe repouso. Ele indicou até mesmo uma pensão nos arredores de uma pequena estação termal cercada por um rio e pequenos lagos que, no verão, atraíam uma multidão de turistas apaixonados pelos banhos, a pesca de vara e passeios de barco. Era o começo da primavera e ela ficou encantada com a ideia de passeios tranquilos à beira d'água. Mas logo ficou com medo da alegre música de dança que, esquecida, permanece suspensa no ar nos terraços dos restaurantes como uma pungente lembrança do verão; teve medo de sua própria nostalgia e decidiu que não poderia ir para lá sozinha.

Ah, claro! Logo soube com quem partiria. Devido à tristeza que lhe causava o marido e do desejo que sentia de um segundo filho, quase o esqueceu depois de algum tempo. Como era boba, como causava mal a si mesma esquecendo-o! De repente, inclinou-se sobre ele: “Jaromil, você é meu primeiro e meu segundo filho...”, disse ela, pressionando contra o seio o rosto do filho, e prosseguiu a frase insensata: “... você é meu primeiro, meu segundo, meu terceiro, meu quarto, meu quinto, meu sexto e meu décimo filho...”, e cobriu-lhe o rosto de beijos.

6

Uma grande senhora de cabeça grisalha e corpo ereto acolheu-os na plataforma da estação; um robusto camponês tomou as duas malas e levou-as até a frente da estação, onde já esperava uma charrete preta

atrelada a um cavalo; o homem sentou-se no lugar do cocheiro e Jaromil, sua mãe e a grande senhora tomaram lugar sobre dois bancos dispostos frente a frente e deixaram-se conduzir através das ruas da pequena cidade até uma praça que era cercada de um lado por arcadas renascentistas e do outro por uma cerca metálica atrás da qual havia um jardim onde se erguia um velho castelo com as paredes recobertas de parreiras; depois desceram na direção do rio; Jaromil logo percebeu uma série de cabines em madeira amarela, um trampolim, mesinhas brancas com cadeiras e, ao fundo, a fileira de choupos ao longo do rio, mas já então a charrete prosseguia seu caminho na direção das casas isoladas espalhadas à beira d'água.

Diante de uma dessas casas o cavalo parou, o homem desceu do assento, tomou as duas malas nas mãos, e Jaromil e sua mãe seguiram-no através do jardim, um hall, uma escada, e viram-se num quarto onde havia duas camas uma contra a outra, como são dispostos um contra o outro os leitos conjugais, e duas janelas, sendo que uma se abria como uma porta e dava sobre um terraço de onde podiam ver o jardim e, ao fundo, o rio. Mamãe aproximou-se da balaustrada do terraço e pôs-se a respirar profundamente: “Ah, que paz divina!”, disse ela, e de novo aspirou e expirou fundo, e olhava para o lado do rio onde se balançava um barco pintado em vermelho e amarrado a uma passarela de madeira.

No mesmo dia, durante o jantar servido embaixo na pequena sala, ela conheceu um velho casal que se hospedava em outro quarto da pensão, e toda noite havia na sala o burburinho de uma longa conversa tranquila; todos gostavam muito de Jaromil e sua mãe escutava com prazer sua tagarelice, suas ideias e sua discreta bazófia. Sim, *discreta*: Jaromil nunca esqueceria a senhora da sala de espera do dentista e procuraria sempre um biombo onde pudesse se abrigar para escapar do seu olhar malvado;

é verdade que continuava a ter sede de ser admirado, mas aprendera a conquistar a admiração através de frases breves pronunciadas com ingenuidade e modéstia.

A mansão no jardim tranquilo, o rio escuro com o barco amarrado que fazia sonhar com longas travessias, a charrete preta que de tempos em tempos parava diante da casa para levar a grande senhora parecida com as princesas dos livros em que se fala de castelos fortificados e de palácios, a piscina deserta onde se podia descer saltando da charrete como se passa de um século a outro, de um sonho a outro, de um livro a outro, a praça renascentista com arcadas estreitas cujas colunas dissimulavam cavaleiros combatendo com espadas, tudo aquilo compunha um mundo onde Jaromil penetrava encantado.

O homem com o cachorro fazia parte também daquele belo universo; quando o viram pela primeira vez, estava imóvel à beira do rio e olhava a água; usava um sobretudo de couro e tinha um pastor-alemão preto sentado a seu lado; em sua imobilidade, ambos pareciam personagens vindos de outro mundo. Encontraram-no uma segunda vez no mesmo lugar; o homem (sempre com um sobretudo de couro) jogava pedrinhas à sua frente e o cachorro as buscava de volta. No seu terceiro encontro (o cenário era sempre o mesmo: os choupos e o rio), o homem dirigiu um rápido cumprimento à mamãe e em seguida, como constatou o perspicaz Jaromil, virou-se demoradamente. No dia seguinte, no momento em que voltavam de seu passeio, viram o pastor-alemão preto sentado à entrada da casa. Quando penetraram no hall, ouviram uma conversa vinda do interior e compreenderam que a voz masculina era a do dono do cachorro; tinham a curiosidade tão aguçada que permaneceram alguns instantes imóveis no hall, olhando ao redor deles e conversando, até que a grande senhora, proprietária da casa, apareceu.

Mamãe mostrou o cachorro: “Quem é o dono dele? Sempre o encontramos durante nossas caminhadas”.

“É o professor de desenho do liceu da cidade.”

Mamãe disse que ficaria muito contente de conversar com um professor de desenho, porque Jaromil desenhava por conta própria e ela gostaria de conhecer a opinião de um especialista. A proprietária da pensão apresentou-o à mamãe, e Jaromil precisou correr até o quarto para buscar seu caderno de desenhos.

Em seguida sentaram-se os quatro na pequena sala de estar, a proprietária da pensão, Jaromil, o dono do cachorro, que examinava os desenhos, e mamãe, que acompanhava o exame com um comentário: ela explicava que Jaromil sempre dizia que o que lhe interessava não era desenhar paisagens ou naturezas-mortas, mas uma ação, e realmente, dizia, ela achava que seus desenhos possuíam uma vitalidade e um movimento surpreendentes, se bem que ela não chegasse a compreender por que os protagonistas eram sempre homens com cabeça de cachorro; talvez se Jaromil desenhasse personagens verdadeiros com rosto humano, suas modestas produções tivessem certo valor, mas assim ela infelizmente não podia dizer se todo aquele trabalho do menino tinha ou não um sentido.

O dono do cachorro examinou os desenhos com satisfação; depois declarou que era exatamente essa associação de uma cabeça animal e um corpo humano que o seduzia naqueles desenhos. Pois essa associação fantástica não era uma ideia fortuita, mas, como mostrava um grande número de cenas desenhadas pela criança, uma imagem obcecada, algo que mergulhava suas raízes nas profundezas insondáveis de sua infância. A mãe de Jaromil devia abster-se de julgar o talento de seu filho na única habilidade que demonstrava na representação do mundo exterior;

aquela habilidade qualquer um poderia adquirir; como pintor (ele deixava entender, agora, que o ensino era para ele apenas um mal necessário, pois precisava ganhar a vida), o que lhe interessava nos desenhos do menino era exatamente aquele universo interior tão original que a criança projetava sobre o papel.

Mamãe ouvia com prazer os elogios do pintor, a grande senhora acariciava os cabelos de Jaromil afirmando que ele tinha um grande futuro pela frente e Jaromil olhava por sob a mesa registrando na memória tudo o que ouvia. O pintor disse que seria transferido no próximo ano para um liceu em Praga e que ficaria contente se a mãe viesse mostrar-lhe outros trabalhos de seu filho.

O universo interior! Eram grandes palavras e Jaromil ouviu-as com extrema satisfação. Nunca esquecera que com cinco anos já era considerado uma criança excepcional, diferente das outras; o comportamento de seus colegas de classe, que zombavam da sua mochila ou de sua camisa, também o confirmara (algumas vezes duramente) na sua singularidade. Mas, até aqui, essa singularidade não fora para ele mais do que uma noção vazia e incerta; era uma esperança incompreensível ou uma incompreensível recusa; mas, agora, acabara de receber um nome: era um universo interior original; e essa designação encontrava de imediato um conteúdo absolutamente preciso: os desenhos representando homens com cabeça de cachorro. Certo, Jaromil sabia muito bem que fizera essa descoberta de homens cinocéfalos por acaso, pela única razão de que não sabia desenhar um rosto humano; isso lhe sugeria a ideia confusa de que a originalidade de seu universo interior não era resultado de um esforço laborioso, mas sim que se exprimia através de tudo o que passava fortuita e maquinalmente pela sua cabeça; que lhe fora dada, como um dom.

Desde então, acompanhou com muito mais atenção seus próprios pensamentos e começou a admirá-los. Por exemplo, ocorreu-lhe a ideia de que, com sua morte, o mundo onde vivia deixaria de existir. Esse pensamento, inicialmente, apenas brotara na sua cabeça mas, desta vez, instruído que fora sobre sua originalidade interior, ele não o deixou escapar (como deixara escapar anteriormente tantos outros pensamentos), logo apoderou-se dele, observou-o, examinou-o por todos os ângulos. Jaromil caminhava ao longo do rio, fechava por instantes os olhos e perguntava-se se o rio existia, mesmo quando tinha os olhos fechados. Evidentemente, a cada vez que voltava a abrir os olhos, o rio continuava a correr como antes, mas o que havia de surpreendente é que ele não podia considerar que o rio estabelecia assim a prova de que realmente estava ali quando ele não o via. Isso pareceu-lhe extremamente interessante, ele consagrou ao menos meio dia às suas observações e depois falou sobre isso com a mãe.

À medida que a temporada se aproximava do final, o prazer que sentiam com suas conversas só fazia crescer. No momento, passeavam os dois sozinhos após o entardecer, sentavam-se à beira d'água sobre um banco de madeira carcomido, davam-se as mãos e olhavam a onda na qual uma grande lua se balançava. “Como é bonito”, suspirava mamãe, e o menino podia ver o círculo de água iluminado pela lua e sonhava com o longo caminho que percorria o rio; e mamãe sonhava com os dias vazios que reencontraria em breve e disse: “Meu filho, sinto dentro de mim uma tristeza que você jamais compreenderá”. Viu então os olhos de seu filho e disse consigo mesma que havia naqueles olhos um grande amor e o desejo de compreendê-la. E teve medo; afinal, não podia confiar a uma criança suas preocupações de mulher! Mas ao mesmo tempo aqueles olhos compreensíveis atraíam-na como um vício. Mãe e

filho estavam deitados lado a lado sobre as camas de solteiro, e a mãe lembrava-se de que dormira assim ao lado de Jaromil até os seis anos e que então era feliz; disse consigo mesma: é o único homem com quem me sinto feliz num leito conjugal; primeiro esse pensamento a fez sorrir, mas quando viu novamente o olhar terno do filho pensou que aquela criança era não apenas capaz de desviá-la das coisas que a afligiam (portanto, de conceder-lhe o *consolo do esquecimento*), mas também de escutá-la com atenção (portanto, de trazer-lhe o *conforto da compreensão*). “Quero que saiba que a minha vida está longe de ser cheia de amor”, disse-lhe ela; e, outra vez, chegou ao ponto de confiar-lhe: “Como mãe eu sou feliz, mas a mãe não é apenas mãe, é também mulher”.

Sim, estas confidências inacabadas atraíam-na como um pecado, e ela sabia disso. Um dia em que Jaromil lhe disse subitamente: “Mamãe, não sou tão pequeno assim, eu compreendo você”, ela quase se apavorou. É claro que o pequeno não adivinhava nada de preciso e queria apenas sugerir à mãe que era capaz de dividir com ela qualquer tristeza, mas o que pronunciara tinha um sentido pesado e a mãe sentiu aquelas palavras como um abismo que acaba de se abrir bruscamente: o abismo da intimidade ilícita e da compreensão proibida.

7

E como é que o universo interior de Jaromil continuava a desabrochar?

Não era brilhante; os estudos em que se saíra tão bem na escola primária tornaram-se muito mais difíceis no liceu e a glória do universo interior desaparecia nessa monotonia. O professor falava de livros pessimistas que só enxergavam aqui embaixo miséria e ruína, o que tornava vergonhosamente banal a máxima sobre a vida que se parece

com ervas daninhas. Jaromil não estava mais absolutamente convencido de que tudo o que ele um dia pensara ou sentira lhe pertencesse, como se todas as ideias tivessem existido aqui embaixo desde sempre sob uma forma definitiva e que nós não tivéssemos feito outra coisa senão tomá-las emprestadas como numa biblioteca pública. Mas, então, quem era ele? O que poderia ser, na realidade, o conteúdo do seu eu? Ele debruçava-se sobre aquele eu para investigar, mas nada conseguia encontrar além da imagem de si mesmo debruçado sobre si mesmo para investigar o seu eu...

Foi assim que se surpreendeu sonhando, nostalgicamente, com o homem que dois anos antes falara, pela primeira vez, da sua originalidade interior; e como ele era apenas razoável em desenho (quando pintava em aquarela, a água sempre ultrapassava os contornos do esboço a lápis), a mãe achou que podia atender ao pedido do filho, procurando o endereço do pintor e pedindo-lhe que desse a Jaromil aulas particulares a fim de remediar as insuficiências que enfeitavam seu boletim escolar.

Portanto, um belo dia, Jaromil penetrou no apartamento do pintor. O apartamento estava arrumado no sótão de um imóvel de aluguel e compunha-se de duas peças; na primeira estava uma grande biblioteca; na outra havia, no lugar das janelas, uma grande vidraça no teto oblíquo, e podiam-se ver cavaletes com telas inacabadas, uma mesa comprida sobre a qual havia folhas de papel e pequenos frascos cheios de tintas coloridas, e na parede estranhos rostos negros que o pintor dizia terem sido cópias de máscaras negras; um cão (o que Jaromil já conhecia) estava deitado no canto sobre o sofá e observava o visitante sem se mexer.

O pintor convidou Jaromil a sentar-se à mesa comprida e pôs-se a folhear seu caderno de desenhos: “É sempre a mesma coisa”, disse ele em seguida, “não leva a lugar nenhum”.

Jaromil queria responder que se tratava exatamente dos personagens com cabeça de cachorro que tanto haviam seduzido o pintor e que os desenhara para ele e por causa dele, mas estava tão decepcionado e penalizado que não conseguia dizer nada. O pintor estendeu uma folha branca diante dele, abriu um vidro de tinta nanquim e pôs-lhe um pincel na mão. “Agora, desenhe o que lhe passar pela cabeça, não reflita muito e desenhe...” Mas Jaromil sentia tanto medo que não sabia absolutamente o que desenhar e, como o pintor insistisse, recorreu novamente, com a morte na alma, a uma cabeça de cachorro sobre um corpo sem forma. O pintor estava desgostoso e Jaromil disse constrangido que gostaria de aprender a pintar aquarela porque, no colégio, quando pintava, a cor sempre ultrapassava o risco nos seus croquis.

“Sua mãe já me disse isso”, disse o pintor. “Mas, por enquanto, esqueça isso e esqueça também os cães.” E pôs um livro grande diante de Jaromil mostrando-lhe páginas nas quais um traço negro desajeitado serpenteava caprichosamente sobre um fundo colorido, evocando no espírito de Jaromil a imagem de centopeias, de estrelas-do-mar, de escaravelhos, de astros e de luas. O pintor queria que a criança desenhasse alguma coisa análoga baseada na sua imaginação. “Mas *o que é que* eu devo desenhar?”, perguntou o pequeno, e o pintor respondeu-lhe: “Trace uma linha; desenhe uma linha que lhe agrade. E lembre-se de que o papel do pintor não é reproduzir o contorno das coisas, mas criar sobre o papel um mundo com suas próprias linhas”. E Jaromil traçava linhas que não lhe agradavam nem um pouco, encheu diversas

folhas, e para terminar entregou ao pintor, conforme as instruções de sua mãe, um cheque bancário e voltou para casa.

A visita se dera de maneira diferente do que ele imaginara, não fora a ocasião e redescobrir seu universo interior perdido, muito pelo contrário: privara Jaromil da única coisa que realmente lhe pertencia, os jogadores de futebol e os soldados com cabeça de cachorro. No entanto, quando sua mãe lhe perguntou se a aula de desenho lhe interessara, falou dela com entusiasmo; e foi sincero: se aquela visita não lhe trouxera a confirmação do seu universo interior, lá encontrara um mundo exterior excepcional que não era acessível a qualquer um e que lhe garantia de chofre pequenos privilégios: pudera ver pinturas estranhas diante das quais se sentia desorientado, mas que apresentavam a vantagem (ele rapidamente compreendeu que era uma vantagem!) de nada terem em comum com as naturezas-mortas e as paisagens penduradas nas paredes da casa de seus pais; ele também ouvira reflexões insólitas de que rapidamente apropriou-se: por exemplo, compreendeu que a palavra burguês é uma injúria; é burguês aquele que deseja que os quadros sejam como a vida e imitem a natureza; mas podemos zombar dos burgueses pois (essa ideia agradava muito a Jaromil!) estão mortos há muito tempo e não sabem disso.

Portanto, ele ia de bom grado à casa do pintor e sonhava apaixonadamente em repetir o sucesso que outrora já lhe haviam trazido seus desenhos de homens cinocéfalos; mas em vão: os rabiscos que deveriam ser variações sobre as pinturas de Miró eram deliberada e inteiramente desprovidos do charme dos jogos infantis; os desenhos de máscaras negras continuavam imitações desajeitadas do modelo e não estimulavam de forma alguma, como desejava o pintor, a imaginação pessoal da criança. E, como Jaromil achava insuportável a ideia de ter

ido já várias vezes à casa do pintor sem recolher o menor sinal de admiração, tomou uma decisão: trouxe-lhe seu caderno de esboços clandestino, onde desenhava corpos de mulheres nuas.

Os modelos que usava para a maioria de seus desenhos eram fotografias de estátuas que vira nas publicações ilustradas da antiga biblioteca do avô; havia, pois, nas primeiras páginas do caderno, mulheres maduras e robustas em atitudes altivas, como as alegorias do século passado. Em seguida uma página oferecia alguma coisa de mais interessante: havia uma mulher sem cabeça; melhor ainda: o papel estava cortado na altura do pescoço, o que dava a impressão de que a cabeça fora arrancada e que o papel guardava ainda o traço de um machado imaginário. O corte no papel era obra do canivete de Jaromil; ele tinha uma colega de classe de quem gostava e que frequentemente contemplava no desejo de vê-la nua. Para realizar esse desejo, conseguiu sua fotografia e recortou a cabeça; e inseriu-a no corte. Essa é a razão por que, a partir desse desenho, todos os outros corpos de mulheres estavam decapitados, com o mesmo rastro de um machado imaginário; algumas eram mostradas em situações extremamente insólitas, por exemplo, numa postura agachada representando a micção; mas também sobre brasas, nas chamas como Joana d'Arc; essa cena de suplício, que poderíamos explicar (e talvez desculpar) através de uma referência às aulas de história, inaugurava uma longa série: outros esboços mostravam uma mulher sem cabeça empalada sobre um pau pontudo, uma mulher sem cabeça com a perna cortada, uma mulher com um braço amputado e em outras situações de que é melhor não falar.

Jaromil evidentemente não tinha certeza de que aqueles desenhos agradariam ao pintor; eles não se pareciam em nada com o que ele via nos seus pesados volumes ou nas telas dispostas sobre os cavaletes de seu

ateliê; parecia-lhe, no entanto, que havia nos desenhos de seu caderno clandestino algo que os aproximava do que fazia seu mestre: era sua postura de coisa proibida; sua singularidade, quando comparados aos quadros das paredes de sua casa; a desaprovação que teriam suscitado tanto seus desenhos de mulheres nuas quanto as telas incompreensíveis do pintor, se fossem submetidos à apreciação de um júri composto de membros da família de Jaromil e de seus visitantes habituais.

O pintor folheou o caderno, não disse nada e em seguida estendeu um livro grosso para Jaromil. Sentou-se afastado, desenhou alguma coisa sobre folhas de papel, enquanto Jaromil via nas páginas do livro um homem nu que tinha nádegas tão compridas que era preciso uma muleta de madeira para sustentá-las; via um ovo dar à luz uma flor; via um rosto coberto de formigas; via um homem cuja mão transformava-se em rocha.

“Você vai observar”, disse o pintor aproximando-se dele, “que Salvador Dali desenha admiravelmente” — e pôs diante dele a estatueta em gesso de uma mulher nua. “Nós negligenciamos a profissão do desenho, e isto é um erro. É preciso começar por conhecer o mundo como ele é para poder depois transformá-lo radicalmente”, disse ele, e o caderno de esboços de Jaromil enchia-se de corpos femininos aos quais o pintor, com um traço, retificava e modificava as proporções.

8

Quando uma mulher não convive suficientemente com seu corpo, este corpo acaba por parecer-lhe um inimigo. Mamãe não estava nada satisfeita com os rabiscos estranhos que seu filho trazia das aulas de desenho, mas, quando viu os desenhos de mulheres nuas corrigidos pelo pintor, sentiu um enorme desgosto. Alguns dias depois, percebeu pela

janela Jaromil, embaixo no jardim, segurando a escada onde Magda, a empregada, subia para colher cerejas, e que olhava com atenção por sob sua saia. Sentia-se assaltada de todo lado por regimentos de ancas femininas despidas e decidiu não esperar mais. Nesse dia Jaromil devia ir à aula de desenho, como de hábito; mamãe vestiu-se rapidamente e foi antes dele.

“Eu não sou pudica”, disse ela, após sentar-se numa poltrona do ateliê, “mas o senhor sabe que Jaromil está entrando numa idade perigosa.”

Ela preparara tão bem tudo o que queria dizer ao pintor, e agora restava tão pouco. Preparara aquelas frases no seu ambiente familiar cuja janela dava sobre o verde tranquilo do jardim que aplaudia tacitamente todos os seus pensamentos. Mas aqui não havia verde, havia telas esquisitas sobre os cavaletes, e sobre o divã repousava um cachorro que tinha a cabeça entre as patas e que a examinava com o olhar fixo de uma esfinge incrédula.

O pintor refutou com algumas frases as objeções de mamãe e depois prosseguiu: precisava confessar com franqueza que não se interessava absolutamente pelas boas notas que Jaromil pudesse obter em suas aulas de desenho que apenas mortificavam o senso pictural das crianças. O que lhe interessava nos desenhos de seu filho era uma imaginação original, quase louca.

“Note esta estranha coincidência. Os desenhos que me mostrou há algum tempo representavam homens com cabeça de cachorro. Os desenhos que seu filho mostrou-me recentemente representavam mulheres nuas, mas todas eram mulheres sem cabeça. Não acha significativa essa recusa obstinada em reconhecer no homem um rosto humano, de reconhecer no homem uma natureza humana?”

Mamãe ousou replicar que seu filho certamente não era um pessimista a ponto de negar a natureza humana do homem.

“Evidentemente, os desenhos dele certamente não são o resultado de um raciocínio pessimista”, disse o pintor. “A arte se alimenta de outras fontes que não a razão. Jaromil teve espontaneamente a ideia de desenhar homens com cabeça de cachorro ou mulheres sem cabeça, sem que saiba como nem por quê. Foi o inconsciente que lhe ditou essas imagens, estranhas, mas não absurdas. Não acha que existe uma ligação secreta entre esta visão de seu filho e a guerra que abala cada instante de nossa vida? A guerra não privou o homem de seu rosto e sua cabeça? Não estamos vivendo num mundo onde homens sem cabeça só sabem desejar um pedaço de mulher decapitada? Uma visão realista do mundo não seria a mais oca ilusão? Os desenhos infantis de seu filho não são muito mais verdadeiros?”

Ela viera aqui para chamar a atenção do pintor e agora estava tímida como uma garotinha que tem medo de ser repreendida; não sabia o que dizer, e ficou calada.

O pintor levantou-se de sua poltrona e dirigiu-se para o canto do ateliê onde telas sem moldura estavam apoiadas contra a parede. Pegou uma, virou-a para o interior da peça, afastou-se quatro passos, abaixou-se e pôs-se a olhar para ela. “Venha”, disse-lhe ele, e quando ela já tinha (docilmente) se aproximado pôs-lhe a mão sobre o quadril e atraiu-a na sua direção, de maneira que estavam agora agachados lado a lado, e mamãe contemplava uma curiosa combinação de marrons e vermelhos formando uma espécie de paisagem deserta e carbonizada, cheia de chamas sufocadas que poderiam muito bem passar por fumaças de sangue; e, encravado à espátula naquela paisagem, havia um personagem, um estranho personagem que parecia feito de linhas

brancas (o desenho era constituído pela cor da tela), que planava mais do que andava e que era mais diáfano que presente.

Mamãe não sabia ainda o que devia dizer, mas o pintor falava sozinho, falava da fantasmagoria da guerra que ultrapassava de longe, dizia ele, a fantasia da pintura moderna, falava da imagem atroz representando uma árvore cuja folhagem exhibe um emaranhado de farrapos de corpos humanos, uma árvore com dedos e um olho que olha do alto de um galho. Em seguida disse que mais nada no mundo lhe interessava além da guerra e do amor; o amor que aparecia por trás do universo ensanguentado da guerra como o personagem que a mãe podia distinguir sobre a tela. (Pela primeira vez desde o início da conversa ela teve o sentimento de compreender o pintor porque também ela via sobre a tela uma espécie de campo de batalha e porque as linhas brancas também faziam com que pensasse num personagem.) E o pintor lembrou-lhe o caminho ao longo do rio onde haviam se visto pela primeira vez e onde depois se encontraram por diversas vezes e disse-lhe que ela então lhe surgira de uma bruma de fogo e de sangue como o corpo tímido e branco do amor.

Em seguida, virou na sua direção o rosto de mamãe abaixada, e beijou-a. Beijou-a antes mesmo que ela pudesse imaginar que ele fosse beijá-la. Era aliás a marca de todo aquele encontro: os acontecimentos pegavam-na desprevenida, iam sempre além da sua imaginação e do seu pensamento; o beijo era um fato consumado antes que ela tivesse tido tempo de refletir sobre ele, e qualquer reflexão suplementar não poderia mudar mais nada do que estava acontecendo, pois ela apenas teve tempo de dizer para si mesma que estava acontecendo alguma coisa que não deveria acontecer; mas nem mesmo estava certa disso, e foi por isso que deixou para mais tarde a resposta a essa pergunta discutível e

concentrou toda a sua atenção no fato, tomando as coisas como realmente eram.

Ela sentiu a língua do pintor em sua boca e compreendeu numa fração de segundo que sua própria língua estava assustada e mole e devia estar provocando no pintor a mesma impressão que um pano úmido; sentiu vergonha e logo pensou, quase que com raiva, que não era de espantar que sua língua fosse como um pano, já que havia tanto tempo não beijava ninguém; apressou-se em responder à língua do pintor com a ponta da sua e ele ergueu-a do chão, levou-a para o sofá (o cachorro, que não tirava os olhos deles, levantou-se e foi sentar-se perto da porta), instalou-a ali e pôs-se a acariciar-lhe o peito, e ela teve um sentimento de satisfação e orgulho; o rosto do pintor pareceu-lhe ávido e jovem, e ela pensou que havia muito tempo ela mesma não se sentia ávida e jovem, e teve medo de não ser mais capaz disso, foi por isso que se impôs uma conduta de mulher ávida e jovem, e repentinamente (ainda daquela vez o fato deu-se antes que tivesse tempo de refletir) compreendeu que era o terceiro homem que sentia dentro do seu corpo desde o seu nascimento.

E compreendeu que não sabia absolutamente se o desejava ou não, e veio-lhe a ideia de que ainda era uma garotinha boba e inexperiente, que, se tivesse apenas desconfiado num cantinho de sua alma que o pintor iria beijá-la e dormir com ela, o que estava acontecendo naquele momento jamais se produziria. Mas, ao mesmo tempo, aquele pensamento constituía para ela uma desculpa tranquilizadora, já que daí deduzia-se que não fora levada ao adultério por sua sensualidade, mas por sua inocência; e ao pensamento de sua inocência juntava-se também um sentimento de raiva contra aquele que a mantinha perpetuamente num estado de semimaturidade inocente, e aquela raiva abateu-se como

uma cortina de ferro sobre seus pensamentos, de maneira que ela logo passou a ouvir apenas sua respiração ofegante e renunciou a examinar o que estava fazendo.

Depois, quando os suspiros deles se acalmaram, seus pensamentos despertaram e, para escapar deles, pôs a cabeça sobre o peito do pintor; deixou que ele acariciasse seus cabelos, respirava o odor embriagador das tintas a óleo e perguntava-se qual dos dois romperia o silêncio em primeiro lugar.

Não foi nem um nem outro, mas a campainha. O pintor levantou-se, abotoou rapidamente as calças e disse: “Jaromil”.

Ela sentiu muito medo.

“Fique aqui tranquila”, disse-lhe ele, acariciou-lhe os cabelos e saiu do ateliê.

Ele abriu a porta para o garoto e mandou que se sentasse na outra peça.

“Estou com uma visita no ateliê, hoje vamos ficar aqui. Mostre o que me trouxe.” Jaromil estendeu o caderno ao pintor, o pintor examinou o que Jaromil desenhara em casa, depois pôs diante dele tintas, deu-lhe papel e um pincel, sugeriu-lhe um tema e pediu que desenhasse.

Em seguida voltou para o ateliê, onde encontrou a mãe vestida e pronta para ir embora. “Por que mandou que ele ficasse? Por que não o mandou de volta?”

“Está com tanta pressa de me deixar?”

“É uma loucura”, disse ela, e o pintor tomou-a novamente nos braços; desta vez, ela não se defendeu, não lhe retribuiu as carícias; estava em seus braços como um corpo privado de sua alma; e o pintor sussurrava ao ouvido daquele corpo inerte: “Sim, é loucura. O amor é louco ou

não?”. Fez com que se sentasse no sofá e pôs-se a beijar-lhe e acariciar-lhe os seios.

Depois voltou à outra peça para ver o que Jaromil desenhara. Desta vez, o tema que lhe dera não tinha como objetivo exercitar a habilidade manual do garoto; Jaromil deveria desenhar uma cena de um sonho que tivera recentemente e do qual se lembrasse. No momento, o pintor dissertava longamente sobre sua composição: o que há de mais belo nos sonhos, dizia ele, é o encontro improvável de seres e de coisas que não poderiam encontrar-se na vida real; num sonho, um barco pode entrar pela janela de um quarto, uma mulher que já não vive há vinte anos pode estar deitada numa cama e, no entanto, eis que ela sobe no barco que logo se transforma em caixão e o caixão sai flutuando entre as margens floridas de um rio. Ele citou a frase célebre de Lautréamont sobre a beleza que há no *encontro de um guarda-chuva e uma máquina de costura sobre uma mesa de dissecação* e disse em seguida: “Este encontro, no entanto, não é mais belo que o encontro de uma mulher e uma criança no ateliê de um pintor”.

Jaromil reparava que seu professor estava um pouco diferente dos outros dias, captou o fervor que havia em sua voz quando falava dos sonhos e da poesia. Não apenas isso lhe agradava, mas alegrava-se de ter sido ele, Jaromil, o pretexto para um discurso exaltado, e sobretudo registrara bem a última frase de seu professor sobre o encontro de uma criança e uma mulher no ateliê de um pintor. Mais cedo, quando o pintor lhe dissera que ficariam na primeira peça, Jaromil compreendera que sem dúvida havia uma mulher no ateliê, e certamente não qualquer uma, já que não permitira que a visse. Mas ele estava ainda muito distante daquele mundo dos adultos para tentar elucidar aquele enigma; o que lhe interessava mais era o fato de que o pintor, naquela última

frase, punha a ele, Jaromil, no mesmo plano daquela mulher a quem o pintor dedicava certamente muita importância, o fato de que a chegada de Jaromil tornou evidentemente a presença daquela mulher mais bela e preciosa ainda, e concluiu por aí que era amado pelo poeta, que contava em sua vida, talvez em razão de uma profunda e misteriosa semelhança interior que Jaromil, por ser ainda uma criança, não podia discernir nitidamente, mas que o pintor, como homem adulto e sábio, conhecia. Esse pensamento encheu-o de um entusiasmo sereno, e quando o pintor deu-lhe outro tema ele mergulhou febrilmente sobre o papel.

O pintor voltou ao ateliê e encontrou mamãe aos prantos.

“Por favor, deixe-me partir imediatamente!”

“Pode ir, vocês podem ir juntos, pois Jaromil terá terminado num instante.”

“Você é um demônio”, disse ela, ainda em lágrimas, e o pintor abraçou-a e cobriu-a de beijos. Depois voltou para a peça vizinha, felicitou Jaromil pelo que desenhara (ah, Jaromil estava muito contente naquele dia!) e mandou-o para casa.

Voltou então para o ateliê, deitou mamãe chorosa sobre o velho divã manchado de tintas, beijou-lhe a boca mole e o rosto úmido e fez novamente amor com ela.

9

O amor de mamãe e do pintor nunca se libertaria dos presságios que marcaram seu primeiro encontro: não era o amor que ela contemplara de antemão, longamente, sonhadoramente, olhando com firmeza nos olhos; era um amor inesperado que lhe saltara à nuca por trás.

Aquele amor lembrava-lhe sempre sua falta de *preparo* amoroso; era inexperiente, não sabia nem o que devia fazer nem o que devia dizer.

Diante do rosto original e exigente do pintor, tinha vergonha por antecipação de cada uma de suas palavras e de cada um de seus gestos; até seu corpo não estava bem preparado; pela primeira vez ela lamentou amargamente ter-se cuidado tão pouco depois do parto, e assustava-se com a imagem de seu ventre no espelho, daquela pele enrugada que pendia triste.

Ah! Sempre sonhara com um amor em que seu corpo e sua alma, de mãos dadas, pudessem envelhecer harmoniosamente juntos (sim, aquele era o amor que contemplara por tanto tempo e antecipadamente, olhando-o nos olhos); mas aqui, naquele encontro difícil em que repentinamente se engajara, sentia a alma tristemente jovem e o corpo tristemente velho, e avançava na sua aventura como se tivesse atravessado com o passo trêmulo uma prancha muito estreita, sem saber se seria a juventude da alma ou a velhice do corpo que provocaria a queda.

O pintor cercou-a de uma extravagante solicitude e esforçava-se por introduzi-la no mundo de suas pinturas e de seus pensamentos. Isso a alegrava; ela podia ver aí a prova de que seu primeiro encontro fora algo diferente de um complô de corpos que se aproveitaram da situação. Mas quando o amor ocupa ao mesmo tempo o corpo e a alma ele absorve mais tempo; mamãe deve ter inventado a existência de novas amigas para desculpar (sobretudo para a avó e Jaromil) suas ausências de casa por horas a fio.

Quando o pintor pintava, sentava-se ao lado dele numa cadeira, mas não era suficiente; ele explicara-lhe que a pintura, tal como ele a concebia, era apenas um método entre outros para extrair da vida o maravilhoso; e o maravilhoso, até mesmo uma criança poderia descobrir nas suas brincadeiras, mesmo um homem qualquer anotando seu sonho.

O pintor dava à mamãe uma folha de papel e tintas; ela deveria fazer manchas sobre o papel e soprar em cima; alguns raios começavam a correr em todas as direções sobre o papel e cobriam-no com uma rede colorida; o pintor expunha essas produções atrás de um vidro em sua biblioteca e vangloriava-se dos méritos com seus convidados.

Numa de suas primeiras visitas, ele entregou-lhe alguns livros na hora de partir. Ela deveria lê-los em casa, e deveria fazê-lo às escondidas porque temia que Jaromil lhe perguntasse de onde vinham os livros, ou que algum outro membro da família lhe fizesse a mesma pergunta, e dificilmente então encontraria uma mentira satisfatória, pois bastava dar uma olhada naqueles livros para ver que eram bem diferentes daqueles que se podiam encontrar nas bibliotecas de seus amigos ou de seus parentes. Precisava, portanto, esconder os livros no armário de roupa íntima, sob os sutiãs e as camisolas, para que pudesse lê-los quando estivesse sozinha. O sentimento de fazer alguma coisa proibida ou o medo de ser pega em falta sem dúvida a impediam de concentrar-se no que lia, pois parecia não guardar muita coisa de suas leituras, e até não entender quase nada, lendo várias páginas duas ou três vezes seguidas.

Depois ela voltava à casa do pintor angustiada como uma colegial que tem medo de ser interrogada, porque o pintor começava por perguntar-lhe se gostara do livro, e ela sabia que ele queria ouvir dela alguma coisa a mais do que uma resposta afirmativa, sabia que o livro representava para ele um ponto de partida de uma conversa e que havia nos livros frases sobre as quais ele queria estar conivente com ela, como se fosse uma verdade que defendiam em comum. Mamãe sabia tudo isso, mas não era o suficiente para fazê-la compreender melhor o que havia no livro, ou o que havia no livro de tão importante. Como uma aluna hábil, ela invocou então uma desculpa: queixava-se de ser obrigada a ler os

livros escondida para evitar ser descoberta, e portanto não podia concentrar-se como gostaria.

O pintor admitiu essa desculpa, mas encontrou um meio engenhoso: na aula seguinte, falou a Jaromil sobre as correntes da arte moderna e entregou-lhe diversos livros para que lesse e o menino aceitou satisfeito. Na primeira vez que ela viu aqueles livros sobre a mesa de trabalho do filho compreendeu que aquela literatura de contrabando era na verdade destinada a ela, e teve medo. Até então assumira sozinha todo o fardo de sua aventura, mas eis que seu filho (aquela imagem de pureza) tornava-se, sem saber, o mensageiro de um amor adúltero. Mas não havia nada a fazer, os livros estavam sobre a mesa de Jaromil e mamãe não tinha outro remédio senão folheá-los sob a capa de uma solicitude materna bem compreensível.

Um dia ela ousou dizer ao pintor que os poemas que ele lhe emprestara pareciam-lhe inutilmente obscuros e confusos. Apenas pronunciou essas palavras e arrependeu-se, pois o pintor considerava a menor divergência como uma traição. E esforçou-se rapidamente em corrigir seu erro. Quando o pintor, a sobrancelha franzida, virou-se para sua tela, ela despiu a blusa e o sutiã sem ser vista. Tinha um belo busto e sabia disso; agora ela o erguia (não sem um resquício de timidez) orgulhosamente através do ateliê e depois, meio escondida pela tela disposta sobre o cavalete, instalou-se diante do pintor. Este, aborrecido, passava o pincel sobre a tela e, por várias vezes, olhou-a com um olhar zangado. Em seguida ela arrancou o pincel da mão do pintor, tomou-o entre seus dentes, disse-lhe uma palavra que até então jamais dissera a alguém, uma palavra vulgar e obscena, que repetiu em surdina várias vezes seguidas, até perceber que a raiva do pintor se transformava em desejo de amor.

Não, habitualmente não se comportava assim, e estava nervosa e tensa; mas desde o começo de sua intimidade compreendera que o pintor exigia dela uma forma livre e surpreendente de manifestações amorosas, queria que se sentisse completamente livre e à vontade com ele, desligada de tudo, de qualquer convenção, de qualquer pudor, de qualquer inibição; ele gostava de dizer-lhe: “Eu não quero nada, apenas que me dê a sua liberdade, a sua liberdade total!”, e queria convencer-se a cada momento daquela liberdade. Mamãe conseguira compreender mais ou menos que aquela atitude sem constrangimento era sem dúvida uma bela coisa; mas temia cada vez mais não ser capaz de adotá-la. E quanto mais ela se esforçava por *saber a sua liberdade*, mais essa liberdade tornava-se uma tarefa árdua, uma obrigação, uma coisa para a qual deveria preparar-se em casa (refletir para saber por intermédio de que palavra, que desejo, que gesto ela surpreenderia o pintor e lhe mostraria sua espontaneidade), de maneira que se dobrava sob o imperativo da liberdade como sob um fardo.

“O pior não é que o mundo não seja livre, mas que o homem desaprendeu a liberdade”, dizia-lhe o pintor, e essa observação parecia feita de encomenda para ela, que pertencia inteiramente àquele velho mundo que o pintor afirmava ser preciso rejeitar por completo, e de todas as maneiras. “Se não podemos mudar o mundo, mudemos ao menos a nossa própria vida e vamos vivê-la livremente”, dizia ele. “Se cada vida é única, tiremos dela as suas consequências; rejeitemos tudo o que não é novo. É preciso ser absolutamente moderno”, dizia ainda citando Rimbaud, e ela escutava religiosamente, cheia de confiança em suas palavras e cheia de desconfiança a respeito de si mesma.

Veio-lhe a ideia de que o amor que o pintor sentia por ela só podia ser fruto de um mal-entendido, e ela lhe perguntava às vezes por que

exatamente a amava. Ele respondia que a amava como um lutador de boxe ama uma borboleta, como o cantor ama o silêncio, como o bandido ama a professora primária da cidadezinha; dizia que a amava como o açougueiro ama os olhos temerosos da bezerra, e o raio, o idílio dos telhados; dizia que a amava como uma mulher amada, roubada de um lar estúpido.

Ela o ouvia extasiada e ia à casa dele sempre que podia poupar um minuto. Comportava-se como um turista que tem diante dos olhos as mais belas paisagens, mas que está demasiadamente cansado para apreciar a beleza; não extraía nenhuma alegria de seu amor, mas sabia que aquele amor era grande e belo e que não deveria perdê-lo.

E Jaromil? Estava orgulhoso de que o pintor lhe emprestasse livros de sua biblioteca (o pintor dissera-lhe várias vezes que não emprestava os livros a ninguém e que ele era o único que tivera direito a esse privilégio), e como tinha bastante tempo livre demorava-se sonhadoramente ao longo de suas páginas. A arte moderna, nessa época, não se tornara ainda o patrimônio das multidões pequeno-burguesas, e havia ainda o charme encantador de uma seita, esse charme tão facilmente compreensível para uma criança que ainda está na idade em que se sonha com o romantismo dos clãs e das confrarias. Jaromil sentia profundamente esse charme e lia os livros de maneira bem diferente da mãe, que os lia de A a Z como se fossem manuais sobre os quais seriam feitos interrogatórios. Jaromil, que não corria o risco de ser interrogado, nunca lia realmente os livros do pintor; na verdade ele os percorria como se estivesse flanando, folheava-os, demorando-se numa página aqui, parando num verso ali, sem se preocupar se o resto do poema não lhe dizia nada. Mas aquele único verso ou aquele único parágrafo de prosa bastavam para deixá-lo feliz, não apenas por sua beleza, mas

sobretudo porque lhe serviam como cartão de visita para o reino dos eleitos que sabem perceber aquilo que para os outros permanece escondido.

Mamãe sabia que seu filho não se contentava com um simples papel de mensageiro e que lia com interesse os livros que só lhe eram destinados na aparência; começou, portanto, a discutir com ele sobre o que ambos liam, fazendo-lhe perguntas que não ousaria fazer ao pintor. Constatou então assustada que seu filho defendia os livros que lhe eram emprestados com uma obstinação ainda mais implacável que o pintor.

Foi assim que se deu conta de que num apanhado de poemas de Éluard ele sublinhara a lápis o verso: *dormir, a lua num olho e o sol no outro*. “O que acha de bonito nisso? Por que preciso dormir com a lua num dos olhos? *Pernas de pedra com meias de areia*. Como é que meias podem ser feitas de areia?” Jaromil dizia para si mesmo que sua mãe não zombava apenas do poema, achava o filho ainda pequeno para compreendê-lo, e ele lhe respondia sem contemplação.

Meu Deus, ela não resistira nem mesmo a uma criança de treze anos! Naquele dia, quando foi à casa do pintor, tinha o estado de espírito do espião que acaba de vestir o uniforme de um exército estrangeiro; tinha medo de ser desmascarada. Seu comportamento perdera até o último vestígio de espontaneidade e tudo o que dizia e fazia parecia o desempenho de um amador que, paralisado pelo pânico, recita seu texto com medo de ser vaiado.

Foi mais ou menos nesse ponto que o pintor descobriu o charme da máquina fotográfica; ele mostrou à mamãe suas primeiras fotos, de naturezas-mortas compostas de um estranho conjunto de objetos, de vistas bizarras mostrando coisas esquecidas e abandonadas; depois a levou até a claridade da vidraça e pôs-se a fotografá-la. Primeiro ela

sentiu uma espécie de alívio, pois não precisava falar, bastava manter-se de pé, sentar-se, sorrir e escutar as instruções do pintor e os elogios que lhe fazia de vez em quando sobre seu rosto.

Em seguida, os olhos do pintor iluminaram-se repentinamente; ele pegou um pincel, mergulhou-o na cor preta, virou delicadamente a cabeça de mamãe e traçou duas linhas oblíquas sobre seu rosto. “Eu a rasurei! Destruí a obra de Deus!”, riu ele, e pôs-se a fotografá-la, com as duas linhas grossas que se cruzavam no nariz. Depois, levou-a para o banheiro, lavou-lhe o rosto e enxugou-o com uma toalha.

“Ainda há pouco eu a rasurei para recriá-la agora”, disse ele, e retomou o pincel recomeçando a desenhar nela. Desta vez eram círculos e traços que pareciam antigas escritas ideográficas; “um rosto-mensagem, um rosto-carta”, dizia o pintor, e levou-a para junto da vidraça brilhante e recomeçou a fotografá-la.

Depois, fez com que ela se deitasse no chão e pôs ao lado de sua cabeça o molde em gesso de uma estátua antiga sobre o qual desenhou os mesmos traços que desenhara em seu rosto, depois fotografou as duas cabeças, a viva e a inerte, e depois lavou os riscos de seu rosto, pintou outros, fotografou-a novamente e deitou-a sobre o divã, começou a despi-la, mamãe tinha medo de que ele lhe pintasse os seios e as pernas, até arriscou uma observação divertida para fazê-lo compreender que não deveria pintar-lhe o corpo (era preciso coragem para fazer uma observação divertida, pois sempre tinha medo de que suas brincadeiras falhassem e a expusessem ao ridículo), mas o pintor estava cansado de pintar e em vez disso fez amor com ela e, ao mesmo tempo, segurava nas mãos sua cabeça cheia de desenhos, como se ficasse especialmente excitado com a ideia de fazer amor com uma mulher que era sua própria

criação, sua própria fantasia, sua própria imagem, como se ele fosse Deus dormindo com a mulher que acabara de criar para si.

E é bem verdade que mamãe, naquele momento, não era outra coisa senão uma invenção, um quadro do pintor. Ela sabia disso e reunia suas forças para aguentar e não deixar transparecer que não era, de jeito nenhum, a parceira do pintor, seu outro lado milagroso e uma criatura digna de ser amada, mas apenas um reflexo sem vida, um espelho oferecido docilmente, uma superfície passiva onde o pintor projetava a imagem de seu desejo. E, de fato, ela suportou a prova com sucesso, o pintor conheceu a volúpia e retirou-se feliz de seu corpo. Mas depois, já em casa, ela teve a impressão de ter consumado um grande esforço e, à noite, chorou antes de dormir.

Quando voltou ao ateliê alguns dias mais tarde, as sessões de desenho e de fotografia recomeçaram. Desta vez, o pintor despiu-lhe os seios e pôs-se a desenhar sobre suas belas mamas. Mas, quando ele quis despi-la por inteiro, ela resistiu ao amante pela primeira vez.

Difícilmente poderíamos imaginar a habilidade, às vezes mesmo a astúcia, que ela demonstrara até então com o pintor, em todos os seus jogos amorosos, para disfarçar a barriga! Muitas vezes mantivera a cinta-liga, dando a entender que aquela quase-nudez era mais excitante, outras conseguira que se amassem na penumbra em vez de plena luz, outras ainda afastara delicadamente as mãos do pintor que queriam acariciar-lhe o ventre e as pusera sobre seu peito; e, quando já tinha esgotado todas as artimanhas, invocou sua timidez, que o pintor já conhecia e considerava como um traço do seu temperamento que ele adorava (era por isso que lhe dizia sempre que ela representava para ele a encarnação da cor branca e que, na primeira vez que pensara nela,

expressara seu pensamento num quadro através de linhas brancas cavadas com a espátula).

Mas, agora, devia ficar de pé no meio do ateliê como uma estátua viva possuída pelos olhos e o pincel do pintor. Ela se defendeu, e quando disse a ele, como o fizera quando de sua primeira visita, que o que ele exigia dela era uma loucura, ele respondeu, como da primeira vez, *sim, o amor é uma loucura*, e arrancou-lhe as roupas.

Portanto, estava no meio do ateliê e só pensava na sua barriga; tinha medo de vê-la ao baixar os olhos, mas estava diante dela, exatamente como a conhecia por ter-se olhado desesperadamente no espelho milhares de vezes; dizia para si mesma que não era nada além de uma simples barriga, apenas uma pele feia e enrugada, imaginava-se como uma mulher numa mesa de operações, uma mulher que não deve pensar em nada, deve abandonar-se e pensar apenas que tudo aquilo é provisório, que a operação e a dor vão acabar e enquanto isso só lhe resta uma saída: aguentar.

E o pintor tomou de um pincel, mergulhou-o na cor preta e aplicou-a sobre seu ombro, seu umbigo, suas pernas, depois deu alguns passos para trás e apanhou a máquina fotográfica; levou-a até o banheiro, onde ela teve de deitar-se na banheira vazia e ele pôs sobre seu corpo, na horizontal, a serpente metálica do cano encimado pelo crivo perfurado do chuveiro, e disse-lhe que aquela serpente metálica não conduzia água, mas um gás mortal, e que ela estava agora deitada sobre seu corpo como o corpo da guerra sobre o corpo do amor; em seguida fez com que ela novamente se levantasse e levou-a para outro lugar, recomeçando a fotografá-la, e ela o fazia docilmente, sem tentar mais disfarçar a barriga, mas tinha-a sempre diante dos olhos e via os olhos do pintor e sua barriga, sua barriga e os olhos do pintor...

Em seguida, quando ele a deitou sobre o tapete, coberta de desenhos, e fez-lhe amor ao lado da cabeça antiga, bela e fria, ela não aguentou mais e pôs-se a soluçar em seus braços, mas ele provavelmente não compreendeu o sentido daquele soluço, pois estava convencido de que seu feitiço selvagem, transformado num belo movimento regular e cadenciado, não poderia encontrar outra resposta senão um estertor de volúpia e felicidade.

Mamãe, percebendo que o pintor não compreendera o motivo de seu soluço, controlou-se e parou de chorar. Mas, quando voltou para casa, foi tomada por uma vertigem na escada; caiu e esfolou o joelho. A avó, assustada, levou-a para seu quarto, pousou a mão sobre sua testa e enfiou-lhe o termômetro sob a axila.

Mamãe estava com febre. Mamãe tinha os nervos arrebatados.

10

Alguns dias mais tarde, paraquedistas tchecos enviados da Inglaterra abateram o chefe alemão da Boêmia; foi proclamada a lei marcial e longas listas de fuzilados apareceram nas esquinas das ruas. Mamãe estava acamada e o médico vinha todos os dias espetar-lhe uma agulha no traseiro. Seu marido vinha sentar-se à cabeceira de sua cama, segurava-lhe a mão e fitava-a longamente dentro dos olhos; ela sabia que ele atribuía seu abalo nervoso aos horrores da História e pensava envergonhada que o traía e que ele estava sendo bom para ela e queria ser seu amigo naquele período difícil.

Quanto a Magda, a empregada para todo o serviço que morava na casa havia vários anos e de quem a avó, respeitadora de uma sólida tradição democrática, dizia que considerava mais como um membro da família do que como uma empregada, um dia voltou para casa aos

prantos porque seu noivo fora preso pela Gestapo. E, alguns dias mais tarde, o nome do noivo apareceu, em letras negras, num cartaz vermelho-escuro junto ao nome de outros mortos, e Magda teve direito a alguns dias de folga.

Quando voltou, contou que os pais do noivo não haviam conseguido a urna contendo as cinzas e que provavelmente nunca saberiam onde se encontravam os restos do filho. Novamente ela desmanchou-se em lágrimas, e desde então chorava quase todos os dias. Frequentemente chorava no seu quartinho, de onde o ruído dos soluços chegava amortizado pelo tabique, mas, às vezes, ela começava a chorar de repente durante o almoço; pois que, desde que fora acometida pela tragédia, a família admitia-a na mesa familiar (antes ela comia sozinha na cozinha) e o caráter excepcional desse favor lembrava-lhe, dia após dia, à hora do almoço, que estava de luto e que sentiam pena dela, e seus olhos ficavam vermelhos e uma lágrima aparecia sob sua pálpebra e caía sobre os *knödels* ao molho; ela esforçava-se por esconder as lágrimas e os olhos vermelhos, baixava a cabeça, desejava não ter sido vista, mas era então que reparavam mais, havia sempre alguém para pronunciar uma palavra de conforto à qual sempre respondia com um grande soluço.

Jaromil observava tudo aquilo como a um espetáculo digno de ser exaltado; ele se animava com o pensamento de que uma lágrima apareceria nos olhos da jovem, com a ideia de que o pudor da jovem fosse esforçar-se para reprimir a tristeza e que a tristeza finalmente venceria o pudor e deixaria correrem as lágrimas. Ele bebia aquele rosto com os olhos (às escondidas, pois tinha a sensação de fazer uma coisa proibida), sentia-se invadido por uma morna excitação e pelo desejo de cobrir aquele rosto de ternura, de acariciá-lo e consolá-lo. E à noite, quando estava só, enroscado sob os lençóis, via o rosto de Magda com

seus grandes olhos castanhos, imaginava-se acariciando-o e dizendo-lhe *não chore, não chore*, porque não encontrava outras palavras que pudesse dizer.

Foi mais ou menos nessa época que sua mãe terminou o tratamento neurológico (ela fizera durante uma semana uma sonoterapia em domicílio) e recomeçou a ocupar-se da casa, a fazer as compras e o serviço doméstico, apesar de queixar-se com frequência de dores de cabeça e taquicardia. Um dia, ela sentou-se à mesa e começou a escrever uma carta. Quando havia escrito a primeira frase, logo compreendeu que o pintor a acharia sentimental e boba e teve medo de seu julgamento; mas logo se tranquilizou: disse para si mesma que ali estavam palavras que não exigiam resposta, as últimas que dirigiria a ele, e esta ideia fez com que sentisse coragem e prosseguisse; consolada (e com o sentimento de uma estranha revolta), ela compunha frases, querendo ser apenas ela mesma, querendo ser da maneira que era antes de tê-lo conhecido. Ela escrevia que o amava e que não esqueceria jamais a época milagrosa que vivera com ele, mas que chegara o momento de dizer-lhe a verdade: ela era diferente, completamente diferente do que o pintor imaginava, na verdade era apenas uma mulher comum e à antiga e temia não poder um dia olhar nos olhos inocentes de seu filho.

Será que finalmente estava decidida a dizer a verdade? Ah, de jeito nenhum! Não lhe dizia que o que ela costumava chamar de felicidade de amar não passava de um penoso esforço, não lhe dizia a que ponto tinha vergonha de sua barriga maltratada, tampouco que tivera uma crise de nervos, que machucara o joelho e que tivera de dormir durante uma semana. Não dizia, porque tal franqueza não fazia parte da sua natureza e porque queria finalmente ser de novo ela mesma e porque só podia ser

ela mesma na dissimulação; porque confiar-lhe tudo francamente era o mesmo que estar deitada diante dele, nua, com as estrias de sua barriga. Não, não queria mais mostrar-se para ele, nem por fora nem por dentro, queria reencontrar a segurança de seu pudor, por isso precisava ser hipócrita e falar apenas de seu filho e de seus sagrados deveres de mãe. E, ao final da carta, ela mesma estava convencida de que nem sua barriga nem o exaustivo esforço que precisava empreender para acompanhar as ideias do pintor haviam provocado seu colapso nervoso, mas sim seus grandes sentimentos maternos que se haviam revoltado contra seu grande amor culpado.

E nesse momento ela não se sentia apenas infinitamente triste, sentia-se nobre, trágica e forte; a tristeza que alguns dias antes a fazia apenas sofrer, agora, que fora capaz de registrá-la com grandes palavras, proporcionava-lhe uma felicidade tranquilizadora; era uma bela tristeza e estava iluminada por uma luz melancólica e era tristemente bela.

Que estranhas coincidências! Jaromil, que à mesma época espiava, durante dias inteiros, os olhos chorosos de Magda, conhecia muito bem a beleza da tristeza e nela mergulhava por completo. Novamente ele folheava o livro que o pintor lhe emprestara, lia e relia indefinidamente os poemas de Éluard e deixava-se enfeitiçar por alguns versos: *Ela possuía na tranquilidade de seu corpo/ Uma pequena bola de neve cor dos olhos*; ou então: *Ao longe o mar que te banha os olhos*; e: *Bom dia tristeza! Estás inscrita nos olhos que amo*. Éluard tornara-se o poeta do corpo tranquilo de Magda e de seus olhos banhados pelo mar das lágrimas; toda a sua vida aparecia-lhe na magia de um só verso: *Tristeza belo rosto*. Sim, era Magda: tristeza belo rosto.

Numa noite em que toda a família tinha ido ao teatro, ficou sozinho com ela na mansão; ele conhecia de cor os hábitos da casa e sabia que

era sábado e que Magda iria tomar banho. Como seus pais e a avó organizavam a ida ao teatro com uma semana de antecedência, teve tempo de preparar tudo; alguns dias antes, levantara a tampa da fechadura do banheiro de maneira a deixar aberto o orifício e encheu-o ligeiramente com miolo de pão molhado para que colasse mais facilmente e se mantivesse na posição vertical; retirou a chave da porta, para que a perspectiva oferecida pelo buraco da fechadura não fosse reduzida. E tomou o cuidado de escondê-la; ninguém percebeu seu desaparecimento, pois os membros da família não tinham o hábito de trancar-se, e apenas Magda passava a chave na porta.

A casa estava silenciosa e deserta e Jaromil tinha o coração disparado. Ele estava em cima no quarto, tinha um livro diante de si, como se alguém pudesse surpreendê-lo e perguntar o que estava fazendo, mas não lia, apenas escutava. Finalmente ouviu o ruído da água no encanamento, depois o estalar do jato no fundo da banheira. Apagou a luz da escada e desceu lentamente; estava com sorte: o buraco da fechadura ficara aberto, e quando encostou o olho viu Magda inclinada sobre a banheira, já despida e os seios nus, usando ainda apenas a calcinha. Seu coração batia muito forte porque ele estava vendo o que nunca vira até então, e porque logo veria ainda mais e ninguém mais poderia impedi-lo. Magda ergueu-se, aproximou-se do espelho (podia vê-la de perfil), olhou-se durante alguns instantes, depois virou-se (podia vê-la de frente) e dirigiu-se para a banheira; parou, tirou a calcinha, jogou-a (continuava a vê-la de frente) e entrou na banheira.

Quando estava já dentro da banheira, Jaromil continuou a observá-la pelo buraco da fechadura, mas como ela tinha água até os ombros, voltou a ser apenas *um rosto*; o mesmo rosto, familiar e triste, o olho banhado pelo mar de lágrimas, mas ao mesmo tempo um rosto

completamente diferente: um rosto ao qual ele deveria mentalmente acrescentar (agora, para o futuro e para sempre) seios nus, um ventre, coxas, quadris; era *um rosto iluminado pela nudez do corpo*; ele continuava a sentir despertar-lhe a ternura, mas essa ternura era diferente porque repercutia todos os choques acelerados de seu coração.

Em seguida, percebeu repentinamente que Magda olhava-o dentro dos olhos. Teve medo de ser descoberto. Ela tinha os olhos fixos no buraco da fechadura e sorria suavemente (com um sorriso ao mesmo tempo constrangido e amigável). Afastou-se imediatamente da porta. Ela estava ou não estava vendo? Ele fizera várias experiências e estava certo de que um olho que espiava do lado de cá da porta não podia ser visto do interior do banheiro. Mas como explicar o olhar e o sorriso de Magda? Ou seria por acaso que Magda estava olhando naquela direção, e se sorria era apenas pela *ideia* de que Jaromil pudesse estar olhando para ela? Em todo caso, o encontro com o olhar de Magda perturbou-o a tal ponto que não ousava mais aproximar-se da porta.

Entretanto, quando recuperou a calma, ao fim de um momento, teve uma ideia que ultrapassava tudo o que já vira e vivera até então: o banheiro não estava fechado a chave e Magda não lhe dissera que ia tomar banho. Ele podia, portanto, fingir que não sabia de nada e, como se nada estivesse acontecendo, entrar no banheiro. Novamente, sentia o coração disparando; já se imaginava, parando com uma expressão de surpresa junto à porta, e dizendo *vim apenas buscar meu pente*; passa ao lado de Magda completamente nua que, no momento, não encontra nada para dizer; a vergonha aparece sobre seu belo rosto como durante o almoço, quando é tomada por um brusco soluço e ele, Jaromil, adianta-se ao longo da banheira até a pia sobre a qual descansa o pente, apanha-o, depois para diante da banheira e inclina-se sobre Magda,

sobre seu corpo nu que pode ver sob o espelho esverdeado da água, e novamente olha para o rosto que tem vergonha, e acaricia aquele rosto envergonhado... Mas, quando sua imaginação o conduzira até ali, viu-se envolvido por um embaçamento perturbador em que não via mais nada e não podia imaginar mais coisa alguma.

Para que sua entrada parecesse absolutamente natural, ele voltou lentamente ao seu quarto e tornou a descer apoiando-se com força sobre cada degrau; sentia que tremia e tinha medo de não ter a força necessária para pronunciar com voz tranquila e natural *vim apenas buscar meu pente*; mas desceu, e quando tinha quase chegado à porta do banheiro e seu coração pôs-se a bater tão forte que mal podia respirar, ouviu: “Jaromil, estou tomando banho! Não entre!”. Ele respondeu: “Não, só vou até a cozinha!”. E atravessou o corredor na direção oposta, penetrou na cozinha, abriu e fechou a porta como se acabasse de apanhar alguma coisa, e subiu novamente a escada.

Mas, uma vez em seu quarto, disse para si mesmo que as palavras de Magda, por mais desconcertantes que fossem, não deveriam absolutamente tê-lo incitado a capitular tão bruscamente, e bastava que tivesse dito *não faz mal, Magda, vim apenas buscar meu pente* e entrado, porque Magda certamente não teria ido queixar-se, Magda gostava muito dele, ele era bom para ela. E pôs-se a imaginar novamente a cena: está no banheiro e Magda está deitada diante dele na banheira, completamente nua, e lhe diz *não se aproxime, vá embora depressa*, mas ela não pode fazer nada, não pode se defender, está tão impotente quanto diante da morte de seu noivo, porque jaz prisioneira na banheira e ele se inclina sobre seu rosto, sobre os seus grandes olhos...

Mas a ocasião estava irrevogavelmente perdida e Jaromil agora ouvia apenas o ruído fraco da água escorrendo pela banheira em direção aos

esgotos longínquos; a irreversibilidade daquela ocasião esplêndida rasgava-lhe o coração, pois sabia que não teria tão cedo a chance de passar uma noite sozinho em casa com Magda, e mesmo que tivesse essa oportunidade sabia que a chave deveria estar reposta no lugar há muito tempo e que Magda estaria trancada com duas voltas. Estava deitado na sua cama desesperado. Mas o que lhe incomodava ainda mais que a ocasião perdida era o desespero que sentia ao pensar na sua própria timidez, na sua própria fraqueza, nos seus estúpidos batimentos cardíacos que o haviam privado de qualquer presença de espírito e estragado tudo. Sentia uma enorme *repugnância* por si mesmo.

Mas o que fazer com essa repugnância? A repugnância é uma coisa muito diferente da tristeza; é exatamente o polo oposto; quando alguém era malvado com Jaromil, frequentemente ele subia para fechar-se no quarto e chorava; mas eram lágrimas alegres, quase voluptuosas, quase lágrimas *de amor*; por meio das quais Jaromil compadecia-se de Jaromil e o consolava, mergulhando os olhos na sua alma! Essa repugnância era unívoca e lacônica como um insulto; como uma palmada; só era possível escapar dela pela fuga.

Mas se temos repentinamente a revelação da nossa própria pequenez, para onde fugir para escapar dela? Apenas uma fuga para o alto permite que se escape à humilhação! Sentou-se então à sua mesa de trabalho e abriu o pequeno livro (aquele livro precioso que o pintor lhe recomendara não emprestar para mais ninguém) e fez um enorme esforço para concentrar a atenção nos poemas que preferia. E de novo tudo estava ali, *Ao longe o mar que te banha os olhos* e, novamente, viu Magda à sua frente, sim, estava tudo ali, inclusive a bola de neve na tranquilidade de seu corpo, e o ruído da água penetrava no poema como o rumor do rio penetrava no quarto pela janela fechada. Jaromil sentia-

se invadido por um desejo langoroso e fechou o livro. Tomou uma folha de papel e um lápis e começou ele mesmo a escrever, à maneira de Éluard, Nezval, Biebl ou Desnos, escrevia linhas breves, umas sob as outras, sem ritmo e sem rima; era uma variação sobre o que lia, mas nessa variação havia o que acabara de viver, havia a *tristeza que começa a fundir-se e transformar-se em água*, havia a *água verde*, cuja superfície *sobe e sobe mais e eleva-se até os meus olhos*, e havia o corpo, *o corpo triste*, o corpo na água que *sou eu, que persigo através da água interminável*.

Leu várias vezes aqueles versos em voz alta, com uma voz melodiosa e patética, e ficou entusiasmado. Ao fundo daquele poema havia Magda na banheira, e ele com o rosto colado à porta; ele não se encontrava, portanto, *fora dos limites* de sua experiência; mas estava bem *acima* dela. A repugnância que sentira por si mesmo ficara *embaixo*; embaixo sentira as mãos tornarem-se úmidas de terror e a respiração acelerar-se; mas aqui, *em cima*, no poema, estava bem acima do seu desfecho; o episódio do buraco da fechadura e da sua covardia era apenas um trampolim sobre o qual tomava agora impulso; agora não estava mais submetido ao que acabara de viver, mas o que acabara de viver estava submetido ao que acabara de escrever.

No dia seguinte, apanhou a máquina de escrever de seu avô, copiou o poema num papel especial e este pareceu-lhe ainda mais belo do que quando o recitara em voz alta, pois o poema deixava de ser uma simples sucessão de palavras para tornar-se uma *coisa*; sua autonomia era ainda mais incontestável; as palavras comuns são feitas para se apagarem assim que tiverem sido pronunciadas, não têm outro objetivo senão o de servir ao instante da comunicação; estão sujeitas às coisas, mas não passam de designação; ora, eis que aquelas palavras haviam-se tornado coisas por si mesmas e não estavam sujeitas a nada; não estavam mais destinadas à

comunicação imediata e a um pronto desaparecimento, mas sim a permanecerem.

É verdade que o que Jaromil vivera na véspera estava expresso no poema, mas ao mesmo tempo aquela experiência ali morria lentamente, como a semente morre dentro da fruta. *Estou debaixo d'água e os choques do meu coração fazem círculos na superfície*; este verso mostrava a imagem do adolescente trêmulo diante da porta do banheiro, mas, ao mesmo tempo, neste verso seus traços se esfumaçavam lentamente; este verso o ultrapassava e transcendia. *Ah, meu amor líquido*, dizia outro verso, e Jaromil sabia que aquele amor líquido era Magda, mas sabia também que ninguém poderia reconhecê-la atrás daquelas palavras, que ela se perdera ali, invisível, enterrada; o poema que escrevera era absolutamente autônomo, tão independente e incompreensível quanto a própria realidade que não é conivente com ninguém e contenta-se apenas em *ser*; e aquela autonomia do poema oferecia a Jaromil um magnífico refúgio, a possibilidade sonhada de uma *segunda vida*; achou isso tão bonito que a partir do dia seguinte tentou escrever outros versos e entregou-se pouco a pouco a essa atividade.

11

Mesmo agora, que já se levanta e vai e vem pela casa como uma convalescente, ela não está contente. Rejeitou o amor do pintor, mas sem encontrar em troca o amor do marido. O pai de Jaromil está tão raramente em casa! Acabaram por acostumar-se a que volte tarde da noite, ou até mesmo a que comunique com regularidade uma ausência de vários dias, pois parte com frequência em viagem de negócios, mas

desta vez não disse absolutamente nada, não voltou para casa à noite e a mãe não tem notícia alguma.

Jaromil vê tão raramente o pai que nem mesmo se dá conta de sua ausência, e fica no quarto sonhando com seus poemas: para que um poema seja um poema, é preciso que seja lido por mais alguém; só então tem-se a prova de que é alguma coisa além de um diário íntimo cifrado e que é capaz de ter vida própria, independente daquele que o escreveu. Sua primeira ideia foi mostrar seus versos ao pintor, mas dava a eles demasiada importância para correr o risco de submetê-los a julgamento tão severo. Precisava de alguém a quem os versos entusiassem tanto quanto a si mesmo e logo compreendeu quem seria aquele primeiro leitor, aquele leitor predestinado de sua poesia; viu-o andando pela casa, o olhar triste e a voz dolorosa, como se caminhasse ao encontro de seus versos; tomado por enorme emoção, deu então a mamãe vários poemas cuidadosamente datilografados e correu para refugiar-se em seu quarto esperando que os lesse e o chamasse.

Ela leu e chorou. Talvez não soubesse por que chorava, mas não é difícil adivinhá-lo; rolavam de seu rosto quatro tipos de lágrimas:

primeiro, ficou tocada pela semelhança que havia entre os versos de Jaromil e os poemas que o pintor costumava emprestar-lhe, e brotaram-lhe lágrimas dos olhos, as lágrimas do amor perdido;

depois sentiu que emanava dos versos de seu filho uma tristeza imensa, lembrou-se de que o marido estava ausente de casa havia dois dias sem ter-lhe dito nada, e derramou lágrimas de humilhação;

mas logo eram lágrimas de consolo que lhe rolavam dos olhos, pois a sensibilidade de seu filho, que acorrera com tanta confiança e emoção para mostrar-lhe os poemas, espalhava um bálsamo sobre todas as suas feridas;

e finalmente, após ter relido várias vezes os poemas, derramou lágrimas de admiração, porque os versos de Jaromil pareciam-lhe ininteligíveis e pensou consigo mesma que havia em seus versos mais do que seria capaz de compreender e que, conseqüentemente, era mãe de uma criança prodígio.

Mandou então chamá-lo, mas quando ele chegou à sua frente foi como se ela estivesse diante do pintor quando a interrogava sobre os livros que lhe emprestara; não sabia o que lhe dizer sobre seus poemas; via o filho, cabeça baixa, esperando avidamente, e só foi capaz de apertá-lo contra si e beijá-lo.

Jaromil estava nervoso e alegrou-se em poder esconder a cabeça no ombro materno, e mamãe, quando sentiu nos braços a fragilidade de seu corpo infantil, afastou para bem longe o fantasma opressor do pintor, retomou a coragem e começou a falar. Mas não conseguia libertar a voz do tremor e os olhos da umidade e, para Jaromil, isso era mais importante do que as palavras que ela pronunciava; aquela voz trêmula e aquele lacrimejar davam-lhe a garantia sagrada do poder que seus versos possuíam; de seu poder real e físico.

A noite começava a cair, o pai não voltava e mamãe pensou que o rosto de Jaromil possuía uma beleza terna com a qual nem seu marido nem o pintor poderiam ser comparados; e aquele pensamento incongruente era tão tenaz que não conseguiu desvencilhar-se dele; pôs-se a contar-lhe que na época em que estava grávida implorava com os olhos à estatueta de Apolo. “E veja, você é realmente bonito como este Apolo, se parece com ele. Dizem que, numa criança, sempre fica alguma coisa do que sua mãe pensou durante a gravidez, e não é uma superstição. Foi dele que você herdou a lira.”

Depois, contou-lhe que a literatura sempre fora seu maior amor, que fora para estudar literatura que entrara na universidade e que apenas o casamento (não dizia a gravidez) a impedira de consagrar-se inteiramente àquela vocação; e agora que descobria ser Jaromil um poeta (sim, ela foi a primeira a inscrever nele este grande título), estava evidentemente surpresa mas, ao mesmo tempo, era uma coisa que esperava havia muito tempo.

Naquele dia conversaram longamente, e assim puderam enfim encontrar um no outro, mãe e filho, aqueles dois amantes desiludidos, um consolo.

Segunda parte

ou

XAVIER

1

Do interior do imóvel ele podia ouvir o barulho do recreio que acabaria dentro de mais um instante; o velho professor de matemática entraria na sala de aula e massacraria os alunos com cifras escritas no quadro-negro; o zumbido de uma mosca perdida ocuparia a imensa extensão entre a pergunta do professor e a resposta do aluno... Mas ele então já estaria longe!

A guerra acabara havia um ano; era primavera e fazia sol; ele desceu as ruas até o Vltava e depois flanou ao longo do cais. A galáxia das cinco horas de aulas já ia longe e sua única ligação ainda era uma pequena mochila marrom contendo cadernos e um manual.

Chegou à ponte Carlos. A fileira dupla de estátuas acima da água convidava-o a passar para a outra margem. Quando estava ausente do colégio (ausentava-se do colégio tantas vezes e tão satisfeito!), quase sempre era atraído pela ponte Carlos e a atravessava. Mais uma vez ia fazê-lo e mais uma vez ia parar no lugar onde a ponte transpõe, após a água do rio, a margem onde se ergue uma velha casa amarela; a janela do terceiro andar tem quase a altura do parapeito e só fica distante alguns passos; gostava de contemplá-la (estava sempre fechada) e perguntava-se quem poderia morar atrás daquelas vidraças.

Naquele dia, pela primeira vez (sem dúvida porque era um dia excepcionalmente ensolarado), a janela estava aberta. Uma gaiola com um passarinho estava pendurada na lateral. Ele parou, observou a

pequena gaiola rococó feita de fio de ferro branco elegantemente trançado, e depois percebeu uma silhueta na penumbra do aposento: podia vê-la de costas, mas percebia que era uma mulher, e teve vontade de que se virasse e mostrasse o rosto.

A silhueta moveu-se, mas na direção oposta; desapareceu na escuridão. A janela estava aberta e ele persuadiu-se de que isso era um convite, um sinal silencioso e confidencial que lhe era destinado.

Não pôde resistir. Subiu no parapeito. A janela era separada da ponte por um vazio profundo em cujo final havia pedras duras. A mochila o atrapalhava. Jogou-a na peça escura pela janela aberta e saltou.

2

Xavier podia, estendendo os braços, tocar nas bordas internas da alta janela retangular que acabara de saltar, e ele a preenchia completamente com sua altura. Examinou a peça a partir do fundo (como as pessoas cuja atenção sempre começa a ser despertada por aquilo que está longe) e viu primeiro uma porta, depois um armário largo encostado à parede da esquerda, à direita uma cama de madeira com os montantes trabalhados, e no meio da peça uma mesa redonda coberta por uma toalha de crochê sobre a qual havia um vaso de flores; e, finalmente, percebeu a seus pés a mochila jogada sobre a borda franjada de um tapete barato.

No instante em que sem dúvida percebeu-a e quis saltar para apanhá-la, a porta se abriu no fundo escuro do aposento e a mulher apareceu. Imediatamente o viu; a peça na verdade estava mergulhada na penumbra e o retângulo da janela estava iluminado, como se fosse noite no interior e dia do outro lado; visto de onde se encontrava a mulher, o homem que estava de pé no caixilho da janela aparecia como uma silhueta negra sobre o fundo dourado da luz; era um homem entre o dia e a noite.

Enquanto a mulher, ofuscada pela luz, não podia distinguir os traços do rosto do homem, Xavier estava mais favorecido; seu olhar já se acostumara à penumbra e podia ao menos captar a suavidade dos traços da mulher e a melancolia de seu rosto, cuja palidez, mesmo na escuridão mais profunda, teria irradiado ao longe sua luz; ela permanecia na porta, examinando-o; não foi nem suficientemente espontânea para exprimir em voz alta o seu pavor, nem segura de si o bastante para dirigir-lhe a palavra.

Foi apenas após longos segundos em que contemplaram os respectivos rostos de traços indistintos que Xavier falou: “Minha mochila está aqui”.

“Sua mochila?”, perguntou ela, e, como se a sonoridade das palavras de Xavier a tivesse tirado de seu estupor inicial, fechou a porta atrás de si.

Xavier acocorou-se sobre a borda da janela e indicou com o dedo, abaixo dele, o lugar onde jazia a mochila: “Tenho coisas muito importantes aí dentro. Meu caderno de matemática, meu manual de ciências e também o caderno em que copiamos nossos deveres de tcheco. É nesse caderno que está a minha composição sobre o tema *A chegada da primavera*. Deu-me muito trabalho e não faço questão nenhuma de tirá-la novamente das meninges”.

A mulher deu alguns passos no interior do aposento, e Xavier agora podia vê-la numa luz mais viva. Sua primeira impressão estava certa: suavidade e melancolia. Ele viu dois grandes olhos fluidos no rosto confuso, e outra palavra veio-lhe ainda à mente: o pavor; não o pavor causado pela sua chegada inopinada, mas um pavor antigo que permanecera no rosto da mulher sob a forma de dois grandes olhos

fixos, sob a forma de palidez, sob a forma daqueles gestos por meio dos quais ela parecia todo o tempo desculpar-se.

Sim, aquela mulher realmente se desculpava! “Peço-lhe desculpas”, diz ela, “mas não entendo como a sua mochila pôde ter vindo parar em nossa casa. Fiz a limpeza não faz muito tempo e não encontrei nada que não nos pertença.”

“No entanto”, disse Xavier agachado sobre a borda da janela apontando o dedo para o tapete, “para minha grande alegria, minha mochila está aqui.”

“Eu também estou muito contente que a tenha encontrado”, disse a mulher, e sorriu.

Estavam agora face a face e entre eles só havia a mesa com a toalha de crochê e o vaso de vidro cheio de flores de papel engomado.

“Sim, teria sido um problema se não a encontrasse”, disse Xavier. “O professor de tcheco me detesta e se eu perdesse meu caderno correria o risco de ser reprovado.”

O rosto da mulher exprimia simpatia; seus olhos subitamente ficaram tão grandes que Xavier não percebia nada além deles, como se o resto do rosto e o corpo fossem apenas um acompanhamento, o seu estojo; não sabia nem mesmo como poderiam ser os diferentes traços do rosto da mulher e as proporções de seu corpo, tudo isso ficava na borda da sua retina; a impressão que tinha daquela mulher era na verdade apenas a impressão nele produzida por seus olhos imensos cuja luz marrom inundava todo o resto do corpo.

Era portanto na direção desses olhos que Xavier avançava, dando a volta na mesa. “Sou um velho repetente”, disse ele tomando a mulher pelo ombro (aquele ombro era macio como um seio!). “Acredite-me,

não há nada mais triste do que se ver na mesma classe ao fim de um ano, sentar-se no mesmo banco...”

Em seguida viu os olhos erguerem-se sobre ele e sentiu-se invadido por uma onda de felicidade; Xavier sabia que agora podia escorregar a mão mais para baixo e tocar o seio e o ventre e tudo o que quisesse, pois o pavor que habitava soberanamente aquela mulher depositava-a, dócil, em seus braços. Mas não fez nada; tinha o ombro dela em sua mão, aquele belo cume arredondado, e achava aquilo suficientemente bonito, suficientemente exultante; não queria nada mais.

Permaneceram imóveis durante alguns instantes, depois a mulher pareceu cautelosa: “Você precisa ir embora. Meu marido vai voltar!”.

Nada era mais simples do que apanhar a mochila, saltar a borda da janela, dali para a ponte, mas Xavier não fez nada disso. Sentia espalhar-se nele a impressão deliciosa de que aquela mulher estava em perigo e que devia ficar perto dela. “Não posso deixá-la aqui sozinha!”

“Meu marido! Vá embora!”, implorou a mulher, angustiada.

“Não, vou ficar aqui com você! Não sou um covarde!”, disse Xavier, enquanto os passos ressoavam claramente na escada.

A mulher tentou empurrar Xavier para a janela, mas ele sabia que não tinha o direito de abandonar aquela mulher no momento em que um perigo a ameaçava. Já era possível ouvir uma porta se abrindo no fundo do apartamento e, no último momento, Xavier jogou-se no chão e escorregou para debaixo da cama.

3

O espaço entre o assoalho e a cobertura formada por cinco ripas de madeira sustentando um colchão rasgado não era maior que o espaço de um caixão; mas a diferença estava em ser um espaço perfumado (era

bom o cheiro da palha), muito sonoro (o assoalho transmitia claramente todos os ruídos de passos) e cheio de visões (logo acima de si ele podia ver o rosto da mulher que não podia abandonar, o rosto projetado sobre o tecido escuro do colchão, o rosto atravessado por três palhinhas que escapavam do forro).

Os passos que ouvia eram pesados, e quando virou a cabeça viu sobre o assoalho botas que avançavam pelo quarto. Ouviu uma voz de mulher e não pôde impedir um vago sentimento, doloroso, de tristeza: a voz continuava melancólica, temerosa e enfeitiçada como alguns instantes mais cedo quando se dirigia a Xavier. Mas Xavier era sensato e controlou aquele brusco capricho de ciúme; compreendeu que aquela mulher corria perigo e que se defendia com o que possuía: seu rosto e sua tristeza.

Depois ouviu uma voz masculina e pensou que a voz se parecia com as botas pretas que podia ver avançando sobre o assoalho; em seguida ouviu a mulher que dizia *não, não, não*, e ouviu a dupla dos passos que se aproximava vacilante de seu abrigo e em seguida a cobertura baixa sob a qual estava deitado abaixou-se ainda mais e quase lhe tocou o rosto.

E novamente ouviu a mulher que dizia *não, não, não, agora não, eu lhe peço, agora não*, e teve a visão do rosto dela a um centímetro de seus olhos sobre o forro grosso do colchão, e pensou que aquele rosto estava confiando a ele sua humilhação.

Queria erguer-se de seu caixão, salvar aquela mulher, mas sabia que não tinha o direito. E o rosto da mulher estava tão próximo do seu, inclinava-se sobre ele, implorava, e se arrepiava com os três cabinhos de palha como se fossem três flechas que o trespassassem. E o teto acima de Xavier pôs-se a balançar cadenciado e as palhinhas, as três flechas que

trespassavam o rosto da mulher, tocavam cadenciadas o nariz de Xavier e lhe faziam cócegas, o que o levou a espirrar involuntariamente.

O movimento parou nitidamente. A cama ficou imóvel, não se ouvia nem mesmo a respiração, Xavier também estava paralisado. Por fim, depois de um instante, ouviu-se: “O que foi?”.

“Eu não ouvi nada, querido”, respondeu a voz da mulher. Depois houve ainda mais um instante de silêncio e a voz masculina perguntou: “De quem é essa mochila?”, e seguiu-se o ressoar de passos através do aposento, e era possível ver as botas movimentando-se no assoalho.

Veja só, o camarada estava de botas na cama, pensou Xavier, indignado; compreendeu que agora era a sua vez de agir. Apoiou-se nos cotovelos e tirou a cabeça de baixo da cama para ver o que acontecia no quarto.

“Quem é que está aqui? Onde o escondeu?”, gritava a voz masculina e Xavier podia ver acima das botas pretas os culotes de montaria azul-escuros e a camisa azul-escura do uniforme da polícia. O homem examinou o aposento com um olhar inquisidor e depois se lançou na direção do armário, cuja profundidade permitia desconfiar que um amante se escondia em seu interior.

Neste momento Xavier saltou de sob a cama, silencioso como um gato, leve como uma pantera. O homem de uniforme abriu o armário cheio de roupas e começou a procurar, tateando seu interior. Mas Xavier já estava a postos, e quando o homem mergulhou novamente as mãos nas trevas das roupas para procurar o amante escondido, Xavier segurou-o pelo pescoço e jogou-o violentamente para dentro do armário. Fechou a porta, girou a chave, retirou-a, enfiou-a no bolso e virou-se para a mulher.

Estava diante dos grandes olhos castanhos e ouvia atrás de si os golpes desferidos de dentro do armário, o barulho e os gritos tão bem amortizados pela surdina das roupas que as palavras ficavam incompreensíveis em meio à confusão.

Sentou-se perto dos olhos grandes, apertou o ombro contra os dedos, e só então, ao contato da pele nua sob a sua palma, percebeu que a mulher usava apenas uma leve combinação sob a qual surgiam os seios nus, macios e leves.

Dentro do armário, os golpes de tambor não paravam e Xavier agora segurava a mulher pelos ombros com as duas mãos, esforçando-se por ver a nitidez de seus contornos que desapareciam na imensidão oceânica de seus olhos. Dizia-lhe que não tivesse medo, mostrava-lhe a chave para provar que o armário estava bem fechado, lembrava-lhe que a prisão do marido era de carvalho e que o prisioneiro não podia nem abri-la nem forçá-la. Em seguida pôs-se a beijá-la (suas mãos continuavam sobre os ombros macios e nus tão infinitamente voluptuosos que temia deixar que as mãos escorregassem mais para baixo e tocassem os seios, como se ele não fosse forte o bastante para resistir à vertigem) e pensou que, tendo pousado os lábios sobre aquele rosto, iria se afogar em águas imensas.

Ouviu a voz da mulher: “O que vamos fazer?”.

Ele acariciou-lhe os ombros e respondeu que não se preocupasse com nada, que agora estavam bem, que ele estava feliz como jamais o fora e que os golpes dentro do armário não o preocupavam mais que o ruído de uma tempestade vindo de uma vitrola ou o latido de um cão preso em sua casinha do outro lado da cidade.

Para mostrar-lhe que era dono da situação, levantou-se e pôs-se a inspecionar a peça. E riu porque tinha visto uma matraca preta sobre a mesa. Apanhou-a, aproximou-se do armário e, em resposta aos golpes vindos do interior, bateu diversas vezes na porta com a matraca.

“O que vamos fazer?”, perguntou novamente a mulher e Xavier respondeu-lhe: “Vamos partir”.

“E ele?”, perguntou a mulher, e Xavier respondeu: “Um homem pode sobreviver duas ou três semanas sem comer. Quando voltarmos aqui no ano que vem, haverá no armário um esqueleto de uniforme e botas”, e aproximou-se do armário barulhento, deu-lhe um golpe de matraca, riu e olhou para a mulher, desejando que ela risse com ele.

Mas a mulher não estava rindo e perguntou: “Para onde vamos?”.

Xavier disse-lhe para onde iam. Ela respondeu que naquele quarto ela estava em sua casa, enquanto lá onde Xavier queria levá-la não teria nem seu armário de roupas nem seu pássaro na gaiola. Xavier respondeu que um lar não é um armário de roupas nem um pássaro numa gaiola, mas a presença de alguém a quem se ama. Disse-lhe depois que ele mesmo não tinha um lar, ou melhor, para exprimir-se de outra maneira, que seu lar estava nos seus passos, na sua caminhada, nas suas viagens. Que seu lar estava onde se abrissem horizontes desconhecidos. Que só podia viver passando de um sonho a outro, de uma paisagem a outra, e que se ficasse por muito tempo no mesmo cenário morreria, da mesma forma que o seu marido morreria se ficasse mais de quinze dias no armário.

E, dito isto, ambos bruscamente perceberam que o armário se calara. Aquele silêncio era tão incrível que os despertou. Era como o instante que se segue à tempestade; o canário cantava em altos brados na gaiola, e na janela havia a cor amarela do sol poente. Era belo como um convite

à viagem. Era belo como o grande perdão. Era belo como a morte de um guarda.

Desta vez a mulher acariciou o rosto de Xavier e era a primeira vez que o tocava; e era também a primeira vez que Xavier a via, não difusa, mas com contornos firmes. Ela disse: “Sim, vamos partir, e iremos aonde você quiser. Espere um minuto, vou apanhar apenas algumas coisas para a viagem”.

Acariciou-o mais uma vez, sorriu e dirigiu-se para a porta. Ele a olhava com os olhos cheios de uma súbita paz; via seu passo, leve e fluido como o passo da água transformada em corpo.

Em seguida sentou-se na cama e sentiu-se maravilhosamente bem. O armário estava silencioso, como se o homem lá dentro tivesse adormecido ou se enforcado. O silêncio estava cheio do espaço que entrava no quarto pela janela com o rumor do Vltava e o grito longínquo da cidade, um grito tão distante que parecia com as vozes da floresta.

Xavier sentia que estava novamente impregnado de viagens. E nada há mais belo que o momento que antecede à viagem, o instante em que o horizonte de amanhã vem nos visitar e contar suas promessas. Xavier estava deitado sobre as cobertas amassadas e tudo parecia fundir-se numa admirável unidade: o leito macio semelhante a uma mulher, a mulher semelhante à água, a água que ele imaginava sob as janelas semelhante a um leito líquido.

Em seguida viu ainda a porta se abrir, e a mulher entrou. Usava uma roupa azul. Azul como a água, azul como os horizontes onde iria mergulhar amanhã, azul como o sono em que mergulhava lenta, mas irresistivelmente.

Sim. Xavier adormecera.

5

Xavier não dorme para extrair do sono a força da vigília. Não, esse monótono movimento balanceado vigília-sono que se completa trezentos e sessenta e cinco vezes ao ano lhe é desconhecido.

O sono para ele não é o contrário da vida; o sono é para ele a própria vida, e a vida é um sonho. Ele passa de um sonho a outro como se passasse de uma vida a outra.

É noite, noite escura, mas eis que do alto descem discos luminosos. São as luzes que espalham lanternas; nesses círculos talhados sobre o fundo da escuridão pode-se ver caírem abundantemente os flocos.

Ele lançou-se sobre a porta de uma construção baixa, atravessou rapidamente o hall e penetrou na plataforma onde um trem esperava, as janelas iluminadas, pronto para partir; um velho, com uma lanterna na mão, avançava ao longo do comboio e fechava as portas dos vagões. Xavier saltou agilmente para dentro do trem e o velho ergueu sua lanterna, ouviu-se o ruído lento de um apito na outra extremidade da plataforma e o trem pôs-se em marcha.

6

Ele parou sobre a plataforma do vagão e inspirou profundamente para acalmar a respiração acelerada. Mais uma vez chegara no último minuto, e chegar no último momento era seu orgulho: os outros chegavam a tempo de acordo com um plano preestabelecido e toda a sua vida se passava sem surpresas, como se recopiassem os textos indicados pelo professor. Ele os imaginava nos compartimentos dos vagões, sentados em lugares previamente reservados, falando sobre assuntos previamente conhecidos, conversando sobre o chalé de montanha onde passariam

uma semana, do emprego do tempo com o qual haviam começado a familiarizar-se na escola para que pudessem segui-lo cegamente, de cor e sem o menor erro.

Mas Xavier viera sem nenhuma preparação, no último minuto, guiado por um impulso súbito e por uma decisão inesperada. Estava agora sobre a plataforma do vagão e perguntava-se o que poderia tê-lo incitado a participar daquela excursão organizada pelo colégio, com alunos chatos e professores carecas de bigodes fervilhando de piolhos.

Atravessou o vagão: alguns garotos de pé no corredor sopravam nos vidros gelados e depois apoiavam um olho para forjar um olho mágico circular; outros estavam preguiçosamente deitados nos bancos dos compartimentos, com seus esquis em cruz apoiados às redes de bagagem acima de suas cabeças; em outros lugares jogavam-se cartas e em outro compartimento cantava-se uma canção estudantil interminável composta de uma melodia primitiva e palavras incansavelmente repetidas por centenas e milhares de vezes: *o canário morreu, o canário morreu, o canário morreu...*

Ele parou à porta desse compartimento e olhou para o seu interior: havia ali três garotos de uma série adiantada e, ao lado deles, da sua própria série, uma menina loura que enrubesceu ao vê-lo mas nada disse, como se temesse ser pega em flagrante, continuando a abrir a boca enquanto olhava para Xavier com seus grandes olhos fixos e cantando: *o canário morreu, o canário morreu, o canário morreu, o canário...*

Xavier afastou-se da menina loura e passou diante de outro compartimento de onde lhe chegavam outras canções de estudantes e a confusão das brincadeiras, e viu então um homem com o uniforme de controlador avançar na sua direção, parar em cada compartimento e pedir os bilhetes; o uniforme não deixava dúvidas, sob a viseira do boné

ele reconheceu um velho professor de latim e logo soube que não poderia encontrá-lo, primeiro porque não tinha bilhete, depois porque havia muito tempo (não conseguia lembrar-se quanto tempo) não ia à aula de latim.

Aproveitou-se de um momento em que o professor de latim enfiara a cabeça para dentro de um compartimento, para escorregar rapidamente por trás dele até a plataforma onde havia duas portas, a dos sanitários e a dos lavatórios. Abriu a dos lavatórios e surpreendeu num suave abraço a professora de tcheco, austera quinquagenária, e um de seus colegas de sala, que ocupava um lugar na primeira fila e que Xavier, por sua grande participação no trabalho escolar, desdenhava soberanamente. Quando o viram, os dois amantes surpresos afastaram-se rapidamente um do outro e inclinaram-se sobre a pia; esfregavam ferozmente as mãos sob o ralo filete de água que corria da torneira.

Xavier não queria incomodá-los e saiu novamente para a plataforma; ali, viu-se frente a frente com a loura de sua classe que fixava nele seus grandes olhos azuis; seus lábios já não se mexiam nem cantavam a canção do canário cujo refrão Xavier achava interminável. Ah, que ingenuidade, pensou ele, acreditar que exista uma canção interminável! Como se tudo nesse baixo mundo, desde os primórdios, não fosse apenas traição!

Por causa desse pensamento, ele mergulhou o olhar nos olhos da menina loura e sabia que não devia prestar-se ao jogo falso que faz com que o provisório passe por eterno e o pequeno por grande, que não devia prestar-se ao jogo falso que se chama amor. Deu então meia-volta e retornou à pequena cabine do lavatório onde a corpulenta professora de tcheco estava novamente postada diante do colega de Xavier, as mãos sobre as cadeiras.

“Ah não, por favor, não vão recommear a lavar as mãos”, disse-lhes Xavier. “Agora é a minha vez de lavá-las”, e evitou-os discretamente, abriu a torneira e inclinou-se sobre a pia, buscando assim uma relativa solidão para si e para os dois amantes, que continuavam plantados ali e que pareciam constrangidos. Pôde ouvir o sussurrar enérgico da professora de tcheco: “Vamos aqui ao lado”, depois o bater da porta e os passos dos dois pares de pernas que penetravam nos sanitários vizinhos.

Quando ficou sozinho, apoiou-se com satisfação contra a parede e abandonou-se a doces reflexões sobre a pequenez do amor, a doces reflexões por trás das quais brilhavam dois grandes olhos azuis suplicantes.

7

Então o trem parou, ouviu-se um apito e houve um clamor juvenil, o bater metálico das portas, o martelar dos saltos; Xavier saiu de seu abrigo e juntou-se aos outros estudantes, que se precipitavam para a plataforma. Em seguida puderam ver as montanhas, uma grande lua e a neve cintilante; caminhavam numa noite que estava clara como o dia. Era uma longa procissão em que os pares de esquis erguiam-se sob a forma de cruzes como piedosos acessórios, como símbolos dos dois dedos que prestam juramento.

Era uma longa procissão e Xavier a acompanhava com as mãos nos bolsos porque era o único a não levar esquis, símbolo do juramento; ele andava e ouvia as conversas dos alunos já visivelmente fatigados; em certo ponto virou-se e viu que a menina loura, que era pequena e magrinha, andava atrás e estava tropeçando e afundando na neve com o peso dos esquis, e um instante mais tarde virou-se novamente e viu que o velho professor de matemática apanhava os esquis da menina,

carregava-os sobre os ombros junto com os seus próprios, segurava-lhe o braço com a mão livre e a ajudava a andar. E era um quadro triste, aquela pobre velhice apiedando-se daquela pobre juventude; ele olhava aquele quadro e sentia-se bem.

Depois, primeiro de longe e depois de mais perto, uma música de dança chegou-lhes aos ouvidos; viram um restaurante em torno do qual estavam dispostos os chalés de madeira onde se hospedariam todos os alunos. Mas Xavier não reservara quarto e nem precisava depositar os esquis, não precisava nem trocar-se. Entrou imediatamente na sala do bar onde estavam a pista de dança, a orquestra e clientes sentados às mesas. Logo reparou numa mulher vestida com um suéter grená e uma calça fuseau; os homens estavam sentados perto dela tendo à frente copos de cerveja, mas Xavier podia ver que aquela mulher era elegante e ativa e estava se aborrecendo com eles. Aproximou-se dela e convidou-a a dançar.

Eram os únicos a dançar no salão do bar e Xavier podia ver que o pescoço da mulher era magnificamente murcho, que a pele ao redor dos olhos era magnificamente enrugada e que duas rugas magnificamente profundas marcavam o redor da boca, e estava feliz de ter nos braços tantos anos de vida, feliz por poder, sendo ainda um colegial, levar nos braços uma vida já quase completa. Estava orgulhoso de dançar com ela e dizia consigo mesmo que a menina loura poderia entrar de um minuto para outro e vê-lo, ver a que ponto era superior, como se a idade da sua dançarina fosse uma montanha alta e que a jovem adolescente se erguesse ao pé dessa montanha como um humilde ramo de relva.

E realmente: o salão começava a encher-se de rapazes e moças que haviam trocado as calças de esqui por saias, e todos vieram sentar-se às mesas ainda livres, e havia agora um público numeroso cercando Xavier

que dançava com a mulher de grená; ele percebeu numa mesa a menina loura e ficou satisfeito: ela estava mais bem-vestida que as outras; usava um bonito vestido completamente deslocado naquela sala de café malcuidada, um leve vestido branco no qual parecia ainda mais frágil e mais vulnerável. Xavier sabia que ela o vestira para ele e decidiu definitivamente que não deveria perdê-la, que deveria viver aquela noite para ela e com ela.

8

Ele disse à mulher de suéter grená que não queria mais dançar; que sentia náuseas pelas caras que, por trás dos copos de cerveja, não tiravam os olhos deles. A mulher teve um riso aprovador e, apesar de a dança não ter ainda terminado e de estarem sozinhos na pista, pararam de dançar (todo o salão podia ver que haviam parado de dançar) e abandonaram a pista de mãos dadas, caminharam ao longo das mesas e saíram para o terraço coberto de neve.

Sentiram o ar glacial e Xavier pensou que a frágil menina doentia de vestido branco não demoraria a encontrá-los no frio. Ele segurou a mulher de grená pelo braço e levou-a através do terraço brilhante, dizendo para si mesmo que era o legendário caçador de ratos e que a mulher a seu lado era a flauta com que ele brincava.

Ao fim de um instante a porta do restaurante se abriu e a jovem loura saiu. Estava ainda mais frágil que antes, seu vestido branco confundia-se com a neve, era como se fosse a neve andando na neve. Xavier apertou contra si a mulher de suéter grená, que estava bem agasalhada e magnífica em sua idade madura, ele a beijava, enfiava as mãos sob o suéter e, com o canto dos olhos, observava a jovem da brancura da neve que os olhava atormentada.

Em seguida, derrubou aquela velha mulher na neve e chafurdou sobre ela e sabia que já durava algum tempo e que fazia frio e que o vestido da jovem era leve e que o gelo lhe tocava os tornozelos e joelhos e chegava até as coxas, e acariciava-a cada vez mais acima, a ponto de tocar-lhe o sexo e o ventre. Eles se levantaram e a velha mulher levou-o para um chalé onde ela tinha um quarto.

O quarto era no térreo e a janela ficava um metro acima do chão coberto de neve e Xavier podia ver pela vidraça a jovem loura que estava a alguns passos dele e que o olhava pela janela; ele também não queria abandonar a jovem cuja imagem o preenchia por inteiro, e acendeu então a luz (a velha mulher recebeu com um riso sensual aquela necessidade de luz), tomou a mulher pela mão, aproximou-se da janela e ali abraçou-a e levantou o suéter peludo (um suéter muito quente para um corpo senil) e pensava na jovem que devia estar completamente transida, transida a ponto de não sentir mais o próprio corpo, de ser apenas uma alma, uma alma triste e dolorida flutuando num corpo tão gelado que já não sentia mais nada, que já perdera o sentido do tato, que era apenas um envelope morto para a alma flutuante que Xavier amava infinitamente, ah, sim! Que ele amava infinitamente.

Mas quem poderia suportar um amor tão infinito! Xavier sentia as mãos enfraquecerem, já não tinham mais forças para erguer o suéter peludo e desnudar os seios da velha, sentiu um entorpecimento em todo o corpo e sentou-se na cama. É difícil descrever até que ponto sentia-se bem, até que ponto estava satisfeito e feliz. Quando um homem está excessivamente satisfeito, o sono lhe vem como uma recompensa. Xavier sorria e mergulhava num sono profundo, numa bela noite suave em que brilhavam dois olhos gelados, duas luas em transe...

9

Xavier vivia apenas uma única vida que se estendia do nascimento à morte como uma longa linha suja; ele não vivia sua vida, mas dormia-a; naquela vida-sonho ele pulava de um sonho a outro; sonhava, adormecia sonhando e tinha outro sonho, de maneira que seu sonho era como uma caixa na qual entra outra caixa e nesta mais uma ainda, e assim por diante.

Por exemplo, neste momento está dormindo e ao mesmo tempo está numa casa da ponte Carlos e num chalé de montanha; esses dois sonos ressonam como duas notas de órgão levemente retidas: e eis que a essas duas notas vem juntar-se uma terceira.

Ele está de pé e olha. A rua está deserta, apenas de tempo em tempo passa uma sombra que desaparece na esquina ou numa porta. Ele também não quer ser visto; segue pelas ruas pequenas dos arrabaldes e um ruído de tiroteio chega-lhe do outro lado da cidade.

Finalmente entrou numa casa e começou a descer a escada; no subsolo havia várias portas; depois de procurar por alguns instantes qual seria a certa, bateu; primeiro três toques, depois uma pausa, mais um e ainda mais três após nova pausa.

10

A porta abriu-se e um homem jovem em uniforme de trabalho convidou-o a entrar. Atravessaram vários cômodos onde havia um bricabraque, roupas penduradas em cabides e também fuzis apoiados aos cantos e, através de um longo corredor (deviam estar longe do perímetro do imóvel), penetraram finalmente num pequeno cômodo subterrâneo onde devia haver cerca de vinte homens.

Sentou-se numa cadeira vazia e examinou as pessoas presentes; ele conhecia algumas delas. Três homens estavam sentados a uma mesa perto da porta; um deles, com um boné na cabeça, estava falando; falava de uma data próxima e secreta, quando tudo seria decidido; de acordo com o plano, tudo deveria estar pronto para aquele dia: os panfletos, os jornais, o rádio, os correios, o telégrafo, as armas. Em seguida perguntou a cada um se havia executado, para o sucesso daquele dia, as tarefas que lhe haviam sido determinadas. Dirigiu-se também a Xavier e perguntou-lhe se trouxera a lista.

Foi um momento atroz. Para ter certeza de não ser descoberto, Xavier havia muito tempo copiado a lista na última página de seu caderno de tcheco. O caderno estava na sua mochila, com os outros cadernos e os manuais. Mas onde estava a mochila? Não estava com ele!

O homem de boné repetiu a pergunta.

Meu Deus, onde estava a mochila? Xavier refletiu febrilmente e, do fundo de sua memória, emergiu uma lembrança vaga e inatingível, um sopro muito suave e cheio de felicidade; quis segurar aquela lembrança em pleno voo, mas não teve tempo: todos os rostos estavam voltados para ele e esperavam sua resposta. Teve que confessar que não levava a lista.

Os rostos dos homens entre os quais viera como um camarada entre camaradas endureceram, e o homem de boné disse-lhe com voz glacial que, se o inimigo se apoderasse da lista, a data em que haviam depositado todas as suas esperanças seria arruinada e voltaria a ser apenas uma data como todas as outras: vazia e morta.

Mas Xavier não teve tempo de responder. A porta abriu-se discretamente, um homem apareceu e assoviou. Era o sinal de alarme; antes que o homem do boné tivesse tempo de dar sua primeira ordem,

Xavier tomou a palavra: “Deixem-me sair primeiro”, disse ele, porque sabia que o caminho que então os esperava era perigoso e que o primeiro que saísse poria em risco a própria vida.

Xavier sabia que esquecera a lista e que precisava expiar seu erro. Mas não era apenas um sentimento de culpa que o empurrava para o perigo. Ele detestava a covardia que faz da vida uma meia-vida e dos homens meio-homens. Queria pôr sua vida na balança e que a morte estivesse no outro prato. Queria que cada um de seus atos, até mesmo cada dia, cada hora, cada segundo de sua vida fosse medido pelo supremo critério que é a morte. Era por isso que queria seguir à frente da coluna, andar sobre um fio acima do abismo, ter a auréola das balas ao redor da cabeça e assim crescer aos olhos de todos e tornar-se infinito como a morte é infinita...

O homem do boné olhava-o com olhos frios e severos onde pairava um brilho de compreensão.

“Pois bem, então vá!”, disse-lhe.

11

Ele atravessou uma porta metálica e viu-se num pátio estreito. Estava escuro, o tiroteio espocava ao longe, e quando levantava os olhos via deslocarem-se acima dos telhados os raios luminosos dos refletores. Em frente, uma estreita escada metálica conduzia ao telhado de um imóvel de cinco andares. Ele pôs os pés e começou a subir rapidamente. Os outros precipitaram-se atrás dele no pátio e imprensaram-se contra as paredes. Esperaram que ele já estivesse no telhado e que fizesse sinal de que o caminho estava livre.

Uma vez nos telhados, puseram-se a arrastar-se com prudência, mas Xavier continuava na frente; ele arriscava a vida e protegia os outros.

Avançava com atenção, com suavidade, avançava como um felino e seus olhos viam através da escuridão. Num determinado lugar ele parou e chamou o homem do boné para mostrar-lhe, embaixo deles, personagens negros que acorriam, tendo à mão armas curtas, e que sondavam a penumbra. “Continue a nos guiar”, disse o homem a Xavier.

E Xavier seguia, pulava de um telhado a outro, escalando pequenas escadas metálicas, escondendo-se atrás de chaminés para escapar aos refletores inoportunos que varriam sem cessar as casas, as beiras dos telhados e os canhões das ruas.

Era uma bela viagem de homens silenciosos transformados em bando de pássaros, passando pelo céu para evitar o inimigo vigilante, atravessando a cidade sobre as asas dos telhados para escapar às armadilhas. Era uma bela e longa viagem, mas uma viagem já tão longa que Xavier começava a sentir cansaço; aquele cansaço que embaralha os sentidos e enche o espírito de alucinações; ele pensava ouvir uma marcha fúnebre, a célebre marcha fúnebre de Chopin que as fanfarras tocam nos cemitérios.

Não diminuía o passo, tentando de todas as maneiras manter os sentidos acordados e fugir à funesta alucinação. Em vão; a música continuava a chegar-lhe, como que anunciando o fim próximo, como se alfinetasse àquele instante de luta o véu negro da morte futura.

Mas por que ele resiste tanto àquela alucinação? Será que não deseja que a grandeza da morte faça de sua corrida sobre os telhados um caminho inesquecível e imenso? A música fúnebre que lhe chega aos ouvidos como um presságio não é o mais belo acompanhamento de sua coragem? Não é sublime que seu combate seja também seu funeral e que seu funeral seja um combate, que a vida e a morte sejam tão magnificamente comprometidas entre si?

Não, o que assusta Xavier não é que a morte venha se anunciar, mas sim não poder confiar nos seus próprios sentidos, não poder mais (ele, de quem dependia a segurança dos companheiros!) perceber as armadilhas dissimuladas do inimigo, agora que tinha os ouvidos fechados pela melancolia líquida de uma marcha fúnebre.

Mas será realmente possível que uma alucinação pareça a tal ponto real que se possa ouvir a marcha de Chopin com todos os erros de ritmo e as notas erradas do trombone?

12

Ele abriu os olhos e viu um cômodo mobiliado por um armário arranhado e pela cama onde estava deitado. Constatou com satisfação que dormira vestido e que, portanto, não precisava trocar-se; contentou-se em calçar os sapatos jogados ao pé da cama.

Mas de onde vem essa triste fanfarra cujas notas parecem tão reais?

Aproximou-se da janela. Alguns passos à sua frente, numa paisagem onde a neve praticamente já desaparecera, havia imóvel, de costas para ele, um grupo de homens e mulheres vestidos de preto. Era um grupo desolado e triste, como a paisagem que o cercava; da neve brilhante restavam apenas alguns restos e faixas sujas sobre a terra úmida.

Abriu a janela e inclinou-se para fora. Agora compreendia melhor a situação. As pessoas de preto estavam reunidas ao redor de uma vala onde estava disposto um caixão. Do outro lado da vala, outros homens de preto tinham na boca instrumentos de cobre acima dos quais estavam presas pequenas estantes cobertas com partituras para onde se voltavam os olhares dos músicos; tocavam a marcha fúnebre de Chopin.

A janela ficava apenas um metro acima do chão. Xavier saltou-a e aproximou-se do grupo fúnebre. Nesse momento, dois camponeses

robustos passaram cordas sob o caixão, levantaram-no e fizeram-no descer lentamente. Um velho homem e uma velha mulher que faziam parte do grupo de pessoas vestidas de preto irromperam em soluços, e os outros tomaram-nos pelo braço, reconfortando-os.

Em seguida, o caixão foi depositado no fundo da cova e as pessoas de preto aproximaram-se uma após outra para jogar um punhado de terra sobre a tampa. Xavier foi o último a inclinar-se sobre o caixão, tomou na mão um punhado de terra com pedaços de neve e jogou-o na cova.

Ele era o único de quem ninguém nada sabia e era o único que estava a par de tudo. Só ele sabia por que e como a jovem loura havia morrido, só ele sabia que a mão do gelo instalara-se sobre os tornozelos dela para depois subir ao longo de seu corpo até o ventre e entre os seios, só ele sabia qual era a causa da sua morte. Só ele sabia por que ela pedira para ser enterrada ali, pois fora ali que mais sofrera e que desejara morrer por ter visto o amor traí-la e escapar-lhe.

Só ele sabia tudo; os outros estavam lá como espectadores que não compreendem, ou como a vítima que não compreende. Podia vê-los sobre o fundo de uma distante paisagem montanhosa e dizia consigo mesmo que estavam perdidos naquela paisagem distante como a morte estava perdida na terra; e que ele mesmo (porque sabia tudo) era ainda mais vasto que aquela distante paisagem úmida, e que tudo aquilo — os sobreviventes, a morte, os coveiros com suas pás e os campos e as montanhas — penetrava nele e dele desaparecia.

Estava totalmente tomado por aquela paisagem, pela tristeza dos sobreviventes e pela morte da jovem loura, e sentia-se repleto pela presença de todos, como se uma árvore tivesse crescido nele; sentia que crescera e seu próprio personagem real não lhe aparecia mais como um travesti, como um disfarce, como uma máscara de modéstia; e foi sob a

máscara de seu próprio personagem que se aproximou dos pais da morta (o rosto do pai lembrava-lhe os traços da jovem loura; estava vermelho de lágrimas) e apresentou-lhe suas condolências; eles estenderam-lhe a mão com um ar ausente e Xavier podia sentir-lhes as mãos frágeis e insignificantes dentro de sua palma.

Depois ficou um longo tempo encostado à parede do chalé onde dormira por tanto tempo, e acompanhou com os olhos as pessoas que haviam assistido ao enterro e dispersavam-se em pequenos grupos, desaparecendo lentamente na distância úmida. Subitamente, sentiu que alguém o acariciava: ah, sim, sentiu o contato de uma mão sobre o seu rosto. Estava certo de entender o sentido daquela carícia e aceitou-a de bom grado; sabia que era a mão do perdão; que a jovem o fazia compreender que não cessara de amá-lo e que o amor persiste além do túmulo.

13

Era uma queda através de seus sonhos.

Os mais belos momentos eram aqueles em que um sonho ainda durava, enquanto outro começava a nascer, e no qual ele despertava.

Aquelas mãos que o acariciavam enquanto se manteve imóvel na paisagem montanhosa pertencem à mulher de outro sonho onde vai recair em breve, mas Xavier ainda não sabe disso e, por enquanto, aquelas mãos só existem sozinhas, nelas mesmas; são mãos miraculosas num espaço vazio; mãos entre duas aventuras, entre duas vidas; mãos que não são estragadas nem pelo corpo nem pela cabeça.

Que esta carícia de mãos sem corpo dure o mais longo tempo possível!

Depois ele sentiu, não apenas a carícia das mãos, mas o contato de seios opulentos e macios que se comprimiam contra seu peito, percebeu o rosto de uma mulher morena e ouviu sua voz: “Acorde! Meu Deus, acorde!”.

Havia sob ele uma cama amassada e ao redor um quarto acinzentado com um grande armário. Xavier lembrou-se de que estava na casa da ponte Carlos.

“Sei que você ainda queria dormir por muito tempo”, dizia a mulher como se quisesse desculpar-se, “mas eu precisava acordá-lo. Estou com medo.”

“De que tem medo?”

“Meu Deus, você não sabe de nada”, disse a mulher. “Escute!”

Xavier calou-se e esforçou-se para escutar com atenção: podia ouvir o ruído de um tiroteio ao longe.

Pulou da cama e correu para a janela; grupos de homens em uniforme de trabalho, com metralhadoras a tiracolo, passavam pela ponte Carlos.

Era como uma lembrança que se busca através de várias muralhas; Xavier sabia bem o que significavam aqueles grupos de homens armados que montavam guarda na ponte, mas havia alguma coisa que não conseguia lembrar, alguma coisa que lhe permitiria elucidar sua própria atitude em relação ao que via. Sabia que tinha um papel naquela cena e que se estava ausente dela era em consequência de um erro, que ele era como o ator que se esqueceu de entrar em cena e a peça acontece sem ele, estranhamente mutilada. E, bruscamente, lembrou-se.

E, no momento em que se lembrou, procurou com os olhos no quarto e sentiu-se aliviado: a mochila ainda estava lá, encostada à parede num canto; ninguém a levava. Aproximou-se dela num salto e abriu-a. Tudo

estava lá: o caderno de matemática, o caderno de tcheco, o manual de ciências naturais. Apanhou o caderno de tcheco, abriu-o ao contrário e novamente sentiu-se aliviado: a lista que o homem do boné lhe pedira estava cuidadosamente copiada, em uma pequena letra bem legível, e Xavier alegrou-se com a ideia que tivera de disfarçar aquele documento importante num caderno de escola, do outro lado de onde se podia ler uma composição sobre o tema *A chegada da primavera*.

“O que você está procurando aí dentro, por favor?”

“Nada”, disse Xavier.

“Preciso de você, preciso de sua ajuda. Veja o que está acontecendo. Eles estão entrando em todas as casas, prendendo, fuzilando.”

“Não tenha medo de nada”, disse ele, rindo. “Eles não podem fuzilar ninguém!”

“Como é que você pode saber?”, protestou a mulher.

Como é que podia saber? Nem ele sabia muito bem: a lista com todos os inimigos do povo que deveriam ser executados no primeiro dia da revolução estava no seu caderno: era realmente verdade que as execuções não poderiam acontecer. Aliás, pouco lhe importava a angústia daquela bela mulher; ele ouvia o tiroteio, via os homens que montavam guarda na ponte e pensava que aquele dia que preparara com entusiasmo junto a seus camaradas de combate finalmente chegara e que, durante aquele tempo, ele dormia; que estava fora, em outro quarto e em outro sonho.

Queria partir, queria ir imediatamente juntar-se aos homens uniformizados, queria entregar-lhes a lista que só ele possuía e sem a qual a revolução era cega, não sabendo quem prender e a quem fuzilar. Mas logo pensou que era impossível: ele não conhecia a senha daquele dia, havia algum tempo era considerado um traidor e ninguém

acreditaria nele. Estava em outra vida, em outra aventura e era incapaz de salvar desta vida aquela outra vida em que não estava mais.

“O que é que você tem?”, insistiu a mulher, angustiada.

E Xavier pensou que, se não podia salvar aquela vida perdida, precisava tornar maior a vida que vivia naquele momento. Virou-se para a bela mulher de curvas generosas e compreendeu que precisava abandoná-la, pois era lá embaixo que estava a vida, fora, do outro lado da janela, lá embaixo, de onde lhe chegava o crepitar do tiroteio que se assemelhava aos trinados do rouxinol.

“Aonde você quer ir?”, exclamou a mulher. Xavier sorriu e mostrou a janela.

“Você prometeu me levar!”

“Faz muito tempo.”

“Quer me trair?”

Ela ajoelhou-se diante dele e abraçou-lhe as pernas.

Ele a olhou e pensou que era bonita e que seria duro abandoná-la. Mas o mundo, do outro lado da janela, era mais lindo ainda. E, se por aquele mundo abandonasse uma mulher amada, ele lhe seria ainda mais caro. Do preço do seu amor traído.

“Você é linda”, disse ele, “mas preciso traí-la.”

Desvencilhou-se do seu abraço e avançou na direção da janela.

Terceira parte

ou

O POETA SE MASTURBA

1

No dia em que Jaromil mostrou seus poemas à sua mãe, ela esperou em vão o marido, e esperou também em vão no dia seguinte e nos que se seguiram.

Em recompensa, recebeu da Gestapo uma comunicação oficial informando-lhe que o marido estava preso. Lá pelo fim da guerra, recebeu outra comunicação oficial informando-lhe que ele morrera num campo de concentração.

Se seu casamento fora triste, sua viuvez foi grande e gloriosa. Ela encontrou uma grande fotografia do marido datada da época em que se haviam conhecido, arranjou-a numa moldura dourada e pendurou-a na parede.

Pouco depois, a guerra acabou com uma grande alegria dos habitantes de Praga, os alemães evacuaram a Boêmia, e mamãe começou uma vida que realçava a austera beleza da renúncia; como o dinheiro que no passado havia herdado de seu pai acabara, ela precisou despedir a empregada; com a morte de Alik recusou-se a comprar outro cachorro, e precisou procurar um emprego.

Houve ainda outras mudanças: sua irmã decidiu deixar o apartamento em que morava no centro de Praga para o filho que acabara de se casar, e mudou-se com o marido e o filho mais novo para o térreo da casa da família, enquanto a avó instalou-se num quarto no andar da viúva.

Mamãe desprezava seu cunhado desde que o ouvira afirmar que Voltaire era um físico que inventara os volts. Sua família era barulhenta e entregava-se complacentemente a diversões primitivas; a vida alegre que se espalhava pelos cômodos do térreo era separada, por espessas fronteiras, do território da melancolia que ocupava o andar superior.

No entanto, nessa época, mamãe conduzia-se com mais retidão que no passado. Dizia-se que levava na cabeça (a exemplo das mulheres dálmatas que assim carregavam cestas de uvas) a urna invisível do marido.

2

No banheiro, frascos de perfume e tubos de creme estão arrumados sobre uma prateleira abaixo do espelho, mas mamãe quase não se utiliza deles para os cuidados com a pele. Se frequentemente demora-se diante desses objetos é porque lembram-lhe seu defunto pai, a drogaria (que há muito tempo pertence ao detestado cunhado) e os longos anos de vida indiferente na casa.

O passado vivido com seus pais e seu marido ilumina-se com a luz nostálgica do sol já escondido. Esse clarão nostálgico a dilacera; ela compreende que aprecia tarde demais a beleza daqueles anos, agora que não estão mais ali, e censura-se por ter sido uma esposa ingrata. Seu marido expunha-se mais aos grandes perigos, roía-se de preocupações e, para não perturbar sua tranquilidade, nunca lhe dizia uma palavra sequer e ainda hoje ela ignora por que razão foi preso, a que movimento de resistência pertencia e que papel poderia nele desempenhar; ela não sabe nada e acha que esta é uma dor infame que lhe é imposta para puni-la por ter sido uma mulher limitada e por não ter visto na atitude do marido nada mais que a marca da indiferença. O simples pensamento

de ter-lhe sido infiel no momento em que ele corria os mais sérios perigos faz com que sinta desprezo por si mesma.

Agora se olha no espelho e constata com surpresa que seu rosto continua jovem e até mesmo, parece-lhe, inutilmente jovem, como se fosse por engano e injustamente que o tempo o havia esquecido sobre seu pescoço. Recentemente soube que foi vista na rua com Jaromil e que os tomaram por irmão e irmã; ela acha isso engraçado. Mas até que gostou; desde esse dia, é uma grande alegria para ela ir ao teatro ou ao concerto com seu filho.

Aliás, o que lhe restava além disso?

A avó perdera a memória e a saúde, nunca saía de casa, cerzia as meias de Jaromil e passava os vestidos da filha. Estava cheia de tristeza e lembranças, cheia de uma solicitude preocupada. Ela criava ao seu redor uma atmosfera melancolicamente magnetizante e reforçava o caráter feminino do meio (o meio de uma viuvez dupla) que cercava Jaromil em casa.

3

As paredes do quarto de Jaromil não estavam mais enfeitadas com suas frases de criança (mamãe as guardara contrariada num armário), mas com vinte pequenas reproduções de pinturas cubistas e surrealistas que ele recortara de revistas e colara sobre cartolina. Entre elas podia-se ver, preso à parede, um fone com uma ponta de fio cortado (alguém viera consertar o telefone da casa algum tempo atrás e Jaromil via no fone defeituoso arrancado do aparelho o tipo de objeto que, retirado de seu meio habitual, produz uma impressão mágica e pode perfeitamente ser qualificado de *objeto surrealista*). Mas a imagem que ele passava mais tempo examinando estava dentro da moldura do espelho pendurado na

mesma parede. Não havia nada que estudasse mais cuidadosamente do que seu próprio rosto, nada que o atormentasse mais, e nada (nem que o preço fosse um esforço obstinado) em que investisse mais esperança.

Aquele rosto assemelhava-se ao rosto maternal, mas, como Jaromil era um homem, a delicadeza dos traços era muito mais impressionante: tinha um nariz bonito e fino e um pequeno queixo ligeiramente recuado. Esse queixo causava-lhe muita preocupação; ele lera na célebre meditação de Schopenhauer que o queixo recuado é um traço especialmente repugnante, pois é exatamente pelo queixo proeminente que o homem distingue-se do macaco. Mas logo descobriu uma fotografia de Rilke e constatou que também ele tinha o queixo recuado, o que lhe trouxe um precioso conforto. Olhava-se longamente no espelho e debatia-se desesperadamente naquele espaço gigantesco entre o macaco e Rilke.

Na verdade, seu queixo era apenas moderadamente recuado e sua mãe achava, com razão, que o rosto do filho tinha o charme de um rosto de criança. Mas isso atormentava Jaromil ainda mais que seu queixo: a delicadeza de seus traços deixava-o vários anos mais jovem, e como seus colegas de classe tinham um ano a mais que ele, o aspecto infantil de sua fisionomia era ainda mais acentuado, mais irrefutável, e cada dia mais era objeto de inúmeros comentários, não permitindo que Jaromil se esquecesse disso nem por um instante.

Ah, que fardo carregar tal rosto! Como era pesado aquele desenho sutil dos traços!

(Jaromil algumas vezes tinha sonhos assustadores: sonhava que precisava erguer um objeto extremamente leve, uma xícara de chá, uma colher, uma caneta, e não conseguia, que quanto mais leve era o objeto mais fraco era ele, que *sucumbia sob sua leveza*; aqueles sonhos eram

pesadelos e Jaromil acordava encharcado; parece-nos que esses sonhos tinham como tema seu rosto frágil desenhado num traçado rendilhado, que ele tentava em vão rasgar e jogar fora.)

4

Nas casas em que os poetas viram a luz do dia reinam as mulheres: a irmã de Trakl e as de Iessenin e de Maiakóvski, as tias de Blok, a avó de Hölderlin e a de Lermontov, a ama de leite de Puchkin e sobretudo, é claro, as mães, as mães dos poetas, atrás das quais empalidece a sombra do pai. Lady Wilde e Frau Rilke vestiam seus filhos de menina. Causa-lhes espanto que o menino olhe-se angustiado no espelho? *É tempo de tornar-se homem*, escreveu Jiri Orten em seu diário. Durante toda a vida o poeta buscará a virilidade de seus traços em seu rosto.

Quando se olhava por muito tempo no espelho, acabava por encontrar o que procurava: a dureza do olhar ou a linha severa da boca; mas para isso precisava evidentemente impor-se um sorriso, ou talvez certo ricto que lhe contraía violentamente o lábio superior. Procurava também um penteado que lhe modificasse a fisionomia: tentava levantar os cabelos acima da testa para dar a impressão de um tufo espesso e selvagem; mas, infelizmente, seus cabelos que a mãe amava mais do que tudo, a ponto de guardar uma mecha dentro de um medalhão, eram o que se podia imaginar de pior: amarelos como a penugem dos pintos recém-nascidos e finos como as sementes de dentes-de-leão: e era impossível lhes dar uma forma; mamãe sempre lhe acariciava a cabeça e dizia que eram cabelos de anjo. Mas Jaromil detestava os anjos e amava os demônios; tinha vontade de pintar os cabelos de preto, mas não ousava, porque pintar os cabelos era ainda mais afeminado do que

mantê-los louros; ao menos os deixava crescer bastante e usava-os hirsutos.

Ele não perdia uma ocasião de verificar e de retificar sua aparência; não passava diante de uma vitrine sem dar uma rápida olhadela. Mas quanto mais cuidava de sua aparência, mais se conscientizava dela e parecia-lhe mais importuna e dolorosa. Por exemplo:

Ele está voltando do colégio. A rua está deserta mas, de longe, ele vê uma jovem desconhecida que avança em sua direção. Aproximam-se um do outro irremediavelmente. Jaromil pensa no seu rosto, pois viu que a mulher é bonita. Tenta estampar nos lábios seu sorriso comprovado de homem durão, mas sente que não consegue. Pensa cada vez mais no seu rosto cuja pueril feminilidade o faz parecer ridículo aos olhos das mulheres, encarna-se por inteiro nesse rostinho derrisório que se congela, se petrifica e (tragédia!) enrubesce! Apressa então o passo para evitar tanto quanto possível o risco de que a mulher ponha os olhos sobre ele, pois, se se deixar surpreender por uma linda mulher no momento em que enrubesce, não suportará essa vergonha!

5

As horas passadas diante do espelho faziam-no tocar o fundo do desespero; felizmente havia um espelho que o levava até as estrelas. Esse espelho sublime eram seus versos; havia a nostalgia dos que ele ainda não escrevera, e dos que já escrevera lembrava-se deleitado, como se costuma lembrar das mulheres; ele não era apenas o autor, mas era também o teórico e o historiador; redigia comentários sobre o que havia escrito, repartia sua produção em diferentes períodos e a cada um deles dava um nome, o que fez com que num espaço de dois ou três anos

considerasse sua obra poética como um processo histórico digno de um historiógrafo.

Havia aí um consolo: *embaixo*, onde vivia sua vida cotidiana, onde ia à escola, almoçava com a mãe e com a avó, desenrolava-se uma vida inarticulada; mas *no alto*, nos seus poemas, ele punha balizas, fincava postes indicadores marcados com inscrições; aqui o tempo era articulado e diferenciado; passava de um período poético a outro e podia (olhando para baixo de canto de olho, para aquela horrível estagnação sem acontecimentos) anunciar para si mesmo, num êxtase engrandecido, o advento de uma nova era que abriria para a sua imaginação horizontes inimagináveis.

E podia também ter a firme e tranquila certeza de carregar dentro de si, apesar da insignificância de sua fisionomia (e também de sua vida), uma riqueza excepcional; em outras palavras: a certeza de ser um *eleito*.

Detenhamo-nos nesta palavra.

Jaromil continuava a frequentar a casa do pintor, não muito assiduamente, é verdade, porque sua mãe não fazia muita questão; havia muito deixara de desenhar, mas um dia tivera a audácia de mostrar-lhe seus versos e desde então levava-os todos. O pintor os lia com ardente interesse e acontecia-lhe guardá-los para mostrar aos amigos, o que levava Jaromil ao auge da felicidade, pois o pintor, que no passado mostrara-se tão cético em relação aos seus desenhos, tornara-se para ele uma autoridade inabalável; estava convencido de que existe (cuidadosamente conservado na consciência dos iniciados) um critério objetivo que permite avaliar os valores artísticos (da mesma forma que se conserva no Museu de Sèvres um metro-padrão de platina) e que o pintor conhecia esse critério.

Mas de qualquer maneira havia aí alguma coisa irritante: Jaromil jamais pudera discernir o que o pintor apreciava nos seus poemas e o que rejeitava; às vezes ele fazia elogios a versos que Jaromil escrevera com pressa, e outras vezes afastava com ar entediado outros versos de que Jaromil gostava muito. Como explicar isso? Se Jaromil não era capaz de compreender ele mesmo o valor daquilo que escrevia, não seria correto concluir que ele criava valores maquinalmente, fortuitamente, sem sabê-lo e sem querê-lo, portanto sem nenhum mérito — da mesma forma que no passado encantara o poeta com um universo de homens cinocéfalos que descobrira absolutamente ao acaso?

“Claro”, disse-lhe o poeta, num dia em que abordaram este tema. “Você acha talvez que uma imagem fantástica que tenha usado em seu poema é o resultado de um raciocínio? De jeito nenhum: ela lhe caiu, de uma só vez; sem que esperasse por isso; o autor dessa imagem não é você, mas alguém dentro de você, alguém dentro de você que escreve o seu poema. E esse alguém que escreve o seu poema é o fluxo todo-poderoso do inconsciente que passa em cada um de nós; não é mérito seu se essa corrente em que somos todos iguais escolheu fazer de você o seu instrumento.”

No espírito do pintor, essas palavras eram uma lição de modéstia, mas Jaromil encontrava aí também uma faísca para seu orgulho; certo, não fora ele quem criara as imagens de seu poema; mas fora exatamente algo de misterioso que escolhera a sua mão de escritor; podia, portanto, orgulhar-se de alguma coisa maior que o *mérito*; podia orgulhar-se da sua *qualidade de eleito*.

Aliás, nunca se esquecera do que havia dito a mulher da pequena estação termal: *esta criança tem um grande futuro pela frente*. Acreditava naquelas palavras como se fossem profecias. O futuro eram lugares

remotos e desconhecidos onde uma vaga imagem da revolução (o pintor falava sempre de sua fatalidade) misturava-se a uma vaga imagem da liberdade boêmia dos poetas; ele sabia que encheria aquele futuro com sua glória e este saber trazia-lhe a certeza que nele habitava (autônoma e livre) ao lado de todas as incertezas que o atormentavam.

6

Ah, a longa tristeza das tardes em que Jaromil fica fechado no quarto e olha sucessivamente nos seus dois espelhos!

Como é possível? Ele leu em toda parte que, na vida, a juventude é o período de maior plenitude! De onde vem então esse não ser, esse dispersar da matéria viva? De onde vem esse *vazio*?

Essa palavra era tão desagradável quanto a palavra fracasso. E havia outras palavras que ninguém devia pronunciar diante dele (ao menos em casa, essa metrópole do vazio). Por exemplo, a palavra *amor* ou a palavra *garotas*. Como podia detestar as três pessoas que habitavam o térreo da casa! Lá havia sempre convidados que ficavam até tarde da noite e podiam-se ouvir vozes embriagadas e, entre elas, vozes femininas agudas que dilaceravam a alma de Jaromil encolhido sob o cobertor e impedido de dormir. Seu primo tinha apenas dois anos mais que ele, mas aqueles dois anos erguiam-se entre eles como os Pireneus separando dois séculos diferentes; o primo, que era estudante, levava lindas garotas para a mansão (com a cumplicidade sorridente dos pais) e desprezava vagamente Jaromil; o tio raramente estava presente (tinha muito trabalho com as lojas que herdara), mas em compensação a voz da tia ressoava pela casa; cada vez que ela encontrava Jaromil fazia-lhe a pergunta estereotipada: *Então, como vai com as garotas?* Jaromil lhe teria cuspidido na cara satisfeito pois essa pergunta, feita com uma jovial

condescendência, expunha toda a sua desgraça. Não que não tivesse nenhuma companhia feminina, mas esses contatos eram tão raros que os seus encontros eram tão distantes um do outro quanto estrelas no universo. A palavra garota soava com tanta tristeza aos seus ouvidos quanto a palavra nostalgia e a palavra fracasso.

Se o seu tempo não era absolutamente preenchido pelos encontros femininos, era inteiramente preenchido pela espera desses encontros, e essa espera não era uma simples contemplação do futuro, mas uma preparação e um estudo. Jaromil estava convencido de que o essencial, para que um encontro tivesse êxito, era não cair num silêncio incômodo e saber falar. Um encontro com uma garota era antes de mais nada a arte da conversa. Para isso mantinha um caderno especial onde escrevia as histórias que considerava dignas de serem contadas; não histórias engraçadas, pois estas não podiam revelar nada de pessoal sobre quem as conta. Anotava aventuras que lhe haviam acontecido pessoalmente; e como nunca lhe acontecia nenhuma, imaginava-as; quanto a isso demonstrava bom gosto; as aventuras que inventava (ou de que se lembrava por ter lido num livro ou ter ouvido contar), e das quais era o herói, não deviam representá-lo sob um prisma heroico, mas apenas transportá-lo delicadamente, quase imperceptivelmente, do mundo da estagnação e do vazio para o mundo do movimento e da aventura.

Anotava também diferentes trechos de poemas (e, diga-se de passagem, não poemas que admirasse pessoalmente), nos quais os poetas referiam-se à beleza feminina e que podiam passar por uma partilha espontânea. Por exemplo, escrevera em seu caderno o verso: *Do teu rosto poder-se-ia fazer uma insígnia: os olhos, a boca, os cabelos...* Evidentemente, era preciso separar o verso do artifício do ritmo e dizê-lo à garota como se fosse uma ideia repentina e natural, um cumprimento espiritual e

espontâneo: *Teu rosto parece uma insígnia! Teus olhos, tua boca, teus cabelos. Não posso aceitar outra bandeira!*

Durante todo o encontro, Jaromil pensa em suas frases previamente preparadas e teme que sua voz não pareça natural, que suas frases tenham o efeito de uma lição decorada e que seu tom seja o de um amador sem talento. O que faz com que não ouse dizê-las, mas, como elas absorvem toda a sua atenção, não consegue dizer mais nada. O encontro acontece em meio a um doloroso silêncio. Jaromil percebe a ironia dos olhares da garota e rapidamente vai embora com um sentimento de fracasso.

De volta à casa, senta-se à mesa e escreve com raiva, rapidamente e com rancor: *Os olhares escorrem de teus olhos como urinal/ Dou tiros de fuzil nos pardais amedrontados dos teus pensamentos imbecis/ Entre tuas pernas há um charco de onde pulam multidões de sapos...*

Continua a escrever e escrever e depois lê satisfeito, várias vezes seguidas, o texto em que a fantasia lhe parece magnificamente demoníaca.

Sou um poeta, sou um grande poeta, ele pensa, e depois escreve esse pensamento em seu diário. *Sou um grande poeta, tenho uma imaginação demoníaca, sinto o que os outros não sentem...*

E, enquanto isso, mamãe também chega e entra no quarto dela...

Jaromil aproxima-se do espelho e observa longamente seu rosto pueril e detestado. Observa-o por tanto tempo que acaba por ver o brilho de um ser excepcional, de um ser eleito.

E no quarto vizinho mamãe põe-se na ponta dos pés para tirar da parede o retrato do marido em sua moldura dourada.

Ela acaba de saber que o marido tinha, bem antes da guerra, ligação com uma jovem judia; quando os alemães ocuparam a Boêmia e os judeus foram obrigados a usar na rua a infamante estrela amarela nos sobretudos, ele não a abandonou, continuou a vê-la e a fazer de tudo para ajudá-la da melhor maneira possível.

Depois, ela foi deportada para o gueto de Terezín e ele fez uma coisa impensada: com a ajuda de policiais tchecos, conseguiu introduzir-se na cidade rigorosamente vigiada e ver a amante durante alguns minutos. Seduzido pelo êxito, foi a Terezín pela segunda vez e deixou-se prender; nunca mais voltou, nem a amante.

A urna invisível, que mamãe levava na cabeça, está agora guardada atrás do armário com o retrato do marido. Ela não precisa mais andar com a cabeça erguida, não tem mais por que erguê-la já que toda a grandeza moral fica liquidada por outras:

Ainda pode ouvir a voz da velha judia, uma parenta da amante de seu marido, que lhe contou tudo: “É o homem mais corajoso que já conheci”. E: “Fiquei sozinha no mundo. Toda a minha família morreu no campo de concentração”.

A judia estava sentada em frente a ela em toda a glória de sua dor, enquanto a dor que mamãe sentia naquele instante era sem glória; sentia aquela dor curvâ-la miseravelmente.

8

*Ó vós, montes de feno que fumegais vagamente
Talvez fumegueis o tabaco de seu coração*

ele escrevia, e imaginava o corpo de uma jovem enterrada num campo.

A morte aparecia com muita frequência em seus poemas. Mas mamãe enganava-se (ela era sempre a primeira leitora de todos os seus versos) quando tentava explicar isso como uma maturidade precoce de seu filho enfeitiçado pelo trágico da vida.

A morte de que falavam os poemas de Jaromil tinha pouca coisa em comum com a morte real. A morte torna-se real quando começa a penetrar no interior do homem através das fissuras do envelhecimento. Mas, para Jaromil, ela estava infinitamente distante; ela era abstrata; para ele a morte não era uma realidade, mas um sonho.

Mas o que ele procurava nesse sonho?

Procurava a imensidão. Sua vida estava desesperadamente pequena, tudo o que o cercava era sem graça e cinza. E a morte é absoluta; é indivisível e indissolúvel.

A presença de uma garota era irrisória (algumas carícias e muitas palavras insignificantes), mas sua ausência absoluta era infinitamente grandiosa; ao imaginar uma jovem enterrada num campo, ele subitamente descobriu a nobreza da dor e a grandeza do amor.

Mas não era apenas o absoluto, era também a felicidade que buscava nos seus sonhos sobre a morte.

Sonhava com o corpo que se dissolve lentamente na terra e achava sublime esse ato de amor no qual o corpo se transforma em terra, longa e voluptuosamente.

O mundo o feria constantemente; ele enrubescia diante das mulheres, sentia vergonha e por todo lado só via zombaria. Em seus sonhos sobre a morte, encontrava o silêncio, ali se vivia uma vida lenta, muda e feliz. Sim, a morte, tal como a imaginava Jaromil, era uma morte *vivida*: assemelhava-se estranhamente àquele período em que o homem não precisa entrar no mundo porque ele é um mundo em si mesmo e que se

ergue acima dele, como uma abóbada protetora, o arco interior do ventre materno.

Nessa morte que se assemelhava a uma felicidade sem fim, ele desejava estar ligado à mulher amada. Num de seus poemas, os amantes abraçavam-se a ponto de incrustarem-se um no outro e passarem a formar um só ser que, incapaz de mover-se, transformava-se lentamente num mineral e durava eternamente sem sofrer os efeitos do tempo.

Em outra parte imaginava dois amantes que permaneciam por tanto tempo juntos um ao outro que acabavam sendo recobertos por espuma e transformando-se também em espuma; depois alguém punha o pé por acaso sobre eles e (no momento em que a espuma desabrochou) eles se elevavam no espaço, inenarravelmente felizes, como se apenas o voo pudesse ser feliz.

9

Então acham que o passado, porque já foi, está acabado e imutável? Ah não, sua vestimenta é feita de um tafetá furta-cor, e cada vez que nos voltamos para ele podemos vê-lo com outras cores. Não faz muito tempo, ela censurava-se por ter traído o marido por causa do pintor, e agora arranca os cabelos porque traiu seu único amor por causa do marido.

Como foi covarde! Seu engenheiro vivia um grande amor romântico e ela era a doméstica a quem se deixava apenas a casca da vida cotidiana. E estava tão triste e arrependida de que sua aventura com o pintor tivesse desmoronado sobre ela sem que tivesse tido tempo de vivê-la. Agora podia ver muito bem: rejeitara a única grande chance que a vida oferecera ao seu coração.

Pôs-se a pensar no pintor com uma louca obstinação. O mais admirável é que suas lembranças não faziam com que ele revivesse no cenário do ateliê de Praga onde vivera com ele dias de amor sensual, mas sobre o fundo de uma paisagem pastel com um rio, um barco e as arcadas Renascença de uma pequena estação termal. Seu paraíso do coração, ela encontrava nas tranquilas semanas de veraneio quando o amor ainda não nascera, mas apenas acabara de ser concebido. Tinha vontade de ir ao encontro do pintor para pedir-lhe que voltasse àquele lugar com ela e que recomeçassem a viver a história de seu amor e a vivessem naquele cenário pastel, livremente, alegremente e sem constrangimentos.

Um dia ela subiu os degraus do último andar até a porta do apartamento dele. Mas não tocou, pois uma voz feminina chegou-lhe do interior.

Depois, ficou indo e vindo em frente ao imóvel, até que pôde vê-lo; vestia, como sempre, um casaco de couro, e dava o braço a uma mulher muito jovem a quem acompanhou até o ponto do bonde. Quando ele voltou, ela foi ao seu encontro. Ele a reconheceu e cumprimentou-a com ar surpreso. Ela fingia também estar surpresa por aquele encontro inesperado. Ele a convidou a subir. Seu coração começou a bater muito forte; sabia que ao primeiro contato furtivo se desmancharia nos seus braços.

Ele ofereceu-lhe vinho e mostrou-lhe novas telas; sorria amistosamente para ela como se sorri para o passado, não a tocou nem mesmo uma só vez e acompanhou-a até o ponto do bonde.

Um dia em que todos os alunos, na hora do recreio, comprimiam-se diante do quadro-negro, ele achou que o momento finalmente havia chegado; aproximou-se sem ser visto de uma garota da classe que ficara sozinha em seu lugar; havia muito ela lhe agradava e frequentemente trocavam longos olhares; sentou-se ao lado dela. Ao fim de um instante, quando os alunos, sempre levados, repararam neles, aproveitaram a ocasião para fazer uma brincadeira; saíram da sala de aula cacarejando e fecharam a porta a chave atrás deles.

Enquanto estava cercado pelo ombro de seus colegas, sentia-se natural e à vontade, mas, do momento em que se viu sozinho com a garota na sala de aula, teve a impressão de estar num palco iluminado. Tentou disfarçar seu embaraço por observações espirituosas (finalmente aprendera a dizer coisas diferentes das frases previamente preparadas). Disse que o gesto dos colegas era o exemplo da conduta mais ridícula; não trazia vantagem para quem a cometeria (agora eles teriam que esperar no corredor com uma curiosidade insatisfeita) e era vantajosa para aqueles a quem pretendiam atingir (eles estavam a sós como haviam desejado). A jovem concordou e disse que precisavam aproveitar a ocasião. O beijo estava suspenso no ar. Bastava inclinar-se sobre ela. Mas seus lábios estavam inacessivelmente longe; ele falava, falava, e não a beijava.

O sino tocou, o que significava que o professor chegaria de um momento para outro, obrigando os alunos reunidos em frente à porta a abrir a sala. Aquela ideia excitava-os. Jaromil disse que a melhor maneira de vingar-se dos colegas seria fazer com que sentissem inveja ao vê-los se beijando. Ele tocou com o dedo os lábios da garota (onde ia buscar tal audácia?) e disse que o beijo em lábios tão maquilados certamente deixaria uma marca bem visível em seu rosto. Novamente ela

concordou, dizendo que era uma pena que não se tivessem beijado, e assim que acabou de dizê-lo pôde-se ouvir a voz irritada do professor atrás da porta.

Jaromil disse que era uma pena que nem o professor nem os colegas vissem no seu rosto a marca do beijo, e novamente quis inclinar-se sobre a jovem e novamente seus lábios lhe pareceram tão inacessíveis quanto o monte Everest.

“Sim, eles precisariam ter inveja de nós”, disse a jovem, e tirou da bolsa um batom e um lenço, pintou o lenço de vermelho e borrou o rosto de Jaromil.

A porta se abriu, o professor enfurecido precipitou-se para dentro da sala de aula, seguido pela tropa de alunos. Jaromil e a jovem levantaram-se como os alunos devem fazer quando um professor entra em sala: eram os únicos em meio às fileiras de bancos vazios, frente a uma multidão de espectadores que tinham os olhos fixos no rosto de Jaromil coberto de magníficas manchas vermelhas. E ele se ofereceu ao olhar de todos, orgulhoso e feliz.

11

No seu escritório, um colega a cortejava. Era casado e tentava persuadi-la a convidá-lo a ir à sua casa.

Ela tentava descobrir como Jaromil receberia sua liberdade sexual. Prudentemente e por alusões, começou a falar de outras mulheres que haviam perdido o marido durante a guerra e das dificuldades que enfrentavam para começar uma vida nova.

“O que quer dizer por uma vida nova?”, replicou Jaromil, provocante. “Você quer dizer uma vida com outro homem?”

“Claro, é um aspecto da questão. A vida continua, Jaromil, e a vida tem suas exigências...”

A fidelidade da mulher ao herói morto fazia parte dos mitos sagrados de Jaromil; ela lhe dava a certeza de que o absoluto do amor não era apenas uma invenção de poeta, mas que existia realmente e tornava a vida digna de ser vivida.

“Como é que uma mulher que viveu um grande amor pode ir chafurdar na cama com outro?”, exclamava ele com indignação, a propósito das viúvas infiéis. “Como é que podem tocar outra pessoa quando têm na memória a imagem de um homem que foi torturado, assassinado? Como podem ainda supliciar a vítima, submetê-la à morte pela segunda vez?”

O passado usa vestimentas feitas de tafetá furta-cor. Mamãe rejeitou o simpático colega, e seu passado apareceu-lhe sob um novo prisma.

Pois não é verdade que ela tenha traído o pintor por causa do marido. Ela o abandonou por causa de Jaromil, por quem queria preservar a paz do seu lar! Se, ainda hoje, a ideia de sua nudez a enche de angústia, é devido a Jaromil que enfeou seu ventre. E é também devido a ele que perdeu o amor de seu marido, impondo-lhe seu nascimento, a qualquer preço e obstinadamente!

Desde o começo, ele lhe toma tudo.

12

Em outra ocasião (agora tinha atrás de si uma quantidade considerável de beijos verdadeiros) ele passeava pelas alamedas desertas do parque Stromovka com uma garota que conhecera na aula de dança. Fazia um momento que haviam parado de falar e seus passos ressoavam no silêncio, passos comuns que lhes revelavam repentinamente o que até

então não ousavam designar por um nome: que passeavam juntos e que, se passeavam juntos, era certamente porque se amavam; eram denunciados por seus passos ressoando no silêncio e seu caminhar era cada vez mais lento, de tal forma que a jovem apoiou a cabeça no ombro de Jaromil.

Era lindo, mas, antes que pudesse saborear aquela beleza, Jaromil sentiu que estava excitado e de uma maneira totalmente visível. Sentiu medo. Só desejava uma coisa, que a prova visível de sua excitação desaparecesse o mais rápido possível, mas, quanto mais pensava, menos seu desejo era atendido. Ele se apavorava com a ideia de que a garota pudesse baixar os olhos e ver aquele gesto comprometedor de seu corpo. Esforçava-se por atrair seu olhar para o alto, falava-lhe dos pássaros na folhagem e das nuvens.

O passeio fora cheio de felicidade (era a primeira vez que uma mulher apoiava a cabeça no seu ombro e ele via nesse gesto o sinal de uma ligação que deveria durar até o fim da vida), mas ao mesmo tempo cheio de vergonha. Jaromil temia que seu corpo repetisse aquela inoportuna indiscrição. Após uma longa reflexão, apanhou uma faixa comprida e larga no armário de sua mãe e, antes do encontro seguinte, amarrou-a sob as calças de tal forma que a eventual prova de sua emoção ficasse presa à sua perna.

13

Escolhemos este episódio entre dezenas de outros para indicar que a maior felicidade que Jaromil jamais conhecera era sentir uma cabeça de garota apoiada em seu ombro.

Uma cabeça de garota significava para ele mais do que um corpo de garota. No que se referia ao corpo, ele não conhecia quase nada (o que

são exatamente pernas bonitas? com que deve parecer um quadril bonito?), mas conhecia os rostos, e apenas o rosto decidia, a seus olhos, sobre a beleza de uma mulher.

Não queremos dizer com isso que o corpo lhe fosse indiferente. A ideia da nudez feminina lhe dava vertigem. Mas observemos cuidadosamente esta diferença sutil:

Ele não desejava a nudez de um corpo de garota; desejava um rosto de garota iluminado pela nudez do corpo.

Ele não desejava possuir um corpo de garota; desejava possuir um rosto de garota e que esse rosto lhe oferecesse um corpo como prova de seu amor.

Esse corpo estava além dos limites de sua experiência e, exatamente por essa razão, consagrava-lhe um número incalculável de poemas. Quantas vezes não tratou do sexo da mulher nos seus poemas de então? Mas, por um efeito milagroso da magia poética (a magia da inexperiência), Jaromil fazia desse órgão genital e copulador um objeto quimérico e tema de sonhos lúdicos.

Por exemplo, em um de seus poemas, falava de *um pequeno relógio que faz tique-taque* no centro do corpo feminino.

Em outro lugar falava do sexo feminino como o *lar de criaturas invisíveis*.

Em outro lugar ainda, deixava-se levar pela imagem do orifício e se imaginava uma bola de gude caindo longamente por esse orifício, a ponto de transformar-se apenas numa queda, *uma queda que não para de cair no interior do corpo feminino*.

E, em outro poema, as pernas da garota transformavam-se em dois rios que se encontravam; ele imaginava nessa confluência uma

misteriosa montanha que chamava por um nome inventado à consonância bíblica: o monte Sião.

Ainda em outra parte, falava da longa vadiagem de um ciclista (esta palavra parecia-lhe bela como o crepúsculo) que pedala cansado em meio à paisagem; esta paisagem é o corpo da garota, e os dois montes de feno onde gostaria de dormir são os seus seios.

É tão bonito vadiar sobre um corpo feminino, um corpo desconhecido, nunca visto, irreal, um corpo sem cheiro, sem pontos negros, sem pequenos defeitos nem doença, um corpo imaginado, um corpo que era o campo de jogo de seus sonhos!

Era tão fascinante falar do busto e do ventre femininos no mesmo tom com que se contam histórias de fadas para as crianças; sim, Jaromil vivia no país da ternura, que é o país da *infância artificial*. Dizemos artificial porque a infância real nada tem de paradisíaca e também não é tão terna assim.

A ternura nasce no instante em que somos jogados no limiar da idade adulta e quando nos damos conta, angustiados, das vantagens da infância que não compreendíamos quando éramos crianças.

A ternura é o pavor que nos inspira a idade adulta.

A ternura é a tentativa de criar um espaço artificial onde o outro deve ser tratado como uma criança.

A ternura é também o pavor das consequências físicas do amor; é uma tentativa de subtrair o amor do mundo dos adultos (onde ele é insidioso, constrangedor, pesado de carne e de responsabilidade) e de considerar a mulher como uma criança.

Bate suavemente o coração de sua língua, escrevia ele num poema. Ele imaginava que sua língua, seu dedinho, seu peito, seu umbigo eram seres autônomos que conversavam com uma voz imperceptível; imaginava

que o corpo da jovem era composto de milhares de criaturas, e que amar esse corpo era escutar as suas criaturas e ouvir *seus dois seios conversando numa língua secreta*.

14

O passado a atormentava. Mas num dia em que olhara longamente para trás, ela descobriu um hectare de Paraíso onde vivera com Jaromil recém-nascido, e precisou retificar seu julgamento: não, não era verdade que Jaromil lhe tomara tudo; muito pelo contrário, ele lhe dera muito mais do que qualquer outra pessoa jamais lhe havia dado. Dera-lhe um pedaço de vida que não estava manchado pela mentira. Nenhuma judia saída de um campo de concentração seria capaz de convencê-la de que aquela felicidade só escondia hipocrisia e vazio. Aquele hectare de Paraíso era a sua única verdade.

E o passado (era como virar um caleidoscópio) aparecia-lhe novamente sob um prisma diferente: Jaromil jamais lhe tomara nada de precioso, ele apenas arrancara a máscara dourada de algo que não passava de engano e mentira. Ele ainda não nascera quando a ajudara a descobrir que seu marido não a amava, e treze anos mais tarde a salvara de uma louca aventura que só poderia levá-la a um novo sofrimento.

Dizia para si mesma que a experiência vivida em comum na infância de Jaromil era para eles um engajamento e um pacto sagrado. Mas dava-se conta, cada vez com mais frequência, de que seu filho traía o pacto. Quando falava com ele, sentia que não a escutava e que tinha a cabeça cheia de pensamentos que não queria lhe confiar. Constatava que ele sentia vergonha diante dela, que começava a guardar com ciúme seus pequenos segredos, físicos e espirituais, e que se envolvia em véus através dos quais ela não conseguia enxergar.

Sofria e estava irritada. Naquele pacto que haviam redigido juntos quando ele era criança não estava escrito que ele sempre confiaria nela e nunca sentiria vergonha na sua frente?

Ela desejava que a verdade que haviam vivido juntos durasse para sempre. Como na época em que ele era pequeno e ela lhe mostrava a cada manhã o que deveria vestir e, pela escolha de sua roupa, estava presente durante todo o dia sob o que ele vestia. Quando sentiu que aquilo começava a desagradar-lhe, ela vingou-se chamando-lhe a atenção propositadamente sobre as menores manchas em sua roupa de baixo. Demorava-se com prazer no cômodo onde ele se vestia e se despia para puni-lo por seu insolente pudor.

“Jaromil, venha se mostrar”, disse-lhe ela certo dia em que tinha visitas. “Meu Deus, com que você está parecendo!”, indignou-se ao ver seu penteado cuidadosamente desganhado. Foi buscar um pente e, sem interromper a conversa com os convidados, tomou-lhe a cabeça entre as mãos e pôs-se a penteá-lo. E o grande poeta, que possuía uma imaginação demoníaca e que se assemelhava a Rilke, ficava comportadamente sentado, escarlate e furioso, e deixava-se pentear; ele só podia uma coisa, ostentar seu sorriso cruel (para o qual se exercitara durante longos anos) e deixá-lo endurecer em seu rosto.

Mamãe recuou alguns passos para apreciar sua obra com o pente e depois, virando-se para os convidados: “Meu Deus, poderia me dizer por que essa criança está fazendo uma careta tão feia!”.

E Jaromil jura para si mesmo estar sempre do lado daqueles que querem radicalmente transformar o mundo.

Quando chegou no meio deles, a discussão já atingia o auge; tratava-se de saber o que significa o progresso e se ele existe. Ele olhou ao redor e constatou que o círculo de jovens marxistas para o qual um colega do colégio o havia convidado era composto dos mesmos jovens que se podiam ver em todos os colégios de Praga. A atenção certamente era muito maior do que durante as discussões que o professor de tcheco tentava organizar em sala, mas também aqui havia bagunceiros; um deles tinha na mão uma flor-de-lis que fungava a todo instante, o que fazia com que os outros gargalhassem, a tal ponto que o sujeito moreno em cuja casa acontecia a reunião acabou por confiscar-lhe a flor.

Depois ele ficou de orelha em pé, porque um dos participantes afirmava que não se pode falar de progresso em arte; não se pode dizer, explicava ele, que Shakespeare seja inferior aos autores dramáticos contemporâneos. Jaromil sentia um desejo enorme de intervir na discussão, mas hesitava em tomar a palavra diante de pessoas com as quais não estava habituado; tinha medo de que todo mundo olhasse seu rosto, que ia enrubescer, e suas mãos, que iam se agitar nervosamente. No entanto, desejava tão intensamente *ligar-se* àquele pequeno grupo, e sabia que não o conseguiria sem tomar a palavra.

Para tomar coragem, pensou no pintor e na sua grande autoridade, de que nunca duvidara, e tranquilizou-se com a ideia de que era seu amigo e seu discípulo. Esse pensamento deu-lhe forças para intervir no debate, e ele repetiu as ideias que ouvia durante suas visitas ao ateliê. O fato de que se servisse de ideias que não fossem suas é muito menos importante do que o fato de que não as expressava com sua própria voz. Ele mesmo estava um pouco surpreso em constatar que a voz que lhe saía da boca parecia-se com a do pintor, e que aquela voz interferia também em suas mãos que começavam a descrever no ar gestos do pintor.

Disse que o progresso nas artes é incontestável: as tendências da arte moderna significavam uma revolução total na evolução milenar; elas finalmente haviam liberado a arte da obrigação de propagar ideias políticas e filosóficas e de imitar a realidade, e podia-se até dizer que é com a arte moderna que começa a verdadeira história da arte.

Nesse momento, várias pessoas presentes quiseram intervir, mas Jaromil não permitiu que tomassem a palavra. No início era desagradável para ele ouvir o pintor falando por sua boca, com as suas palavras e a melodia de seu discurso, mas depois viu nesse empréstimo uma garantia e uma proteção; escondia-se atrás daquela máscara como se fosse um escudo; já não se sentia tímido e incomodado; estava satisfeito de que suas frases soassem bem naquele meio e prosseguiu.

Referiu-se ao pensamento de Marx, que dizia que a humanidade havia até então vivido sua pré-história e que sua verdadeira história só começaria com a revolução do proletariado, que é a passagem do domínio da necessidade para o domínio da liberdade. O que correspondia a essa etapa decisiva, na história da arte, era o momento em que André Breton e os outros surrealistas haviam descoberto a escrita automática e com ela o milagroso tesouro do inconsciente humano. O fato de que essa descoberta tenha acontecido mais ou menos ao mesmo tempo que a revolução socialista na Rússia era altamente significativo, pois a liberação da imaginação significava para o gênero humano o mesmo salto para o reino da liberdade que a abolição da exploração econômica.

Nesse momento, o sujeito moreno interveio na discussão; ele aprovou a defesa de Jaromil sobre o princípio do progresso, mas julgou contestável a classificação do surrealismo no mesmo plano da revolução proletária. Expressou, ao contrário, a opinião de que a arte moderna era

uma arte decadente e que, na arte, a época que correspondia à revolução do proletariado era o realismo socialista. Não era André Breton, mas sim Jiri Wolker, fundador da poesia socialista tcheca, quem deveria servir-nos de modelo. Não era a primeira vez que Jaromil via-se em confronto com concepções desse gênero; sobre isso o pintor já lhe falara e escarnecera. Jaromil tentou então o tom sarcástico e disse que o realismo socialista nada trazia de novo à arte e parecia se confundir mais com o velho kitsch burguês. Ao que o sujeito moreno respondeu que só era moderna a arte que ajudasse a lutar por um mundo novo, o que não era o caso do surrealismo, já que as massas populares não o compreendiam.

O sujeito moreno desenvolvia seus argumentos com elegância e sem elevar a voz, de maneira a que a discussão nunca degenerasse em briga, mesmo quando Jaromil, petrificado pela atenção que nele se concentrava, recorria a uma ironia um pouco crispada; aliás, ninguém pronunciou um julgamento definitivo, outras pessoas intervieram no debate, e a ideia defendida por Jaromil logo foi submersa por outros temas de discussão.

Mas seria tão importante, quer o progresso existisse ou não, que o surrealismo fosse burguês ou revolucionário? Seria tão importante que Jaromil ou os outros tivessem razão? O importante era que estivesse ligado a eles. Apesar da discussão, sentia por eles uma ardente simpatia. Nem mesmo os escutava mais, pensava numa só coisa, que estava feliz: encontrara uma sociedade de gente onde não era apenas o filho de sua mãe ou um aluno de sua classe, mas onde era ele mesmo. E pensou que alguém só é ele mesmo a partir do momento em que o é entre os outros.

Depois o sujeito moreno levantou-se e todos compreenderam que era preciso levantar-se e dirigir-se à porta, porque o dono da casa tinha um

trabalho ao qual fazia alusão num tom deliberadamente vago, que dava a impressão de alguma coisa importante e que impunha respeito. Mas quando chegaram diante da porta, na antessala, uma jovem de óculos aproximou-se de Jaromil. Diga-se de passagem que durante toda a reunião Jaromil nem mesmo reparara nela; aliás, ela nada tinha de excepcional, pelo contrário; não era feia, apenas um pouco malcuidada; sem maquilagem, os cabelos lisos puxados acima da testa, sem vestígios de cabeleireiro, e roupas do tipo que se usa para não estar nu.

“O que você disse me interessou muito”, disse-lhe ela. “Gostaria de conversar mais sobre isso com você...”

16

Não muito longe da casa do sujeito moreno havia uma praça; eles pararam ali e conversaram abundantemente; Jaromil soube que a jovem era estudante e que tinha dois anos mais que ele (essa notícia encheu-o de orgulho); margearam a alameda sinuosa da praça, a jovem mantendo um discurso sábio, Jaromil também, e tinham pressa para revelar um ao outro o que achavam, o que pensavam, o que eram (a jovem era mais científica, Jaromil era mais literário); recitaram mutuamente listas de grandes nomes que admiravam, e a jovem repetiu que as opiniões insólitas de Jaromil haviam-lhe interessado muito; ela manteve silêncio durante alguns instantes e depois tratou-o por *efebo*; sim, quando ele entrara na sala ela tivera a impressão de ver um gracioso efebo...

Jaromil não sabia exatamente o que significava essa palavra, mas achava bonito ser chamado por uma palavra, qualquer que fosse, e ainda por cima uma palavra grega; aliás, ele adivinhava que a palavra efebo aplicava-se a alguém jovem e que a juventude que designava não era aquela, desajeitada, e degradante, que experimentara até então, mas uma

juventude vigorosa e digna de admiração. Ao pronunciar a palavra efebo, a estudante tinha em mira a sua imaturidade mas, ao mesmo tempo, libertara-o do seu acanhamento e fizera dele uma superioridade. Foi reconfortante quando, na sexta volta na praça, Jaromil ousou completar o gesto com o qual sonhava desde o começo, sem encontrar coragem para decidir-se: segurou o braço da estudante.

Não é certo dizer que ele *segurou-lhe* o braço; seria melhor dizer que *insinuou* a mão sob o braço dela; e insinuou-a muito discretamente, como se desejasse que a jovem nem mesmo se desse conta disso; na verdade, ela nem reagiu a esse gesto, e a mão de Jaromil permaneceu timidamente sobre seu corpo como um objeto estranho, uma bolsa ou um pacote que alguém tivesse posto ali sorrateiramente e que a proprietária tivesse esquecido, arriscando-se a cada momento a deixá-lo cair. Mas logo a mão começou a sentir que o braço sob o qual se introduzira fora avisado da sua presença. E seu passo começou a sentir que o movimento das pernas da estudante tornava-se ligeiramente mais lento. Ele conhecia aquela diminuição de velocidade e sabia que alguma coisa de irrevogável estava no ar. Normalmente, quando uma coisa irrevogável está para acontecer, aceleramos ainda mais o desenrolar dos acontecimentos (talvez para provar que temos ao menos algum poder sobre seu desenrolar). Foi assim que a mão de Jaromil, que permanecera parada durante todo aquele tempo, subitamente animou-se e apertou o braço da estudante. Esta parou, levantou os óculos na direção do rosto de Jaromil e deixou cair no chão a sua pasta.

Jaromil ficou estupefato; primeiro, no seu assombro, não se dera nem mesmo conta de que a jovem levava uma pasta; agora que caíra, a pasta fazia sua aparição em cena como uma mensagem celeste. E quando ele pensou que a jovem fora ao círculo marxista diretamente depois da

faculdade e que sua pasta sem dúvida continha aulas universitárias mimeografadas e grandes volumes científicos, sua embriaguez foi maior ainda: ela deixara cair ao chão a universidade inteira para poder segurá-lo entre seus braços agora livres.

A queda da pasta foi realmente tão patética que ambos começaram a beijar-se num incrível arrebatamento. Beijaram-se longamente, e quando os beijos finalmente acabaram e já não sabiam como continuar, novamente ela levantou os óculos para ele e disse com uma angústia perturbadora na voz:

“Você deve estar achando que eu sou uma garota igual a todas as outras. Mas não quero que pense que sou como todas as outras.”

Aquelas palavras talvez tenham sido mais patéticas do que a queda da pasta, e Jaromil compreendeu estupefato que a mulher que estava diante dele o amava, que o amara desde o primeiro instante, miraculosamente e sem que ele soubesse por quê. E notou de passagem (à margem da sua consciência, para poder depois relê-lo com atenção e cuidado) que a estudante falava de outras mulheres como se visse nele um homem que já possuísse uma grande experiência e que a mulher que o amava só podia sentir por isso uma grande tristeza.

Ele respondeu que não lhe passava pela cabeça que ela fosse igual às outras mulheres; a jovem apanhou a pasta (agora Jaromil podia prestar mais atenção: era realmente pesada e grande, cheia de livros) e começaram sua sétima volta na praça; quando novamente pararam e se beijaram, viram-se repentinamente num cone de luz violenta. Dois guardas estavam diante deles e pediam seus documentos de identidade.

Os dois namorados procuravam embaraçados seus papéis; estenderam-nos com as mãos trêmulas aos policiais, que estavam talvez encarregados de reprimir a prostituição ou queriam apenas distrair-se

um pouco durante suas longas horas de serviço. Em todo caso, proporcionaram aos dois jovens uma experiência inesquecível: durante todo o resto da noite (Jaromil acompanhou a jovem até a casa) eles falaram do amor perseguido pelos preconceitos, a moral, a polícia, a velha geração, as leis estúpidas e a podridão de um mundo que merecia ser banido.

17

O dia tinha sido bonito e a noite também, mas quando Jaromil voltou para casa já era quase meia-noite e sua mãe ia e vinha nervosamente pelos cômodos da casa.

“Estava tremendo por sua causa! Por onde você andava? Você não tem nenhuma consideração comigo!”

Jaromil ainda estava inteiramente possuído por aquele grande dia e começou a responder-lhe no mesmo tom que usara no círculo marxista; ele imitava a voz cheia de segurança do pintor.

Mamãe imediatamente reconheceu aquela voz; via o rosto do filho de onde saía a voz de seu amante perdido; via um rosto que não lhe pertencia; ouvia uma voz que não lhe pertencia; seu filho estava diante dela como a imagem de uma dupla renegação, e isso lhe parecia intolerável.

“Você está me assassinando! Está me assassinando!”, exclamou ela com voz histérica, e precipitou-se para o quarto ao lado.

Jaromil ficou pregado no chão, apavorado, e tinha o sentimento de ter cometido um grande erro.

(Ah, pequeno, jamais se libertará desse sentimento. Você é culpado, é culpado! Cada vez que sair de casa sentirá atrás de si um olhar reprovador gritando para que volte! Irá pelo mundo como um cachorro

preso a uma longa coleira! E, mesmo quando estiver longe, sentirá sempre o contato da coleira na nuca! E mesmo quando passar o seu tempo com mulheres, mesmo quando estiver com elas na cama, haverá uma longa coleira presa a seu pescoço, e de algum lugar sua mãe estará segurando a extremidade e sentirá pelo movimento irregular da corda os movimentos obscenos a que você estiver entregue!)

“Mamãe, eu suplico, não se zangue, mamãe, por favor, me perdoe!” Ele está perto de sua cama, ajoelhado, com medo, e acaricia-lhe as faces úmidas.

(Charles Baudelaire, você terá quarenta anos e ainda sentirá medo de sua mãe!)

E mamãe demora a perdoá-lo, para sentir o mais longo tempo possível seus dedos sobre a pele dele.

18

(É uma coisa que nunca aconteceu a Xavier, porque Xavier não tinha mãe, nem pai, e não ter pais é a condição primeira da liberdade.

Mas, compreendam bem, não se trata de perder os pais. A mãe de Gérard de Nerval morreu quando ele era recém-nascido e no entanto ele viveu durante toda a vida sob o olhar hipnótico de seus olhos admiráveis.

A liberdade não começa onde os pais são rejeitados ou enterrados, mas onde *eles não estão*:

Lá onde o homem vem ao mundo sem saber de quem.

Lá onde o homem vem ao mundo a partir de um ovo jogado numa floresta.

Lá onde o homem é cuspidos no chão pelo céu e põe os pés sobre o mundo sem o menor sentimento de gratidão.)

Quem veio ao mundo durante a primeira semana do amor de Jaromil e da estudante foi ele mesmo; ele soube que era um efebo, que era bonito, que era inteligente e que tinha fantasia; compreendeu que a jovem de óculos o amava e temia o instante em que a abandonaria (era, ela dizia, no momento em que se separavam à noite, diante da casa dela, e onde o via partir num passo leve, que tinha o sentimento de ver sua verdadeira aparência: a aparência de um homem que se afasta, foge, desaparece...). Finalmente ele encontrara a sua imagem que procurara por tanto tempo em seus dois espelhos.

Na primeira semana, encontraram-se todos os dias: fizeram quatro longos passeios noturnos pela cidade, foram uma vez ao teatro (ficaram numa frisa, beijando-se, e não se preocuparam com a representação) e duas vezes ao cinema. No sétimo dia, foram novamente passear: estava frio, gelado, e Jaromil usava apenas um sobretudo leve, sem colete entre a camisa e o paletó (pois o colete de lã cinza que mamãe o obrigava a usar parecia-lhe mais conveniente a um provinciano aposentado), não usava nem chapéu nem gorro (pois a jovem de óculos elogiara, desde o segundo dia, seus cabelos rebeldes que no passado ele tanto detestava, dizendo que eram tão indomáveis quanto ele próprio), e porque suas meias, cujo elástico arrebitara, sempre lhe escorregavam pelas canelas e entravam nos sapatos, só usava nos pés sapatos baixos e meias curtas cinza (cujo destoar com a cor das calças ele nem percebia, pois nada entendia dos refinamentos da elegância).

Encontraram-se às sete horas em ponto e começaram uma longa caminhada pelo subúrbio, onde a neve dos terrenos baldios rangia sob seus pés e onde podiam parar e beijar-se. O que fascinava Jaromil era a docilidade do corpo da jovem. Até então, sua aproximação com o corpo

feminino assemelhava-se a uma longa viagem em que atingia sucessivamente diversas etapas: era preciso algum tempo antes que uma garota se deixasse beijar, era preciso algum tempo antes que ele conseguisse pôr a mão sobre o peito, e quando chegava a tocar-lhe os quadris pensava já ter ido longe demais sem nunca ter ido. E desta vez acontecera, desde o primeiro momento, algo de inesperado: a estudante estava nos seus braços, totalmente submissa, sem defesa, pronta para tudo, podia tocá-la onde quisesse. Considerava aquilo uma grande prova de amor, mas ao mesmo tempo sentia-se constrangido porque não sabia o que fazer com aquela súbita liberdade.

E naquele dia (que era o sétimo) a jovem revelou-lhe que seus pais ausentavam-se com frequência e que se sentiria feliz de poder convidar Jaromil à sua casa. À explosão dessas palavras seguiu-se um longo silêncio; ambos sabiam o que significaria seu encontro num apartamento vazio (é bom lembrar que a jovem de óculos, quando nos braços de Jaromil, não lhe recusava nada); calaram-se e, ao fim de algum tempo, a jovem disse com voz serena:

“Acredito que no amor não existe compromisso. Quando se ama, é preciso entregar-se por inteiro.”

Jaromil concordava do fundo do coração com aquela declaração, pois também para ele o amor significava tudo; mas não sabia o que dizer; como resposta, parou, investiu sobre a jovem de olhos patéticos (sem pensar que era noite e que o patético do olhar era imperceptível) e pôs-se a beijá-la e abraçá-la freneticamente.

Ao final de quinze minutos de silêncio, a jovem retomou a conversa e disse-lhe que ele era o primeiro homem que ela convidava à sua casa; tinha, ela dizia, vários colegas homens, mas eram apenas colegas; já

estavam acostumados a ela e, de brincadeira, apelidaram-na *virgem de pedra*.

Jaromil ficava sabendo então, com muito prazer, que seria o primeiro amante da estudante, mas ao mesmo tempo estava nervoso: já ouvira falar muito do ato de amor e sabia também que a defloração geralmente é considerada uma coisa difícil. Portanto, era incapaz de reiniciar a conversa sobre a volubilidade da estudante, pois estava então fora do presente; vivia em pensamentos as volúpias e os tormentos daquele grande dia prometido a partir do qual (o célebre pensamento de Marx sobre a pré-história e a história da humanidade não parava de inspirá-lo) começaria a verdadeira História de sua vida.

Não falaram muito, mas passearam longo tempo pelas ruas; quanto mais a noite avançava, mais fazia frio, e Jaromil sentia o gelo sobre o corpo pouco agasalhado. Sugeriu que fossem sentar-se em algum lugar, mas estavam muito longe do centro e não havia nenhum café por perto. De maneira que voltou para casa transido até quase os ossos (no fim da caminhada fizera um esforço para que ela não o ouvisse trincando os dentes) e quando acordou no dia seguinte estava com dor de garganta. Mamãe tomou sua temperatura e constatou que ele estava com febre.

20

O corpo doente de Jaromil estava acamado, mas sua alma vivia o grande dia esperado. A ideia que fazia daquele dia compunha-se, de um lado, de uma felicidade abstrata e, de outra parte, de preocupações concretas. Pois Jaromil não podia absolutamente imaginar o que o fato de dormir com uma mulher significa exatamente em todos os detalhes; sabia apenas que aquilo exigia uma preparação, habilidade e conhecimentos; sabia que por trás do amor físico esconde-se o espectro

ameaçador da gravidez e sabia também (isto era, entre os seus colegas, tema de inúmeras conversas) que era possível prevenir-se contra esse perigo. Nessa época bárbara os homens (tal como os cavaleiros vestindo uma armadura antes da batalha) enfiavam no membro viril uma capa transparente. Teoricamente, Jaromil estava abundantemente informado sobre tudo aquilo. Mas como encontrar aquela capa? Jamais Jaromil poderia superar a timidez e entrar numa farmácia para comprar uma! E quando exatamente deveria colocá-la sem ser visto pela garota? A capa lhe parecia ridícula e ele não podia suportar a ideia de que a garota soubesse da sua existência! Poderia colocá-la antecipadamente, em casa? Ou deveria esperar que estivesse completamente nu diante dela?

Eram perguntas para as quais não tinha resposta. Jaromil não tinha nenhuma capa de ensaio (de treinamento), mas decidiu conseguir uma a qualquer preço e exercitar-se para vesti-la. Pensava que a rapidez e a destreza desempenhavam nesse domínio um papel decisivo e que seria impossível adquiri-las sem treinamento.

Mas outras coisas mais o atormentavam: o que era exatamente o ato de amor? O que se sentia naquele momento? O que se passaria pelo corpo? O prazer seria tão grande a ponto de gritar e perder todo o controle sobre si mesmo? E não se correria o risco de parecer ridículo gritando? E quanto tempo exatamente a coisa deveria durar? Ah, meu Deus, seria possível apenas desempenhar uma coisa parecida sem preparo prévio?

Até então Jaromil não conhecera a masturbação. Considerava essa atividade uma coisa indigna da qual um verdadeiro homem deveria preservar-se; sentia-se destinado para o grande amor, não para o onanismo. Mas como chegar ao grande amor sem ter-se submetido a alguma preparação? Jaromil compreendeu que a masturbação era aquela

indispensável preparação e deixou de ter com relação a ela uma hostilidade de princípio: ela não representava mais um miserável sucedâneo do amor físico, mas uma etapa necessária para se chegar a ele; não era mais a confissão de uma privação, mas um degrau que era preciso galgar para alcançar a riqueza.

Foi assim que executou (com uma febre de trinta e oito graus e dois décimos) sua primeira imitação do ato do amor, que o surpreendeu e foi por isso excessivamente breve e não o levou absolutamente a gritar com volúpia. Estava então ao mesmo tempo decepcionado e tranquilo: repetiu várias vezes a experiência nos dias que se seguiram e nada aprendeu de novo; mas convenceu-se de que assim ficaria cada vez mais destemido e que poderia enfrentar sem medo a jovem amada.

Estava na cama havia três dias com compressas na garganta quando a mãe entrou precipitadamente em seu quarto no início da manhã e disse:

“Jaromil! Estão todos em pânico lá embaixo!”

“O que é que está acontecendo?”, perguntou ele, e a mãe explicou que no térreo, na casa da tia, estavam ouvindo no rádio que havia uma revolução. Jaromil levantou-se num salto e correu para o quarto ao lado. Ligou o rádio e ouviu a voz de Klement Gottwald.

Rapidamente percebeu o que se passava porque ouvira dizer, nos últimos dias (apesar de esse assunto não lhe interessar em nada, pois ele tinha, como já explicamos há pouco, preocupações mais graves), que os ministros não comunistas ameaçavam Gottwald, o presidente comunista do governo, de apresentar-lhe sua demissão. E eis que se ouvia a voz de Gottwald denunciando à multidão reunida na praça da Cidade Antiga os traidores que queriam expulsar o partido comunista do governo e impedir o povo de caminhar para o socialismo; Gottwald conclamava o povo a aceitar e exigir a demissão dos ministros e a constituir por toda

parte novos órgãos do poder revolucionário sob a direção do partido comunista.

O velho receptor de rádio misturava às palavras de Gottwald os clamores da multidão, que inflamaram Jaromil e mergulharam-no no entusiasmo. Ele estava de pijama, com uma toalha ao redor do pescoço, no quarto da avó, e vociferava:

“Finalmente! Tinha que acontecer! Finalmente!”

A avó não achava justificado de modo algum o entusiasmo de Jaromil.

“Você realmente acha bom?”, perguntou ela, inquieta.

“Sim, vovó, é bom. É até excelente!”

Ele tomou-a nos braços; depois, começou a andar nervoso pelo quarto; dizia consigo mesmo que aquela multidão reunida na antiga praça de Praga vinha lançar aos céus uma estrela visível durante longos séculos; depois pensou que era realmente desagradável passar um dia tão importante em casa com a avó em vez de estar na rua com a multidão. Mal teve tempo de completar esse pensamento e a porta se abriu, dando passagem ao tio, furioso e vermelho, vociferando:

“Estão ouvindo? Os crápulas! Os crápulas! É um golpe de Estado!”

Jaromil olhava o tio que sempre detestara, bem como sua mulher e o filho presunçoso, e pensou que chegara o momento em que finalmente poderia vencê-lo. Estavam frente a frente: o tio tinha atrás de si a porta, atrás de Jaromil estava o rádio, de maneira que ele se sentia ligado a uma multidão de cem mil pessoas e agora falava ao tio como cem mil pessoas falam a um só homem:

“Não é um golpe de Estado, é uma revolução”, disse ele.

“Foda-se você e a sua revolução”, respondeu o tio. “É fácil fazer revolução quando se tem atrás de si o exército e a polícia e ainda por cima um grande poder.”

Quando ouviu a voz cheia de segurança do tio, que falava com ele como se fala a um pirralho estúpido, a raiva subiu-lhe à cabeça:

“Esse exército e essa polícia querem impedir que um punhado de malandros venham oprimir o povo como antes.”

“Pequeno cretino”, disse o tio, “os comunistas já detinham a maior parte do poder e deram este golpe para poderem tê-lo inteiro. Eu sempre soube que você não passava de um jovem imbecil.”

“E eu sempre soube que você era um explorador e que a classe operária acabaria por lhe cortar o pescoço.”

Jaromil pronunciara essa frase num gesto de raiva e, afinal, sem refletir; no entanto, ela merece que nos detenhamos por um momento: ele acabara de empregar palavras que frequentemente podiam ser lidas na imprensa comunista ou ouvidas da boca de oradores comunistas, mas que até então o repugnavam, como o repugnavam todas as frases estereotipadas. Ele sempre se considerara em primeiro lugar um poeta e, conseqüentemente, enquanto mantinha discursos revolucionários, não queria renunciar à sua própria linguagem. E ei-lo dizendo: a classe operária vai lhe cortar o pescoço.

Sim, é estranho: num momento de exaltação (portanto, um momento em que o indivíduo age espontaneamente e quando o seu eu revela-se como é na verdade), Jaromil renunciava à sua linguagem e preferia escolher a possibilidade de ser o intermediário de outro. E não somente agia assim, mas agia assim com um sentimento de intensa satisfação; tinha a impressão de fazer parte de uma multidão de mil cabeças, de ser uma das cabeças do dragão de mil cabeças de um povo em marcha e achava aquilo grandioso. De súbito, tinha o sentimento de ser forte e de poder zombar abertamente de um homem diante do qual, ainda ontem, enrubescia timidamente. E se a rude simplicidade da frase pronunciada

(a classe operária vai lhe cortar o pescoço) era para ele uma fonte de prazer, era porque o posicionava lado a lado com aqueles homens maravilhosamente simples que zombavam das nuances e cuja sabedoria consistia em interessar-se pelo essencial, que sempre é insolitamente simples.

Jaromil (de pijama e com uma toalha enrolada na garganta) estava, as pernas afastadas, diante do rádio que acabara de reproduzir, bem atrás de suas costas, gigantescos aplausos, e tinha a impressão de que aquele rugido lhe penetrava, engrandecendo-o, e que se erguia frente ao tio como uma árvore inquebrantável, como um rochedo que ri.

E o tio, que acreditava ter sido Voltaire o inventor dos volts, aproximou-se dele e deu-lhe uma bofetada.

Jaromil sentiu uma dor pungente na face. Sabia que fora humilhado, e porque se sentia grande e poderoso como uma árvore ou um rochedo (milhares de vozes continuavam a ressoar atrás dele no rádio) quis lançar-se sobre o tio e devolver a bofetada. Mas, como precisou de um momento para resolver, o tio teve tempo de dar meia-volta e sair.

Jaromil gritava: “Esta eu vou devolver! Cafajeste! Esta eu vou devolver!”, e dirigiu-se para a porta. Mas a avó segurou-o pela manga do pijama e suplicou-lhe que se acalmasse, o que fez com que Jaromil se contentasse em repetir *cafajeste, cafajeste, cafajeste*, e voltasse para a cama onde havia abandonado, apenas uma hora antes, sua amante imaginária. Já não era mais capaz de pensar nela. Só conseguia ver o tio e sentia a bofetada e se desmanchava em censuras, repetindo-se que não soubera agir prontamente como um homem; censurava-se tão amargamente que se pôs a chorar e molhou o travesseiro com suas lágrimas de raiva.

No fim da tarde, mamãe chegou e contou assustada que o diretor de seu escritório, homem muito respeitado, já fora despedido e que todos

os não comunistas temiam ser presos.

Jaromil ergueu-se sobre o cotovelo na cama e começou a discutir apaixonadamente. Explicou à mãe que o que estava acontecendo era uma revolução e que uma revolução é um período de curta duração durante o qual é preciso recorrer à violência para apressar a chegada ao poder de uma sociedade de onde a violência será para sempre banida. Bastava que mamãe compreendesse.

Ela também empenhava toda a sua alma na discussão, mas Jaromil conseguiu refutar suas objeções. Ele disse que o domínio dos ricos era estúpido, bem como toda aquela sociedade de empresários e comerciantes, e com habilidade lembrou à sua mãe que ela mesma era, na sua própria família, vítima daquela gente; lembrou-lhe a arrogância da irmã e a falta de educação do cunhado.

Ela estava abalada e Jaromil sentia-se satisfeito com o sucesso de seus argumentos; tinha a impressão de ter-se vingado da bofetada que recebera algumas horas antes; mas, só de pensar, a raiva lhe voltava, e disse: “E sabe, mamãe, eu mesmo quero entrar para o partido comunista”.

Pôde ler a desaprovação nos olhos maternos, mas perseverou na sua afirmação; disse que sentia vergonha por não ter aderido antes, que apenas a herança atravancada do meio em que crescera o separava daqueles a quem pertencia havia muito tempo.

“Está se lamentando talvez de ter nascido aqui e de que eu seja a sua mãe?”

Mamãe disse aquilo num tom ofendido e Jaromil precisou dizer-lhe logo que ela compreendera mal; na sua opinião a mãe, como era, na verdade nada tinha em comum nem com a irmã nem com o cunhado nem com o mundo das pessoas ricas.

Mas mamãe respondeu-lhe:

“Se você me ama, não faça isso! Você sabe o inferno que já é a minha vida por causa do seu tio. Se você aderir ao partido, ela se tornará absolutamente insustentável. Eu lhe peço, seja razoável.”

Uma tristeza chorosa apertou a garganta de Jaromil. Em vez de devolver a bofetada que o tio lhe dera, acabava de receber outra. Virou-se para o outro lado e deixou a mãe sair do quarto. E recomeçou a chorar.

21

Eram seis horas, a estudante recebeu-o vestindo um avental branco e levou-o para uma cozinha muito limpa. O jantar nada tinha de extraordinário, ovos mexidos com salame cortado em cubos, mas era o primeiro jantar que uma mulher (com exceção de sua mãe e de sua avó) preparava para Jaromil, e ele comia com a altivez de um homem de quem a amante cuida.

Passaram depois para o cômodo ao lado. Lá havia uma mesa redonda em mogno recoberta por uma toalha bordada em crochê sobre a qual estava disposto, como um peso, um vaso em cristal maciço; as paredes estavam enfeitadas com pinturas horrorosas e havia num canto um divã onde se amontoavam inúmeras almofadas. Tudo estava preparado e resolvido com antecedência para aquela noite, e nada mais lhes restava senão mergulhar nas ondas macias dos travesseiros; mas, estranho, a estudante sentou-se numa cadeira dura diante da mesa redonda, e ele sentou-se em frente a ela; em seguida, conversaram longamente sobre umas coisas e outras, sentados sobre aquelas cadeiras duras, e Jaromil começava a sentir a garganta se fechar.

Na verdade sabia que devia estar de volta em casa às onze horas; é claro que tinha pedido à mãe permissão para passar a noite fora (fingira que os colegas de classe organizavam uma festa), mas ela demonstrara uma resistência tão enérgica que ele não ousara insistir, e devia então esperar que as cinco horas que se estendiam entre seis e onze horas da noite representassem um intervalo suficientemente longo para a sua primeira noite de amor.

Mas a estudante conversava e conversava sempre, e o espaço de cinco horas encolhia rapidamente; ela falava de sua família, de seu irmão que no passado tentara suicidar-se por causa de um amor infeliz.

“Isso me marcou. Não posso me comportar como as outras meninas. Não posso considerar o amor superficialmente”, disse ela, e Jaromil sentiu que aquelas palavras imprimiam a marca da seriedade no amor físico que lhe estava prometido. Ele levantou-se então da sua cadeira, inclinou-se sobre a jovem e disse-lhe com voz muito grave: “Eu a compreendo, sim, eu a compreendo”; depois levantou-a da cadeira, conduziu-a até o divã e fez a jovem sentar-se.

Depois beijaram-se, acariciaram-se, apalparam-se. Isso durou muito tempo e Jaromil pensou que sem dúvida já era tempo de despir a jovem, mas, como nunca fizera nada parecido, não sabia como começar. Primeiro, não sabia se deveria ou não apagar a luz. De acordo com todos os relatos que ouvira de situações semelhantes, achava que deveria apagar. Aliás, levava num dos bolsos do paletó um saquinho contendo a camisinha, e se queria colocá-la discreta e clandestinamente no momento decisivo precisaria de qualquer maneira da escuridão. Mas não podia resolver se levantar no meio das carícias para dirigir-se até o interruptor, o que lhe parecia fora de propósito (não nos esqueçamos de que era bem-educado), pois era ele o convidado e caberia mais à dona da

casa fazê-lo. Finalmente, ousou dizer timidamente: “Será que não deveríamos apagar a luz?”.

Mas a jovem respondeu: “Não, não, por favor”. E Jaromil perguntava-se se aquilo significava que a jovem não queria a escuridão e consequentemente não queria fazer amor, ou que ela queria fazer amor mas não no escuro. Ele poderia evidentemente perguntar-lhe, mas tinha vergonha de dizer em voz alta o que pensava.

Logo lembrou-se de que deveria voltar para casa às onze horas e fez um esforço enorme para superar a timidez; desabotoou o primeiro botão feminino da sua vida. Era o botão de uma blusa branca e ele o desabotoou na espera temerosa do que a jovem diria. Ela nada disse. Continuou então a desabotoar, puxou de dentro da saia a barra inferior da blusa e depois tirou-a completamente.

Ela estava agora deitada sobre as almofadas, de saia e sutiã e, coisa espantosa, enquanto um segundo antes beijava Jaromil avidamente, desde que ele lhe tirara a blusa parecia tomada pelo pânico; estava imobilizada; arqueava ligeiramente o torso, como o condenado à morte que levanta o peito para o cano dos fuzis.

Só lhe restava uma coisa a fazer: continuar a despi-la; encontrou o zíper na lateral da saia e abriu-o; o ingênuo nem desconfiava da existência do colchete que prendia a saia à cintura e esforçava-se vã e obstinadamente por puxá-la nos quadris da jovem; esta arqueava o peito frente ao invisível pelotão de fuzilamento e nem se dava conta das suas dificuldades.

Ah, duraram aproximadamente quinze silenciosos minutos as dificuldades de Jaromil! Finalmente ele conseguiu despir inteiramente a estudante. Quando a viu docilmente deitada sobre as almofadas na espera do momento previsto havia tanto tempo, compreendeu que só

lhe restava despir-se também. Mas o lustre espalhava uma luz forte e Jaromil tinha vergonha de se despir. Teve então uma ideia salvadora: tinha percebido, ao lado da sala de estar, um quarto de dormir (um quarto fora de moda com duas camas de solteiro); a luz lá não estava acesa; lá poderia despir-se no escuro e mesmo esconder-se sob uma coberta.

“Não vamos para o quarto?”, perguntou timidamente.

“No quarto para quê? Para que precisa de um quarto?”, disse a jovem, rindo.

É difícil explicar por que ela ria. Era um riso gratuito, embaraçado, irrefletido. Mas Jaromil sentiu-se ferido; teve medo de ter dito uma bobagem, como se sua proposta de ir para o quarto denunciase sua ridícula inexperiência. Estava desnorteado; achava-se num apartamento estranho, sob a luz indiscreta de um lustre que não podia apagar, com uma mulher estranha que zombava dele.

Imediatamente soube que naquela noite não fariam amor; sentia-se magoado e sentou-se no divã sem dizer palavra; lamentava, mas ao mesmo tempo estava aliviado; não precisava mais perguntar-se se apagava ou não a luz e como faria para tirar a roupa; e estava contente de que não fosse culpa sua; ela não precisava rir tão bobamente!

“Mas o que é que você tem?”, ela perguntou.

“Nada”, disse Jaromil, e compreendeu que pareceria ainda mais ridículo se explicasse à jovem a razão de sua contrariedade. Fez então um esforço para se controlar, levantou-a do divã e começou a examiná-la ostensivamente (queria dominar a situação e achava que aquele que examina domina o que é examinado); em seguida, disse-lhe: “Você é bonita”.

A jovem, levantada do divã onde estivera até então numa espera imóvel, pareceu subitamente libertada: estava novamente falante e segura de si. Não a incomodava nem um pouco ser examinada por um rapaz (talvez ela achasse que quem é examinado domina quem examina), e perguntou-lhe: “Sou mais bonita nua ou vestida?”.

Existe certo número de perguntas femininas clássicas com que todo homem se depara mais cedo ou mais tarde na vida e para as quais os estabelecimentos de ensino deveriam preparar os jovens. Mas Jaromil, como todos nós, frequentava escolas ruins e não sabia o que responder; esforçava-se por adivinhar o que a jovem gostaria de ouvir, mas estava confuso; a maior parte do tempo, socialmente, a jovem estava vestida, portanto certamente deveria causar-lhe mais prazer estar bonita com roupa; apenas, como a nudez é a verdade do corpo, Jaromil certamente a agradaria dizendo que ficava mais bonita nua.

“Você é bonita nua e vestida”, disse ele, mas a estudante não ficou nada satisfeita com a resposta. Ela dava pulinhos pela sala, oferecendo-se ao olhar do rapaz e obrigando-o a uma resposta sem rodeios. “Quero saber como é que lhe agrada mais.”

Com uma pergunta assim precisa, era mais fácil responder. Dado que os outros só a conheciam vestida, ele pensara que seria uma falta de tato dizer-lhe que era menos bonita vestida que nua; mas como estava perguntando sua opinião pessoal, ele podia responder com atrevimento que, pessoalmente, preferia-a nua, o que mostraria com mais clareza que a amava tal como era, por ela mesma, e que não se preocupava com o que era apenas acrescentado à sua pessoa.

Evidentemente ele não julgara mal, pois a estudante, quando ouviu que era mais bonita nua, reagiu de maneira muito favorável. Não tornou a vestir-se até que ele fosse embora, cobriu-o de beijos e, no momento

de despedir-se (eram quinze para as onze, mamãe ia ficar satisfeita), sussurrou-lhe ao ouvido, já na porta: “Hoje você mostrou que me ama, que me ama de verdade. Sim, é melhor assim. Vamos guardar este momento para depois”.

22

Por volta dessa época, ele começou a escrever um longo poema. Era um *poema narrativo* que tratava de um homem que subitamente percebia que estava velho; que estava *lá onde o destino não constrói mais suas estações*; que estava abandonado e esquecido; que a seu redor

*As paredes vão sendo caiadas, os móveis vão sendo levados
Tudo em seu quarto é mudado*

Então ele sai de casa apressado e volta ao lugar onde passou os momentos mais intensos de sua vida:

*Nos fundos da casa o terceiro andar a porta do fundo à esquerda no canto
Com um nome pregado ilegível no escuro
“Que os minutos passados há vinte anos me acolham!”*

Uma velha mulher veio abrir-lhe a porta, tirada da fria negligência em que a jogaram longos anos de solidão. Rápido, rápido, ela morde os lábios exangues para que adquiram um pouco de cor; rapidamente, com um gesto do passado, tenta reorganizar um pouco as raras mechas de seus cabelos mal lavados e gesticula com um ar incomodado para esconder dele as fotografias de antigos amantes penduradas nas paredes. Mas logo ela sente que ali está agradável e que as aparências não contam; ela diz:

*“Vinte anos/ E no entanto voltaste
Como a última coisa importante que encontrarei
Não tenho a menor chance de não ver
Se tentar por sobre o teu ombro o futuro escrutar.”*

Sim, está bom aqui; nada mais importa; nem as rugas, nem as roupas desarrumadas, nem os dentes amarelados, nem os cabelos ralos, nem os lábios pálidos, nem o ventre pendurado.

*Certeza certeza/ Não me mexo e estou pronta
Certeza/ Junto a ti a beleza não é nada/ Junto a ti a juventude não é
nada*

E ele percorre o quarto com o passo cansado (*com a luva apaga sobre a mesa as impressões digitais de desconhecidos*) e sabe que ela tinha amantes, multidões de amantes que

*Dilapidaram toda a luz de sua pele
Mesmo no escuro ela não é mais bela
Moeda sem valor usada pelos dedos*

E uma velha canção varre-lhe a alma, uma canção esquecida, meu Deus, como é essa canção?

*Te afastas, te afastas sobre a areia dos leitos
E tua aparência se apaga
Te afastas, te afastas e de ti só subsiste
O centro apenas o teu centro*

E ela sabe que não tem mais nada de jovem para ele. Mas:

*Nos momentos de fraqueza que agora me assolam
Meu cansaço meu desfalecimento gradual esse processo tão importante e tão
puro
Só pertence a ti*

Seus corpos enrugados tocam-se com emoção e ele diz: “Menina” e ela diz “Meu pequeno” e começam a chorar.

*Não existe intermediário entre eles
Nem uma palavra nem um gesto
Nada atrás do que se esconder
Nada para dissimular a sua miséria*

Pois é justamente com essa miséria mútua que enchem a boca, que bebem avidamente um do outro. Acariciam seus corpos miseráveis e já podem ouvir, sob a pele de um e de outro, as máquinas da morte ronronando suavemente. E sabem que são total e definitivamente consagrados um ao outro; que este é o seu último amor e também o maior, porque o último amor é o maior. O homem pensa:

É o amor sem saída/ É o amor como um muro

E a mulher pensa:

*Eis a morte talvez distante no tempo mas já tão próxima pela sua
semelhança
Tão próxima por ser tão semelhante a nós dois profundamente
mergulhados em nossas poltronas
Eis o objetivo atingido e as pernas tão felizes que já não tentam nem
mesmo dar um passo*

*E as mãos tão certas que já não buscam nem mesmo uma carícia
Só resta esperar que a saliva em nossas bocas transforme-se em gotas de
orvalho*

Quando mamãe leu este estranho poema ficou, como sempre, abismada com a maturidade precoce que permitia ao filho compreender uma idade tão distante da sua; ela não compreendia que os personagens do poema não tinham qualquer relação com a psicologia real da velhice.

Não, nesse poema, a questão não se refere a um velho e uma velha; se tivéssemos perguntado a Jaromil que idade tinham os personagens de seu poema, ele teria hesitado e respondido que seria entre quarenta e oitenta anos; ignorava tudo sobre a velhice, que era para ele uma noção longínqua e abstrata; tudo o que sabia da velhice é que se trata de um período da vida em que a idade adulta já pertence ao passado; em que o destino já está concluído; em que o homem não precisa mais temer esse terrível desconhecido chamado futuro; em que o amor, quando o encontramos, é último e certo.

Pois Jaromil estava tomado de angústia; ele avançava na direção do corpo despido da jovem como se caminha sobre espinhos; desejava aquele corpo mas ao mesmo tempo tinha medo dele; esta é a razão por que, em seus poemas sobre a ternura, escapava da materialidade do corpo buscando refúgio no mundo da imaginação infantil; privava o corpo de sua realidade e representava o sexo da mulher como um brinquedo mecânico; desta vez, buscara refúgio do lado oposto: do lado da velhice; lá onde o corpo não é mais perigoso e altivo; lá onde ele é miserável e digno de pena; a desgraça de um corpo decrepito como que o reconciliava com o orgulho do corpo juvenil que, por sua vez, deveria envelhecer.

Seu poema estava cheio de fealdades naturalistas; Jaromil não esquecera nem os dentes amarelos, nem o pus no canto dos olhos, nem o ventre pendurado; mas, por trás da brutalidade desses detalhes, havia o desejo tocante de limitar o amor ao eterno, ao indestrutível, ao que pode substituir o abraço materno, ao que não se sujeita ao tempo, ao que é *o centro, nada mais que o centro*, ao que pode superar o poder do corpo, do corpo pérfido cujo universo deitava-se diante dele como um território desconhecido habitado pelos leões.

Ele escrevia poemas sobre a infância artificial da ternura, escrevia poemas sobre uma morte irreal, escrevia poemas sobre uma velhice irreal. Eram três bandeiras azuis sob as quais ele avançava temeroso para o corpo imensamente real da mulher adulta.

23

Quando ela veio à sua casa (mamãe e a avó haviam-se ausentado de Praga por dois dias), ele cuidou para não acender a luz, se bem que a escuridão já começasse a cair lentamente. Haviam acabado de jantar e estavam no quarto de Jaromil. Por volta de dez horas (era a hora em que, normalmente, a mãe mandava-o para a cama), ele disse a frase que por tantas vezes repetira mentalmente, para que pudesse pronunciá-la com naturalidade: “E se fôssemos nos deitar?”.

Ela concordou e Jaromil abriu a cama. Sim, tudo acontecia como ele previra, e acontecia sem dificuldades. A jovem despiu-se num canto e Jaromil despiu-se (muito mais precipitadamente) em outro; vestiu imediatamente o pijama (em cujo bolso pusera cuidadosamente o envelope contendo a camisinha), depois entrou rapidamente sob a coberta (sabia que o pijama não lhe caía bem, que era grande demais e que o tornava ainda menor) e contemplava a jovem que não vestia nada

e que veio completamente nua (ah, no escuro ela lhe parecia ainda mais bela do que da última vez) deitar-se a seu lado.

Ela apertou-se contra ele e começou a beijá-lo furiosamente; ao fim de um momento Jaromil pensou que já estava na hora de abrir o envelope. Mergulhou então a mão no bolso e quis retirá-lo discretamente. “O que é que você tem aí?”, perguntou a jovem. “Nada”, ele respondeu, e pôs rapidamente sobre o peito da estudante a mão que tentava pegar o invólucro. Pensou então que seria obrigado a pedir desculpas e ausentar-se por um momento para ir até o banheiro preparar-se discretamente. Mas enquanto refletia (a jovem não parava de beijá-lo) constatou que a excitação que sentia no começo em toda a sua evidência física desaparecera. Essa constatação mergulhou-o num novo embaraço, pois sabia que, naquelas condições, de nada serviria abrir o envoltório. Tentou então acariciá-la apaixonadamente, na espera angustiada de encontrar a excitação perdida. Mas em vão. O órgão, sob seu olhar atento, estava tomado de pavor; encolhia mais do que crescia.

As carícias e os beijos não lhe trouxeram mais nem prazer nem satisfação; eram apenas um biombo atrás do qual o rapaz se atormentava e chamava desesperadamente o órgão desobediente. Eram carícias e abraços intermináveis e um suplício sem fim, um suplício num mutismo absoluto, pois Jaromil não sabia o que deveria dizer e tinha a impressão de que qualquer palavra só faria trair sua vergonha; a jovem também estava calada, porque também ela começava a adivinhar um fracasso, sem saber exatamente se esse fracasso era de Jaromil ou seu; em todo caso, estava acontecendo uma coisa para a qual ela não estava preparada e que tinha medo de anunciar.

Mas logo, quando aquela horrível pantomima de carícias e beijos diminuiu de intensidade e ela não teve mais forças para continuar, cada

um pousou a cabeça em seu travesseiro e tentou dormir. É difícil dizer se eles dormiam ou não e há quanto tempo, mas, mesmo que não dormissem, fingiam, o que lhes permitia esconder-se, escapar um do outro.

Quando se levantaram, na manhã seguinte, Jaromil temia olhar o corpo da estudante; ele parecia-lhe dolorosamente belo, mais belo ainda porque não lhe pertencia. Foram para a cozinha, prepararam o café da manhã e fizeram um esforço para falar naturalmente.

Mas logo a estudante disse: “Você não me ama”.

Jaromil queria tranquilizá-la de que não era verdade, mas ela não deixou que ele falasse. “Não, não tente me convencer. É mais forte que você, vimos muito bem essa noite. Você não me ama o suficiente. Você mesmo pôde constatar que não me ama o suficiente.”

Primeiro, Jaromil quis explicar que o que acontecera nada tinha a ver com a dimensão do seu amor, mas não o fez. As palavras da jovem deram-lhe, na verdade, uma oportunidade inesperada de esconder sua humilhação. Era mil vezes mais fácil aceitar a censura de não amá-la do que admitir a ideia de que seu corpo era tarado. Portanto, não respondeu nada e baixou a cabeça. E, quando a jovem repetiu a mesma acusação, disse num tom deliberadamente vago e pouco convincente:

“Mas eu a amo.”

“Você está mentindo”, disse ela. “Existe outra pessoa na sua vida a quem você ama.”

Aquilo era ainda melhor. Jaromil inclinou a cabeça e sacudiu tristemente os ombros, como se reconhecesse que havia uma parte de verdade naquela observação.

“De nada adianta, se não é o verdadeiro amor”, disse a estudante com voz morosa. “Eu avisei você que não consigo levar estas coisas de

maneira superficial. Não posso suportar a ideia de que substituo outra pessoa para você.”

A noite que acabara de viver fora cruel, e só havia uma saída para Jaromil: recomeçá-la e apagar seu fracasso. Viu-se então obrigado a responder: “Não, você está sendo injusta. Eu a amo. Eu a amo muito. Mas lhe escondi uma coisa. É verdade que existe outra mulher em minha vida. Essa mulher me amava e eu lhe causei muito mal. Agora pesa sobre mim uma sombra para a qual estou desarmado. Compreenda-me, por favor. Seria injusto que por causa disso você não aceitasse mais me ver, pois é só você que amo, só você”.

“Não estou dizendo que não quero mais vê-lo; disse apenas que não posso suportar a ideia de outra mulher, mesmo que seja uma sombra. Compreenda-me você também, para mim o amor é absoluto. No amor, eu não faço concessões.”

Jaromil olhava o rosto da jovem de óculos e sentia o coração apertando-lhe o peito com a ideia de que pudesse perdê-la; parecia-lhe que ela estava perto dele, que poderia compreendê-lo. Mas, apesar disso, ele não queria, não podia confiar tudo a ela e precisava fazer-se passar por um homem sobre quem paira uma sombra fatal e que está dilacerado e digno de pena. Ele respondeu:

“Será que o amor absoluto não significa primeiro que somos capazes de compreender o outro e amá-lo com tudo o que há nele e sobre ele, inclusive as suas sombras?”

Fora bem dito, e a estudante pareceu refletir sobre aquela frase. Jaromil pensou que talvez nem tudo estivesse perdido.

Nunca ele lhe dera seus poemas para ler; o pintor lhe prometera publicá-los numa revista de vanguarda, e ele contava com o prestígio das letras impressas para deslumbrar a jovem. Mas, agora, precisava rapidamente do socorro de seus versos. Estava convencido de que, logo que a estudante os tivesse lido (era do poema dos velhos que esperava mais), ela o compreenderia e ficaria emocionada. Engano seu; ela achava que devia dar ao amigo opiniões críticas e intimidava-o com o laconismo de suas observações.

O que acontecera com o esplêndido espelho de sua admiração entusiástica no qual, recentemente, descobrira pela primeira vez sua personalidade? Todos os espelhos ofereciam-lhe a feiura caricata da sua imaturidade e isso era intolerável. Então, lembrou-se do nome ilustre de um poeta com a testa adornada pela auréola da vanguarda europeia e dos escândalos de Praga e, apesar de não tê-lo conhecido e jamais tê-lo visto, sentiu por ele a mesma confiança cega que um simples fiel sente para com um alto dignitário de sua igreja. Enviou-lhe seus poemas com uma carta humilde e suplicante. Ficou, então, sonhando com a resposta, amigável e admiradora, e esse sonho pairava como um bálsamo sobre seus encontros com a estudante, cada vez mais raros (ela dizia que a data de seus exames universitários se aproximava e seu tempo era curto) e a cada dia mais tristes.

Voltou então à época (aliás não muito distante) em que uma conversa qualquer com uma mulher qualquer lhe era sempre difícil e precisava para isso preparar-se em casa; novamente, vivia cada um dos seus encontros com dias de antecedência e passava longas noites em conversas fictícias com a estudante. Nesses monólogos inexprimíveis aparecia cada vez com mais clareza (no entanto misteriosamente) a mulher sobre cuja existência a estudante demonstrara suas

desconfianças, durante o café da manhã, no quarto de Jaromil; ela cingia Jaromil da luz de um passado vivido, despertava um interesse enciumado e desculpava o fracasso de seu corpo.

Infelizmente, ela só aparecia nos seus monólogos inexprimíveis, pois desaparecera discreta e rapidamente das conversas reais entre Jaromil e a estudante; a estudante parou de se interessar por ela tão inopinadamente quanto começara, também inopinadamente, a falar de sua existência. Que decepcionante! Todas as pequenas alusões de Jaromil, seus lapsos cuidadosamente calculados e seus bruscos silêncios preparados para dar a impressão de que pensava em outra mulher, passavam sem despertar a menor atenção.

Por outro lado, ela lhe falava longamente (e infelizmente com muita alegria) da faculdade, descrevendo vários de seus colegas com tanta animação que chegavam a parecer-lhe mais reais do que ele mesmo. Ambos haviam voltado a ser o que eram antes de se conhecerem: um rapaz tímido e uma *virgem de pedra*, mantendo conversas cheias de sabedoria. Mas algumas vezes (Jaromil adorava aqueles momentos e não perdia nada deles) ela se calava bruscamente ou dizia à queima-roupa uma frase, triste e nostálgica, à qual Jaromil tentava em vão encadear suas próprias palavras, pois a tristeza da jovem era voltada para dentro dela mesma e não procurava harmonizar-se com a tristeza de Jaromil.

Qual era a origem dessa tristeza? Quem sabe? Talvez ela lamentasse o amor que via desaparecer; talvez pensasse em mais alguém que desejasse; quem sabe? Um dia, esse instante de tristeza foi tão intenso (eles saíam do cinema e passeavam numa rua escura e silenciosa) que ela apoiou, enquanto andava, a cabeça em seu ombro.

Meu Deus! Ele já conhecera aquilo! Conhecera na noite em que passeava no parque de Stromovka com a garota do curso de dança!

Aquele movimento de cabeça, que o excitara naquela noite, produziu nele o mesmo efeito: estava excitado! Estava infinita e ostensivamente excitado! Mas desta vez não sentia vergonha, ao contrário, ao contrário, desta vez desejava desesperadamente que a jovem percebesse sua excitação!

Mas ela tinha a cabeça tristemente apoiada em seu ombro e Deus sabe em que direção olhava através dos óculos.

E a excitação de Jaromil persistia, vitoriosa, ativa, longa, visível, e ele desejava que fosse vista e apreciada! Queria segurar a mão da jovem e trazê-la para seu corpo, mas isso não passava de uma ideia que lhe parecia insensata e irrealizável. Pensou consigo mesmo que poderiam parar um pouco e beijar-se e que a jovem sentiria com o corpo sua excitação.

Mas quando a estudante compreendeu, no seu passo mais lento, que ele ia parar para beijá-la, disse:

“Não, não, quero ficar assim, quero ficar assim...”, e disse isso com tanta tristeza que Jaromil obedeceu sem protestar. E o outro, entre as suas pernas, fazia a vez de um inimigo, um palhaço, um bufão que dançava e zombava dele. E ele caminhava com uma cabeça triste e estranha sobre o ombro e um palhaço estranho e zombeteiro entre as pernas.

25

Talvez ele imaginasse que a tristeza e a sede de consolo (o ilustre poeta não lhe respondia) justificassem qualquer ação insólita, pois apareceu inesperadamente na casa do pintor. Quando chegou à porta, percebeu pelo barulho das vozes que havia gente, e quis logo desculpar-

se e ir embora; mas o pintor convidou-o cordialmente a entrar no ateliê, onde o apresentou aos seus convidados, três homens e duas mulheres.

Jaromil sentiu as faces enrubescerem sob o olhar dos cinco desconhecidos, mas ao mesmo tempo estava lisonjeado; o pintor apresentava-o dizendo que escrevia versos excelentes e falava dele como se seus convidados já o conhecessem de nome. Era uma sensação agradável. Quando se sentou numa poltrona e olhou ao seu redor, constatou com grande prazer que as duas mulheres presentes eram mais bonitas que a sua estudante. Com que elegância natural elas cruzavam as pernas, batiam a cinza dos cigarros no cinzeiro e associavam em frases bizarras os termos pedantes e as palavras obscenas! Jaromil tinha a impressão de que um elevador o levava para lindos cumes onde a voz torturante da garota de óculos não podia atingir seu ouvido.

Uma das mulheres virou-se para ele e amavelmente perguntou-lhe que gênero de versos escrevia. “Versos”, disse ele, e sacudiu os ombros, incomodado. “Versos admiráveis”, completou o pintor, e Jaromil baixou a cabeça; a outra mulher olhou-o e disse com voz de contralto: “Aqui, no meio de nós, ele me faz lembrar Rimbaud com Verlaine e seus companheiros no quadro de Fantin-Latour. Uma criança entre homens. Dizem que aos dezoito anos Rimbaud parecia ter treze. E você”, disse ela virando-se para Jaromil, “você tem todo o jeito de criança.”

(Não podemos deixar de observar que essa mulher inclinava-se sobre Jaromil com a mesma ternura cruel que tinham ao inclinar-se sobre Rimbaud as irmãs de seu mestre Izambard, as ilustres *catadoras de piolhos*, quando ele vinha à sua casa de volta de uma de suas longas aventuras e elas o lavavam, limpavam e espiolhavam.)

“Nosso amigo”, disse o pintor, “tem a sorte, que aliás não terá por muito tempo, de não ser mais uma criança e ainda não ser um homem.”

“A puberdade é a idade mais poética”, disse a primeira mulher.

“Você ficaria abismada”, disse o pintor com um sorriso, “se conhecesse a maturidade e a perfeição surpreendentes dos versos que este rapazola virgem é capaz de escrever...”

“É verdade”, concordou um dos homens, mostrando assim que conhecia os versos de Jaromil e que aprovava o elogio do pintor.

“Você não os publica?”, perguntou a mulher com voz de contralto a Jaromil.

“Não creio que a época dos heróis positivos e dos bustos de Stálin seja muito favorável à poesia”, disse o pintor.

A alusão aos heróis positivos conduziu novamente a conversa para o caminho em que estava antes da chegada de Jaromil. Ele estava familiarizado com aqueles problemas e podia participar à vontade da discussão, mas já não ouvia nada do que falavam. Na sua cabeça ressoavam ecos intermináveis, repetindo-lhe que parecia ter treze anos, que era uma criança, um rapazola virgem. É claro que sabia que ninguém ali queria ofendê-lo e que o pintor gostava sinceramente de seus versos, mas isso só fazia piorar as coisas: pouco lhe importavam seus versos naquele momento. Teria renunciado mil vezes à maturidade deles para adquirir em troca a sua própria. Teria dado todos os seus poemas por um só coito.

Começou uma discussão animada e Jaromil queria ir embora. Mas sentia-se tão oprimido que não chegava nem mesmo a pronunciar a frase que deveria anunciar sua partida. Temia ouvir a própria voz; temia que sua voz começasse a tremer ou a falsear e trouxesse mais uma vez às claras a sua imaturidade infantil. Queria tornar-se invisível, partir para bem longe na ponta dos pés e desaparecer, adormecer e dormir por

muito tempo e só acordar dez anos mais tarde, quando seu rosto já tivesse envelhecido e estivesse coberto de rugas másculas.

A mulher com voz de contralto virou-se novamente para ele: “Por que está tão taciturno, meu jovem?”

Ele titubeou que preferia ouvir a falar (apesar de não estar escutando nada) e pensou que seria impossível escapar à condenação imposta pela estudante, e que o veredicto devolvendo-o à virgindade, que carregava como um estigma (meu Deus, bastava olhar para ele e já se podia ver que nunca tivera uma mulher!), mais uma vez se confirmava.

E como sabia que todos olhavam para ele, cruelmente tomou consciência de seu rosto e sentiu, quase com pavor, que o que tinha em seu rosto era o sorriso de sua mãe! Podia reconhecê-lo com certeza, aquele sorriso delicado, amargo, sentia-o chapeado sobre os lábios e não tinha meios de desvencilhar-se dele. Sentia que a mãe estava colada em seu rosto, que o envolvia como a crisálida envolve a larva à qual não quer reconhecer o direito à sua própria aparência.

E estava ali, entre os adultos, vestido com a máscara de sua mãe, e a mãe apertava-o nos braços, puxava-o para si para afastá-lo daquele mundo ao qual queria pertencer e que se encaminhava para ele com benevolência, mas igualmente como se encaminha para alguém que ainda não tem seu lugar ali. Aquela situação era tão intolerável que Jaromil reuniu todas as suas forças para arrancar do rosto a máscara materna, para escapar dela; esforçou-se por ouvir a discussão.

Ela tratava de um problema que era então objeto de debates apaixonados entre todos os artistas. Na Boêmia, a arte moderna sempre proclamara a revolução comunista; mas, quando a revolução aconteceu, ela proclamara como programa incondicional a adesão a um realismo

popular inteligível a todos e rejeitara a arte moderna como uma manifestação monstruosa da decadência burguesa.

“Este é o nosso dilema”, disse um dos convidados do pintor. “Trair a arte moderna com a qual crescemos ou a revolução que tanto pedimos?”

“A pergunta está mal colocada”, disse o pintor. “Uma revolução que ressuscitou a arte acadêmica de seu túmulo e que fabrica milhares de exemplares de bustos de homens de Estado não traiu apenas a arte moderna, mas primeiro traiu a si mesma. Essa revolução não quer transformar o mundo, muito pelo contrário: quer conservar o espírito mais reacionário da história, o espírito do fanatismo, da disciplina, do dogmatismo, da fé e das convenções. Não existe dilema para nós. Se somos verdadeiros revolucionários, não podemos aceitar essa traição da revolução.”

Jaromil não teria nenhuma dificuldade em desenvolver o pensamento do pintor cuja lógica ele conhecia tão bem, mas lhe era repugnante a ideia de portar-se ali como o aluno comovente, o garotinho dócil a quem sempre se elogia. Sentia-se invadido pelo desejo de revolta e disse, dirigindo-se ao pintor:

“Você sempre cita Rimbaud: *é preciso ser absolutamente moderno*. Estou de pleno acordo. Mas o que é absolutamente moderno não é o que podemos prever durante cinco anos, mas, ao contrário, o que nos choca e surpreende. Absolutamente moderno não é o surrealismo, que dura há um quarto de século, mas esta revolução que acontece neste momento sob os nossos olhos. O fato de que não a compreendem é simplesmente a prova de que ela é moderna.”

Eles lhe cortaram a palavra: “A arte moderna era um movimento dirigido contra a burguesia e contra o seu universo”.

“Sim”, disse Jaromil, “mas se tivesse sido realmente lógica na sua negação do mundo contemporâneo deveria ter contado com o seu próprio desaparecimento. Deveria ter sabido (deveria até ter desejado) que a revolução criaria uma arte totalmente nova, uma arte à sua imagem.”

“Quer dizer que aprova”, disse a mulher com voz de contralto, “a destruição dos poemas de Baudelaire, a proibição de toda a literatura moderna, e que rapidamente se enfiem nos porões as pinturas cubistas do Museu Nacional?”

“A revolução é um ato de violência”, disse Jaromil, “isso já é sabido, e o surrealismo, precisamente, sabia muito bem que os velhos devem ser brutalmente arrancados de cena, apenas não suspeitava que ele próprio entraria no rol.”

Para não se sentir humilhado, exprimia seus pensamentos da maneira como ele mesmo se dava conta, maldosa e precisamente. Uma única coisa o desconcertou logo nas primeiras palavras: ouviu em sua voz o tom singular e autoritário do pintor e não pôde impedir que a sua mão direita descrevesse no ar o movimento característico dos gestos do pintor. Tratava-se na realidade de uma discussão estranha do pintor com o pintor, do pintor homem com o pintor criança, do pintor com a sua sombra revoltada. Jaromil dava-se conta disso e sentia-se ainda mais humilhado; era a razão por que utilizava fórmulas cada vez mais duras para vingar-se do pintor que o aprisionara nos gestos e na voz.

Por duas vezes o pintor respondeu a Jaromil através de explicações bastante longas, mas depois se calou. Contentava-se em olhá-lo, dura e severamente, e Jaromil sabia que nunca mais poderia entrar no seu ateliê. Todos se calaram, até que a mulher de voz de contralto (mas desta vez ela não lhe falava como se se inclinasse sobre ele com ternura como

a irmã de Izambard inclinando-se sobre a cabeça piolhenta de Rimbaud; ao contrário, parecia afastar-se dele com tristeza e surpresa) disse:

“Não conheço os seus versos, mas, pelo que ouvi falar, acho que dificilmente poderiam ser publicados sob esse regime que você acaba de defender com tanta veemência.”

Jaromil lembrou-se do seu último poema sobre os dois velhos e o seu último amor; percebeu que esse poema, que amava enormemente, nunca poderia ser publicado no momento das palavras de ordem de otimismo e dos poemas de propaganda e que, renegando-o agora, renegava o que tinha de mais caro, renegava sua única riqueza, sem a qual estaria completamente só.

Mas havia uma coisa ainda mais preciosa que seus poemas; uma coisa que não possuía ainda, que estava longe e à qual aspirava — a virilidade; sabia que ela só lhe seria acessível pela ação e pela coragem; e se essa coragem significa a coragem de ser abandonado, abandonado por tudo, pela mulher amada, pelo pintor e até por seus próprios poemas, pois bem, que assim o seja: queria ter essa coragem. Foi por isso que disse:

“Sim, eu sei que a revolução não precisa absolutamente desses poemas. Lamento, porque os amo muito. Mas minha tristeza infelizmente não é um argumento contra a inutilidade deles.”

Houve novo silêncio, e logo um dos homens disse: “É horrível”, e isso fez com que tremesse como se sentisse frio nas costas. Jaromil percebeu a impressão de horror que suas palavras produziram em todos os presentes que, olhando para ele, viam o desaparecimento vivo de tudo o que amavam, de tudo o que era sua razão de viver.

É triste, mas ao mesmo tempo bonito: Jaromil perdeu, no espaço de um instante, a impressão de que ainda era uma criança.

Mamãe lia os versos que Jaromil pusera sobre sua mesa sem dizer palavra e tentava, nas entrelinhas, ler a vida de seu filho. Se ao menos os versos tivessem uma linguagem clara! Sua sinceridade é falaciosa; são cheios de enigmas e alusões; mamãe sabe que seu filho tem a cabeça repleta de mulheres, mas não tem ideia do que ele faz com elas.

Acabou então abrindo a gaveta da mesa de trabalho de Jaromil e começou a vasculhar à procura do seu diário. Estava ajoelhada no chão e folheava emocionada; as inscrições eram lacônicas, mas pôde ao menos concluir que seu filho estava apaixonado; ele a designava apenas por uma inicial, maiúscula, e ela não conseguiu adivinhar quem era essa mulher na realidade; por outro lado, estava indicado, com um gosto apaixonado pelo detalhe que mamãe achava repugnante, em que data haviam trocado o primeiro beijo, quando lhe tocara pela primeira vez os seios e as nádegas.

Depois, chegou a uma data escrita em vermelho e enfeitada com inúmeros pontos de exclamação; ao lado da data podia-se ler: *Amanhã! Amanhã! Ah, meu velho Jaromil, velhote careca, quando estiver lendo isto daqui a muitos anos, lembre-se de que foi neste dia que começou a verdadeira História da sua vida!*

Ela refletiu rapidamente e lembrou-se de que era o dia em que se ausentara de Praga com a avó; e lembrou-se de que na volta encontrara no banheiro seu precioso frasco de perfume destampado; na época perguntara a Jaromil o que havia feito com o seu perfume e ele respondera constrangido: “Brinquei com ele...”. Oh, como era estúpida! Lembrara-se de que Jaromil, quando pequeno, queria ser inventor de perfumes, e essa lembrança a emocionara. Contentara-se em dizer-lhe: “Não acha que já está um pouco grande para essas brincadeiras?”. Mas

agora tudo estava claro: uma mulher estivera no banheiro, aquela com quem Jaromil havia passado aquela noite na mansão e com quem perdera a virgindade.

Imaginava seu corpo nu; imaginava perto desse corpo o corpo nu de uma mulher, imaginava que esse corpo feminino exalava o seu perfume e que tinha o cheiro idêntico ao seu; e foi tomada pelo desgosto.

Olhou novamente o diário e constatou que após a data marcada com pontos de exclamação acabavam-se as inscrições. Pronto, tudo chega ao fim no dia em que um homem consegue dormir com uma mulher pela primeira vez, pensou ela amargamente, e seu filho parecia-lhe ignóbil.

Durante alguns dias ela o evitou e recusou-se a dirigir-lhe a palavra. Depois percebeu que ele havia emagrecido e estava pálido: a razão era que fazia amor demais, com certeza.

Alguns dias mais tarde ela se deu conta de que no abatimento de seu filho não havia apenas cansaço, mas também tristeza. Com isso sentiu-se um pouco reconciliada com ele e reencontrou a esperança: dizia para si mesma que as amantes ferem e as mães consolam; dizia que as amantes podem ser inúmeras, mas a mãe é única. É preciso que eu lute por ele, que lute por ele, repetia-se ela e, a partir desse momento, pôs-se a girar em torno dele como uma tigresa vigilante e compassiva.

27

As coisas estavam nesse ponto quando ele prestou com sucesso os exames de conclusão do curso secundário. Foi com tristeza que se separou dos colegas com quem convivera no colégio por oito anos, e essa maturidade oficialmente confirmada tinha o efeito de um deserto que se estendia à sua frente. Até que, um belo dia, soube (por acaso: encontrara um rapaz a quem conhecia por tê-lo encontrado nas reuniões

na casa do sujeito moreno) que a estudante de óculos estava apaixonada por um colega de faculdade.

Teve com ela ainda um encontro; ela lhe disse que partiria de férias dentro de alguns dias; ele anotou seu endereço; não falou do que tinha sabido; temia, ao falar nisso, apressar o rompimento; estava feliz de que ela ainda não o tivesse abandonado completamente, mesmo tendo outro; estava feliz de que ela lhe permitisse beijá-la de vez em quando e que o tratasse ao menos como amigo; gostava muito dela e estava pronto a renunciar a qualquer orgulho; ela era a única criatura viva no deserto que via à sua frente; agarrava-se à esperança de que o amor deles que apenas sobrevivia pudesse reanimar-se.

A estudante partiu, deixando atrás de si um verão tórrido, semelhante a um longo túnel sufocante. Uma carta (chorosa e suplicante) caiu nesse túnel e perdeu-se sem despertar nenhum eco. Jaromil sonhava em escutá-la ao telefone pendurado à parede de seu quarto; infelizmente, aquele fone subitamente passou a ter sentido: um fone de fio cortado, uma carta sem resposta, uma conversa com alguém que não ouve...

E mulheres em vestidos leves passavam pelas ruas, canções da moda voavam pelas janelas abertas, os trens estavam cheios de pessoas que levavam toalhas e maiôs nas bolsas e o *bateau-mouche* descia o Vltava, em direção ao sul, em direção das florestas...

Jaromil estava abandonado, e apenas os olhos maternos o observavam e permaneciam fiéis a ele; mas lhe era intolerável que aqueles olhos pudessem desnudar seu abandono, que queria permanecer invisível e escondido. Ele não suportava nem os olhares nem as perguntas de sua mãe. Escapava de casa e voltava tarde para ir direto para a cama.

Já dissemos que ele não nascera para a masturbação, mas sim para um grande amor. Durante aquelas semanas, no entanto, masturbava-se

desesperada e freneticamente, como se quisesse castigar-se por uma atividade tão vil e humilhante. Depois, tinha dor de cabeça durante todo o dia, mas estava quase feliz, porque aquela dor escondia-lhe a beleza das mulheres de vestidos leves e amortizava as melodias atrevidamente sensuais das canções da moda; assim, tomado por uma suave estupefação, podia atravessar mais facilmente a superfície interminável do dia.

E não recebia nenhuma carta da estudante. Se ao menos tivesse recebido outra carta, qualquer uma! Se apenas alguém tivesse aceitado penetrar no seu vazio! Se o ilustre poeta a quem enviara seus poemas consentisse finalmente em escrever-lhe algumas frases! Oh, se ele lhe escrevesse algumas palavras calorosas! (Sim, já dissemos que ele daria todos os seus versos para ser considerado como um homem, mas faltava-nos completar: se não era considerado como homem, uma única coisa podia trazer-lhe um pequeno consolo: ser ao menos considerado como poeta.)

Queria mais uma vez fazer-se lembrar ao ilustre poeta. Não por carta, mas por um gesto carregado de poesia. Certo dia, saiu munido de uma faca de cozinha. Rodeou por longo tempo uma cabine telefônica e, quando teve certeza de que não havia ninguém por perto, entrou e cortou o fone. Conseguiu cortar um fone por dia e ao fim de vinte dias (ainda não recebera nenhuma carta, nem da jovem nem do poeta) tinha vinte fones de fio cortado. Arrumou-os numa caixa, fez um embrulho com papel e barbante e escreveu o nome e endereço do ilustre poeta e o nome do remetente. Emocionado, levou o pacote à agência dos correios.

Quando saía do guichê, alguém deu-lhe um tapinha no ombro. Virou-se e reconheceu seu antigo colega da escola comunitária, o filho do porteiro. Estava feliz em revê-lo (o menor acontecimento era bem-

vindo àquele vazio em que nada acontecia!); começou a conversar satisfeito e, quando soube que o colega morava perto dos correios, quase o obrigou a convidá-lo para ir à sua casa.

O filho do porteiro não morava mais na escola com os pais, agora tinha seu próprio apartamento conjugado. “Minha mulher não está em casa”, ele explicou, enquanto entrava com Jaromil. Este não suspeitava que o amigo já fosse casado. “Sim, já faz um ano”, continuou o filho do porteiro, e disse-o com tanta segurança e naturalidade que Jaromil teve um sentimento de inveja.

Em seguida, sentaram-se no apartamento e Jaromil percebeu junto à parede uma pequena cama com um recém-nascido; pensou que o seu antigo colega de classe era pai de família e que ele não passava de um onanista.

O filho do porteiro tirou de um armário uma garrafa de licor, encheu dois copos, e Jaromil disse para si mesmo que não poderia ter uma garrafa no quarto, pois a mãe lhe teria feito mil perguntas.

“E o que é que você faz?”, perguntou Jaromil.

“Estou na polícia”, disse o filho do porteiro, e Jaromil lembrou-se do dia em que passara, com a garganta envolta em compressas, diante do aparelho de rádio que trazia até ele o clamor escandido da multidão. A polícia era o mais sólido sustentáculo do partido comunista, e seu antigo colega de classe, durante aqueles dias, certamente encontrava-se ao lado da multidão que bramava, enquanto ele, Jaromil, estava em casa com a avó.

Sim, o filho do porteiro efetivamente passara aqueles dias na rua e falava daquilo com orgulho, mas também com prudência, e Jaromil achou necessário fazê-lo compreender que estavam ligados pela mesma convicção; falou-lhe das reuniões na casa do sujeito moreno. “Aquele

judeu?”, disse o filho do porteiro, sem entusiasmo. “Cuidado com ele! É um sujeito esquisito!”

Continuava não conhecendo bem o filho do porteiro, estava sempre um degrau abaixo dele e Jaromil queria elevar-se até seu nível; disse com voz triste: “Não sei se você sabe, mas meu pai morreu num campo de concentração. Desde então acho que é preciso mudar radicalmente o mundo e sei onde é o meu lugar.”

O filho do porteiro finalmente pareceu compreender e concordou; depois conversaram longamente, e quando falaram de seus futuros Jaromil afirmou bruscamente: “Quero fazer política”.

Ele mesmo estava surpreso por ter dito aquilo; como se as palavras lhe tivessem chegado antes do pensamento; como se fossem suas palavras que decidissem por ele sobre seu futuro.

“Sabe”, ele prosseguiu, “minha mãe gostaria que eu estudasse história da arte ou francês, ou alguma coisa no gênero, mas nada disso me interessa. A vida não é isto. A vida real é o que você faz.”

E quando saiu da casa do filho do porteiro disse para si mesmo que acabara de ter uma luz decisiva. Algumas horas antes despachava pelo correio um pacote contendo vinte fones, certo de que aquilo representava um apelo fantástico dirigido ao grande poeta para que lhe respondesse. Que lhe fazia assim a dádiva da vã espera de suas palavras, o dom do desejo de sua voz.

Mas a conversa que tivera logo depois com seu antigo colega de classe (e estava claro que aquilo não tinha sido uma coincidência!) dava um sentido oposto ao seu ato poético: não era mais uma dádiva e um apelo suplicante; absolutamente; ele orgulhosamente *devolvera* ao poeta toda a sua vã espera; os fones de fio cortado eram as cabeças cortadas de sua devoção e Jaromil as enviara sarcasticamente ao poeta, como um sultão

turco outrora mandava a um chefe de guerra cristão as cabeças cortadas dos cruzados.

Agora compreendia tudo: toda a sua vida não passara de uma longa espera numa cabine abandonada diante de um fone com o qual não podia fazer nenhuma ligação. Agora, havia apenas uma saída à sua frente: sair da cabine abandonada, sair rápido!

28

“O que há com você, Jaromil?” O calor daquela pergunta compassiva lhe trazia lágrimas aos olhos; não havia como escapar, e mamãe prosseguia: “Você é a minha criança, apesar de tudo. Conheço-o de cor. Sei tudo sobre você, apesar de você não me contar nada”.

Jaromil desviava o olhar e sentia vergonha. E mamãe continuava falando: “Não pense que sou sua mãe, pense que sou um amigo mais velho. Se confiar em mim, talvez isso o alivie. Sei que está atormentado”. E completou suavemente: “E sei também que é por causa de uma mulher”.

“Sim, mamãe, estou triste”, admitiu Jaromil, porque aquela atmosfera quente de compreensão mútua o envolvia e ele não conseguia fugir dela. “Mas é difícil falar sobre isso...”

“Compreendo. Aliás, não quero que me diga nada agora, quero apenas que saiba que poderá me contar tudo quando quiser. Escute. Está um tempo lindo. Resolvi fazer um passeio de *bateau-mouche* com algumas amigas. Vou levá-lo. Precisa se distrair um pouco.”

Aquela ideia não o seduziu nem um pouco, mas não tinha nenhuma desculpa à mão; além do mais, estava tão covarde e tão triste que não tinha energia suficiente para se defender e, sem saber como, viu-se subitamente com quatro mulheres no cais de um *bateau-mouche*.

As mulheres tinham a mesma idade de sua mãe e Jaromil representava para elas um tema ideal para conversa; as senhoras ficaram extremamente surpresas ao saber que ele já concluía seu curso: constataram que se parecia com a mãe; espantaram-se de que tivesse decidido inscrever-se na Escola de Altos Estudos Políticos (achavam que esse tipo de estudos não era conveniente para um rapaz tão delicado) e naturalmente perguntaram-lhe com ar brejeiro se ele já tinha namorada; Jaromil as detestava em silêncio, mas via que a mãe estava de bom humor e, por causa dela, sorria docilmente.

Quando o *bateau-mouche* acostou, as mulheres e seu rapaz desceram na margem coberta de corpos seminus e procuraram lugar onde pudessem tomar banho de sol; apenas duas delas haviam trazido maiô, a terceira despiu o corpo gordo e branco, exibindo-se de calcinha e sutiã (não tinha nenhuma vergonha da intimidade de sua roupa de baixo, talvez se sentisse pudicamente dissimulada por sua feiura) e mamãe declarou que se contentaria em bronzear o rosto, que virou na direção do sol, enrugando os olhos. Depois, as quatro afirmaram em uníssono que o jovem deveria despir-se, tomar um banho de sol e banhar-se; aliás, mamãe já havia pensado nisso e trouxera o calção de banho de Jaromil.

De um café vizinho chegava até eles o som de canções da moda que enchiam Jaromil de um langoroso desejo insaciado; moças e rapazes bronzeados passavam por perto, vestindo apenas roupa de banho, e Jaromil tinha a impressão de ser o seu ponto de mira; estava envolvido por seus olhares como se estivesse no fogo; fazia um esforço desesperado para que ninguém visse que estava com aquelas quatro senhoras idosas; mas as mulheres cercavam-no ruidosamente e comportavam-se como uma única mãe com quatro cabeças cacarejantes; e insistiam para que fosse banhar-se.

Ele protestava: “Não tenho nem mesmo lugar para me trocar”.

“Bobagem, ninguém vai olhar para você, basta que coloque a toalha na sua frente”, sugeriu a senhora gorda de sutiã e calcinha rosa.

“Ele é pudico”, disse mamãe rindo, e todas as outras riram com ela.

“É preciso respeitar o seu pudor”, disse mamãe. “Venha, você vai se trocar atrás da toalha e ninguém o verá.” Ela segurava entre as mãos esticadas uma grande toalha branca cuja frente deveria protegê-lo dos olhares da praia.

Ele recuou e mamãe seguiu-o com a toalha. Recuava diante dela e ela continuava seguindo-o, e poder-se-ia dizer que um grande pássaro de asas brancas perseguia uma presa em fuga.

Jaromil recuou, recuou, depois fez meia-volta e foi embora correndo.

As mulheres olhavam para ele surpresas, mamãe continuava segurando a toalha branca entre as mãos estendidas; ele escapava entre os jovens corpos despídos, desaparecendo do campo de visão delas.

Quarta parte

ou

O POETA CORRE

1

Deve chegar o momento em que o poeta solta-se dos braços da mãe e corre.

Ainda recentemente ele ia docilmente, em filas de dois a dois: na frente iam suas irmãs, Isabelle e Vitalie, ele ia atrás delas com seu irmão Frédéric, e atrás, como um capitão, vinha a mãe, que assim levava os filhos, todas as semanas, através de Charleville.

Quando completou dezesseis anos, soltou-se pela primeira vez de seus braços. Em Paris, foi preso pela polícia, seu mestre Izambard e suas irmãs (sim, aquelas que se inclinavam sobre ele para catar os piolhos de seus cabelos) ofereceram-lhe teto durante algumas semanas, depois o frio abraço materno fechou-se sobre ele com duas bofetadas.

Mas Arthur Rimbaud fugia ainda e sempre; corria com um colar colado ao pescoço e era correndo que criava seus poemas.

2

Era então 1870 e Charleville ouvia ao longe os canhões da guerra franco-prussiana. Era uma situação especialmente favorável para a fuga, pois os clamores das batalhas exerciam uma atração nostálgica sobre os poetas.

Seu corpo atarracado de pernas tortas está apertado num uniforme de hussardo. Aos dezoito anos, Lermontov tornou-se soldado para escapar

da avó e do seu amor materno atravancador. Trocou a pena, que é a chave da alma do poeta, pela pistola, que é a chave das portas do mundo. Pois quando mandamos uma bala no peito de um homem, é como se entrássemos nós mesmos nesse peito; e o peito do outro é o mundo.

Desde o instante em que se soltou dos braços de sua mãe Jaromil não parou de correr, e poder-se-ia dizer que ao ruído de seus passos também se mistura alguma coisa que se assemelha ao estrondo do canhão. Não são as detonações de granadas, mas antes o clamor de uma revolução política. Nessa época, o soldado é apenas uma decoração e o homem político toma o lugar do soldado. Jaromil não escreve mais versos, mas frequenta assiduamente as aulas da Escola de Altos Estudos Políticos.

3

A revolução e a juventude formam um par. O que a revolução pode prometer aos adultos? A uns a desgraça, a outros seus favores. Mas esses favores não valem grande coisa, pois só interessam à metade mais miserável da vida e trazem, junto com as vantagens, a incerteza, uma exaustiva atividade e a perturbação dos costumes.

A juventude tem mais sorte: ela não é obliterada pelo erro e a revolução pode admiti-la por inteiro sob sua proteção. A incerteza das épocas revolucionárias é para a juventude uma vantagem, pois é o mundo dos pais que é precipitado na incerteza. Oh, como é bonito entrar na idade adulta quando as muralhas do mundo adulto estão desmoronando!

No ensino superior tcheco, nos primeiros anos que se seguiram ao golpe de Estado de 1948, os professores comunistas eram minoria. Para garantir sua ascendência sobre a universidade, a revolução precisava dar poder aos estudantes. Jaromil militava na União da Juventude, na seção

da Escola de Altos Estudos Políticos, e assistia às deliberações das bancas examinadoras. Depois ele encaminhava ao comitê político da escola um relatório em que indicava como tal ou tal professor se comportava durante os exames, as perguntas que fazia e as opiniões que defendia. Na verdade, era mais o examinador do que o examinado que se submetia a um exame.

4

Mas Jaromil também se submetia a um exame quando apresentava seu relatório ao comitê. Ele precisava responder às perguntas de rapazes severos e esperava falar de uma maneira que agradasse a eles: Quando se trata da educação da juventude, o compromisso é um crime. Não se pode conservar no ensino professores com ideias ultrapassadas: ou o futuro será novo ou não o será. E não se pode confiar demais em professores que mudaram de ideia de um dia para o outro: ou o futuro será puro ou será manchado.

Agora que Jaromil tornou-se um militante rigoroso, cujos relatórios influem no destino dos adultos, ainda podemos pretender que ele está fugindo? Será que ele não dá mais a impressão de ter atingido o objetivo?

Absolutamente.

Quando tinha seis anos, sua mãe lhe dava um ano a menos que seus colegas de classe; ele continua tendo um ano a menos. Quando faz um relatório sobre um professor que tem opiniões burguesas, não é no professor que pensa, mas olha angustiado nos olhos dos rapazes e observa ali a sua imagem; da mesma forma que em casa ele verifica diante do espelho seu penteado e seu sorriso, aqui ele verifica nos seus olhos a firmeza, a virilidade, a dureza de suas palavras.

Ele está sempre cercado por uma parede de espelhos e não vê além dela.

Pois a maturidade é indivisível; ou a maturidade é total, ou não é. Enquanto fora dali ele for uma criança, sua presença nas bancas de exames e seus relatórios sobre os professores serão apenas uma variante do seu curso.

5

Porque ele tenta a cada instante escapar dela e não consegue; toma o café da manhã e janta com ela, deseja-lhe boa noite e bom dia. Pela manhã, recebe de suas mãos a sacola de compras; mamãe não imagina que esse símbolo doméstico não convém ao cérbero ideológico dos professores de faculdade e manda-o fazer as compras da casa.

Vejam: ele está na mesma rua, onde já o vimos, no início da parte anterior, enrubescer diante de uma desconhecida que avançava ao seu encontro. Muitos anos se passaram desde então, mas ele continua enrubescendo, e na loja onde a mãe o manda tem medo de olhar nos olhos da jovem de blusa branca.

Esta jovem, que passa oito horas por dia presa na gaiola estreita da caixa registradora, agrada-lhe loucamente. A suavidade de seus contornos, a lentidão de seus gestos, seu cativo, tudo isso lhe parece misteriosamente próximo e predestinado. Aliás, ele sabe por quê: esta jovem se parece com a empregada cujo noivo foi fuzilado; tristeza belo rosto. E a gaiola da caixa onde a garota está sentada se parece com a banheira onde viu a empregada tomar banho.

6

Está inclinado sobre sua escrivaninha e treme ao pensar nos exames; eles o apavoram na universidade como já o apavoravam na escola, porque está acostumado a mostrar à mãe os boletins onde há apenas A e ele não quer aborrecê-la.

Mas como a falta de ar é insuportável neste pequeno quarto de Praga cujo ar está repleto do eco de cantos revolucionários e cujas janelas deixam entrar a sombra de homens vigorosos tendo à mão martelos!

Estamos em 1922, passaram-se apenas cinco anos desde a grande revolução russa e ele precisa inclinar-se sobre um manual e tremer por causa de um exame! Que condenação!

Finalmente afasta o manual (já é tarde da noite) e pensa no poema que está escrevendo: é um poema sobre o operário Jan que sonha com a beleza da vida e quer matar esse sonho o consumando; ele segura um martelo, dá o braço à sua amante e é assim que caminha em meio à multidão de camaradas e vai fazer a revolução.

E o estudante de direito (ah sim, claro, é Jiri Wolker) vê sangue sobre a mesa; muito sangue, pois

quando se matam grandes sonhos

muito sangue corre

mas ele não teme o sangue, pois sabe que, se quiser ser um homem,
não deve temer o sangue.

7

A loja fecha às seis horas e ele vai se plantar em frente, na esquina da rua, para espreitar o momento em que a jovem deixa a caixa e sai. Ela sempre sai pouco depois das seis horas, ele sabe, e sabe também que ela sempre está acompanhada de uma jovem vendedora da mesma loja.

Essa amiga é bem menos bonita, parece-lhe até bastante feia; ela é exatamente o contrário da outra: a moça da caixa é morena, essa é ruiva; a da caixa é forte, essa é magra; a da caixa é silenciosa, essa é barulhenta; a da caixa parece misteriosamente próxima, essa é antipática.

Ele sempre voltava ao seu ponto de observação, na esperança de que as garotas saíssem separadas da loja e que ele conseguisse dirigir a palavra à morena. Mas nunca teve essa oportunidade. Certo dia seguiu as duas; elas percorreram algumas ruas e entraram num imóvel de classe média; durante quase uma hora ele esperou diante da porta, mas nenhuma das duas saiu.

8

Ela veio do interior a Praga para vê-lo e o está ouvindo ler seus poemas para ela. Está tranquila; sabe que seu filho continua a lhe pertencer; nem as mulheres nem o mundo conseguiram tomá-lo; ao contrário, as mulheres e o mundo entraram no círculo mágico da poesia e é um círculo que ela mesma traçou ao redor de seu filho, um círculo dentro do qual ela reina em segredo.

Ele está recitando um poema que escreveu em memória à sua avó, a mãe dela:

*pois vou para o combate
vovó
pela beleza deste mundo*

A senhora Wolker está tranquila. Seu filho pode ir para o combate nos seus poemas, segurar um martelo e dar o braço à amante; isso não a incomoda; pois ele guardou, nos seus poemas, a mãe e a avó, e o

aparador da família e todas as virtudes que ela lhe inculcou. Que o mundo o veja desfilar com um martelo na mão! Não, ela não quer perdê-lo, mas sabe muito bem que nada tem a temer: *exibir-se para* o mundo não é absolutamente a mesma coisa que *partir para* o mundo.

Mas o poeta também conhece essa diferença. E apenas ele sabe que é triste a casa da poesia!

9

Apenas o verdadeiro poeta pode dizer o que é o imenso desejo de não ser poeta, o que é o desejo de abandonar esta casa de espelhos onde reina um silêncio ensurdecedor.

Exilado dos países do sonho

Busco abrigo na multidão

E vejo em insultos

Transformar-se o meu canto

Mas enquanto Frantisek Halas escrevia esses versos, ele não estava no meio da multidão em praça pública; o cômodo onde escrevia, inclinado sobre a mesa, era silencioso.

Não é absolutamente verdadeiro que ele tenha sido exilado dos países do sonho. A multidão de que falava em seus poemas era justamente o país dos seus sonhos.

Ele também não conseguiu transformar seu canto em insultos; ao contrário, eram os seus insultos que sempre se transformavam em canto.

Muito bem! Não podemos realmente fugir da casa de espelhos?

*Mas eu
Eu mesmo
Domei
Sapateei
Sobre a garganta
Da minha própria canção,*

escreveu Vladimir Maiakóvski, e Jaromil o compreende. A linguagem em verso tem para ele o efeito de uma renda que fica guardada no armário de roupa branca da mãe. Há vários meses não escreve um verso, e não quer escrever. Está fugindo. É verdade, ele faz as compras para a mãe, mas fecha à chave as gavetas de sua escrivaninha. Tirou da parede todas as reproduções de pinturas modernas.

O que pôs no lugar? Talvez uma fotografia de Karl Marx?

De jeito nenhum. Ele pendurou na parede vazia uma fotografia de seu pai. Era uma fotografia de 1938, da época da triste mobilização, e nessa foto o pai usava uniforme de oficial.

Jaromil amava aquela fotografia que lhe mostrava um homem que conhecera tão pouco e cuja imagem começava a se esfumçar em sua memória. Tinha cada vez mais saudades daquele homem que fora jogador de futebol, soldado e banido. Aquele homem lhe fazia muita falta.

11

A aula da faculdade estava repleta de gente e alguns poetas estavam sentados no estrado. Um rapaz vestindo camisa azul (como costumavam usar então os membros da União da Juventude) e com uma enorme juba de cabelos bufantes estava na frente do estrado e falava:

Nunca a poesia tivera papel tão grande quanto nos períodos revolucionários; a poesia cedeu sua voz à revolução e em troca a revolução libertou-a de sua solidão; hoje o poeta sabe que é ouvido e sobretudo que é ouvido pela juventude, pois: “A juventude, a poesia e a revolução são uma coisa só!”.

O primeiro poeta levantou-se e recitou um poema que falava sobre uma jovem que abandonava seu amigo porque este, que trabalhava na fresadora ao lado, era um vadio e não alcançava os objetivos do plano; mas o amigo não queria perder sua amiga e, por sua vez, punha-se a trabalhar assiduamente, até que a bandeira vermelha dos trabalhadores enérgicos surgiu sobre a fresadora. Depois dele, outros poetas levantaram-se e recitaram poemas sobre a paz, sobre Lênin e Stálin, sobre os combatentes antifascistas martirizados e os operários que ultrapassavam as normas.

12

A juventude não se dá conta do imenso poder que confere o fato de ser jovem, mas o poeta (ele tem cerca de sessenta anos) que acaba de se levantar para recitar seu poema o sabe.

É jovem, ele declama com voz harmoniosa, aquele que está com a juventude do mundo, e a juventude do mundo é o socialismo. É jovem aquele que está mergulhado no futuro e não se vira para olhar para trás.

Em outras palavras: segundo a concepção do poeta sexagenário, a palavra juventude não designava uma idade determinada da vida, mas um *valor* construído acima da idade e sem ligação com ela. Essa ideia, elegantemente rimada, tinha pelo menos um duplo objetivo: primeiro, deixava lisonjeado o público jovem, e, depois, libertava magicamente o poeta da idade das rugas e garantia-lhe (pois ele não deixava nenhuma

dúvida de que estava do lado do socialismo e que não se voltava para olhar para trás) um lugar ao lado dos rapazes e das moças.

Jaromil estava na sala, com o público, e observava os poetas com interesse, mas ao mesmo tempo como se estivesse do outro lado, como alguém que já não fazia mais parte deles. Escutava os versos deles com a mesma frieza com que escutava fora dali as palavras dos professores para depois fazer o relatório para o comitê. O que lhe interessava mais era o poeta de nome ilustre que acabava de levantar-se de sua cadeira (os aplausos de agradecimento para o sexagenário já haviam cessado) e dirigia-se para o centro do estrado. (Sim, é o mesmo, o que recebeu não faz muito tempo o pacote de vinte fones arrancados.)

13

Caro mestre, estamos nos meses de amor; tenho dezessete anos. A idade das esperanças e das quimeras, como se costuma dizer. [...] E se estou lhe enviando alguns destes versos é porque amo todos os poetas, todos os bons parnasianos. [...] Não faça cara feia ao ler estes versos: [...] Eu ficaria cheio de alegria e esperança se concordasse em ceder, caro mestre, à peça Credo in unam um pequeno lugar entre os parnasianos. [...] Sou desconhecido; o que importa? Os poetas são irmãos. Estes versos creem; eles amam, esperam: é só. Caro mestre, meu mestre: Erga-me um pouco: eu sou jovem; estenda-me a mão [...].

De qualquer maneira ele está mentindo; ele tem quinze anos e sete meses; ainda não fugiu de Charleville para escapar da mãe. Mas essa carta durante muito tempo vai ressoar na sua cabeça como uma ladainha vergonhosa, como uma prova de fraqueza e subserviência. E vai se vingar dele, daquele caro mestre, daquele velho imbecil, daquele careca Teodoro de Banville! Um ano mais tarde vai zombar cruelmente de toda

a sua obra, de todos aqueles jacintos e todos aqueles lírios lânguidos que enchem seus versos, e lhe enviará seu sarcasmo numa carta, como uma bofetada registrada.

Mas, por enquanto, o caro mestre não desconfia ainda da raiva que o espreita e recita versos sobre uma cidade russa arrasada pelos fascistas e que renasce de suas ruínas; uma cidade que ele enfeitou com mágicas guirlandas surrealistas; o busto das jovens soviéticas flutua nas ruas como pequenas bolas coloridas; uma lâmpada a óleo pendurada sob o céu ilumina essa cidade branca em cujos telhados pousam helicópteros semelhantes a anjos.

14

Seduzido pelo charme da personalidade do poeta, o público aplaudiu. Entretanto, ao lado dessa maioria de atordoados, havia uma minoria de cabeças pensantes, e estes sabiam que o público revolucionário não deve esperar, como um humilde pedinte, aquilo que o estrado consente em lhe dar; ao contrário, se hoje há pedintes, são os poemas; eles imploram para ser admitidos no paraíso socialista; mas os jovens revolucionários que montam guarda nas portas desse paraíso devem mostrar-se severos, pois: o futuro será novo ou não será futuro; o futuro será puro ou será enxovalhado.

“Que besteiras ele está querendo nos fazer engolir!”, grita Jaromil, e outros se juntam a ele. “Ele quer acoplar o socialismo ao surrealismo! Quer acoplar o gato ao cavalo, o futuro ao passado!”

O poeta ouvia claramente o que se passava na sala, mas era orgulhoso e não pretendia ceder. Desde a juventude estava acostumado a provocar o temperamento bitolado dos burgueses e não se sentia absolutamente incomodado por estar sozinho contra todos. Ficou vermelho e decidiu

recitar como último poema um texto diferente daquele que escolhera previamente: era um poema cheio de metáforas violentas e de imagens eróticas desenfreadas; quando terminou, vieram as vaías e os gritos.

Os estudantes assoviavam e diante deles estava um velho homem que ali viera porque os amava; em sua revolta colérica o poeta via os raios de sua própria juventude. Achava que sua amizade lhe dava o direito de dizer a eles o que pensava. Tinha sido na primavera de 1968, em Paris. Pena! Os estudantes eram absolutamente incapazes de reconhecer o reflexo de sua própria juventude nas rugas do poeta, e o velho sábio via com surpresa que estava sendo vaiado por aqueles a quem amava.

15

O poeta ergueu a mão para acalmar a vozearia. E começou a gritar dizendo que estavam parecendo professoras primárias puritanas, padres dogmáticos e policiais tacanhos; que protestavam contra o seu poema porque detestavam a liberdade.

O velho sábio escutava as vaías em silêncio e pensava que também ele, quando jovem, estava cercado pelo rebanho e que, também ele, vaiava satisfeito, mas o rebanho se dispersara havia muito tempo e agora estava sozinho.

O poeta gritava que a liberdade é o dever da poesia e que também a metáfora merece que lutemos por ela. Gritava que acoplaria o gato ao cavalo e a arte moderna ao socialismo, e que se isso era dom-quixotismo ele queria ser um Dom Quixote, porque o socialismo era para ele a era da liberdade e do prazer, e que rejeitava qualquer outro socialismo.

O velho sábio observava os jovens desordeiros e subitamente compreendeu que era o único naquela sala a possuir o privilégio da liberdade, porque era idoso; apenas com a idade o homem pode ignorar

a opinião do rebanho, a opinião do público e do futuro. Ele fica sozinho com sua morte próxima e a morte não tem nem olhos nem ouvidos, ele não precisa agradá-la; pode fazer e dizer o que lhe dá prazer.

E eles assoviavam e pediam a palavra para responder. Jaromil também levantou-se; tinha um véu negro diante dos olhos, e atrás dele a multidão; dizia que apenas a revolução é moderna, mas que o erotismo decadente e as imagens poéticas incompreensíveis são apenas uma velharia poética e uma coisa estranha ao povo. “O que é moderno?”, ele perguntava ao ilustre poeta, “seus poemas incompreensíveis ou que construamos um mundo novo? A única coisa absolutamente moderna”, ele respondeu imediatamente, “é o povo que constrói o socialismo.” A essas palavras, o anfiteatro ressoou numa trovada de aplausos.

Esses aplausos ainda ressoavam enquanto o velho sábio se afastava pelos corredores da Sorbonne e lia nas paredes: *sejam realistas, exijam o impossível*, e um pouco mais adiante: *ou a emancipação do homem será total ou ela não acontecerá*. Mais adiante ainda: *sobretudo nada de remorsos*.

16

Os bancos da ampla sala de aula estão espremidos contra as paredes e pelo chão há pincéis, latas de tinta e longas faixas onde os estudantes da Escola de Altos Estudos Políticos escrevem palavras de ordem para a passeata do 1º de Maio. Jaromil, que é autor e redator das palavras de ordem, está de pé atrás deles e olha uma agenda.

Mas como! Enganamo-nos de ano? As palavras de ordem que ele está ditando aos colegas são exatamente aquelas que o velho sábio coberto de motejos lia ainda há pouco nas paredes da Sorbonne insurgida. De jeito nenhum, não nos enganamos; as palavras de ordem que Jaromil manda escrever nas faixas são exatamente as mesmas com que, vinte anos mais

tarde, os estudantes parisienses sujarão as paredes da Sorbonne, as paredes de Nanterre e as paredes de Censier.

Ele manda escrever sobre uma faixa: *O sonho é realidade*; e em outra: *Sejam realistas, exijam o impossível*; e ao lado: *Decretamos o estado de felicidade permanente*; e mais adiante: *Basta de Igrejas* (esta palavra de ordem lhe agrada especialmente, compõe-se de três palavras e rejeita dois milênios de História) e ainda: *Nada de liberdade para os inimigos da liberdade*; depois mais outra: *A imaginação no poder!* Outra: *Morte aos mornos!* E: *A revolução na política, na família, no amor!*

Os estudantes pintam as palavras e Jaromil anda orgulhosamente de um lado a outro como um marechal do verbo. Está feliz por ser útil, feliz por ter encontrado uma aplicação prática para a sua habilidade em lidar com as palavras. Ele sabe que a poesia morreu (*a arte morreu*, proclama uma parede da Sorbonne), mas que ela morreu para levantar-se do túmulo e tornar-se a arte da propaganda e dos slogans inscritos nas faixas e nas paredes das cidades (pois *a poesia está na rua*, proclama uma parede do Odéon).

17

“Você já leu o *Rudé pravo*? Havia, na primeira página, uma lista de cem palavras de ordem para o 1º de Maio. Ela foi estabelecida pela seção de propaganda do comitê central do partido. Ainda não encontrou nenhuma que lhe convenha?”

Jaromil tinha diante de si um rapaz rechonchudo do comitê distrital do partido, que se apresentara como sendo o presidente do comitê universitário para a organização das festas do 1º de Maio de 1949.

“O sonho é realidade. Isso é idealismo na sua espécie mais grosseira. Basta de Igrejas. Eu estaria totalmente de acordo com você, camarada. Mas por enquanto está em contradição com a política religiosa do partido. Morte aos mornos. Como se pudéssemos dirigir ameaças de morte às pessoas! A imaginação no poder, o que seria? A revolução no amor. Pode me dizer o que quer dizer com isso? Será que quer opor o amor livre ao casamento burguês ou a monogamia à promiscuidade burguesa?”

Jaromil respondeu que a revolução transformaria a vida sob todos os aspectos, inclusive a família e o amor; senão, não seria a revolução.

“Pode ser”, admitiu o rapaz rechonchudo. “Mas isso pode ser expresso de uma maneira melhor: por uma política socialista, por uma família socialista! Está vendo, e é uma palavra de ordem do *Rudé pravo*. Não precisava ter quebrado a cabeça!”

18

A vida está em outro lugar, haviam escrito os estudantes nas paredes da Sorbonne. Sim, ele sabe muito bem, foi exatamente por isso que deixou Londres e foi para a Irlanda, onde o povo se revoltou. Chama-se Percy Bysshe Shelley, tem vinte anos, é poeta e leva consigo centenas de panfletos e proclamações que devem servir-lhe de salvo-conduto para entrar na vida real.

Porque a vida real está em outro lugar. Os estudantes arrancam os paralelepípedos das ruas, viram carros, constroem barricadas; sua irrupção no mundo é bela e ruidosa, iluminada pelas chamas e saudada pela explosão de bombas de gás lacrimogêneo. Quão mais doloroso foi o destino de Rimbaud, que sonhava com as barricadas da Comuna de Paris e nunca conseguiu ir além de Charleville. Mas, em 1968, milhares

de Rimbaud têm suas próprias barricadas atrás das quais se insurgem e recusam qualquer compromisso com os antigos donos do mundo. A emancipação do homem ou será total ou não acontecerá.

Mas a um quilômetro dali, na outra margem do Sena, os antigos donos do mundo continuam a viver sua vida e a confusão do Quartier Latin lhes chega como uma coisa longínqua. O sonho é realidade, escreviam os estudantes na parede, mas parece que a verdade seria mais o contrário: aquela realidade (as barricadas, as árvores cortadas, as bandeiras vermelhas) era o sonho.

19

Mas nunca se sabe no instante presente se a realidade é sonho ou se o sonho é realidade; os estudantes que estavam alinhados com seus cartazes diante da faculdade tinham vindo ali com prazer, mas sabiam também que se não tivessem vindo corriam o risco de ter problemas. Em Praga, o ano de 1949 foi para os estudantes tchecos essa curiosa transição em que o sonho já não era apenas um sonho; seus gritos de alegria eram ainda voluntários, mas já obrigatórios.

A passeata desfilava pelas ruas e Jaromil caminhava junto dela; ele era o responsável não apenas pelas palavras de ordem das faixas, mas também pelos clamores de seus camaradas; não inventara mais belos aforismos provocantes, mas contentara-se em anotar na agenda alguns slogans recomendados pela seção central de propaganda. Gritava-os com voz forte como um padre numa procissão, e seus camaradas os repetiam.

20

Os cortejos já desfilaram pela praça São Venceslau diante das tribunas, orquestras improvisadas apareceram nas esquinas das ruas e jovens de camisa azul começam a dançar. Aqui todos se confraternizam, sem importar se não se conheciam um instante antes, mas Percy Shelley está infeliz, o poeta Shelley está sozinho.

Ele está em Dublin há várias semanas, distribuiu centenas de panfletos, a polícia já o conhece bem, mas ele não conseguiu ligar-se a um só irlandês. A vida está sempre onde ele não está.

Se ao menos houvesse barricadas e tiros! Jaromil pensou consigo que os cortejos solenes não passam de uma imitação fugitiva das grandes manifestações revolucionárias, que lhes falta densidade e que eles nos escapam pelos dedos.

E eis que imagina a moça enjaulada na caixa registradora e é invadido por um imenso desejo melancólico; vê-se quebrando a vitrine a marteladas, afastando as senhoras que ali vieram fazer suas compras, abrindo a grade da caixa e levando, sob o olhar estupefato dos curiosos, a moça morena libertada.

E imagina ainda que caminham lado a lado nas ruas repletas de gente e que se apertam um contra o outro com amor. E, repentinamente, a dança que gira como um turbilhão ao redor deles não é mais uma dança, são novamente barricadas, estamos em 1848 e em 1870 e em 1945 e estamos em Paris, Varsóvia, Budapeste, Praga e Viena e novamente são as eternas multidões que atravessam a História, pulando de uma barricada a outra, e ele salta também levando pela mão a mulher amada...

Sentia a mão quente da jovem na sua e subitamente a viu. Ele vinha no sentido contrário, grande e robusto, e a jovem caminhava a seu lado; ela não usava camisa azul como a maioria das garotas que dançavam entre os trilhos do bonde; estava elegante como uma fada dos desfiles de moda.

O homem robusto olhava ao redor e, a cada instante, respondia a um cumprimento; quando estava a alguns passos de Jaromil, seus olhares se cruzaram e Jaromil, num brusco momento de confusão (como outras pessoas que reconheciam o homem ilustre e o cumprimentavam), inclinou a cabeça e o homem também o cumprimentou, mas com olhos ausentes (como se cumprimenta alguém a quem não se conhece), e a mulher que o acompanhava dirigiu-lhe um sinal de cabeça, com ar distante.

Ah, aquela mulher era infinitamente bela! E era absolutamente real! E a jovem da caixa e da banheira que até então se apertava contra Jaromil começou a diluir-se na luz radiosa daquele corpo real e desapareceu.

Ele parou na calçada, na sua infame solidão, virou-se e lançou um olhar raivoso na direção dele; sim, era ele, *o caro mestre*, o destinatário dos vinte fones.

22

A noite caía lentamente sobre a cidade e Jaromil queria encontrá-la. Seguiu várias mulheres que, de costas, lembravam sua silhueta. Achava bonito dedicar-se inteiramente àquela busca vã de uma mulher perdida numa multidão de seres humanos. Decidiu então dar umas voltas perto do imóvel onde a vira entrar um dia. As chances de encontrá-la eram pequenas, mas não queria voltar para casa antes que a mãe estivesse

deitada. (Só conseguia suportar o ambiente familiar à noite, quando a mãe dormia e a fotografia do pai despertava.)

Ele ia e vinha numa rua esquecida do subúrbio onde as bandeiras e as flores do 1º de Maio não tinham deixado seu rastro de alegria. Janelas se acenderam na fachada. Uma janela acendeu no subsolo, abaixo da calçada. Pôde então ver a jovem que conhecia!

Mas não, não era a moça morena da caixa. Era sua colega, a ruiva magra; ela se aproximava da janela para puxar a cortina.

Não pôde suportar toda a amargura daquela decepção e percebeu que fora visto; enrubesceu e fez exatamente a mesma coisa que fizera no dia em que a bonita empregada triste que tomava banho levantara os olhos para o buraco da fechadura:

Fugiu.

23

Eram seis horas da tarde do dia 2 de maio de 1949; as vendedoras saíram precipitadamente da loja e aconteceu uma coisa inesperada: a ruiva saiu sozinha.

Ele quis se esconder na esquina da rua, mas já era tarde. A ruiva o vira e vinha em sua direção: “Sabia que não se deve ficar espiando as pessoas pela janela à noite?”.

Ele enrubesceu e tentou encurtar a conversa; temia que a presença da ruiva estragasse mais uma vez suas chances quando sua colega morena saísse da loja. Mas a ruiva estava muito falante e não pensava absolutamente em ir embora; chegou mesmo a propor que ele a acompanhasse até em casa (é bem melhor acompanhar uma garota até em casa do que espia-la pela janela).

Jaromil olhava desesperadamente para a porta da loja. “Onde está sua colega?”, ele perguntou afinal.

“Você deve estar dormindo. Ela foi embora há vários dias.”

Foram juntos até o edifício da ruiva e Jaromil ficou sabendo que as duas vinham do interior, que eram colegas e que dividiam a mesma moradia; mas a morena partira de Praga porque ia se casar.

Quando pararam diante do edifício, ela disse: “Não quer entrar um pouco em minha casa?”.

Surpreso e confuso, ele entrou no seu pequeno quarto. E depois, sem que soubesse como, abraçaram-se e beijaram-se, e no instante seguinte estavam sentados na cama.

Tudo foi tão rápido e tão simples! Sem lhe deixar tempo para pensar que ia cumprir uma tarefa difícil e decisiva, a ruiva meteu-lhe a mão entre as pernas e ele sentiu com isso uma alegria selvagem, pois seu corpo reagia da maneira mais normal do mundo.

24

“Você é formidável, você é formidável”, murmurava a ruiva ao seu ouvido, e ele estava deitado ao lado dela, a cabeça enfiada no travesseiro; estava tomado de uma alegria fantástica; ao fim de um momento de silêncio ele ouviu: “Quantas mulheres você teve antes de mim?”

Ele sacudiu os ombros e fez um sorriso deliberadamente enigmático.

“Não quer confessar?”

“Adivinhe.”

“Eu diria entre cinco e dez”, disse ela com ares de conhecedora.

Ele estava cheio de um orgulho reconfortante; parecia-lhe que acabava de fazer amor não apenas com ela, mas também com aquelas outras cinco ou dez mulheres que ela lhe atribuía. Não apenas ela o

libertara de sua virgindade, mas transportara-o de uma só vez para longe, para o interior de sua idade de homem.

Ele a olhava com gratidão e sua nudez o enchia de entusiasmo. Como era possível que não a tivesse achado sedutora? Então não tinha no peito dois seios absolutamente incontestáveis e uma penugem também incontestável abaixo do ventre?

“Você é cem vezes mais bonita nua que vestida”, disse ele, fazendo apologia da sua beleza.

“Você me desejava há muito tempo?”, perguntou ela.

“Sim, eu a desejava, você sabe muito bem disso.”

“Sim, eu sei. Eu percebi quando ia à loja. Sei que esperava por mim na porta.”

“Sim.”

“Você não ousava me dirigir a palavra, porque eu nunca estava sozinha. Mas eu sabia que um dia você estaria aqui comigo. Porque também eu o desejava.”

25

Olhava para a garota e deixava que morressem nele suas últimas palavras; sim, era assim: durante todo aquele tempo em que morria de solidão, em que participava desesperadamente das reuniões e das passeatas, em que corria e corria, sua vida adulta já estava toda pronta aqui: aquele quarto no subsolo, com paredes manchadas de umidade, esperava-o pacientemente, e também aquela mulher comum cujo corpo enfim o ligaria, de maneira absolutamente física, à multidão.

Quanto mais faço amor, mais tenho vontade de fazer a revolução, quanto mais faço a revolução, mais tenho vontade de fazer amor, podia-se ler numa parede da Sorbonne, e Jaromil penetrou pela segunda vez o corpo da

ruiva. Ou a maturidade é total, ou ela não existe. Desta vez ele a amou longa e magnificamente.

E Percy Bysshe Shelley, que tinha um rosto de menina como Jaromil e também parecia mais jovem que sua idade, corria pelas ruas de Dublin, corria e corria, porque sabia que a vida está em outro lugar. E Rimbaud também corria sem descanso, em Stuttgart, Milão, Marselha, Aden, depois em Harar, e no caminho de volta a Marselha, mas lhe restava apenas uma perna e com uma só perna é difícil correr.

Novamente deixou seu corpo escorregar do corpo da jovem e, quando se viu deitado ao lado dela, pensou que não repousava assim depois de dois atos de amor, mas após uma longa corrida que durava vários meses.

Quinta parte

ou

O POETA TEM CIÚME

1

Enquanto Jaromil corria, o mundo mudava; o tio que acreditava que Voltaire era o inventor dos volts foi acusado de calotes imaginários (como milhares de comerciantes na época), suas duas lojas foram confiscadas (desde então pertenciam ao Estado) e ele foi mandado para a prisão por alguns anos; seu filho e sua mulher, considerados inimigos da classe, foram expulsos de Praga. Ambos abandonaram a casa num silêncio glacial, determinados a nunca perdoar a mãe cujo filho se alinhara aos inimigos da família.

A parte térrea da casa foi alugada a pessoas indicadas pela prefeitura. Vinham de uma moradia miserável acomodada num subsolo e achavam injusto que alguém pudesse possuir uma casa tão espaçosa e tão agradável; achavam que não tinham vindo morar ali apenas para morar, mas para reparar uma antiga injustiça da História. Eles ocuparam o jardim sem pedir autorização e exigiram que mamãe mandasse consertar rapidamente o emboço dos muros que estava caindo e poderia machucar os filhos deles enquanto brincassem lá fora.

A avó envelhecera; perdera a memória e um belo dia (apenas se deram conta levemente) metamorfoseou-se em fumaça no crematório.

Não é surpreendente que mamãe tenha tido mais dificuldade em suportar a ideia de que o filho lhe escapava; ele seguia estudos que não lhe agradavam e havia parado de lhe mostrar seus versos, os quais já se acostumara a ler regularmente. Quando ia abrir a gaveta dele,

encontrava-a trancada; era como uma bofetada; Jaromil desconfiava de que ela remexia em suas coisas! Mas quando a abriu com uma chave mestra cuja existência Jaromil ignorava, não encontrou novos escritos em seu diário, nem novos poemas. Viu depois na parede do pequeno quarto a fotografia de seu marido uniformizado e lembrou-se de que no passado pedira à estatueta de Apolo que apagasse do fruto de suas entranhas os traços do marido. Ah, será que ainda teria que disputar o filho com o marido defunto?

Aproximadamente uma semana depois da noite em que deixamos Jaromil, no final da última parte, na cama da ruiva, mamãe abriu mais uma vez a escrivaninha dele. Encontrou no diário várias observações lacônicas que não compreendeu, mas descobriu uma coisa muito mais importante: novos versos de seu filho. Pensou que a lira de Apolo a levava novamente para o uniforme do marido e alegrou-se em silêncio.

Após ter lido os versos, ficou ainda mais favoravelmente impressionada, pois os poemas realmente lhe agradaram (era a primeira vez!); tinham rima (no fundo de si mesma, mamãe sempre pensava que um poema sem rimas não é um poema) e, além disso, eram perfeitamente compreensíveis e cheios de palavras bonitas; nada de velhos, de corpos que se dissolvem na terra, de ventres pendurados e de pus nos cantos dos olhos; havia nomes de flores, havia o céu e as nuvens e podia-se ler também várias vezes (era uma coisa completamente nova nos poemas de Jaromil!) a palavra mamãe.

Então Jaromil chegou; quando ela ouviu seus passos na escada, todos os anos de sofrimento subiram-lhe aos olhos, e não pôde reprimir um soluço.

“O que é que você tem, mamãe, meu Deus, o que é que você tem?”, perguntou-lhe, e ela podia perceber em sua voz uma ternura que havia

muito não sentia.

“Nada, Jaromil, nada”, respondeu ela num soluço que só fazia aumentar, encorajada pelo interesse do filho. Mais uma vez, escorriam-lhe vários tipos de lágrimas: lágrimas de tristeza, porque estava abandonada; lágrimas de reprovação, porque seu filho a negligenciava; lágrimas de esperança, porque talvez (pelas frases melodiosas dos novos poemas) ele fosse finalmente voltar para ela; lágrimas de raiva, porque ele estava ali, contrafeito, e porque nem mesmo era capaz de acariciar-lhe os cabelos; lágrimas manhosas que deviam comovê-lo e mantê-lo perto dela.

Após um instante de embaraço, ele acabou por tomar-lhe a mão; foi bonito; mamãe parou de chorar e as palavras lhe saíam com a mesma generosidade que, alguns momentos antes, as lágrimas; ela falava de tudo o que a atormentava: a viuvez, a solidão, os inquilinos que gostariam muito de obrigá-la a deixar sua própria casa, a irmã que lhe fechara a porta (“e por sua causa, Jaromil!”) e depois o principal: o único ser humano que tivera naquele mundo de terrível solidão virava-lhe as costas.

“Mas não é verdade, não estou lhe virando as costas!”

Ela não podia aceitar garantias assim tão fáceis e começou a rir com amargura; como é que não lhe virava as costas; voltava tarde, passava dias inteiros sem trocar uma palavra com ela, e quando chegavam a se falar ela sabia muito bem que ele não a escutava e que pensava em outra coisa. Sim, tratava-a como uma estranha.

“Escute, mamãe, não é assim!”

Novamente ela riu com amargura. Não a tratava como uma estranha? Precisava então dar-lhe uma prova disso! Precisava dizer a ele o que a havia ferido! No entanto, sempre respeitara sua vida privada; ainda

quando menino, ela brigava com todo mundo porque achava que ele deveria ter seu próprio quarto de criança! E agora, que insulto! Jaromil não podia imaginar o que ela sentira no dia em que percebeu (absolutamente por acaso, quando tirava a poeira dos móveis no seu quarto) que ele fechava à chave as gavetas de sua escrivaninha! Por causa de quem as fechava à chave? Acreditava realmente que ela ia enfiar o nariz nas suas coisas como um porteiro bisbilhoteiro?

“Mas mamãe, isto é um mal-entendido! Já não uso essa gaveta para nada! Se está fechada à chave, é por acaso!”

Mamãe sabia que o filho mentia, mas isso não tinha importância. Muito mais importante do que as palavras mentirosas era a humildade da voz que parecia propor uma reconciliação.

“Vou acreditar em você, Jaromil”, ela disse, e apertou-lhe a mão.

Em seguida, sob o olhar dele, ela tomou consciência dos vestígios de lágrimas em seu rosto e foi para o banheiro, onde se assustou com seu reflexo no espelho; seu rosto choroso parecia-lhe nojento; censurava até mesmo o vestido cinza que não trocara desde que chegara do escritório. Lavou-se rapidamente com água fria e vestiu um roupão rosa; foi até a cozinha e voltou com uma garrafa de vinho. Pôs-se então a falar com loquacidade, dizendo que eles deviam estabelecer novamente a confiança mútua, porque não tinham a mais ninguém nesse mundo triste. Ela falou longamente sobre esse tema, e o olhar que Jaromil mantinha fixo na mãe parecia-lhe amigável e aprovador. Permitiu-se então dizer que não duvidava de que Jaromil, que agora era estudante, certamente teria seus segredos pessoais, os quais ela respeitava; desejava apenas que a mulher que talvez fosse a namorada de Jaromil não interferisse nas relações que havia entre eles.

Jaromil escutava com paciência e compreensão. Se evitava a mãe havia algum tempo, era porque sua tristeza pedia solidão e penumbra. Mas, desde que acostara na margem ensolarada do corpo da ruiva, aspirava à luz e à paz; o desentendimento com sua mãe o incomodava. Além dos motivos de ordem sentimental, juntava-se a isso uma razão prática: a ruiva tinha um quarto independente, enquanto Jaromil morava com a mãe e, se podia ter sua vida pessoal, devia-o unicamente à independência da garota. Ele ressentia-se amargamente dessa desigualdade e alegrava-se de que a mãe tivesse vindo sentar-se a seu lado, de roupão rosa diante de um copo de vinho, e lhe desse a impressão de uma mulher jovem e alegre com quem podia se entender amigavelmente sobre seus direitos.

Disse-lhe então que nada tinha para esconder (mamãe sentiu apertar-lhe a garganta) e começou a falar da garota ruiva. É claro que não disse que mamãe a conhecia de vista, da loja onde costumava fazer compras, mas contou-lhe que a garota tinha dezoito anos e que não era uma estudante, mas uma garota muito simples (disse isso num tom quase agressivo) que ganhava a vida trabalhando com as próprias mãos.

Mamãe serviu um pouco mais de vinho e pensou que as coisas estavam indo bem. O retrato da garota que seu filho, cuja língua se soltava, começava a esboçar acalmava sua inquietude: ela era bem jovem (a visão horrorosa de uma mulher velha e perversa felizmente se dissipara), não tinha muita instrução (mamãe não precisava portanto temer a força de sua influência) e finalmente Jaromil insistira de uma forma quase suspeita nas virtudes de sua simplicidade e de sua bondade, donde pôde concluir que a jovem certamente não era das mais bonitas (podia então supor, com uma satisfação secreta, que a paixão de seu filho não duraria muito tempo).

Jaromil sentiu que a mãe encarava sem desaprovação o personagem da garota ruiva e ficou feliz com isso: imaginava-se sentado à mesma mesa com sua mãe e a ruiva, o anjo da sua infância e o anjo da sua maturidade; isso lhe parecia bonito como a paz; a paz entre a sua casa e o mundo; a paz sob as asas de dois anjos.

Mãe e filho conheciam então, depois de um longo período, uma feliz intimidade. Conversaram muito, mas mesmo assim Jaromil não perdia de vista o seu pequeno objetivo prático: o direito de ter o seu quarto, onde poderia levar sua namorada e ficar com ela tanto tempo quanto desejasse e da maneira que lhe agradasse; pois entendia que só é verdadeiramente adulto aquele que é senhor absoluto de um espaço onde pode fazer o que quer, sem ser observado ou controlado por ninguém. Disse também isso (com rodeios e prudência) à mãe; ele se sentiria muito melhor numa casa onde poderia se considerar o dono de si próprio.

Mas por trás do véu do vinho mamãe continuava uma tigresa vigilante: “O que quer dizer, Jaromil, não se sente dono de si próprio aqui?”. Jaromil respondeu que se sentia muito bem em casa, mas que queria ter o direito de levar para lá quem ele quisesse e que gostaria de ter ali a mesma independência que a ruiva obtinha de seu senhorio.

Mamãe compreendeu que Jaromil estava oferecendo uma grande oportunidade; ela também tinha diversos admiradores que era obrigada a rechaçar porque temia a condenação do filho. Será que não poderia, com um pouco de habilidade, comprar com a liberdade de Jaromil um pouco de liberdade para si mesma?

Mas à simples ideia de que Jaromil pudesse trazer uma mulher ao seu quarto de criança ela se viu tomada de um desgosto incontrolável: “Você precisa compreender que existe uma diferença entre uma mãe e um

senhorio”, disse ela com ar envergonhado e, ao mesmo tempo, sabendo que se proibia assim, deliberadamente, de viver de novo como mulher. Compreendeu que o desgosto que lhe causava a vida carnal de seu filho era mais forte que o desejo de seu corpo de viver sua própria vida, e apavorou-se com essa descoberta.

Jaromil, que perseguia obstinadamente seu objetivo, não duvidava da disposição de sua mãe e continuava a empreender uma luta perdida invocando outros argumentos inúteis. Ao fim de um momento, percebeu que corriam lágrimas pelo rosto de mamãe. Teve medo de ter ofendido o anjo de sua infância e calou-se. No espelho das lágrimas maternas, sua reivindicação de independência subitamente pareceu-lhe uma insolência, uma afronta, um obsceno despudor.

Mamãe estava desesperada: via o abismo abrir-se entre ela e seu filho. Não ganhava nada, e ainda ia perder tudo mais uma vez! Refletia apressadamente, perguntando-se o que poderia fazer para não romper por completo o fio precioso da compreensão mútua; segurou-lhe a mão e disse, em lágrimas:

“Ah, Jaromil, não se zangue! Estou muito infeliz por ver a que ponto você mudou. Mudou terrivelmente de uns tempos para cá.”

“Em que eu mudei? Não mudei em nada, mamãe.”

“Sim. Mudou. E vou dizer o que me entristece mais. É que não escreve mais versos. Você escrevia versos tão bonitos e agora não escreve mais, e isso me entristece.”

Jaromil apressou-se em responder, mas ela não lhe deu a palavra: “Acredite em sua mãe. Quanto a isso, eu me conheço um pouco; você tem um enorme talento; esta é a sua missão; é preciso não traí-la: você é poeta, Jaromil, você é poeta e me faz mal ver que se esquece disso”.

Jaromil escutava quase que com entusiasmo as palavras da mãe. Era verdade, o anjo de sua infância o compreendia mais do que ninguém! Será que a ideia de não escrever mais também não o atormentara?

“Mamãe, eu recomecei a escrever versos, estou escrevendo! Vou mostrá-los a você!”

“Não é verdade, Jaromil”, respondeu mamãe sacudindo tristemente a cabeça, “não tente me induzir ao engano, sei muito bem que não escreve mais.”

“Mas sim, estou escrevendo! Estou escrevendo!”, exclamou Jaromil, e correu para o quarto, abriu a gaveta e trouxe os poemas.

E mamãe viu os mesmos versos que lera algumas horas antes, ajoelhada diante da escrivaninha de Jaromil.

“Ah, Jaromil, são versos bonitos! Você fez grandes progressos, grandes progressos. Você é um poeta e eu estou feliz...”

2

Tudo parecia indicar que o imenso desejo pelo Novo que Jaromil sentia (essa religião do Novo) era apenas o desejo que inspira no rapazote virgem o que o coito ainda desconhecido tem de incrível, o desejo do coito projetado no abstrato; na primeira vez que desembarcou na margem do corpo da ruiva, veio-lhe a estranha ideia de que por fim sabia o que queria dizer ser absolutamente moderno; ser absolutamente moderno era estar deitado às margens do corpo da ruiva.

Ele estava tão feliz e cheio de entusiasmo que queria recitar versos para a garota; pensou em todos os que sabia de cor (os seus e os de outros), mas compreendeu (mesmo com certo estupor) que nenhum deles agradaria à ruiva e pensou que só seriam absolutamente modernos

os versos que a ruiva, que era uma garota do povo, pudesse compreender e apreciar.

Foi como uma iluminação súbita: por que pisotear a garganta de sua própria canção? Por que renunciar à poesia pela revolução? Agora que alcançara a margem da vida real (por real ele considerava a densidade nascida da fusão da multidão, do amor físico e das palavras de ordem revolucionárias), bastava que se entregasse por inteiro àquela vida e se tornasse o seu instrumento.

Sentia-se cheio de poesia e tentou escrever um poema que agradasse à jovem ruiva. Não era tão simples assim; até então ele escrevia versos sem rima e deparava-se agora com as dificuldades técnicas do verso regular, pois estava certo de que a ruiva achava que um poema era uma coisa que rimava. Aliás, a revolução vitoriosa também pensava assim; lembremos de que nessa época nenhum poema de verso livre era publicado; a poesia moderna era denunciada na sua íntegra como um produto da burguesia apodrecida e o verso livre era a manifestação mais evidente da putrefação poética.

Será que o amor da revolução vitoriosa para com a rima não seria apenas uma paixão exagerada e fortuita? Certamente não. A rima e o ritmo possuem um poder mágico: o mundo disforme encerrado num poema de versos regulares torna-se de um momento para outro límpido, regular, claro e belo. Se, num poema, a palavra *morte* se encontra precisamente no mesmo lugar em que, no verso anterior, ressoou o som de *corte*, a morte torna-se um elemento melodioso da ordem. E, mesmo se o poema protesta contra a morte, ela é automaticamente justificada, ao menos enquanto tema de um belo protesto. Os ossos, as rosas, os esquifes, as feridas, tudo no poema se transforma em balé, e o poema e o leitor são dançarinos desse balé. Os que dançam certamente não podem

desaprovar a dança. Pelo poema, o homem manifesta sua concordância com o ser, e a rima e o ritmo são os meios mais brutais dessa concordância. E será que a revolução que acaba de triunfar não precisa de uma afirmação brutal da nova ordem e, portanto, de uma poesia cheia de rimas?

“Delirem comigo!”, exclama Vitezslav Nezval dirigindo-se a seu leitor, e Baudelaire: “É preciso estar sempre embriagado. [...] De vinho, de poesia ou de virtude, a seu bel-prazer. [...]”. O lirismo é uma embriaguez e o homem se inebria para confundir-se mais facilmente com o mundo. A revolução não quer ser estudada e observada, ela quer que façamos corpo com ela; é neste sentido que ela é lírica e que o lirismo lhe é necessário.

A revolução evidentemente tem em vista uma poesia diferente da que Jaromil escrevia no passado; ele observava então inebriado as tranquilas aventuras e as belas excentricidades do seu eu; mas agora esvaziara a sua alma como um galpão para dar lugar às ruidosas fanfarras do mundo; trocara a beleza de singularidades que só ele compreendia pela beleza de generalidades compreendidas por todos.

Desejava desesperadamente reabilitar as antigas belezas diante das quais a arte moderna (com o orgulho do apóstata) fazia-se de rogada: o pôr do sol, as rosas, o orvalho sobre a relva, as estrelas, as trevas, uma melodia que ressoa ao longe, a mãe e a nostalgia do lar; ah, como aquele mundo era bonito, próximo e compreensível! Jaromil voltava para ele com espanto e emoção, como o filho pródigo que retorna após longos anos à casa que abandonara.

Ah, ser simples, totalmente simples, simples como uma canção popular, como um estribilho de uma canção infantil, como um riacho, como a pequena ruiva!

Estar no manancial das belezas eternas, amar as palavras *distante*, *prata*, *arco-íris*, *amar* e até mesmo a palavra *ah!*, essa palavrinha tão desacreditada!

Jaromil estava também fascinado por certos verbos, sobretudo por aqueles que exprimem um movimento simples para a frente: *correr*, *ir*, mas mais ainda *vaguear* e *voar*. Num poema que escrevera por ocasião do aniversário de nascimento de Lênin, ele jogava n'água um galho de macieira (esse gesto o encantava, pois restabelecia as relações com os velhos costumes do povo que jogava coroas de flores ao sabor das ondas), a fim de que a correnteza o levasse ao país de Lênin; não há nenhum rio que corra da Boêmia para a Rússia, mas o poema é um território encantado onde os rios mudam seu curso. Em outro poema escrevia que *o mundo um dia será livre como o perfume dos pinheiros que atravessa as cadeias de montanhas*. Em outro poema, falava do perfume dos jasmims, tão forte que se transforma num veleiro invisível flutuando no ar; imaginava-se tomando lugar no passadiço desse perfume e que ia longe, longe, até Marselha, onde (como escrevia o *Rudé pravo*) os operários dos quais queria tornar-se camarada e irmão acabavam de entrar em greve.

É esta a razão por que o instrumento mais poético do movimento, *as asas*, aparecia um número incalculável de vezes em seus poemas: a noite de que falava o poema era cheia de um *silencioso bater de asas*; o desejo, a tristeza, mesmo a raiva e, é claro, o tempo, todos possuíam asas.

O que estava escondido em todas essas palavras era o desejo de um *abraço infinito*, onde parecia reviver o célebre verso de Schiller: *Seid umschlungen, Millionen, diesen Kuss der Ganzen Welt!* O abraço infinito não abrangia apenas o espaço, mas também o tempo; o objetivo da

travessia não era apenas Marselha em greve, mas também o futuro, essa ilha milagrosa e longínqua.

Anteriormente, o futuro era sobretudo um mistério para Jaromil; todo o desconhecido ali se dissimulava; por isso ele ao mesmo tempo o atraía e assustava; era o contrário da certeza, o contrário do lar (é a razão pela qual, nos momentos de angústia, sonhava com o amor de velhos que eram felizes por não terem mais futuro). Mas a revolução dava ao futuro um sentido oposto: ele não era mais um mistério; o revolucionário o conhecia de cor; conhecia-o pelas brochuras, pelos livros, pelas conferências, pelos discursos de propaganda; o futuro não assustava, ao contrário, ele oferecia uma certeza no interior de um presente feito de incerteza; por isso o revolucionário nele buscava refúgio como uma criança perto da mãe.

Jaromil escreveu um poema sobre um comunista efetivo que adormecera no sofá da secretaria de sua seção, tarde da noite, na hora em que *a aurora vai romper sobre a reunião de reflexão* (a ideia de um comunismo militante só podia se exprimir então através da imagem de um comunismo em reunião); o zumbido do bonde sob as janelas transformava-se, no seu sonho, num carrilhão de sinos, o carrilhão de todos os sinos do mundo anunciando que as guerras estão definitivamente acabadas e que o globo terrestre pertence aos trabalhadores. Compreendeu que um salto milagroso o transportara para o futuro distante; estava em algum lugar no campo e uma mulher vinha em sua direção sobre um trator (em todos os cartazes, a mulher do futuro era representada sob a forma de uma mulher sobre um trator) e via nele, espantada, um homem como ela jamais vira antes, um homem gasto pelo trabalho, um homem que se sacrificara para que ela pudesse arar alegremente (e cantando) os campos das cooperativas. Ela desceu

de sua máquina para dar-lhe as boas-vindas e disse-lhe: “Aqui você está em casa, este é o seu mundo...” e quis recompensá-lo (meu Deus, como é que aquela jovem mulher poderia recompensar um velho militante cansado pelas obrigações?); nesse momento os bondes começaram a tocar com força o carrilhão pela rua e o homem que descansava numa estreita cama de campanha a um canto da secretaria da seção acordou...

Ele já escrevera uma quantidade razoável de poemas novos, mas ainda não estava satisfeito; pois, até então, apenas ele e a mãe os conheciam. Enviava-os todos à redação do *Rudé pravo* e comprava o *Rudé pravo* todas as manhãs; um dia, finalmente descobriu, na terceira página, no alto à direita, cinco quartetos com o seu nome impresso em negrito abaixo do título. No mesmo dia, pôs o *Rudé pravo* nas mãos da ruiva e lhe disse para olhar bem o jornal; a pequena examinou-o longamente sem nada encontrar de extraordinário (ela tinha o hábito de não prestar atenção nos versos, de maneira que não prestava atenção tampouco ao nome que os acompanhava) e foi preciso que Jaromil, finalmente, lhe mostrasse o poema com o dedo. Ela disse: “Eu não sabia que era poeta”, e encarou-o com admiração.

Jaromil contou-lhe que escrevia poemas há muito tempo e tirou do bolso alguns outros que tinha em manuscrito.

A ruiva os leu e Jaromil lhe disse que parara de escrever versos havia algum tempo, mas que desde que a conhecera era como se tivesse conhecido a Poesia.

“Verdade?”, perguntou a jovem, e quando Jaromil concordou, ela o tomou nos braços e beijou-lhe a boca.

“O que há de extraordinário”, Jaromil prosseguiu, “é que você não é apenas a musa dos versos que escrevo hoje, mas também daqueles que eu escrevia antes de conhecê-la. Quando a vi pela primeira vez, tive a

impressão de que meus antigos poemas retomavam vida e transformavam-se em mulher.”

Ele olhava avidamente o seu rosto curioso e incrédulo e começou a contar-lhe que, fazia muitos anos, escrevera uma longa prosa poética, uma espécie de narrativa fantástica falando de um homem que se chamava Xavier. Escrito? Não exatamente. Talvez tivesse sonhado as aventuras dele e desejava escrevê-las um dia.

Xavier vivia de maneira totalmente diferente dos outros homens; sua vida era o sono; Xavier dormia e tinha um sonho; dormia nesse sonho e tinha outro sonho e dormia novamente nesse sonho e tinha mais um sonho; e despertava desse sonho e via-se no sonho anterior; e assim ia de sonho em sonho e vivia sucessivamente várias vidas; habitava várias vidas e passava de uma para outra. Não era maravilhoso viver como Xavier? Não estar preso a uma só vida? Ser mortal, sim, mas ter também outras vidas?

“Sim, seria bom...”, disse a ruiva.

E Jaromil disse-lhe ainda que, no dia em que a vira na loja, ficara estupefato, pois era exatamente assim que imaginara o maior amor de Xavier: uma mulher frágil, ruiva, com o rosto levemente pigmentado...

“Eu sou feia”, disse a ruiva.

“Não! Eu gosto das suas sardas e dos seus cabelos ruivos! Gosto porque são o meu lar, a minha pátria, o meu velho sonho!”

A ruiva beijou Jaromil na boca e ele prosseguiu:

“Imagine que toda a narrativa começava assim: Xavier gostava de passear nas ruas enfumaçadas do bairro; passava defronte a uma janela do subsolo, parava e imaginava que atrás daquela janela talvez morasse uma bela mulher. Um dia, a janela estava iluminada e ele pôde ver no

interior uma jovem meiga, frágil e ruiva. Não pôde resistir, abriu completamente a janela entreaberta e pulou para dentro.”

“Mas você fugiu da janela correndo!”, riu a ruiva.

“Sim, fui embora correndo”, admitiu Jaromil, “porque tinha medo de recomeçar o mesmo sonho! Sabe o que é ver-se de repente numa situação já vivida em sonho? É uma coisa tão assustadora que dá vontade de fugir!”

“Sim”, concordou a ruiva, feliz.

“Então, ele pula para dentro para encontrá-la, mas logo o marido chega e Xavier o tranca num pesado armário de carvalho. O marido está lá até hoje, transformado em esqueleto. E Xavier levou a mulher para bem longe, como eu vou te levar.”

“Você é o meu Xavier”, sussurrou a ruiva agradecida ao ouvido de Jaromil, e improvisou variações sobre esse nome, mudando-o para Xaxá, Xaviô, Xavichu, e chamou-o de todos esses apelidos e beijou-o por muito, muito tempo.

3

Entre as inúmeras visitas de Jaromil ao subsolo da jovem ruiva, gostaríamos de mencionar especialmente a que lhe fez num dia em que ela usava um vestido em cuja frente estavam costurados, de cima a baixo, grandes botões brancos. Jaromil começou a desabotoá-los e a jovem deu uma gargalhada porque os botões serviam apenas como enfeite.

“Espere, vou me despir sozinha”, ela disse, e levantou os braços para segurar na nuca a extremidade do zíper.

Jaromil estava aborrecido por ter-se mostrado desajeitado, e quando por fim entendeu o princípio do fecho, rapidamente quis corrigir o fracasso.

“Não, não, eu vou me despir sozinha, me deixe!”, disse a jovem, e recuava à sua frente, rindo.

Ele não podia insistir mais, pois temia bancar o ridículo, mas ao mesmo tempo era muito desagradável a jovem querer despir-se sozinha. No seu entender, a diferença entre um despir-se amoroso e um despir-se comum consistia exatamente em que a mulher fosse despida pelo parceiro.

Não era a experiência que lhe inculcara essa concepção, mas a literatura e suas frases sugestivas: *ele sabia despir uma mulher*; ou *ele desabotoou sua blusa num gesto versátil*. Ele não podia imaginar o amor físico sem um prólogo de gestos confusos e impacientes para abrir botões, puxar zíperes, tirar pulôveres.

Protestou: “Afim, você não está num consultório médico para se despir sozinha”. Mas a jovem já tirara o vestido e agora só usava a roupa de baixo.

“No consultório médico? Por quê?”

“Sim, você me deu a impressão de estar no médico.”

“Claro”, disse a jovem, “é exatamente como no médico.”

Ela retirou o sutiã e ficou imóvel diante de Jaromil, oferecendo ao seu olhar os seios pequenos.

“Sinto uma dor lancinante, doutor, aqui perto do coração.” Jaromil olhava-a sem entender e ela disse em tom de desculpa: “Peço que me perdoe, doutor, certamente deve ter o hábito de examinar seus doentes deitados”. Deitou-se na cama e continuou: “Veja, por favor, o que é que eu tenho no coração?”.

Jaromil não tinha escolha senão entrar no jogo; inclinou-se sobre o peito da jovem e encostou o ouvido sobre o coração; ele tocava a curva macia de um seio com o pavilhão de sua orelha e ouvia um batimento

regular. Pensou que certamente era assim que o médico tocava os seios da ruiva quando a auscultava por trás das portas fechadas e misteriosas do consultório. Levantou a cabeça, olhou para a jovem nua e teve a sensação de uma dor pungente, pois podia vê-la como o fazia outro homem, o médico. Rapidamente pôs as duas mãos sobre o peito da ruiva (como o faria Jaromil, não o médico) para acabar com aquele jogo doloroso.

A ruiva protestou: “Ora, doutor, o que o senhor está fazendo? Não tem este direito! Isto não é mais uma visita médica!”. E Jaromil ficou irritado: podia ver a expressão do rosto de sua namorada quando era tocada por mãos estranhas; via que reclamava num tom bastante frívolo e teve vontade de golpeá-la; mas nesse momento deu-se conta de que estava excitado e arrancou a calcinha da jovem, unindo-se a ela.

A excitação era tão grande que a raiva enciumada de Jaromil rapidamente se diluía, ainda mais porque ouvia os estertores da jovem (aquela esplêndida homenagem) e as palavras que para sempre fariam parte de seus momentos íntimos comuns: “Xaxá, Xaviô, Xavichu!”.

Depois ele deitou-se tranquilamente ao lado dela, beijou-a carinhosamente no ombro e sentiu-se bem. Mas esse doidivanas não era capaz de se contentar com um belo *momento*; um belo momento só tinha sentido para ele se fosse mensageiro de uma bela eternidade; um belo momento que tivesse caído de uma eternidade manchada era para ele apenas uma mentira. Queria ter certeza, portanto, de que a eternidade deles era sem manchas e perguntou, num tom mais suplicante que agressivo: “Agora me diga que essa história de visita médica era apenas uma brincadeira de mau gosto”.

“É claro que sim!”, disse a moça; aliás, o que ela poderia responder a uma pergunta tão estúpida? Só que Jaromil não queria se contentar com

aquele *claro que sim*; e continuou: “Eu não poderia suportar que outras mãos a tocassem. Eu não suportaria”, disse ele, e acariciava os pobres seios da jovem como se toda a felicidade dependesse da sua inviolabilidade.

A jovem começou a rir (de maneira totalmente inocente): “Mas o que quer que eu faça quando estiver doente?”.

Jaromil sabia que era difícil escapar de qualquer exame médico e que sua atitude era indefensável; mas sabia também que, se outras mãos que não fossem as suas tocassem os seios da jovem, todo o seu universo desabaria. Foi por isso que repetiu:

“Mas eu não poderia suportá-lo, compreende? Eu não poderia suportá-lo.”

“Então, o que devo fazer se ficar doente?”

Ele respondeu suavemente e num tom de reprovação: “Você bem que podia encontrar uma doutora”.

“Como se eu tivesse escolha! Você sabe como são essas coisas”, ela respondeu, desta vez com indignação. “Designam-lhe um médico, é igual para todos! Então você não sabe como é a medicina socialista? Não se tem escolha e é preciso obedecer! Veja, as consultas ginecológicas, por exemplo...”

Jaromil sentiu o coração parar, mas disse como se nada tivesse acontecido: “Alguma coisa está errada?”.

“Não, é a medicina preventiva. Por causa do câncer. É obrigatório.”

“Cale-se, eu não quero ouvir”, disse Jaromil pousando a mão sobre a sua boca; e pousou-a com um gesto tão violento que quase se assustou com aquele contato, pois a ruiva poderia considerá-lo como um golpe e zangar-se; mas os olhos da jovem olhavam humildemente, o que fez com

que Jaromil não tivesse necessidade de moderar a brutalidade involuntária de seu gesto; ficou satisfeito e disse:

“Quero que saiba que se alguém tocá-la mais uma vez, pois bem! Eu nunca mais tocarei em você.”

Ele continuava com a mão sobre a boca da jovem; era a primeira vez que tocava uma mulher com brutalidade e achava aquilo inebriante; em seguida pôs as duas mãos ao redor de sua garganta, como se a estrangulasse; sentia sob os dedos a fragilidade do pescoço e pensou que bastaria apertá-lo para que ela ficasse sufocada.

“Se um dia alguém tocá-la, eu a estrangularei”, disse ele, e continuava com as duas mãos em volta da garganta da jovem; estava feliz por sentir naquele contato o possível não ser da jovem; pensava que a ruiva, ao menos naquele instante, pertencia-lhe verdadeiramente, e a sensação de um poder feliz o deixava inebriado, sensação tão bonita que recomeçou a fazer amor.

Durante o ato de amor ele apertou-a diversas vezes com brutalidade, pôs-lhe a mão sobre o pescoço (pensou que seria bonito estrangular a parceira durante o amor) e também a mordeu diversas vezes.

Depois ficaram deitados lado a lado, mas o ato de amor certamente durara muito pouco para que absorvesse a raiva do rapaz; a ruiva estava deitada a seu lado, não estrangulada, viva, com seu corpo nu que frequentava consultas ginecológicas.

Ela acariciou-lhe a mão: “Não seja malvado comigo”.

“Eu lhe disse que um corpo que foi tocado por outras mãos que não as minhas me enoja.”

A jovem compreendeu que Jaromil não estava brincando; ela disse com insistência: “Ora, por favor, era apenas uma brincadeira!”.

“Não era uma brincadeira! Era verdade.”

“Não era verdade.”

“Claro que era! Era verdade e eu sei que não se pode fazer nada contra isso. As consultas ginecológicas são obrigatórias e você precisa ir. Não a estou censurando. Mas um corpo tocado por outras mãos me repugna. Não posso fazer nada, é assim.”

“Juro que não havia nada de verdadeiro! Eu nunca fiquei doente, só quando era pequena. Nunca vou ao médico. Fui chamada para uma consulta ginecológica, mas joguei fora o aviso. Nunca fui lá.”

“Não acredito.”

Ela precisou fazer um grande esforço para convencê-lo.

“E o que vai fazer se a chamarem outra vez?”

“Não se preocupe, está tudo uma bagunça.”

Ele acreditou, mas a sua amargura não podia se deixar acalmar com argumentos práticos; não se tratava apenas de visitas médicas; o fundo do problema era que ela lhe escapava, que ele não a possuía por inteiro.

“Eu o amo tanto”, ela disse, mas ele não confiava naquele instante breve; queria a eternidade; queria ao menos uma pequena eternidade da vida da jovem ruiva e sabia que não a possuía: lembrou-se de que não a conhecera virgem.

“Não posso suportar a ideia de que outra pessoa a tocará e que outra pessoa já a tocou”, ele disse.

“Ninguém vai me tocar.”

“Mas alguém já a tocou. E isto me repugna.”

Ela o tomou nos braços.

Ele a rejeitou.

“Quantos homens você conheceu antes de mim?”

“Só um.”

“Não minta!”

“Juro que só houve um.”

“Você o amava?”

Ela sacudiu a cabeça.

“E como é que pôde ir para a cama com alguém que não amava?”

“Não me faça sofrer”, ela disse.

“Responda! Como pôde fazer isso?”

“Não me faça sofrer. Eu não o amava e foi terrível.”

“O que foi terrível?”

“Não me faça perguntas.”

“Por que não quer que eu lhe faça perguntas?”

Ela desmanchou-se em lágrimas e confessou-lhe chorando que se tratava de um homem velho de sua cidade, que era um sujeito ignóbil e que a mantinha à sua mercê (“Não me faça perguntas, não me pergunte nada”), que não podia nem mesmo lembrar-se dele (“Se me ama, nunca me faça lembrar da existência dele!”).

Ela chorava tanto que Jaromil acabou esquecendo sua raiva; as lágrimas são um excelente produto de limpeza contra as sujeiras.

Acabou acariciando-a:

“Não chore.”

“Você é o meu Xavichu”, ela lhe disse. “Você entrou pela janela e trancou-o num armário, e dele só restará um esqueleto e você me levará para longe, muito longe.”

Eles se abraçaram e se beijaram. A jovem o tranquilizava de que não suportaria outras mãos sobre seu corpo e ele a tranquilizava de que a amava. Recomeçaram então a fazer amor; fizeram-no com ternura, com corpos cujas almas os enchiam até a borda.

“Você é o meu Xavichu”, ela lhe disse depois, acariciando-o.

“Sim, vou levá-la para longe, onde você ficará segura”, ele disse, e logo soube para onde a levaria; havia uma tenda para ela sob o véu azul da paz, uma tenda sobre a qual os pássaros voavam na direção do futuro, sobre a qual os perfumes afluíam na direção dos grevistas de Marselha; tinha para ela uma casa sobre a qual velava o anjo de sua infância.

“Sabe, vou apresentá-la à minha mãe”, disse-lhe ele com os olhos cheios de lágrimas.

4

A família que ocupava os cômodos do térreo da casa podia orgulhar-se do ventre proeminente da mãe; o terceiro filho estava a caminho e o pai de família um dia interrompera a passagem da mãe de Jaromil para dizer-lhe que era injusto que duas pessoas ocupassem exatamente o mesmo espaço que cinco pessoas. Sugeriu-lhe que cedesse um dos três cômodos do primeiro andar. A mãe de Jaromil respondeu-lhe que não seria possível. O inquilino disse que então a prefeitura deveria verificar se os cômodos da casa estavam bem distribuídos. Mamãe afirmou que seu filho se casaria em breve e que então haveria três e em pouco tempo quatro pessoas no primeiro andar.

Portanto, quando Jaromil veio anunciar-lhe alguns dias depois que queria apresentá-la à namorada, a visita pareceu-lhe oportuna; os inquilinos ao menos poderiam constatar que não mentira, falando do casamento próximo de seu filho.

Mas quando ele anunciou que mamãe conhecia bem a jovem por tê-la visto na loja onde fazia suas compras, ela não pôde esconder uma expressão de desagradável surpresa.

“Espero”, ele disse num tom combativo, “que não se incomode de que ela seja balconista. Eu já tinha lhe avisado que se tratava de uma

trabalhadora, uma moça simples.” Mamãe precisou de alguns instantes para admitir a ideia de que aquela moça boba, desagradável e feia era a bem-amada de seu filho, mas acabou por se controlar: “Não me queira mal, mas isso me causou espanto”, ela disse, e estava pronta para suportar tudo o que o filho lhe reservava.

Portanto, a visita aconteceu; durou três penosas horas. Todos estavam nervosos, mas suportaram a prova até o fim. Quando Jaromil viu-se a sós com a mãe, perguntou-lhe com impaciência: “Então, gostou dela?”.

“Gostei muito, por que é que eu não gostaria?”, ela respondeu, e sabia muito bem que o tom de sua voz afirmava o contrário do que dizia.

“Então não gostou dela?”

“Mas se eu já disse que gostei muito.”

“Não, estou vendo, pelo seu tom de voz, que não gostou dela. Está dizendo uma coisa diferente do que está pensando.”

A ruiva cometera inúmeras inabilidades durante a visita (estendera a mão para a mãe antes que ela o fizesse, levava a xícara de café à boca antes que a mãe o fizesse), inúmeras incorreções (cortava a palavra da mãe) e faltas de tato (perguntara à mãe a sua idade); quando mamãe começou a enumerar essas falhas, teve medo de parecer mesquinha frente ao filho (Jaromil condenava como pequeno-burguesa uma excessiva obediência às regras de decoro), e logo completou:

“É evidente que nada disso é irremediável. Basta que a convide mais frequentemente para vir aqui. No nosso meio ela se tornará fina e educada.”

Mas assim que pensou que precisaria ver com frequência aquele corpo desajeitado, ruivo e hostil, novamente sentiu um desgosto incontável e disse com voz consoladora: “É claro que não podemos culpá-la por ser assim. É preciso que imagine o meio em que cresceu e onde trabalha.

Eu não gostaria de ser vendedora numa loja como aquela. Todos tomam liberdade com você, é preciso estar à disposição de todo mundo. Se o patrão resolve seduzir uma garota, ela não pode recusar. É claro que num meio como esse não se considera uma aventura como uma coisa importante”.

Ela olhava o rosto do filho e via que ele enrubescia: a onda incandescente do ciúme tomava conta do corpo de Jaromil, e mamãe teve a impressão de sentir ela mesma o calor daquela onda (com certeza: era na verdade a mesma onda incandescente que sentira ao ver a jovem ruiva, de modo que podemos dizer que estavam agora face a face, mãe e filho, como vasos comunicantes nos quais corria o mesmo ácido). Novamente, o rosto do filho estava pueril e submisso; de repente ela não tinha mais diante de si um homem estranho e independente, mas seu filho bem-amado que sofria, aquela criança que corria para ela no passado, não fazia tanto tempo, para buscar refúgio e consolo. Não conseguia despregar os olhos daquele esplêndido espetáculo.

Mas logo Jaromil foi para o quarto e ela surpreendeu-se (já fazia um momento que estava sozinha) dando socos com os punhos na cabeça e repreendendo-se a meia-voz: “Pare, pare, não seja ciumenta, pare, não seja ciumenta”. No entanto, o que está feito está feito. A tenda de suaves véus azuis, a tenda de harmonia sobre a qual velava o anjo da infância estava em farrapos. Para mãe e filho, começava a era do ciúme.

As palavras da mãe sobre as aventuras que não são consideradas uma coisa importante não paravam de ressoar na cabeça de Jaromil. Ficava imaginando os colegas da ruiva — vendedores na mesma loja — contando-lhe histórias sujas, imaginava aquele breve contato obsceno que se estabelece entre o ouvinte e o narrador, e sentia-se profundamente infeliz. Imaginava o patrão da loja esfregando seu corpo

no dela, tocando-lhe sub-repticiamente os seios ou dando-lhe uma palmada no traseiro, e ficava enfurecido com a ideia de que esses contatos *não eram considerados importantes*, enquanto, para ele, significavam tudo. Um dia em que estava na casa dela, percebeu que ela esquecera de fechar a porta do banheiro. Fez uma cena, pois logo imaginou que ela estava no banheiro da loja e que um desconhecido por acaso a surpreendia sentada no vaso.

Quando confessava à ruiva seu ciúme, ela conseguia acalmá-lo com seu carinho e suas palavras; mas bastava que se encontrasse um momento sozinho no seu quarto de criança para que ficasse se repetindo que nada no mundo poderia garantir-lhe que a ruiva, quando o tranquilizava, dizia a verdade. Aliás, será que ele mesmo não a obrigava a mentir? Reagindo tão violentamente à ideia de uma estúpida consulta médica, será que não a proibira, de uma vez por todas, de dizer-lhe o que pensava?

Já haviam passado os primeiros tempos felizes de seu amor, quando as carícias eram alegres e ele se sentia cheio de gratidão porque ela o conduzira, com uma segurança natural, para fora do labirinto da virgindade. Agora, ele submetia a uma cruel análise aquilo a que antes era agradecido; evocava um número incalculável de vezes o contato impudico da mão da jovem que o excitara de forma tão magnífica na primeira vez que fora à sua casa; agora a examinava com olhos de desconfiança: afinal não era possível, ele pensava, que fosse ele, Jaromil, a quem ela tocara dessa forma pela primeira vez em sua vida; se ela ousara um gesto tão impudico desde a primeira vez, meia hora depois de tê-lo encontrado, esse gesto devia ser para ela absolutamente banal e mecânico.

Terrível pensamento! Certo, já se acostumara à ideia de que ela tivera outro homem antes dele, mas apenas porque as palavras da garota davam-lhe a imagem de uma ligação amarga e dolorosa do começo ao fim, em que ela fora apenas uma vítima da qual abusavam; essa ideia despertava-lhe piedade e a piedade diluía um pouco seu ciúme. Mas se a jovem havia aprendido aquele gesto impudico naquela ligação, não teria sido uma ligação totalmente malsucedida. Havia de qualquer maneira muita felicidade marcada naquele gesto, e havia atrás dele toda uma história de amor!

Era um tema excessivamente doloroso para que tivesse coragem de falar sobre ele, pois o simples fato de falar em voz alta do amante que o precedera causava-lhe um grande tormento. No entanto, tentou encontrar por caminhos sinuosos a origem daquele gesto no qual constantemente pensava (e do qual renovava sem parar a experiência, pois a ruiva gostava dele) e acabou por tranquilizar-se com a ideia de que um grande amor, que acontece de repente, como um raio, libera de uma só vez a mulher de qualquer inibição e de qualquer pudor, e ela, justamente porque é pura e inocente, entrega-se ao amante com a mesma prontidão de uma garota leviana. Melhor ainda: o amor libera nela uma fonte tão forte de inspirações inesperadas que o seu comportamento espontâneo pode se parecer com o comportamento experiente de uma mulher viciosa. O gênio do amor supre num piscar de olhos qualquer experiência. Este raciocínio parecia-lhe belo e penetrante; à luz dele, sua namorada transformava-se numa santa do amor.

Até que um dia, um colega de faculdade lhe disse: “Escute, quem era aquela com quem eu te vi ontem? Não era nenhum exemplo de beleza!”.

Ele renegou a namorada como Pedro renegou Cristo; fingiu que era uma garota de programa; e falava dela com desdém. Mas assim como Pedro ficou fiel a Cristo, Jaromil, em seu foro íntimo, ficou fiel à namorada. É verdade que limitou os passeios em comum pelas ruas e estava feliz em não ser visto com ela, mas ao mesmo tempo, no fundo de si mesmo, desaprovava e detestava seu colega. E emocionou-se com a ideia de que sua namorada usasse vestidos feios e baratos, vendo aí não apenas o seu charme (o charme da simplicidade e da pobreza), mas também, e sobretudo, o charme de seu próprio amor: pensava que não é difícil amar alguém resplandecente, perfeita, elegante: esse amor não passa de um reflexo insignificante que desperta automaticamente em nós o acaso da beleza; mas o grande amor deseja criar o ser amado a partir, justamente, de uma criatura imperfeita que, quanto mais imperfeita, mais é humana.

Um dia em que lhe declarou mais uma vez o seu amor (certamente depois de uma briga exaustiva), ela lhe disse: “De qualquer maneira, eu não sei o que vê em mim. Existem tantas garotas mais bonitas que eu”.

Ele ficou indignado e explicou-lhe que a beleza nada tem a ver com o amor. Disse que o que amava nela era o que todos os outros achavam feio; numa espécie de êxtase, começou a enumerar as características; disse que ela tinha pequeninos seios tristes com mamilos grandes que inspiravam mais piedade que entusiasmo; disse que tinha sardas e cabelos ruivos e que seu corpo era magro e que ele a amava exatamente por isso.

A ruiva irrompeu em soluços porque só compreendia bem a realidade (os pobres seios, os cabelos ruivos) e compreendia mal a ideia.

Jaromil, por outro lado, era transportado por sua ideia; as lágrimas da jovem, que sofria por não ser bela, inspiravam-no e reanimavam-no na

sua solidão; dizia consigo mesmo que dedicaria toda a sua vida à jovem para que desaprendesse de chorar assim e para convencê-la de seu amor. Nesse grande rasgo de emoção, o primeiro amante da ruiva já não era mais que uma das feiuras que ele amava nela. Era realmente um desempenho remarcável da vontade e do pensamento; sabia disso e começou a escrever um poema.

Ah! fale-me daquela em quem sempre penso (este verso voltava sempre como um refrão), *conte-me como a envelhecem os anos* (novamente ele queria possuí-la inteira, com toda a sua eternidade humana), *conte-me como ela era na infância* (desejava-a não apenas com o seu futuro, mas também com o seu passado), *faça-me beber da água de seus antigos soluços* (e sobretudo com a sua tristeza, que o libertaria da dele), *fale-me dos amores que povoaram a sua juventude, tudo o que nela apalparam, o que nela murcharam, quero amá-la dentro dela* (e um pouco mais longe ainda): *não há nada no seu corpo, não há nada na sua alma, até a podridão dos antigos amores, que eu não beba até a embriaguez...*

Jaromil estava entusiasmado com o que escrevera, pois em vez da grande tenda azulada da harmonia, do espaço artificial onde todas as contradições são abolidas, onde a mãe está sentada com o filho e a nora à mesa comum da paz, ele encontrara outra casa do absoluto, um absoluto mais cruel e mais autêntico. Pois se o absoluto da pureza e da paz não existe, existe um absoluto do sentimento infinito onde se dissolve, como numa solução química, tudo o que é impuro e estranho.

Estava entusiasmado com aquele poema, ao mesmo tempo que sabia que nenhum jornal aceitaria publicá-lo, pois nada tinha em comum com a época feliz do socialismo; mas o escrevia para si e para a ruiva. Quando leu para ela aqueles versos, ela emocionou-se até as lágrimas, mas ao

mesmo tempo teve novamente medo porque falava de suas feiuras, de alguém que a apalpara e da velhice que chegaria.

As dúvidas da jovem não incomodavam absolutamente Jaromil. Ao contrário, ele desejava vê-las e saboreá-las, ele desejava demorar-se com elas e refutá-las por um longo tempo. Mas a jovem não tinha a intenção de discutir muito tempo sobre o tema do poema e punha-se a falar de outra coisa.

Se ele chegava a perdoar-lhe os seios irrisórios e as mãos desconhecidas que a tocavam, havia uma coisa que não podia perdoar-lhe: ser tagarela. Vejam, ele acaba de ler para ela alguma coisa em que ele está por inteiro, com a sua paixão, sua sensibilidade, seu sangue, e ao final de alguns minutos ela começa a falar alegremente de outra coisa!

Sim, estava pronto a fazer desaparecerem todos os seus defeitos na solução solvente de seu amor, mas com uma única condição: que ela mesma se deite docilmente nessa solução, que nunca esteja em outro lugar que não essa banheira de amor, que não tente jamais, nem por pensamento, sair dessa banheira, que esteja totalmente imersa abaixo da superfície dos pensamentos e das palavras de Jaromil, que fique submersa no seu universo e que nem a menor parcela de seu corpo ou de seu espírito habite outro mundo.

E em vez disso ela recomeçou a falar, e não apenas ela fala mas fala de sua família! Ora, a família representava nela o que Jaromil detestava mais do que tudo no mundo, porque não sabia muito bem como protestar contra ela (era uma família totalmente inocente, e além do mais uma família do povo), mas queria protestar contra ela, porque era pensando em sua família que a ruiva escapava constantemente da banheira que ele lhe preparara e que enchera com o solvente de seu amor.

Portanto, precisava novamente escutar as histórias de seu pai (um velho camponês cansado do trabalho), de seus irmãos e irmãs (era mais uma coelheira do que uma família, pensava Jaromil: duas irmãs e quatro irmãos!), e sobretudo de um dos seus irmãos (chamava-se Jan e devia ser uma figura engraçada, antes de 1948 era motorista de um ministro anticomunista); não, não era apenas uma família, era antes um meio estranho que lhe era hostil e cujo casulo a ruiva guardava colado à pele, casulo que a afastava dele e fazia com que ela ainda não pertencesse total e absolutamente a ele; e aquele irmão Jan não era tanto o irmão da ruiva, mas antes um homem que a vira de perto durante todos os dezoito anos de sua vida, um homem que conhecia nela dezenas de detalhes íntimos, um homem com o qual dividira os mesmos banheiros (quantas vezes esquecera de passar a chave!), um homem que se lembrava da época em que ela se tornara mulher, um homem que por certo a vira várias vezes completamente nua...

Você tem que ser minha e morrer sob a roda, se eu quiser, escrevia, doente e enciumado, o poeta Keats à sua Fanny, e Jaromil, que está novamente em casa no seu quarto de criança, escreve poemas para se acalmar. Pensa na morte, nesse grande abraço em que tudo fica tranquilo; pensa na morte dos homens duros, dos grandes revolucionários e diz que gostaria de compor o texto de uma marcha fúnebre que seria cantada nos funerais dos comunistas.

A morte; também ela fazia parte, naquele tempo de júbilo obrigatório, de temas quase proibidos, mas Jaromil imaginou que seria capaz (já escrevera bonitos versos sobre a morte, era do seu próprio jeito um especialista da beleza da morte) de descobrir esse ângulo de visão especial a partir do qual a morte se despoja de sua morbidez habitual; sentia que era capaz de escrever versos *socialistas* sobre a morte;

ele pensa na morte de um grande revolucionário: *como o sol que se deita atrás do monte, morre o combatente...*

e escreve um poema que intitula *Epitáfio: Ah! Se é preciso morrer, que seja contigo, meu amor, e apenas nas chamas, iluminado e transformado em calor...*

5

A poesia é um território onde toda afirmação torna-se verdade. O poeta disse ontem: *a vida é vã como um pranto*; hoje ele diz: *a vida é alegre como o riso*, e nas duas vezes ele tem razão. Hoje ele diz: *tudo termina e sucumbe no silêncio*; amanhã dirá: *nada se acaba e tudo ressoa eternamente*, e ambos são verdadeiros. O poeta não precisa provar nada; a única prova reside na intensidade de sua emoção.

O gênio do lirismo é o gênio da inexperiência. O poeta pouco sabe sobre o mundo, mas as palavras que brotam dele formam belas junções que são definitivas como o cristal; o poeta não é um homem maduro e no entanto seus versos têm a maturidade de uma profecia diante da qual ele mesmo fica proibido.

Ah, meu amor líquido! Quando mamãe lera o primeiro poema de Jaromil, pensara (quase com vergonha) que seu filho sabia mais do que ela sobre o amor; ela não suspeitava de que se tratava de Magda observada pelo buraco da fechadura, o amor líquido representava para ela algo de mais geral, uma categoria misteriosa do amor, um tanto incompreensível, cujo sentido podia apenas ser adivinhado, como se adivinha o sentido de frases sibilinas.

A imaturidade do poeta sem dúvida se presta ao riso, mas ela também nos causa surpresa: existe nas palavras do poeta uma gotinha que surgiu

do coração e que dá a seus versos o brilho da beleza. Mas essa gotinha não exige uma verdadeira experiência vivida para extraí-la do coração do poeta, achamos, antes, que o poeta algumas vezes espreme seu coração da mesma forma que o faz uma cozinheira espremendo um limão na salada. Jaromil, na verdade, não se preocupava com os operários marseheses em greve, mas quando escrevia um poema sobre o amor que nutria por eles estava realmente emocionado, e regava generosamente com essa emoção as suas palavras, que se tornavam assim uma verdade de carne e sangue.

Com seus poemas o poeta pinta o seu autorretrato; mas, como nenhum retrato é fiel, podemos dizer também que, com seus poemas, ele retifica o seu rosto.

Retifica? Sim, ele o torna mais expressivo, pois a imprecisão de seus próprios traços o atormenta; ele mesmo sente-se embaralhado, insignificante, um qualquer; busca uma forma de si mesmo; quer que o revelador fotográfico dos poemas consolide o desenho de seus traços.

E o torna mais dramático pois a sua vida é pobre em acontecimentos. O mundo dos seus sentimentos e dos seus sonhos, materializado em seus poemas, frequentemente tem uma aparência tumultuada e substitui os atos e as aventuras que lhe são recusados.

Mas, para revestir-se de seu retrato e entrar no mundo sob essa máscara, é preciso que o retrato seja exposto e o poema publicado. Vários poemas de Jaromil já haviam saído no *Rudé pravo*, mas ele ainda não estava satisfeito. Nas cartas que juntava aos seus poemas, ele dirigia-se familiarmente ao redator desconhecido, pois queria incitá-lo a responder e estabelecer uma relação com ele. Mas (era quase humilhante), apesar de publicarem seus versos, as pessoas não se

preocupavam absolutamente em conhecê-lo como um ser vivo, e em acolhê-lo em seu meio; o redator nunca respondia às suas cartas.

Entre os colegas de faculdade seus poemas também não suscitavam a reação que esperava. Se tivesse pertencido à elite dos poetas contemporâneos, que eram produzidos sobre os estrados e cujas fotografias resplandeciam nas revistas ilustradas, talvez se tivesse tornado uma curiosidade para os estudantes de seu nível escolar. Mas alguns poemas mergulhados nas páginas de um diário não prendiam a atenção mais do que alguns minutos e faziam de Jaromil, aos olhos dos colegas que tinham diante de si uma carreira política ou diplomática, uma criatura não estranhamente interessante, mas sim desinteressantemente estranha.

E dizer que Jaromil aspirava infinitamente à glória! Aspirava a ela como todos os poetas: *Oh! glória, Oh! poderosa divindade! Ah, faz com que teu grande nome me inspire e meus versos a ti possam possuir!*, implorava Victor Hugo. *Sou um poeta, um grande poeta, e um dia serei amado por todo o universo, é preciso que eu me diga, é assim que devo rezar ao pé do meu mausoléu inacabado*, consolava-se Jiri Orten pensando em sua glória futura.

O desejo obsessivo de admiração não é apenas uma tara que vem juntar-se ao talento do poeta lírico (como se poderia interpretar, por exemplo, no caso de um matemático ou de um arquiteto), mas está diretamente ligado à própria natureza do talento poético, é o sinal distintivo do poeta lírico: pois o poeta é aquele que oferece ao universo o seu autorretrato, com o desejo de que o seu rosto, captado sobre a tela dos versos, seja amado e adorado.

Minha alma é uma flor exótica de odor singular, nervosa. Possuo um grande talento, talvez seja até genial, escrevia Jiri Wolker em seu diário e Jaromil,

repugnado com o silêncio do jornalista, escolheu alguns poemas e enviou-os à revista literária mais conhecida. Que felicidade! Quinze dias mais tarde recebeu uma resposta: seus versos foram julgados interessantes e pediam-lhe que passasse na redação da revista. Ele preparou aquele encontro com o mesmo cuidado com que preparava às vezes seus encontros femininos. Decidiu que iria, no sentido mais profundo do termo, apresentar-se aos redatores, e tentou definir quem ele era exatamente, quem era como poeta, quem era como homem, qual era o seu programa, de onde vinha, o que havia passado, o que gostava, o que detestava. Finalmente, apanhou um lápis e uma folha de papel e anotou, em seus aspectos essenciais, suas posições, suas opiniões, as fases de sua evolução. Escreveu várias folhas e, um belo dia, bateu a uma porta e entrou.

Um homem pequeno e magro, de óculos, estava sentado diante de uma mesa de trabalho e perguntou-lhe o que desejava. Jaromil disse seu nome. O redator perguntou-lhe de novo o que desejava. Jaromil disse mais uma vez (mais claramente e mais forte) seu nome. O redator disse que estava feliz por conhecê-lo, mas que gostaria de saber o que ele desejava. Jaromil disse que enviara seus versos à redação e que recebera uma carta em que lhe pediam que viesse. O redator disse que quem cuidava da poesia era seu colega e que no momento ele estava ausente. Jaromil disse então que lamentava muito, pois gostaria de saber quando seus poemas seriam publicados.

O redator perdeu a paciência, levantou-se da cadeira, pegou Jaromil pelo braço e conduziu-o até um armário grande. Abriu-o e mostrou pilhas enormes de papel arrumadas nas prateleiras: “Caro colega, nós recebemos em média, diariamente, poemas de doze autores novos. Quanto dá isso por ano?”.

“Não consigo calcular de cabeça”, disse Jaromil constrangido, pois o redator insistia.

“Dá quatro mil, trezentos e oitenta novos poetas por ano. Tem vontade de sair do país?”

“Por que não?”, disse Jaromil.

“Então continue a escrever”, disse o redator. “Estou certo de que mais cedo ou mais tarde iremos exportar poetas. Outros países exportam montadores, engenheiros, trigo ou carvão, mas nós, a nossa principal riqueza, são os poetas líricos. Os poetas líricos tchecos irão fundar a poesia lírica dos países em desenvolvimento. Em troca de nossos poetas líricos, poderemos conseguir coco e banana.”

Alguns dias mais tarde, mamãe disse a Jaromil que o filho do porteiro da escola viera procurá-lo em casa. “Pedi que você fosse vê-lo na polícia. Ele encarregou-me de cumprimentá-lo pelos seus poemas.”

Jaromil ficou vermelho de prazer: “Ele realmente disse isso?”.

“Sim. Na hora de ir embora ele me disse exatamente: transmita-lhe que o felicito por seus poemas. Não esqueça de dar o recado.”

“Isto me deixa muito feliz, sim, muito feliz”, disse Jaromil com especial insistência. “É para homens como ele que escrevo meus versos. Não escrevo para os redatores das revistas e das editoras. O carpinteiro não faz cadeiras para outros carpinteiros, mas sim para homens.”

Foi assim que atravessou um dia a soleira da porta do grande edifício da Segurança Nacional, anunciou seu nome ao porteiro que carregava um revólver, esperou no corredor e apertou a mão de seu antigo colega de classe que descera e o recebera com alegria. Foram depois para o escritório dele e o filho do porteiro repetiu-lhe pela quarta vez: “Meu velho, eu não sabia que havia frequentado a escola com um homem

famoso. Eu sempre me dizia, é ele ou não é ele, mas afinal vi que não era um nome tão comum assim”.

Depois conduziu Jaromil pelo corredor até um grande quadro mural onde estavam espetadas várias fotografias (podiam-se ver policiais exercitando-se com um cachorro, com armas, com um paraquedas), duas circulares, e no meio daquilo tudo um recorte de jornal com um poema de Jaromil; esse recorte de jornal estava lindamente emoldurado por um traço de lápis vermelho e parecia presidir todo o quadro.

“O que me diz disso?”, perguntou o filho do porteiro, e Jaromil nada dizia, mas estava feliz; era a primeira vez que via um de seus poemas vivendo vida própria, independente dele.

O filho do porteiro tomou-o pelo braço e reconduziu-o ao seu escritório.

“Está vendo, você certamente não pensava que os policiais também leem poemas”, disse ele, rindo.

“E por que não?”, disse Jaromil, que estava muito impressionado com a ideia de que seus versos não eram lidos por mulheres, mas por homens que levavam um revólver na cintura. Por que não? Existe uma diferença entre os policiais de hoje e os mercenários da república burguesa.

“Certamente deve estar pensando que um policial e a poesia não combinam, mas não é verdade”, retomou o filho do porteiro, continuando a sua ideia.

Jaromil também prosseguia com a sua: “Aliás, os poetas de hoje não são como os poetas de outrora. Não são mais pequenas mocinhas mimadas”.

E o filho do porteiro seguia sempre o fio de sua ideia: “É exatamente porque temos uma profissão tão dura (e não imagina a que ponto) que às

vezes precisamos de alguma coisa delicada. Sem isso, há dias em que não poderíamos suportar o que somos obrigados a fazer aqui”.

Depois ele propôs (seu serviço acabara de terminar) que fossem sentar-se no café em frente e bebessem dois ou três chopos.

“Meu velho, isso aqui não é diversão todos os dias”, prosseguiu ele com um chope na mão. “Lembra-se do que eu lhe disse na última vez sobre aquele judeu? Está na cadeia. Ele é um belo crápula.”

Jaromil evidentemente não sabia que o sujeito moreno que dirigia o círculo da juventude marxista fora preso; claro, ele desconfiava vagamente de que havia prisões, mas não sabia que se prendia gente às dezenas de milhares, e que também entre os comunistas os presos eram torturados e os seus erros na maior parte das vezes eram imaginários; portanto, só pôde reagir àquela notícia com um simples movimento de surpresa em que não mostrava nenhuma opinião, mas ao mesmo tempo um pouco de espanto e compaixão, de maneira que o filho do porteiro precisou afirmar com vigor: “Nesses assuntos, não adianta ser sentimentalista”.

Jaromil ficou assustado com a ideia de que o filho do porteiro lhe escapava de novo, que estava novamente mais à frente que ele. “Não se espante se eu sinto pena dele. É natural. Mas você tem razão, o sentimentalismo pode nos custar caro.”

“Incrivelmente caro”, disse o filho do porteiro.

“Ninguém entre nós quer ser cruel”, disse Jaromil.

“Isto não”, concordou o filho do porteiro.

“Mas seria cometer a maior das crueldades não ter a coragem de ser cruel para com os cruéis”, disse Jaromil.

“É isto mesmo”, concordou o filho do porteiro.

“Nada de liberdade para os inimigos da liberdade. É cruel, eu sei, mas é preciso que seja assim.”

“É preciso”, concordou o filho do porteiro. “Eu poderia lhe falar muita coisa sobre isso, mas não posso e não devo falar nada. Tudo isso são segredos de Estado, meu amigo. Mesmo com minha mulher eu não posso falar do que faço aqui.”

“Eu sei”, disse Jaromil, “eu compreendo”, e novamente invejou no antigo colega de classe aquela profissão viril, aquele segredo e aquela esposa, e também que ele deveria ter para com ela segredos que ela era obrigada a aceitar; invejava-lhe a *vida real* cuja beleza cruel (e a bela crueldade) não cessava de ultrapassá-lo (ele absolutamente não compreendia por que haviam prendido o sujeito moreno, sabia apenas uma coisa, que fora necessário), invejava-lhe a vida real em que ele mesmo (compreendia mais uma vez com amargura, diante do seu colega de classe, que tinham a mesma idade) ainda não tinha entrado.

Enquanto Jaromil refletia com inveja, o filho do porteiro olhava-o no fundo dos olhos (seus lábios estavam ligeiramente afastados e sorriam bobamente) e começou a recitar os versos que espetara no quadro mural; sabia todo o poema de cor e não cometeu nenhum erro. Jaromil não sabia que atitude tomar (seu antigo colega não tirava os olhos dele), enrubescia (ele sentia o ridículo da interpretação ingênua de seu colega), mas o orgulho feliz que sentia era infinitamente mais forte que o incômodo: o filho do porteiro conhecia e amava seus versos! Seus poemas haviam portanto entrado no mundo dos homens, no seu lugar, antes dele, como se fossem seus mensageiros, suas patrulhas predecessoras! Seus olhos embaçaram-se de lágrimas de autossatisfação beata; sentiu vergonha e baixou a cabeça.

O filho do porteiro terminara sua recitação e ainda olhava Jaromil nos olhos; depois explicou que um estágio anual de formação de jovens policiais acontecia numa grande e bonita mansão nos arredores de Praga e que de tempos em tempos eles convidavam, para a programação noturna, pessoas interessantes com quem organizavam uma discussão. “Gostaríamos também de convidar alguns poetas, num domingo. Para organizar um grande sarau de poesia.”

Depois beberam ainda mais um chope e Jaromil disse: “É realmente ótimo que seja exatamente a polícia que organiza uma noite de poesia”.

“E por que não a polícia? Por que não?”

“Claro, por que não?”, disse Jaromil. “Polícia e poesia talvez combinem bem mais do que algumas pessoas pensam.”

“E por que não combinariam?”, disse o filho do porteiro.

“Por que não?”, disse Jaromil.

“É mesmo, por que não?”, disse o filho do porteiro, e completou que gostaria de ver Jaromil entre os poetas convidados.

Jaromil protestou, mas acabou aceitando com prazer. Pois bem! Se a literatura hesitava em estender aos seus versos a sua mão frágil (franzina), era a própria vida quem lhe estendia a sua (rude e firme).

6

Olhemos ainda um instante para Jaromil sentado diante de um copo de chope em frente ao filho do porteiro; atrás dele, estende-se ao longe o mundo fechado de sua infância e à sua frente, encarnado por seu antigo colega de classe, o mundo dos atos, um mundo estranho que ele teme e ao qual aspira desesperadamente.

Esse quadro expressa a situação fundamental da imaturidade; o lirismo é uma tentativa de fazer face a essa situação: o homem expulso

da redoma protetora da infância deseja entrar no mundo, mas ao mesmo tempo, porque tem medo deste mundo, modela a partir de seus próprios versos um mundo artificial e de *substituição*. Faz girar ao seu redor seus poemas como planetas ao redor do sol; torna-se o centro de um pequeno universo onde nada é estranho, onde sente-se em casa como a criança dentro da mãe, porque aqui tudo é moldado pela única substância de sua alma. Aqui ele pode depois terminar tudo o que é tão difícil *fora*; aqui ele pode, como o estudante Wolker, marchar com a multidão de proletários para fazer a revolução e, como o rapazola Rimbaud, remexer as *suas pequenas apaixonadas*, porque essa multidão e essas apaixonadas não são moldadas pela substância hostil de um mundo estranho, mas pela substância de seus próprios sonhos, são portanto ele mesmo e só rompem a unidade do universo que ele construiu para si mesmo.

Talvez vocês conheçam o belo poema de Jiri Orten sobre a criança que era feliz no interior do corpo materno e que sofre com seu nascimento como uma morte atroz, *uma morte repleta de luz e de rostos assustadores*, e que quer voltar atrás, para dentro da mãe, atrás *do perfume tão suave*.

Enquanto não é adulto, o homem aspira, ainda durante muito tempo, à unidade e à segurança desse universo que ele sozinho enchia no interior da mãe, e experimenta a angústia (ou a raiva) frente ao mundo adulto da relatividade onde é engolido como uma gota num oceano de alteridade. É por isso que os jovens são monistas apaixonados, mensageiros do absoluto; é por isso que o poeta trama o universo privado de seus poemas; é por isso que o jovem revolucionário reivindica um mundo radicalmente novo forjado numa só ideia; é por isso que não admitem o compromisso, nem no amor, nem na política; o

estudante revoltado clama através da história o seu *tudo ou nada*, e Victor Hugo, aos vinte anos, ficou furioso ao ver Adèle Foucher, sua noiva, levantar a saia numa calçada enlameada, pondo à mostra o tornozelo. *Parece-me que o pudor é mais precioso que um vestido*, censurou-lhe ele depois numa carta severa, e ameaçou: *Cuidado com o que lhe digo aqui, se não quiser expor-me a dar uma bofetada no primeiro insolente que ousar virar-se na sua direção!*

O mundo dos adultos, ouvindo essa ameaça patética, explode de rir. O poeta está ferido pela traição do tornozelo da amada e pelo riso da multidão, e o drama da poesia e do mundo começa.

O mundo dos adultos bem sabe que o absoluto não passa de um engodo, que nada humano é grande ou eterno e que é absolutamente normal que a irmã e o irmão durmam no mesmo quarto; mas como Jaromil fica atormentado! A ruiva anunciou-lhe que o irmão virá a Praga e se hospedará em sua casa durante uma semana: ela até pediu-lhe que não viesse durante todo esse período. É mais do que é capaz de suportar e protesta com voz forte: também não pode aceitar renunciar à sua namorada durante uma semana inteira por causa de um sujeito (chamava-o sujeito com um orgulho desdenhador)!

“Por que está me censurando?”, retorquiu a ruiva. “Sou mais jovem que você e é sempre na minha casa que nos encontramos. Nunca podemos nos encontrar na sua!”

Jaromil sabia que a ruiva tinha razão e a sua amargura foi ainda maior; mais uma vez compreendeu toda a humilhação da sua falta de independência e, cego de raiva, anunciou no mesmo dia à mãe (com uma firmeza sem precedentes) que levaria sua namorada para casa porque não podiam se encontrar sozinhos em outro lugar.

Como se parecem, mãe e filho! Ambos têm a mesma encantadora nostalgia de um paraíso monista de unidade e harmonia. Ele quer *reencontrar* o “suave perfume” das entranhas maternas e ela quer *ser* (ainda e sempre) esse “suave perfume”.

À medida que o filho amadurecia, ela queria enroscar-se ao redor dele como um abraço etéreo; partilhava de todas as suas opiniões; admirava a arte moderna; dava como referência o comunismo, tinha fé na glória de seu filho, indignava-se com a hipocrisia dos professores que diziam uma coisa um dia e outra no dia seguinte; queria estar sempre em volta dele como o céu, queria ser sempre da mesma substância que ele.

Mas como poderia ela, apóstolo da harmoniosa unidade, aceitar a substância estranha de outra mulher?

Jaromil podia ler uma recusa no rosto de sua mãe, e estava ficando intratável. Sim, ele realmente queria voltar para o “suave perfume”, procurava o antigo universo materno, mas não o procurava mais junto à sua mãe havia muito tempo; era exatamente a mãe quem mais o incomodava naquela procura da mãe perdida.

Ela compreendeu que o filho não cederia e submeteu-se a isso; Jaromil viu-se pela primeira vez sozinho em seu quarto com a ruiva, o que certamente teria sido bom se ambos não estivessem tão nervosos; mamãe realmente fora ao cinema, mas na realidade ela permanecia todo o tempo entre eles; falavam num tom de voz muito mais baixo do que habitualmente o faziam; quando Jaromil quis tomá-la nos braços, encontrou o seu corpo frio e compreendeu que era melhor não insistir; então, em vez de aproveitarem todos os prazeres daquele dia, conversaram constrangidos de umas coisas e outras, sem parar de seguir o movimento dos ponteiros do relógio que lhes anunciava a breve chegada da mãe; na verdade, era impossível sair do quarto de Jaromil

sem passar pelo quarto dela e a ruiva não queria por nada no mundo encontrá-la; por isso foi embora cerca de meia hora antes de sua chegada, deixando Jaromil de péssimo humor.

Esse fracasso, ao invés de desencorajá-lo, deixou-o ainda mais decidido. Ele compreendeu que a sua posição na casa onde morava era intolerável; não morava em sua própria casa, mas na casa de sua mãe. Essa constatação despertava nele uma teimosa resistência: convidou novamente a namorada e, dessa vez, recebeu-a com uma conversa bem-humorada, por meio da qual pretendia superar a angústia que os paralisara na última vez. Pusera até mesmo uma garrafa de vinho sobre a mesa e, como não estavam acostumados a bebidas alcoólicas, logo estavam num estado de espírito em que conseguiram esquecer a sombra onipresente da mãe.

Durante uma semana inteira ela voltou tarde, como Jaromil desejava, até mais tarde do que ele esperava. Saía de casa mesmo nos dias em que ele não lhe pedia. Não se tratava de boa vontade da sua parte, tampouco uma concessão sabiamente refletida; era uma manifestação. Voltando tarde ela queria denunciar de maneira exemplar a brutalidade de seu filho, queria mostrar que seu filho comportava-se como se fosse o dono da casa onde ela era apenas tolerada e onde não tinha nem mesmo o direito de sentar-se numa poltrona e ler em seu quarto quando voltava cansada do trabalho.

Durante aquelas longas tardes e aquelas longas noites em que se ausentava de casa, ela infelizmente não tinha nenhum homem a quem visitar, pois o colega que a cortejava no passado havia muito se cansara de sua vã insistência; ia então ao cinema, ao teatro, tentava (com pouco sucesso) reatar com algumas amigas já meio esquecidas e entrava com um perverso prazer nos sentimentos amargos de uma mulher que, após

ter perdido os pais e o marido, é expulsa de casa pelo próprio filho. Estava sentada numa sala escura; longe dela, na tela, dois desconhecidos beijavam-se, e as lágrimas rolavam-lhe pelo rosto.

Um dia ela voltou para casa um pouco mais cedo do que de costume, pronta para mostrar um rosto ferido e a não responder ao cumprimento do filho. Ao entrar em seu quarto, apenas fechou a porta e o sangue subiu-lhe à cabeça; do quarto de Jaromil, portanto de um lugar separado dela por alguns poucos metros, chegava-lhe a respiração ofegante do filho e, misturada a ela, estertores femininos.

Estava pregada no chão e ao mesmo tempo sabia que não podia ficar ali imóvel, escutando aqueles gemidos de amor, porque tinha a impressão de estar ao lado deles, de olhar para eles (e nesse instante podia vê-los realmente em pensamento, clara e distintamente) e era absolutamente insuportável. Foi tomada por um acesso de raiva irracional, ainda mais violento porque logo percebeu sua impotência, pois não podia nem bater os pés, nem gritar, nem quebrar um móvel, nem entrar no quarto de Jaromil e bater neles, não podia fazer absolutamente nada além de ficar ali imóvel e ouvi-los.

Nesse momento, o pouco de razão lúcida que lhe restava conjugou-se com aquele acesso de raiva cego numa súbita e frenética inspiração: quando a ruiva, no quarto ao lado, gemeu novamente, mamãe exclamou com voz cheia de apreensão ansiosa: “Meu Deus, Jaromil, o que está acontecendo com a sua amiga?”.

Os suspiros, no quarto ao lado, calaram-se instantaneamente e mamãe correu para o armário de remédios; ali apanhou um pequeno vidro e voltou correndo para a porta do quarto de Jaromil; segurou a maçaneta; a porta estava fechada a chave.

“Meu Deus, vocês estão me assustando, o que é que está acontecendo? O que há com a moça?”

Jaromil tinha nos braços o corpo da ruiva que tremia como uma folha, e disse: “Mas não é nada...”

“Sua amiga está tendo espasmos?”

“Sim, é isso...”, ele respondeu.

“Abra, eu tenho umas gotas para ela”, disse mamãe, e novamente mexeu na maçaneta da porta fechada.

“Espere”, disse o filho, levantando-se rapidamente.

“Esses espasmos são horríveis”, disse mamãe.

“Um segundo”, respondeu Jaromil; vestiu rapidamente a calça e a camisa, e jogou o cobertor sobre a garota.

“É uma crise de fígado, não é?”, perguntou mamãe através da porta.

“Sim”, respondeu Jaromil, e entreabriu a porta para apanhar o vidro de remédio.

“Você poderia pelo menos me deixar entrar”, disse mamãe. Um estranho frenesi empurrava-a para a frente; ela não deixou que a mandassem embora e entrou no quarto; a primeira coisa que viu foi um sutiã jogado sobre uma cadeira e outras roupas íntimas femininas; depois viu a jovem; ela estava encolhida sob a coberta e realmente pálida, como se tivesse tido um mal-estar.

Agora não podia mais recuar; sentou-se perto da moça: “O que aconteceu com você? Volto para casa e ouço esses gemidos, coitadinha...”. E derramou vinte gotas sobre um pedaço de açúcar: “Mas eu conheço esses espasmos, tome isto, vai fazer com que logo se sinta melhor...”, e aproximou o pedaço de açúcar dos lábios da ruiva e a jovem abriu docilmente a boca, estendendo-a para o pedaço de açúcar como a abrira e estendera um instante antes para os lábios de Jaromil.

Ela irrompera, num êxtase de raiva, no quarto de seu filho, mas agora só lhe restava o êxtase: olhava para aquela pequena boca que se abria com ternura e foi bruscamente tomada por um terrível desejo de arrancar a coberta do corpo da jovem ruiva e tê-la nua à sua frente; de romper a intimidade do pequeno mundo fechado que formavam Jaromil e a ruiva; de tocar o que ele tocava; de proclamá-lo seu; de ocupá-lo; de enlaçar aqueles dois corpos no seu abraço etéreo; de introduzir-se entre a nudez de ambos, tão fragilmente escondida (não deixara de observar que o calção de ginástica que Jaromil usava sob as calças estava no chão); de introduzir-se entre eles, atrevida e inocentemente, como se se tratasse realmente de uma crise de fígado; de estar com eles como estava com Jaromil quando lhe dava o seio nu para sugar; de ter acesso, pela passarela daquela inocência ambígua, aos seus jogos e às suas carícias; de ser como um céu ao redor de seus corpos nus, de estar com eles...

Mas logo teve medo de sua própria perturbação. Ela aconselhou à jovem que respirasse profundamente e retirou-se depressa para o seu quarto.

7

Um micro-ônibus com as portas fechadas estava estacionado diante do edifício da Segurança, e os poetas esperavam pelo motorista. Havia entre eles dois sujeitos da polícia, organizadores da noite de debates, e também, é claro, Jaromil; ele conhecia de vista alguns dos poetas (por exemplo, o sexagenário que lera um poema sobre a juventude, algum tempo atrás, no encontro da faculdade), mas não ousava dirigir a palavra a ninguém. Suas inquietações tinham-se acalmado, pois, alguns dias antes, a revista literária finalmente publicara cinco de seus poemas; ele via aí uma confirmação oficial ao seu direito de ser chamado poeta; para

estar pronto para qualquer eventualidade, levava a revista no bolso interno do paletó, o que fazia com que o seu peito, de um lado, estivesse másculo e reto e, de outro, feminino e saliente.

O motorista chegou e os poetas (eram onze ao todo, contando com Jaromil) subiram no veículo. Ao fim de uma hora de viagem, o micro-ônibus parou num agradável recanto de férias, os poetas desceram, os organizadores mostraram-lhes o rio, o jardim, a casa, fizeram-nos visitar as salas de aulas, a grande sala onde o encontro solene ia começar em poucos instantes, obrigaram-nos a dar uma olhada nos quartos de três camas onde moravam os estagiários (surpreendidos durante as suas obrigações, estes puseram-se em posição de sentido diante dos poetas com a mesma disciplina que teriam manifestado diante de uma revista oficial para verificar a ordem dos quartos) e finalmente conduziram-nos até o escritório do chefe. Ali aguardavam sanduíches e duas garrafas de vinho, o chefe uniformizado e, como se tudo isso não bastasse, uma mulher jovem muito bonita. Quando todos tinham apertado a mão do chefe, um por um, e resmungado seu nome, o chefe apresentou a mulher: “É a animadora do nosso círculo de cinema”, e explicou em seguida aos onze poetas (que apertaram um após outro a mão da jovem mulher) que a polícia popular tinha o seu clube de empreendimentos no qual ela participava de intensas atividades culturais; tinham um teatro amador, um coral amador e haviam acabado de fundar um círculo de cinema, tendo como animadora aquela jovem mulher, que era estudante da Escola de Altos Estudos Cinematográficos e ao mesmo tempo muito gentil em ter aceitado ajudar os jovens policiais; de resto, tinham ali as melhores condições: uma excelente câmera, todos os tipos de projetores, e sobretudo jovens entusiasmados, se bem que o chefe não podia garantir se eles se interessavam mais pelo cinema ou pela animadora.

Após ter apertado a mão de todos os poetas, a jovem cineasta fez sinal para dois rapazes de pé junto aos grandes refletores; os poetas e o diretor mastigavam seus sanduíches sob o reflexo de uma luz forte. A conversa, que o chefe esforçava-se por tornar o mais natural possível, era interrompida pelas instruções da jovem, que foram seguidas pelo deslocamento dos refletores e depois pelo ligeiro zumbido da câmera. Em seguida o chefe agradeceu a presença dos poetas, olhou para o relógio e disse que o público estava esperando impaciente.

“Muito bem, camaradas poetas, queiram tomar seus assentos”, disse um dos organizadores, lendo os nomes numa folha de papel; os poetas puseram-se em fila e, quando o organizador fez sinal, subiram no estrado; havia ali uma mesa comprida onde cada poeta tinha cadeira e lugar marcados por uma placa com o seu nome. Os poetas sentaram-se nas cadeiras e a sala (onde todos os lugares estavam ocupados) ressoou em aplausos.

Era a primeira vez que Jaromil desfilava e que a multidão o via; tinha uma sensação de embriaguez que não o abandonou até o final da noite. Aliás, tudo estava acontecendo magnificamente bem para ele; quando os poetas já estavam sentados nas cadeiras que lhes foram destinadas, um dos organizadores aproximou-se do lugar instalado na extremidade da mesa, deu boas-vindas aos poetas e apresentou-os. Cada vez que pronunciava um nome, o poeta levantava-se, cumprimentava e a audiência aplaudia. Jaromil também se levantou e cumprimentou, e ficou de tal forma abismado com os aplausos que não reparou de pronto que o filho do porteiro estava sentado na primeira fila e que lhe fazia um sinal; ele também lhe fez um sinal, e aquele gesto executado sobre o estrado na presença de todos o fez sentir o charme de uma naturalidade artificial, de maneira que, durante o resto da noite, fez sinal várias vezes

a seu colega, como alguém que está à vontade em cena e como se estivesse em casa.

Os poetas estavam sentados por ordem alfabética e Jaromil estava ao lado do sexagenário: “Meu amigo, é uma surpresa, eu não sabia absolutamente que era você! Você teve alguns poemas publicados recentemente numa revista!”.

Jaromil sorriu educadamente e o poeta continuou: “Guardei seu nome, são versos excelentes, que me deram uma grande alegria!”, mas, naquele momento, o organizador retomou a palavra e convidou os poetas a virem até o microfone em ordem alfabética e recitarem sucessivamente alguns de seus últimos poemas.

Os poetas vinham então ao microfone, recitavam, recolhiam aplausos e voltavam ao seu lugar. Jaromil esperava sua vez com ansiedade; tinha medo de gaguejar, tinha medo de não saber assumir o tom adequado, tinha medo de tudo; mas logo se levantou e foi um deslumbramento; não teve nem mesmo tempo para refletir. Começou a ler e, já nos primeiros versos, sentiu-se seguro de si. E, realmente, os aplausos que se seguiram ao seu primeiro poema foram os mais longos que se tinham ouvido até então na sala.

Os aplausos encorajaram Jaromil, que leu seu segundo poema ainda com mais segurança do que o primeiro, e ele não se sentiu nem um pouco embaraçado quando dois refletores se iluminaram perto dele e inundaram-no de luz, enquanto a câmera começava a roncar a dez metros dali. Ele fingia não reparar e nem chegou a hesitar durante a sua declamação, conseguindo até mesmo levantar os olhos da folha de papel e olhar, não apenas o espaço indistinto da sala, mas um ponto absolutamente distinto onde (a alguns passos da câmera) estava a bonita cineasta. Depois vieram mais aplausos e Jaromil leu dois outros poemas,

enquanto ouvia o ronco da câmera e via o rosto da cineasta; saudou então a audiência e voltou ao seu lugar; nesse momento, o sexagenário se levantou da cadeira e, inclinando solenemente a cabeça para trás, abriu os braços e fechou-os sobre os ombros de Jaromil.

“Meu amigo, você é um poeta, você é um poeta!”, e como os aplausos não paravam, virou-se para a audiência, ergueu a mão e inclinou-se.

Quando o décimo primeiro poeta havia terminado de recitar seus versos, o organizador tornou a subir no estrado, agradeceu a todos os poetas e anunciou que, após um breve intervalo, os que estivessem interessados poderiam retornar à sala para debater com os poetas. “Essa discussão não é obrigatória; apenas os interessados estão convidados a participar.”

Jaromil estava inebriado; todos lhe apertavam a mão e se reuniam ao seu redor; um dos poetas se apresentou como leitor de uma editora, espantou-se que Jaromil ainda não tivesse nenhuma coletânea de poemas publicada e pediu-lhe uma; outro convidou-o cordialmente a participar de um encontro organizado pela união dos estudantes; e, claro, o filho do porteiro veio também ao seu encontro, e depois não o abandonou nem um instante, mostrando claramente a todos que eles se conheciam desde a infância; em seguida o chefe em pessoa aproximou-se e disse: “Tenho a impressão de que hoje os louros da vitória vão para o mais jovem!”.

Logo depois declarou, virando-se para os outros poetas, que lastimava muito não poder participar do debate, pois precisava comparecer a um baile organizado pelos estagiários da escola, que ia começar numa sala vizinha, imediatamente após o recital de poesia. Muitas garotas das redondezas, completou ele com um sorriso glutão, tinham vindo para

aquele acontecimento porque os homens da polícia eram famosos dom-juans.

“Pois bem, camaradas, eu agradeço os seus belos versos e espero que esta não seja a última vez que nos encontramos!” Apertou a mão dos poetas e foi para a sala vizinha de onde já chegava, como um convite à dança, a música de uma fanfarra.

Na sala onde alguns momentos antes ressoavam estrondosos aplausos, o pequeno grupo excitado de poetas viu-se sozinho ao pé do estrado; um dos organizadores subiu sobre o estrado e anunciou: “Meus caros camaradas, a pausa terminou e novamente cedo a palavra aos nossos convidados. Peço àqueles que desejam participar da discussão com os camaradas poetas que se sentem”.

Os poetas retomaram seus lugares sobre o estrado e uma dezena de pessoas veio sentar-se embaixo diante deles, na primeira fila da sala vazia: estavam entre elas o filho do porteiro, os dois organizadores que haviam acompanhado os poetas no micro-ônibus, um velho senhor com perna de pau e muleta, algumas outras pessoas menos visíveis e também duas mulheres: uma tinha aproximadamente cinquenta anos (certamente uma datilógrafa), a outra era a cineasta que acabara de filmar e agora tinha os grandes olhos tranquilos fixos no poeta; a presença de uma mulher bonita era ainda mais notável na sala e muito mais estimulante para os poetas porque através da parede chegavam da sala contígua, cada vez mais sonoros e tentadores, a música da fanfarra e o ruído crescente do baile.

As duas fileiras sentadas face a face eram mais ou menos iguais em número e faziam lembrar dois times de futebol; Jaromil pensou que o silêncio que se estabeleceu era o silêncio que precede um afrontamento;

e como esse silêncio já durava cerca de trinta segundos, estimou que o onze poético perdia os primeiros pontos.

Mas Jaromil subestimava seus companheiros de equipe; durante o ano, alguns dentre eles tinham realmente participado de uma centena de discussões diversas, e aquelas leituras-debates haviam se tornado o seu principal domínio de atividade, sua especialização e sua arte. Relembremos esse detalhe histórico: era então o período das discussões e dos encontros; as mais diversas instituições, os clubes de empreendimentos, os comitês do partido e da União da Juventude organizavam noitadas para as quais eram convidados pintores, poetas, astrônomos ou economistas de todos os tipos; os organizadores dessas noitadas eram depois devidamente notados e recompensados por suas iniciativas, pois a época exigia uma atividade revolucionária, e, como esta não podia exercitar-se sobre as barricadas, era preciso que se espalhasse em reuniões e discussões. E também os pintores, poetas, astrônomos ou economistas de todos os tipos participavam de boa vontade daquele tipo de noitadas, pois assim mostravam que não eram especialistas bitolados, mas sim especialistas revolucionários e ligados ao povo.

Os poetas, portanto, conheciam muito bem as perguntas que o público fazia, sabiam muito bem que elas se repetiam com a espantosa regularidade da probabilidade estatística. Sabiam que alguém certamente iria perguntar: camarada, como é que começou a escrever? Sabiam que outro perguntaria: com que idade escreveu seu primeiro poema? Sabiam que alguém perguntaria também qual era seu autor preferido, e que deveriam esperar que um membro da assistência, desejoso de fazer brilhar sua cultura marxista, fizesse a pergunta: camarada, como definiria o realismo socialista? E sabiam também que

lhes seriam feitas, através de várias perguntas, algumas questões de ordem conclamando-os a escreverem mais versos: primeiro, sobre a profissão daqueles com quem se realizara a discussão, segundo, sobre os jovens, terceiro, sobre a dureza da vida na época do capitalismo, e quarto, sobre o amor.

O meio minuto de silêncio inaugural não era, portanto, resultado de nenhum embaraço; era mais a negligência por parte dos poetas que conheciam muito bem a rotina; ou, então, uma má coordenação, porque os poetas jamais se haviam apresentado naquela formação e cada um queria deixar ao outro o privilégio do primeiro tiro. O poeta sexagenário finalmente tomou a palavra. Falava com desembaraço e ênfase e após dez minutos de improviso convidou a fileira em frente a fazer perguntas sem receio. De maneira que os poetas puderam finalmente demonstrar sua eloquência e sua habilidade num jogo de equipe improvisado que, desde então, foi irrepreensível: eles sabiam se revezar, se completar, alternar prontamente uma resposta séria e uma anedota. Evidentemente, todas as questões essenciais foram formuladas e todas as respostas essenciais fornecidas (pôde-se ouvir sem interesse o sexagenário, a quem foi perguntado como e quando escrevera seu primeiro poema, explicar que sem a gata Mitsu jamais teria sido poeta, pois fora ela a inspiradora de seu primeiro poema aos cinco anos; depois disso, recitou o poema e, como a fileira em frente não sabia se era sério ou uma brincadeira, ele pôs-se a rir primeiro, e depois todos, poetas e público, riram satisfeitos e longamente).

E, é claro, houve questões de ordem. O filho do porteiro em pessoa levantou-se e falou bastante. Sim, a noite poética tinha sido notável e todos os poemas eram de primeira linha, mas será que alguém tinha pensado que nos trinta poemas, pelo menos, ouvidos ali (se contássemos

que cada poeta recitara cerca de três poemas), não havia um só que tivesse por tema, de perto ou de longe, o corpo da Segurança Nacional? E, no entanto, poderíamos pretender que a Segurança ocupasse na vida nacional um lugar inferior ao trigésimo terceiro?

Depois, a quinquagenária levantou-se e disse que aprovava inteiramente o que dissera o colega de classe de Jaromil, mas que a sua pergunta era completamente diferente: por que se escrevia tão pouco sobre o amor naquela época? Fez-se ouvir um riso abafado no meio do público e a quinquagenária prosseguiu: “Mesmo num regime socialista”, disse ela, “as pessoas se amam e leem satisfeitas alguma coisa sobre o amor”.

O poeta sexagenário levantou-se, inclinou a cabeça para trás e disse que a camarada tinha toda razão. Seria preciso, num regime socialista, ruborizar-se por estar amando? Era uma coisa errada? Ele era um homem idoso, mas não tinha vergonha de confessar que, quando via mulheres usando vestidos leves de verão sob os quais se podiam adivinhar seus corpos jovens e graciosos, não podia se privar de virar-se para olhá-las. A fileira dos onze interrogadores deixou escapar o riso cúmplice dos gozadores e o poeta, encorajado com isso, prosseguiu: o que deveria oferecer às mulheres jovens e bonitas? Um martelo com aspargos-de-jardim, talvez? E quando as convidava para virem à sua casa, deveria pôr uma foice num vaso de flores? Não, ele lhes oferecia rosas; a poesia de amor era como as rosas que se oferecem às mulheres.

Sim, sim, disse a quinquagenária, aprovando fervorosamente o poeta, e este retirou do bolso interno do paletó um papel e começou a recitar um longo poema de amor.

Sim, sim, é fantástico, opinava a quinquagenária, mas logo um dos organizadores levantou-se e disse que aqueles versos eram certamente

bonitos mas que, entretanto, mesmo num poema de amor, deveria estar evidenciado que o poema fora escrito por um poeta socialista.

Mas como isso pode ser evidente? — perguntou a quinquagenária ainda fascinada pela cabeça pateticamente inclinada do velho poeta e por seu poema.

Durante todo esse tempo Jaromil permanecia calado, apesar de todos os outros já terem tomado a palavra, e ele sabia que devia fazê-lo também: pensou que chegara o momento, aquela era uma questão sobre a qual vinha refletindo havia já muito tempo; sim, desde a época em que frequentava o pintor e escutava docilmente seus discursos sobre a arte moderna e o mundo novo. Pena! Novamente é o pintor que se expressa pela boca de Jaromil, novamente são as palavras e a voz dele que saem de seus lábios!

O que estava dizendo? Que o amor, na sociedade antiga, era a tal ponto deformado pela preocupação com o dinheiro, pelas considerações sociais, pelos preconceitos, que na verdade nunca podia ser ele mesmo, que não passava da sua própria sombra. Somente a época moderna, varrendo o poder do dinheiro e a influência dos preconceitos, tornaria o homem plenamente humano e o amor maior do que jamais o fora no passado. O poema de amor socialista era, portanto, a expressão desse grande sentimento libertado.

Jaromil estava satisfeito com o que dizia e podia ver os grandes olhos da cineasta, dois olhos castanhos que, imóveis, o contemplavam; pensou que as palavras “grande amor”, “sentimento libertado” iam, como um veleiro, de seus lábios à enseada daqueles grandes olhos.

Mas, quando terminou, um dos poetas sorriu ironicamente e disse: “Você acredita realmente que os sentimentos de amor são mais fortes nos seus poemas do que nos poemas de Heinrich Heine? Ou os amores

de Victor Hugo são pequenos demais para você? O amor em Macha ou em Neruda era mutilado pelo dinheiro e pelos preconceitos?”.

Era um contratempo. Jaromil não sabia o que deveria responder; corou e viu diante de si dois grandes olhos escuros, testemunhas do seu desmoronamento.

A quinquagenária recebeu com satisfação as questões sarcásticas do colega de Jaromil e disse: “O que é que vocês querem mudar no amor, camaradas? O amor será sempre o mesmo até o final dos tempos”.

Novamente o organizador interveio: “Isso não, camarada. Certamente que não!”.

“Não, não é isso que eu queria dizer”, disse logo o poeta. “Mas a diferença entre a poesia de amor de ontem e de hoje não está ligada à intensidade dos sentimentos.”

“Então está ligada a quê?”, perguntou a quinquagenária.

“Pois bem, aqui está: no passado o amor, mesmo o maior de todos, era sempre uma forma de fuga, uma forma de escapar a uma vida social que era repugnante. Por outro lado o amor, no homem de hoje, está ligado aos seus deveres sociais, ao seu trabalho, ao seu combate, com os quais forma um todo. É nisso que reside a sua *nova* beleza.”

A fileira em frente demonstrou concordância com o julgamento do colega de Jaromil, mas este explodiu num riso malvado: “Essa beleza, meu caro amigo, nada tem de muito novo. Será que os clássicos também não levavam uma vida em que o amor estava em perfeita harmonia com o seu combate social? Os amantes do célebre poema de Shelley são ambos revolucionários e morrem juntos na fogueira. Talvez seja isso que chame de um amor cortado da vida social?”.

O pior era que, da mesma forma como Jaromil alguns minutos antes não sabia o que responder às objeções de seu colega, este agora, por sua

vez, secava, o que poderia dar a impressão (impressão esta inadmissível) de que não havia diferença entre o passado e o presente e que o mundo novo não existia. Aliás, a quinquagenária levantou-se e pediu com um sorriso de interrogação: “Então, diga-me em que consiste a diferença entre o presente e o passado, do ponto de vista do amor?”.

Foi nesse momento decisivo, em que todos se encontravam num impasse, que o homem da perna de pau e muleta interveio; durante todo aquele tempo ele acompanhara o debate com atenção, apesar de demonstrar uma visível impaciência; desta vez levantou-se e, apoiando-se solidamente numa cadeira: “Caros camaradas, permitam que me apresente,” disse ele, e as pessoas da sua fila imediatamente protestaram, gritando que não era preciso, que já o conheciam bem. Mas ele os interrompeu: “Não é a vocês que me apresento, mas aos camaradas que convidamos para a discussão”, e como sabia que o seu nome nada diria aos poetas contou-lhes rapidamente sua biografia: ele era porteiro daquela casa havia quase trinta anos; já o era no tempo do industrial Kocvara, que mantivera ali sua residência de verão; já o era também durante a guerra, quando o industrial fora preso e o imóvel servira de casa de férias para a Gestapo; após a guerra, a casa fora confiscada pelo partido socialista e, no momento, a polícia estava instalada ali. “Pois bem, depois de tudo o que já presenciei, posso dizer que nenhum governo cuida tão bem dos trabalhadores quanto o governo comunista.” Evidentemente, hoje tampouco, nem tudo era perfeito. “No tempo do industrial Kocvara, no tempo da Gestapo e no tempo dos socialistas, a parada de ônibus sempre foi diante da casa.” Sim, era muito cômodo, ele mesmo não precisava andar mais do que dez passos entre a parada de ônibus e as suas acomodações no subsolo da casa. Mas eis que deslocaram o ponto de ônibus para duzentos metros mais longe! Ele já

havia protestado em todos os lugares onde era possível protestar. Tudo fora absolutamente inútil. “Digam-me por que”, disse ele batendo com a muleta no chão, “agora que a casa pertence aos trabalhadores, o ponto de ônibus tem que ser tão longe?”

As pessoas da primeira fileira replicaram (em parte com impaciência, em parte com um ar divertido) que já lhe haviam explicado cem vezes que o ônibus agora parava em frente à fábrica que fora construída nesse meio-tempo.

O homem da perna de pau respondeu que já sabia, mas que propusera que o ônibus parasse nos dois lugares.

As pessoas da primeira fila responderam-lhe que seria estúpido o ônibus parar a cada duzentos metros.

A palavra *estúpido* ofendeu o homem da perna de pau; ele declarou que ninguém tinha o direito de falar com ele assim; bateu no chão com a muleta e ficou rubro. Aliás, não era verdade, o ônibus podia muito bem fazer duas paradas a duzentos metros uma da outra. Ele sabia perfeitamente que, em outras linhas de ônibus, os pontos eram próximos assim.

Um dos organizadores levantou-se e citou palavra por palavra ao homem da perna de pau (certamente já devia tê-lo feito mais de uma vez) a portaria da Sociedade Tchecoslovaca dos Transportes Rodoviários, que proibia expressamente as paradas a intervalos tão próximos.

O homem da perna de pau respondeu que havia proposto uma solução conciliadora; seria possível pôr o ponto exatamente no meio do caminho entre a casa e a fábrica. Mas lhe chamaram a atenção de que dessa forma o ponto ficaria distante tanto para os operários quanto para os policiais.

A discussão já durava cerca de vinte minutos e os poetas tentavam em vão intervir no debate; o público apaixonava-se por um assunto que conhecia a fundo e não lhes deixava a palavra. Quanto ao homem da perna de pau, repugnado com a resistência de seus colegas, voltou a sentar-se em sua cadeira com ar envergonhado; finalmente fez-se silêncio, mas este logo foi invadido pela música da fanfarra que vinha do cômodo ao lado.

Depois, ninguém disse nada durante um longo momento e um dos organizadores afinal levantou-se e agradeceu aos poetas pela visita e pela interessante discussão. Em nome dos visitantes, o poeta sexagenário levantou-se e disse que a discussão (como sempre, aliás) certamente havia sido bem mais enriquecedora para eles, os poetas, do que para os anfitriões, a quem agradeciam.

Da sala vizinha chegava a voz de um cantor, o público reuniu-se ao redor do homem da perna de pau para apaziguar sua raiva, e os poetas ficaram sozinhos. Ao fim de um instante, o filho do porteiro veio juntar-se a eles com os dois organizadores e acompanhou-os até o micro-ônibus.

8

No micro-ônibus que os levou de volta a Praga estava, além dos poetas, a bonita cineasta. Os poetas estavam ao seu redor e cada um dava o melhor de si para chamar a atenção dela. Jaromil infelizmente estava numa poltrona muito afastada para poder participar daquele jogo; pensava na sua ruiva e compreendia com uma certeza sem apelação que ela era irremediavelmente feia.

Depois o micro-ônibus parou em algum lugar no centro de Praga e alguns poetas decidiram passar ainda algum tempo em um bar. Jaromil e

a cineasta também foram; sentaram-se numa mesa grande, conversaram, beberam e quando saíram do bar a cineasta convidou-os para irem à sua casa. Mas restavam apenas alguns poucos poetas: Jaromil, o poeta sexagenário e o leitor da editora. Instalaram-se nas poltronas, num bonito quarto no primeiro andar de uma casa moderna onde a jovem mulher morava como sublocatária, e recomeçaram a beber.

O velho poeta dedicava-se à cineasta com inegável ardor. Sentava-se ao lado dela, fazia elogios à sua beleza, recitava-lhe poemas, improvisava odes poéticas em honra ao seu charme, em alguns momentos ajoelhava-se aos seus pés e segurava-lhe as mãos. O leitor da editora, quase que com igual ardor, dedicava-se a Jaromil; certo, ele não fazia elogios à sua beleza, mas repetia um número incalculável de vezes: *você é um poeta, você é um poeta!* (Note-se de passagem que, quando um poeta qualifica alguém como poeta, não é a mesma coisa que quando chamamos um engenheiro de engenheiro ou um camponês de camponês, porque o camponês é aquele que cultiva a terra, enquanto o poeta não é aquele que escreve versos, mas sim aquele que — lembremo-nos desta palavra! — é *eleito* para escrevê-los, e apenas um poeta pode reconhecer com certeza em outro poeta esse contato da graça, pois — lembremo-nos desta carta de Rimbaud — *todos os poetas são irmãos* e apenas um irmão pode reconhecer em outro irmão o sinal secreto da família.)

A cineasta, diante de quem o sexagenário se ajoelhava e cujas mãos eram vítimas de seu contato assíduo, não tirava os olhos de Jaromil. Este não tardou a dar-se conta disso, ficou encantado e também não tirava os olhos dela. Era um belo retângulo! O velho poeta contemplava a cineasta; o leitor, Jaromil; Jaromil e a cineasta contemplavam-se mutuamente.

Essa geometria de olhares só foi rompida uma vez, quando o leitor tomou Jaromil pelo braço e levou-o até uma sacada contígua ao quarto; ele propôs que urinassem no pátio interno, por cima da balaustrada. Jaromil concordou prontamente, pois queria que o leitor não se esquecesse de sua promessa de publicar um livrinho com seus poemas.

Quando voltaram da sacada, o velho poeta, que estava ajoelhado, levantou-se e disse que já era hora de ir embora; ele compreendia muito bem que não era a ele que a jovem mulher desejava. Em seguida propôs ao leitor (este era muito menos perspicaz e complacente) que finalmente deixassem a sós aqueles que assim o desejavam e mereciam, pois — era assim que o velho poeta os chamava — eram o príncipe e a princesa daquela noite.

Finalmente, o leitor compreendeu do que se tratava e aprontou-se para ir embora, quando o velho poeta já o tomava pelo braço e o levava em direção à porta, e Jaromil já percebia que ficaria sozinho com a jovem mulher, que estava agora sentada numa grande poltrona com as pernas cruzadas sobre ela, os cabelos pretos desarranjados e olhos imóveis fixos nele...

A história de dois seres que estão a ponto de tornarem-se amantes é tão eterna que quase podemos esquecer a época em que começou. Como é agradável contar esse tipo de aventura! Como seria delicioso esquecê-la, aquela que esgotou a seiva de nossas curtas vidas para subjugá-la a seus trabalhos inúteis, como seria bonito esquecer a História!

Mas eis que seu espectro bate à porta e entra na narrativa. Entra não apenas sob a aparência da polícia secreta, ou sob a aparência de uma súbita revolução; a História não caminha apenas sobre os ápices

dramáticos da vida, mas também impregna como uma água suja a vida cotidiana; ela entra na nossa narrativa sob a forma de uma cueca.

No país de Jaromil, na época de que falamos, a elegância era um delito político; as roupas que então se usavam (aliás, a guerra terminara havia ainda poucos anos e ainda havia penúria) eram muito feias; e a elegância em matéria de roupa íntima era considerada para aquela época de austeridade como um luxo repleto de culpa! Os homens a quem a feiura das cuecas então à venda incomodava (cuecas largas que desciam até os joelhos e que eram enfeitadas por uma abertura cômica na barriga) usavam, em seu lugar, pequenas sungas de algodão destinadas à prática de esportes, ou seja, nos estádios e ginásios. Era estranho: naquela época, na Boêmia, os homens entravam na cama da amante vestidos de jogadores de futebol, iam à casa da amante como quem vai ao estádio, mas do ponto de vista da elegância não era tão mau assim: as sungas de ginástica tinham certa elegância esportiva e eram de cores alegres — azul, verde, vermelho, amarelo.

Jaromil não se preocupava com sua maneira de se vestir, pois quem cuidava disso era a mãe; era ela quem escolhia para ele suas roupas, roupas de baixo, cuidava para que não sentisse muito frio e para que usasse cuecas suficientemente quentes. Ela sabia exatamente quantas cuecas estavam arrumadas na sua gaveta de roupa íntima e bastava-lhe uma olhadela no armário para saber qual a que Jaromil estava usando naquele dia. Quando via que não faltava nenhuma na gaveta, logo ficava furiosa; ela não gostava que Jaromil usasse sunga de ginástica, pois achava que sunga não era cueca e destinava-se apenas à sala de ginástica. Quando Jaromil reclamava, dizendo que as cuecas eram feias, ela respondia com uma secreta irritação que ele certamente não aparecia de cuecas para ninguém. E quando Jaromil ia à casa da jovem ruiva, não

esquecia de tirar uma cueca da gaveta, escondê-la numa gaveta de sua mesa de trabalho e vestir clandestinamente uma sunga de ginástica.

Mas, nesse dia, ele não sabia o que a noite lhe reservava e usava uma cueca incrivelmente feia, grossa, gasta, cinza sujo!

Dirão que era uma complicação muito simples, que ele poderia, por exemplo, apagar a luz para que não fosse visto. Infelizmente, havia no quarto um abajur cor-de-rosa na mesa de cabeceira que estava aceso e parecia esperar com impaciência a ocasião de iluminar as carícias dos dois amantes, e Jaromil não conseguia imaginar que palavras poderia dizer para incitar a jovem a apagá-lo.

Ou, então, talvez façam a observação de que Jaromil poderia tirar ao mesmo tempo a sua horrível cueca e as calças. Mas Jaromil nem imaginava que poderia tirar ao mesmo tempo cueca e calças, porque nunca se despia daquela maneira; um salto tão brusco na nudez o deixava assustado; ele sempre se despia em partes e acariciava longamente a ruiva, vestido com a sunga de ginástica que tirava apenas sob a coberta da excitação.

Estava portanto apavorado diante dos grandes olhos escuros e avisou que teria que ir embora também.

O velho poeta quase teve um acesso de raiva; disse-lhe que não podia ofender uma mulher e descreveu-lhe baixinho as volúpias que o esperavam; mas aquelas palavras só faziam convencê-lo ainda mais do horror da sua cueca. Podia ver os esplêndidos olhos escuros e, com o coração dilacerado, recuava em direção à porta.

Assim que se viu na rua, foi tomado pelo arrependimento; não podia tirar da cabeça a imagem daquela garota fantástica. E o velho poeta (havia se separado do leitor na estação do bonde e agora caminhavam sozinhos pelas ruas escuras) o atormentava, pois não parava de censurá-

lo por ter ofendido a jovem mulher e ter se comportado de maneira estúpida.

Jaromil disse ao poeta que não queria ofender a jovem mulher, mas amava a sua namorada, que por sua vez o amava loucamente.

Você é ingênuo, disse-lhe o velho poeta. Você é poeta, é um amante da vida, não estará fazendo mal à sua namorada dormindo com outra; a vida é curta e as oportunidades perdidas não se podem recuperar mais.

Era duro de ouvir. Jaromil respondeu ao velho poeta que na sua opinião apenas um grande amor em que nos entregamos por inteiro vale mais do que mil amores efêmeros; que na namorada ele possuía todas as mulheres; que a sua namorada era tão diferente, que o seu amor era tão infinito, que poderia viver com ela mais aventuras inesperadas do que dom Juan com mil e uma mulheres.

O velho poeta parou; as palavras de Jaromil haviam-no tocado visivelmente: “Talvez você tenha razão”, disse ele. “Mas eu sou um homem velho e pertencço ao velho mundo. Devo confessar que, apesar de ser casado, teria desejado loucamente ficar com aquela mulher em seu lugar.”

Como Jaromil prosseguia nas suas reflexões sobre a grandeza do amor monogâmico, o velho poeta inclinou a cabeça para trás: “Ah, talvez você tenha razão, meu amigo, certamente você deve ter razão. Será que também eu não sonhei com um grande amor? Com um único amor? Com um amor infinito como o universo? Mas eu o desperdicei, meu amigo, porque naquele velho mundo, o mundo do dinheiro e das putas, o grande amor era condenado”.

Ambos estavam embriagados e o velho poeta passou o braço ao redor dos ombros do jovem poeta e parou com ele no meio dos trilhos do

bonde. Ele levantou os braços para o alto e exclamou: “Que morra o velho mundo! Que viva o grande amor!”.

Jaromil achava aquilo grandioso, boêmio e poético, e ambos gritaram longamente e com entusiasmo, pelas ruas escuras de Praga: “Que morra o velho mundo! Que viva o grande amor!”.

Depois o velho poeta ajoelhou-se na calçada diante de Jaromil e beijou-lhe a mão: “Meu amigo, quero prestar uma homenagem à sua juventude! A minha velhice homenageia a sua juventude, porque apenas a juventude salvará o mundo!”. Depois calou-se por um momento e, tocando com a cabeça descoberta os joelhos de Jaromil, completou com voz muito melancólica: “E rendo minha homenagem ao seu grande amor”.

Finalmente separaram-se e Jaromil viu-se no seu quarto, em casa. E, diante dos seus olhos, reapareceu a imagem daquela bela mulher de quem se privara. Levado por um desejo de autopunição, foi olhar-se no espelho. Despiu as calças para ver a sua cueca nojenta, velha; contemplou longamente e com raiva a sua feiura cômica.

Depois compreendeu que não era nele que pensava com raiva. Pensava na mãe; na sua mãe que lhe separava a roupa íntima, na sua mãe de quem precisava se esconder para usar sunga de ginástica e esconder a sua cueca na gaveta da mesa de trabalho, pensava na mãe que conhecia cada uma das suas meias e cada uma das suas camisas. Pensava com raiva na sua mãe que o mantinha na extremidade de uma longa correia cuja coleira estava incrustada no seu pescoço.

9

A partir daquela noite, ele tornou-se ainda mais cruel com a pequena ruiva; é claro que essa crueldade vinha envolta pela capa solene do amor:

Como, ela não compreendia o que o preocupava naquele momento? Como, ela não sabia em que estado de espírito ele se encontrava? Será que ela era tão estranha para ele a ponto de não saber o que se passava no seu íntimo? Se o amava realmente, como ele a amava, ela deveria ao menos adivinhar! Como, ela se interessava por coisas que não o interessavam? Como, ela lhe falava constantemente de seu irmão e ainda de outro irmão e de uma irmã e ainda de outra irmã? Será que não sentia que Jaromil tinha preocupações sérias, que precisava da sua participação e da sua compreensão e que não tinha o que fazer com as suas eternas conversas egocêntricas?

Evidentemente, a jovem se defendia. Por que, por exemplo, não podia falar da sua família? E Jaromil, não falava da sua? E será que a sua mãe era pior que a de Jaromil? E ela lembrou-lhe (pela primeira vez desde então) que a mãe irrompera no quarto de Jaromil e lhe enfiara na boca um pedaço de açúcar com remédio.

Jaromil detestava e amava a sua mãe; diante da ruiva, rapidamente tomou sua defesa: será que cometera algum erro ao querer cuidar dela? Isso mostrava apenas que a mãe gostava dela, que a aceitara na família!

A ruiva começou a rir: a mãe de Jaromil afinal não era tão estúpida a ponto de confundir gemidos de amor com os suspiros de alguém que está sofrendo do fígado! Jaromil ficou envergonhado e calou-se, e a garota precisou pedir-lhe perdão.

Um dia em que passeavam na rua, quando a ruiva dava-lhe o braço e ambos mantinham-se obstinadamente calados (quando não se censuravam, calavam-se, e quando não se calavam, censuravam-se), Jaromil de repente percebeu duas mulheres bonitas que vinham em sua direção. Uma era jovem, a outra mais velha; a jovem era mais elegante e mais bonita, mas (para grande surpresa de Jaromil) a mais velha também

era muito elegante e espantosamente bonita. Jaromil conhecia as duas mulheres: a mais jovem era a cineasta e a mais velha era a mãe dele.

Ele corou e cumprimentou. As duas mulheres também o cumprimentaram (mamãe com uma animação ostensiva) e, para Jaromil, ser visto com aquela garota feia foi como se a bela cineasta o tivesse surpreendido na sua cueca hedionda.

Ao chegar em casa, perguntou à mamãe de onde ela conhecia a cineasta. E ela respondeu, com uma faceirice caprichosa, que já a conhecia havia bastante tempo. Jaromil continuou a interrogá-la, mas mamãe escapava sempre; era como alguém que interroga a amante sobre um detalhe íntimo e, para aguçar a sua curiosidade, demora algum tempo para responder; mas ela acabou por contar-lhe que aquela mulher simpática viera visitá-la cerca de quinze dias antes. Ela admirava muito a poesia de Jaromil e queria rodar um curta-metragem sobre ele; seria um filme amador produzido sob os auspícios do clube da Segurança Nacional e que teria garantido, portanto, um público bastante numeroso.

“Por que ela veio vê-la? Por que não se dirigiu diretamente a mim?”, espantou-se Jaromil.

Ela não queria incomodá-lo, parece, e queria saber a maior quantidade possível de coisas pela mãe de Jaromil. Aliás, quem sabe mais sobre um filho do que sua mãe? E aquela jovem mulher era tão gentil que pedira à mãe para colaborar no roteiro; sim, elas haviam concebido um roteiro em comum sobre o jovem poeta.

“Por que não me disse nada?”, perguntou Jaromil, que achava intuitivamente desagradável aquela aliança entre a mãe e a cineasta.

“Tivemos o azar de encontrá-lo. Havíamos decidido fazer-lhe uma surpresa. Um belo dia, você voltaria para casa e encontraria os cineastas

com a câmera.”

O que é que Jaromil podia fazer? Um dia chegou em casa e estendeu a mão para a mulher em cuja casa estivera algumas semanas antes, e sentia-se em estado tão lastimável quanto naquela noite, apesar de estar usando uma sunga de ginástica vermelha sob a calça. Desde a noitada poética na mansão dos policiais ele não usava mais as cuecas horrorosas, mas, bastava que estivesse diante da cineasta, e havia sempre alguém para atrapalhar: quando a encontrara na rua com sua mãe, imaginara ver os cabelos ruivos de sua namorada, como uma cueca horrível, enroscados nele; e, desta vez, a cueca ridícula fora substituída pelas frases provocantes e a conversa crispada de sua mãe.

A cineasta informou (ninguém havia perguntado a opinião de Jaromil) que iriam fotografar o material documentário, as fotografias de infância, sobre as quais mamãe faria um comentário pois, como as duas mulheres anunciaram-lhe superficialmente, todo o filme fora concebido como uma narrativa da mãe sobre seu filho poeta. Ele queria perguntar o que mamãe diria, mas tinha medo de saber; ficou enrubescido. No aposento, além de Jaromil e as duas mulheres, havia três sujeitos com uma câmera e dois grandes refletores; tinha a impressão de que eles o observavam e sorriam com ar hostil; não ousava dizer nada.

“Vocês têm fotografias de infância fantásticas, gostaria muito de utilizar todas”, disse a cineasta enquanto folheava um álbum de família.

“Fará algum efeito na tela?”, perguntou mamãe com ares de especialista, e a cineasta garantiu que nada havia a temer; depois ela explicou a Jaromil que a primeira sequência do filme consistiria em uma montagem daquelas fotografias, e a propósito delas mamãe contaria as suas lembranças sem ser vista na tela. Depois ver-se-ia mamãe em pessoa e, só depois disso, então, o poeta; o poeta na sua casa natal, o

poeta escrevendo, o poeta no jardim entre as flores, e finalmente o poeta em meio à natureza, no lugar onde sentia mais prazer; era lá, no seu recanto preferido, em meio a uma vasta paisagem, que recitaria o poema com o qual o filme terminaria. (“E onde é o meu recanto preferido?”, perguntou ele com teimosia; soube então que o seu recanto preferido era aquela paisagem romântica nos arredores de Praga, onde o solo era ondulado e salpicado de rochedos. “Como? Eu detesto esse lugar”, respondeu ele, mas ninguém o levava a sério.)

O roteiro não agradava a Jaromil e ele disse que queria trabalhá-lo pessoalmente; lembrou que havia ali uma série de coisas convencionais (na verdade era ridículo mostrar as fotografias de um pirralho de um ano!); disse que havia problemas mais interessantes que certamente seria útil abordar; as duas mulheres perguntaram-lhe o que tinha em vista e ele respondeu que não podia dizer de imediato e que preferia que esperassem um pouco mais para rodar o filme.

Queria de todas as maneiras retardar a filmagem, mas não conseguiu. Mamãe enlaçou-lhe os ombros e disse à sua colaboradora morena: “Está vendo! É o meu eterno insatisfeito! Nunca está contente...”. Em seguida inclinou-se com ternura sobre o rosto de Jaromil: “Não é verdade, meu pequeno insatisfeito? Diga que é verdade!”.

A cineasta disse que a insatisfação é uma virtude do autor, mas que dessa vez o autor não era ele, mas elas duas, e que estavam prontas a assumir todos os riscos; bastava deixá-las realizar o filme como achavam que devia ser, da mesma forma que deixavam que ele escrevesse seus poemas da maneira que mais lhe agradasse.

E mamãe completou que Jaromil não devia temer que o filme passasse uma imagem errada dele, já que ambas o haviam concebido a partir de uma grande simpatia por ele; disse isso num tom provocante e é difícil

dizer se a sua provocação se dirigia mais a Jaromil do que à sua nova amiga.

Em todo caso, fazia provocações. Jaromil nunca a vira assim; naquela manhã ela fora ao cabeleireiro e nitidamente fizera um penteado jovem; falava mais alto do que de costume, ria frequentemente, usava todas as artimanhas espirituosas que aprendera ao longo da vida, e desempenhava encantada o papel de dona de casa, trazendo café para os homens de pé perto dos refletores. Dirigia-se à cineasta de olhos escuros com a nítida intimidade de uma amiga (para assim se colocar no mesmo grupo de idade), ao mesmo tempo que enlaçava com indulgência os ombros de Jaromil tratando-o por pequeno insatisfeito (para com isso mandá-lo de volta à sua época de rapazote virgem, à sua infância, às suas fraldas). (Ah, o belo espetáculo que esses dois nos oferecem, estando face a face e repelindo-se mutuamente: ela o empurra para as fraldas e ele a empurra para o túmulo, ah, o belo espetáculo que esses dois nos oferecem...)

Jaromil abdicou; sabia que as duas mulheres haviam se lançado como locomotivas e que não tinha forças para resistir à sua eloquência; via os três homens perto dos refletores e da câmera e pensou que eram como um público sardônico que começaria a vaiar a cada falha sua; era por isso que falava quase em voz baixa, enquanto as duas mulheres lhe respondiam com voz forte para que o público as ouvisse, pois a presença do público era uma vantagem para elas e uma desvantagem para ele. Então, ele disse que se submeteria e quis retirar-se; mas elas responderam (sempre fazendo provocações) que devia ficar; diziam que a sua presença assistindo ao seu trabalho dava-lhes grande prazer; então ele ficava alguns instantes olhando o operador da câmera fotografar diferentes fotos do álbum, e depois ia para o quarto, onde fingia ler ou

trabalhar; na sua mente sucediam-se reflexões confusas; esforçava-se por tirar vantagem daquela situação tão desvantajosa para ele e pensava que talvez a cineasta tivesse tido a ideia daquela filmagem para entrar em contato com ele; pensou que a mãe era apenas um obstáculo a ser pacientemente contornado; esforçava-se para se acalmar e refletir, para encontrar um meio de usar aquela filmagem ridícula em proveito próprio, isto é, para reparar o fracasso que o atormentava desde a noite em que abandonara estupidamente o quarto da cineasta; esforçava-se para superar a timidez e ia de vez em quando dar uma olhada no aposento vizinho para ver como avançava a filmagem, para que se repetisse, ao menos uma vez, a sua contemplação recíproca, aquele longo olhar imóvel que tanto o seduzira na cineasta; mas, desta vez, a cineasta estava indiferente e absorta em seu trabalho, e os seus olhares só se cruzavam rara e furtivamente; renunciou então às suas tentativas, decidido a propor à cineasta acompanhá-la quando o trabalho tivesse terminado.

Quando os três homens desceram para arrumar a câmera e os projetores num pequeno furgão, ele saiu do quarto. E ouviu a mãe dizer à cineasta: “Venha, vou acompanhá-la até em casa. Poderíamos talvez tomar alguma coisa no caminho”.

Durante a tarde de trabalho, enquanto estava fechado no quarto, as duas mulheres tinham começado a tratar-se por *você*! Quando percebeu isso, foi como se acabassem de lhe arrancar a amante debaixo de seu nariz. Despediu-se friamente da cineasta, e quando as duas mulheres saíram ele saiu logo depois e dirigiu-se com pressa e raiva para o prédio onde morava a ruiva; ela não estava em casa; durante meia hora ficou andando para cá e para lá diante do imóvel, com um humor cada vez pior, até que finalmente pôde vê-la; o rosto da jovem demonstrava uma

feliz surpresa e o rosto de Jaromil uma dura censura; como é que não estava em casa? Como não pensara que ele certamente viria? Aonde tinha ido para chegar tão tarde?

Mal ela fechara a porta e ele arrancou-lhe o vestido; em seguida fez-lhe amor imaginando que quem estava deitada sob ele era a mulher dos olhos escuros; ouvia os suspiros da ruiva, e como ao mesmo tempo via olhos escuros, teve a impressão de que aqueles suspiros pertenciam àqueles olhos e ficou tão excitado que fez amor várias vezes seguidas, mas nunca por mais de alguns segundos. Para a jovem ruiva, era algo tão fora do comum que começou a rir; mas Jaromil estava especialmente sensível à ironia naquele dia, e a indulgência amiga que havia no riso da ruiva passou-lhe despercebida; estava humilhado e deu-lhe um par de palmadas; ela começou a chorar; foi como um bálsamo para Jaromil: ela chorava e ele batia; o choro de uma mulher a quem fazemos chorar é a redenção; é Jesus Cristo agonizando na cruz; Jaromil divertiu-se um momento com o espetáculo das lágrimas da ruiva, depois beijou-as em seu rosto, consolou-a e voltou para casa, mais sossegado.

Dois dias depois a filmagem recomeçou; novamente o furgão parou, três homens (aquele público hostil) desceram, e com eles a garota bonita cujos suspiros ouvira na casa da ruiva na antevéspera; e, é claro, mamãe, cada vez mais jovem, semelhante a um instrumento de música que troava, soava, ria, fugia da orquestra para tocar um solo.

Desta vez, a objetiva da câmera deveria voltar-se diretamente para Jaromil; era preciso mostrá-lo no meio familiar, na sua mesa de trabalho, no jardim (pois Jaromil adorava, parece, o jardim, gostava das platibandas, dos gramados, das flores); era preciso mostrá-lo com a mãe que, lembrem-se, gravara um longo comentário sobre o filho; a cineasta fez com que se sentassem num banco do jardim e obrigou-o a conversar

com a mãe sem perder a naturalidade; o aprendizado da naturalidade já durava uma hora e mamãe não perdia nem por um minuto o entusiasmo; ela dizia sempre alguma coisa (no filme não se ouvia nada do que eles falavam, a sua conversa muda deveria ter como acompanhamento o comentário materno) e quando constatou que a expressão de Jaromil não estava suficientemente sorridente começou a explicar-lhe que não era fácil ser mãe de um rapaz como ele, de um rapaz tímido e solitário que sempre tem medo do público.

Depois instalaram-se no furgão e dirigiram-se para aquele recanto romântico nos arredores de Praga onde Jaromil, segundo sua mãe, que estava absolutamente convencida disso, fora concebido. Ela era pudica demais para ter um dia dito a alguém por que aquele lugar lhe era tão caro; não queria dizê-lo, ao mesmo tempo que queria, e agora dizia diante de todos, com uma ambiguidade crispada, que aquela paisagem sempre representara para ela pessoalmente a paisagem do amor, a paisagem sensual por excelência. “Vejam como a terra é ondulada, se parece com uma mulher, com suas curvas, suas formas maternais! E vejam esses rochedos, esses blocos de rochedos erguidos à parte, gigantescos! Não existe alguma coisa de viril nesses rochedos projetados, abruptos, verticais? Esta não é a paisagem do homem e da mulher? Não é uma paisagem erótica?”

Jaromil tinha vontade de mostrar sua revolta; queria dizer-lhes que o filme era uma bobagem; sentia rebelar-se nele o orgulho de um homem que sabe o que é o bom gosto; certamente era capaz de fazer um pequeno escândalo frustrado ou, ao menos, de fugir, como fizera no banho à margem do Vltava, mas desta vez não podia fazê-lo: havia os olhos escuros da cineasta e ele ficava sem força diante deles; temia

perdê-los pela segunda vez; aqueles olhos barravam-lhe o caminho da fuga.

Depois plantaram-no junto a um grande rochedo onde deveria recitar seu poema predileto. Mamãe estava no limite da excitação. Há tanto tempo não vinha ali! Exatamente ali onde fizera amor com um jovem engenheiro, numa manhã de domingo, já fazia tantos anos, exatamente ali, estava agora o seu filho; como se tivesse crescido lá depois de anos, como um cogumelo (ah, sim, como se as crianças viessem ao mundo como cogumelos, no mesmo lugar onde os pais haviam jogado a semente!); mamãe era transportada por aquele estranho, aquele belo, aquele impossível cogumelo que recitava com voz trêmula versos em que dizia desejar morrer em meio às chamas.

Jaromil sentia que recitava muito mal, mas não podia fazê-lo de outra forma; tentava repetir para si mesmo que não estava nervoso, que na outra noite, na mansão dos policiais, recitara magistral e magnificamente; aqui era mais forte que ele. Plantado diante daquele rochedo absurdo, naquela paisagem absurda, tomado de pânico com a ideia de que um habitante de Praga pudesse vir ali com seu cachorro ou passear com a sua namorada (vejam só, ele tinha os mesmos temores que sua mãe vinte anos atrás!), era incapaz de se concentrar, e as palavras que dizia eram pronunciadas com dificuldade e sem nenhuma naturalidade.

Elas o obrigaram a repetir várias vezes seguidas o seu poema, mas acabaram por desistir. “Sempre ficará nervoso!”, suspirou mamãe. “Já no colégio, tremia a cada prova; quantas vezes tive que mandá-lo à aula à força porque estava nervoso!”

A cineasta disse que um ator poderia recitar o poema em pós-sincronização e que bastaria para isso que Jaromil ficasse diante do rochedo e abrisse a boca sem dizer nada.

Foi o que ele fez.

“É o fim da picada!”, gritou-lhe a cineasta, já impaciente. “É preciso abrir a boca corretamente, como se estivesse recitando o poema, não de qualquer maneira. O ator recitará de acordo com os movimentos dos seus lábios!”

Portanto, Jaromil estava diante do rochedo, abria a boca (dócil e corretamente) e a câmera finalmente roncava.

10

Anteontem ele estava ao ar livre diante da câmera usando um sobretudo leve, e hoje precisara vestir um sobretudo de inverno, um cachecol e um chapéu; havia nevado. Tinham um encontro marcado às seis horas diante da casa dela. Mas eram seis e quinze e a ruiva não chegava.

Um atraso de alguns minutos certamente não é grave; mas Jaromil, após todas as humilhações que já sofrera nos últimos dias, não podia suportar a mais leve afronta; ia de um lado para outro em frente ao edifício na rua cheia de gente onde qualquer um podia ver que estava esperando por alguém que não tinha a menor pressa em encontrá-lo, o que tornava pública a sua derrota.

Não ousava olhar o relógio, com medo de que este gesto demasiado eloquente o denunciase aos olhos de toda a rua como um apaixonado a quem fazem esperar em vão; puxou ligeiramente a manga do sobretudo e enfiou-a sob a pulseira do relógio para acompanhar discretamente os ponteiros; quando constatou que já eram seis e vinte, sentiu-se quase frenético: como, ele sempre chegava aos encontros antes da hora marcada e ela, mais boba e mais feia, chegava sempre atrasada?

Finalmente ela chegou e viu o rosto de pedra de Jaromil. Entraram no quarto, sentaram-se e a jovem começou a desculpar-se: vinha da casa de uma amiga, disse ela. Não podia ter encontrado explicação pior. É claro que nada poderia justificá-la, ainda mais uma amiga, que representava para Jaromil a encarnação da insignificância. Ele disse à ruiva que compreendia muito bem a importância das suas distrações com a amiga; era por isso que lhe sugeria que voltasse para a casa dela.

A garota compreendeu que as coisas estavam indo mal; disse que falara de coisas muito sérias com a amiga; esta estava prestes a deixar o namorado; era muito triste, parece, a amiga chorava, a ruiva queria acalmá-la e não podia ir embora antes de tê-la consolado.

Jaromil disse que era muito generoso da parte dela ter secado as lágrimas da amiga. Mas quem iria secar as lágrimas da ruiva quando Jaromil a deixasse? Porque ele se recusava a continuar com uma garota para quem as lágrimas estúpidas de uma amiga estúpida eram mais importantes do que ele.

A jovem se deu conta de que ia de mal a pior; pediu a Jaromil que a desculpasse, que ela lamentava: que lhe pedia perdão.

Mas era pouco para o apetite insaciável de sua humilhação; Jaromil respondeu que as desculpas não mudavam nada na sua certeza; agora sabia: o que a jovem ruiva chamava de amor não era amor; não, ele disse, refutando antecipadamente as objeções, não era por mesquinhaaria que tirava conclusões extremas de um episódio aparentemente banal; eram exatamente esses pequenos detalhes que revelavam os sentimentos da ruiva para com ele; aquela inadmissível leviandade, aquela displicência natural com a qual o tratava, exatamente como se ele fosse uma amiga, um cliente da loja, um passante que encontrava na rua! Que

nunca mais ela tivesse o despudor de dizer que o amava! Seu amor nada mais era que uma tosca imitação do amor!

A garota via que as coisas caminhavam para o pior. Tentava interromper com um beijo a tristeza odienta de Jaromil; ele a evitava quase que com brutalidade; ela aproveitou para cair de joelhos e apertou a cabeça contra o ventre do namorado; por um momento ele hesitou, depois ergueu-a e pediu-lhe friamente que não o tocasse.

O ódio que lhe subia à cabeça como o álcool era bonito e deixava-o fascinado; fascinava-o ainda mais porque voltava, repercutido pela jovem, e feria-o também; era uma raiva autodestruidora, pois ele sabia muito bem que, repelindo a jovem ruiva, repelia a única mulher que tivera no mundo; sabia muito bem que a sua raiva não se justificava e que estava sendo injusto com a garota; mas era certamente o fato de sabê-lo que o tornava ainda mais cruel, pois era o abismo que o atraía; o abismo do abandono, o abismo da autocondenação; sabia que não seria feliz sem a sua amiga (ficaria só) e que não ficaria feliz consigo mesmo (teria consciência de ter sido injusto), mas esse conhecimento nada podia contra a fantástica embriaguez da raiva. Anunciou à namorada que o que ele acabara de dizer valia não apenas para aquele momento, mas para sempre: não queria mais ser tocado pelas suas mãos.

Não era a primeira vez que a jovem afrontava a raiva e o ciúme de Jaromil; mas desta vez percebia na sua voz uma obstinação quase frenética; sentia que Jaromil seria capaz de fazer qualquer coisa para saciar sua fúria incompreensível. Também, quase à beira do abismo, ela disse: “Eu suplico, não fique com raiva. Não fique com raiva, eu menti. Eu não estava na casa de uma amiga”.

Ele ficou desconcertado.

“Então, onde é que você estava?”

“Você vai ficar furioso, você não gosta dele, não posso fazer nada, mas eu precisava ir vê-lo.”

“Então, onde você estava?”

“Na casa do meu irmão. Aquele que se hospedou aqui.”

Ele estava revoltado: “Por que é que você precisa ficar enfurnada com ele?”.

“Não fique zangado, ele não representa nada para mim, perto de você ele não conta absolutamente nada para mim, mas tente me compreender, afinal é meu irmão, crescemos e vivemos juntos por quinze anos. Ele vai partir. Por muito tempo. Precisava me despedir dele.”

Aquelas despedidas sentimentais com o irmão não lhe agradavam.

“Para onde vai seu irmão para que você precise se despedir dele por tanto tempo que acaba se esquecendo de todo o resto? Está viajando a trabalho por uma semana? Ou vai passar o domingo no campo?”

Não, não ia nem para o campo nem a trabalho; era uma coisa muito mais grave e ela não podia contá-la a Jaromil porque sabia que ele ficaria furioso.

“E é isso que você chama de me amar? Me esconder algo que eu não aprovo? Ter segredos para mim?”

Sim, ela sabia muito bem que amar é dizer tudo um ao outro; mas Jaromil precisava compreendê-la: ela tinha medo, simplesmente tinha medo...

“O que pode ser, para que você tenha medo? Para onde vai seu irmão, para que você tenha medo de dizer?”

Será que Jaromil realmente tinha dúvidas? Não podia de fato adivinhar do que se tratava?

Não, Jaromil não podia adivinhar (e nesse momento sua ira vacilava por trás de sua curiosidade).

A jovem acabou por confessar: seu irmão decidira atravessar a fronteira clandestinamente, fraudulentamente, ilegalmente; amanhã ele já estaria no exterior.

Como? Seu irmão queria abandonar nossa jovem república socialista? Seu irmão queria trair a revolução? Seu irmão queria tornar-se um emigrante? Então ela não sabia que todo emigrante se torna automaticamente um agente dos serviços de espionagem estrangeiros que querem aniquilar nosso país?

A pequena aquiescia e aprovava. Seu instinto lhe dizia que Jaromil perdoaria bem mais facilmente a traição de seu irmão que um quarto de hora de espera. Por isso ela aquiescia e afirmava que aprovava tudo o que Jaromil dizia.

“O que significa você concordar comigo? Era preciso dissuadi-lo! Era preciso detê-lo!”

Sim, ela havia tentado dissuadir seu irmão; tinha feito tudo o que podia para dissuadi-lo; agora, Jaromil sem dúvida compreendia por que ela havia chegado atrasada; agora Jaromil podia sem dúvida perdoá-la. Jaromil disse-lhe que lhe perdoava o atraso, mas não podia lhe perdoar o irmão que se preparava para partir para o exterior.

“Seu irmão está do outro lado da barricada. É meu inimigo pessoal. Se a guerra estourar, seu irmão vai atirar em mim e eu nele. Já se deu conta disso?”

“Já”, disse a jovem ruiva, e garantiu-lhe que ficaria sempre do seu lado; do seu lado e nunca com mais ninguém.

“Como pode dizer que está do meu lado? Se estivesse realmente do meu lado nunca teria deixado que seu irmão partisse!”

“O que é que eu poderia fazer? Onde arranjaría força para detê-lo?”

“Você devia ter vindo me procurar imediatamente e eu teria sabido o que fazer. Mas, em vez disso, mentiu! Fingiu que estava na casa de uma amiga! Queria me envolver no erro! E pretende estar do meu lado.”

Ela jurou-lhe que estava realmente do seu lado e que permaneceria sempre, não importava o que viesse a acontecer.

“Se isso fosse verdade, você teria chamado a polícia!”

A polícia, como? Afinal, ela não podia denunciar o próprio irmão à polícia! Isso era impossível!

Jaromil não suportava a contradição: “Como assim, impossível? Se não é você quem chama a polícia, eu mesmo chamarei!”.

Novamente ela afirmou que um irmão é um irmão e que seria inconcebível que ela o denunciasse à polícia.

“Então dá mais importância ao seu irmão do que a mim?”

Claro que não. Mas isso não era motivo para denunciar o irmão.

“O amor significa tudo ou nada. Ou o amor é total, ou ele não existe. Eu estou do lado de cá e ele está do outro lado. Você tem que estar comigo e não em algum lugar no meio, entre nós. E, se está comigo, deve fazer o que eu faço, querer o que eu quero. Para mim, a sorte da revolução é o meu destino pessoal. Se alguém age contra a revolução, está agindo contra mim. Se os meus inimigos não são os seus inimigos, então você é minha inimiga.”

Não, não, ela não era sua inimiga; queria estar com ele, em tudo; ela também sabia que o amor significa tudo ou nada.

“Sim, o amor significa tudo ou nada. Perto do verdadeiro amor, tudo empalidece, todo o resto é nada.”

Sim, ela estava absolutamente de acordo, sim, era exatamente o que ela pensava.

“O verdadeiro amor é absolutamente surdo ao que o resto do mundo pode dizer, é exatamente por isso que podemos reconhecê-lo. Mas você está sempre pronta a ouvir tudo o que as pessoas dizem, está sempre cheia de consideração para com os outros, tão cheia de consideração que é capaz de pisar em mim.”

Mas não, claro que não, não queria pisoteá-lo, mas tinha medo de fazer mal, muito mal ao seu irmão, que depois pagaria muito caro.

“E depois? Se ele pagar caro, terá sido feita justiça. Talvez você tenha medo dele? Tem medo de romper com ele? Tem medo de romper com a sua família? Quer ficar o resto da vida colada à sua família? Se soubesse como eu detesto a sua horrível covardia, a sua atroz incapacidade de amar!”

Não, não era verdade que ela não era capaz de amar; amava-o com todas as suas forças.

“Sim, você me ama com todas as forças”, recomeçou ele com amargura, “mas não tem a força de amar! É completamente incapaz disso!”

Mais uma vez, ela jurou que não era verdade.

“Poderia viver sem mim?”

Ela jurou que não poderia.

“Poderia viver, se eu morresse?”

Não, não, não.

“Poderia viver, se eu a abandonasse?”

Não, não, não. Ela sacudia a cabeça.

O que é que ele poderia exigir mais? Sua raiva se acalmou, deixando para trás apenas uma grande perturbação; de repente a morte estava com eles; prometiam-se mutuamente uma morte suave, muito suave,

caso um se visse um dia abandonado pelo outro. Com a voz cortada pela emoção, ele disse: “Também eu não poderia viver sem você”.

E ela repetia que não poderia e não viveria sem ele, e repetiam essa frase mutuamente, e repetiram-na tanto que acabaram por sucumbir a um enorme fascínio envolto em brumas; haviam-se despido e estavam se amando; de repente, ele sentiu sob a mão a umidade das lágrimas que rolavam pelo rosto da ruiva; era maravilhoso, uma coisa que nunca lhe acontecera, uma mulher chorando de amor por ele; as lágrimas eram para ele a substância na qual o homem se dissolve quando não quer se contentar em ser homem e deseja franquear os limites da sua natureza; parecia-lhe que o homem, por intermédio de uma lágrima, escapa da sua natureza material, dos seus limites, confunde-se com a distância e transforma-se na imensidão. Estava incrivelmente emocionado pela umidade das lágrimas, e de súbito sentiu que também chorava; estavam se amando e úmidos em todo o corpo e rosto, amavam-se e na verdade dissolviam-se, seus espíritos se misturavam e confluíam como as águas de dois rios, choravam e se amavam e estavam naquele instante fora do mundo, eram como um lago que se desprende da terra e se eleva até o céu.

Depois ficaram tranquilos deitados lado a lado e se acariciaram no rosto com ternura ainda por muito tempo; a garota tinha os cabelos ruivos aglutinados em filamentos grotescos e o rosto vermelho; estava feia, e Jaromil lembrou-se de seu poema, onde escrevera que queria beber de tudo o que havia nela: seus antigos amores, e sua feiura, e seus cabelos ruivos colados, e a sujeira de suas sardas; repetia que a amava e ela repetia o mesmo.

E como ele não queria renunciar àquele instante de realização absoluta, que o fascinava pela promessa mútua da morte, disse mais uma

vez: “É verdade, eu não poderia viver sem você, não poderia viver sem você”.

“Eu também ficaria terrivelmente triste se não tivesse você. Terrivelmente.”

Ele se mostrou desconfiado de pronto: “Então você consegue imaginar que conseguiria viver sem mim?”.

A garota não imaginava a cilada armada atrás daquelas palavras.

“Eu ficaria incrivelmente triste.”

“Mas poderia viver.”

“O que é que eu poderia fazer, se você me deixasse? Mas eu ficaria incrivelmente triste.”

Jaromil compreendeu que estava sendo vítima de um mal-entendido. A ruiva não estava lhe prometendo a sua morte; e quando dizia que não poderia viver sem ele, não passava de uma trapaça amorosa, uma ornamentação verbal, uma metáfora. A pobre bobinha não foi capaz de perceber no que se envolvia; promete-lhe sua tristeza, logo a ele, que só conhece critérios absolutos, tudo ou nada, a vida ou a morte. Cheio de uma ironia amarga, ele lhe perguntou: “Durante quanto tempo você ficará triste? Um dia? Uma semana?”.

“Uma semana?”, perguntou ela com azedume. “Ora, meu Xavichu, uma semana... É claro que muito mais que isso!” Apertava-se contra ele para indicar, pelo contato do seu corpo, que não mediria sua tristeza em semanas.

E Jaromil refletia: O que valia exatamente o seu amor? Algumas semanas de tristeza? Bom. E o que era a tristeza? Um pouco de depressão, um pouco de languidez. E o que era uma semana de tristeza? Nunca se é ininterruptamente triste. Ela ficaria triste durante alguns minutos do dia, durante alguns minutos da noite; quantos minutos ao

todo isso representava? Quantos minutos de tristeza representava o seu amor? Em quantos minutos de tristeza era estimado?

Jaromil imaginava a sua morte e imaginava a vida da ruiva, uma vida indiferente, imutável, que seguia fria e alegremente, acima do seu não ser.

Não tinha mais vontade de retomar o diálogo exacerbado sobre o ciúme; ouvia a voz da ruiva a perguntar por que estava triste, e não respondia: a ternura daquela voz era um bálsamo inútil.

Levantou-se e vestiu-se; já nem estava zangado com ela, que continuava a perguntar-lhe por que estava triste e ele, como resposta, acariciava-lhe melancolicamente o rosto. Então ele disse olhando-a diretamente nos olhos: “E então, você irá à polícia?”.

Ela achava que as maravilhosas carícias haviam definitivamente acalmado o ódio de Jaromil para com seu irmão; a pergunta de Jaromil pegou-a desprevenida e ela não soube o que responder.

Novamente (com calma e tristeza), ele perguntou: “Você irá à polícia?”.

Ela gaguejou qualquer coisa; queria convencê-lo a renunciar a seu propósito, mas temia dizê-lo diretamente. No entanto, o sentido evasivo de seu gaguejar era evidente, de modo que ele disse: “Compreendo que não queira ir. Pois bem, eu mesmo cuidarei disso”, e novamente (com um gesto triste, desapontado, compassivo) acariciou-lhe o rosto.

Ela estava desconcertada e não sabia o que dizer. Beijaram-se e ele foi embora.

Na manhã seguinte, quando ele acordou, sua mãe já havia saído. Bem cedo, enquanto ele ainda dormia, ela pusera sobre a cadeira dele uma camisa, uma gravata, uma calça, um paletó, e também, é claro, uma cueca. Era impossível quebrar aquele hábito que já durava vinte anos, e

Jaromil sempre o aceitara passivamente. Mas nesse dia, vendo a cueca creme dobrada sobre a cadeira, com as longas pernas caídas, com aquela abertura na barriga que era um convite pomposo a urinar, foi tomado por uma raiva solene.

Sim, nessa manhã levantou-se como quem se levanta para um dia decisivo. Segurava a cueca observando-a entre as mãos estendidas; examinava-a com uma aversão quase apaixonada, depois segurou a extremidade de uma perna com a boca e apertou-a com os dentes; segurou a mesma perna com a mão direita e puxou-a violentamente; ouviu o ruído do tecido que se rompia; depois jogou no chão a cueca rasgada. Queria que ficasse ali e que mamãe a visse.

Depois enfiou uma sunga de ginástica amarela, vestiu a camisa, a gravata, a calça e o paletó já preparados para ele e saiu de casa.

11

Entregou sua carteira de identidade na portaria (como deve fazer necessariamente qualquer pessoa que queira entrar num imóvel tão importante quanto a sede da Segurança Nacional) e subiu as escadas. Vejam como ele anda, como mede cada um de seus passos! Caminha como se levasse sobre os ombros todo o seu destino; sobe não para alcançar o andar superior de um edifício, mas o andar superior da sua própria vida, de onde vai ver o que ainda não viu.

Tudo lhe era favorável; quando entrou no escritório, avistou o rosto do seu antigo colega de classe e era o rosto de um amigo; aquele rosto, agradavelmente surpreso, acolhia-o com um sorriso feliz.

O filho do porteiro disse que estava muito feliz com a visita de Jaromil, e a sua alma encheu-se de felicidade. Sentou-se na cadeira que lhe foi indicada e pela primeira vez sentia que estava diante do amigo

como um homem diante de outro homem; de igual para igual; como um duro diante de outro duro.

Conversaram durante alguns instantes, de tudo e de nada, como costumam conversar os amigos, mas aquilo para Jaromil não passava de um saboroso prelúdio, durante o qual esperava impaciente o abrir das cortinas.

“Quero colocá-lo a par de uma coisa extremamente importante”, disse ele com voz grave. “Conheço um sujeito que está se preparando para passar clandestinamente para o Ocidente nas próximas horas. É preciso fazer alguma coisa.”

O filho do porteiro logo se pôs atento e fez várias perguntas a Jaromil, que respondia com rapidez e precisão.

“Trata-se de um assunto muito sério”, disse o filho do porteiro. “Não posso tomar uma decisão sozinho.”

Conduziu então Jaromil, através de um longo corredor, até outro escritório, onde o apresentou a um homem de certa idade em trajes civis; apresentou-o como seu amigo, o que fez com que o homem sorrisse amistosamente para ele; chamaram uma secretária e redigiram um processo verbal; Jaromil precisou explicar tudo precisamente: o nome de sua namorada, onde ela trabalhava; a idade dela; de onde a conhecia; qual a origem de sua família; onde trabalhava o pai, os irmãos, as irmãs; quando ela lhe contara sobre a intenção do irmão de passar para o lado ocidental; que tipo de homem era o irmão; o que Jaromil sabia sobre ele.

Jaromil sabia bastante, já que a namorada falava com frequência sobre ele; era exatamente por essa razão que julgara ser todo o problema extremamente grave e não perdera tempo para informar seus camaradas, seus camaradas de combate, seus amigos, antes que fosse tarde. Porque

o irmão de sua namorada detestava o nosso regime; como era triste! O irmão de sua namorada saíra de uma família muito pobre, muito modesta, mas como trabalhara durante algum tempo como motorista de um político burguês ficara de corpo e alma do lado das pessoas que tramavam complôs contra o nosso regime; sim, podia afirmar isso com toda a certeza, pois a namorada descrevera exatamente as opiniões de seu irmão; aquele sujeito estava pronto a atirar nos comunistas; Jaromil podia imaginar perfeitamente o que ele faria quando alcançasse as filas da imigração; Jaromil sabia que a sua única paixão era eliminar o socialismo.

Com uma concisão máscula, os três homens terminaram de ditar o processo verbal à secretária, e o mais velho disse ao filho do porteiro que tomasse as providências necessárias sem demora. Quando se viram sozinhos no escritório, ele agradeceu a Jaromil pela ajuda. E disse-lhe que, se todo o povo fosse tão vigilante quanto ele, a nossa pátria socialista seria invencível. Disse também que ficaria contente se aquele encontro entre eles não fosse o último. Jaromil certamente não ignorava que o regime tinha inimigos por toda parte; ele frequentava o meio estudantil na faculdade e conhecia gente também nos meios literários. Sim, sabemos que a maioria deles é gente honesta, mas talvez haja também elementos subversivos ali misturados.

Jaromil olhava entusiasmado o rosto do policial; aquele rosto lhe parecia bonito; era marcado por rugas profundas e levava o testemunho de uma vida rude e masculina. Sim, Jaromil também gostaria muito que aquele encontro não fosse o último. Não desejava outra coisa; sabia onde era o seu lugar.

Apertaram-se as mãos e trocaram um sorriso.

Com aquele sorriso na alma (esplêndido sorriso marcado pelas rugas de um homem), Jaromil saiu do prédio da polícia. Descia os largos degraus da escadaria externa e podia ver o sol glacial levantar-se sobre os telhados da cidade. Aspirou o ar frio e sentiu-se transbordante de uma virilidade que lhe saía por todos os poros da pele e que lhe dava vontade de cantar.

Primeiro pensou em voltar logo para casa, sentar-se e escrever poemas. Mas, depois de alguns passos, fez meia-volta; não tinha vontade de ficar sozinho. Parecia-lhe que no espaço de uma hora seus traços haviam ficado mais duros, seu passo mais firme, sua voz mais grave, e queria ser visto naquela metamorfose. Foi para a faculdade e começou a conversar com todo mundo. Claro, ninguém lhe disse que estava diferente, mas o sol continuava a brilhar, e acima das chaminés da cidade pairava um poema ainda não escrito. Voltou para casa e fechou-se no seu pequeno quarto. Encheu diversas folhas de papel, mas não estava muito satisfeito.

Deixou então a caneta e preferiu refletir por um momento; pensava no limiar misterioso que o adolescente precisa atravessar para tornar-se homem; pensava conhecer o nome daquele limiar; aquele nome não era amor, aquele limiar chamava-se “dever”. E é difícil escrever poemas sobre o dever. Que imaginação essa palavra severa pode inflamar? Mas Jaromil sabia que era, exatamente, a imaginação despertada por essa palavra que seria nova, incrível, surpreendente; pois ela não visava os deveres no sentido antigo da palavra, o dever determinado e imposto pelo exterior, mas o dever que o próprio homem se cria e escolhe livremente, o dever que é voluntário e que é a audácia e a glória do homem.

Essa meditação encheu-o de segurança, pois esboçava assim o seu próprio retrato, inteiramente novo. Mais uma vez quis ser visto naquela surpreendente metamorfose, e correu para a sua pequena ruiva. Já eram quase seis horas e ela já deveria ter voltado há muito tempo. Mas a senhoria disse-lhe que ela ainda não voltara da loja. Que dois homens haviam estado ali procurando por ela havia mais ou menos meia hora, e que ela respondera que a sublocatária ainda não voltara.

Jaromil não tinha pressa e ficou indo e vindo pela rua da pequena ruiva. Ao final de algum tempo, reparou em dois homens que também faziam o mesmo; imaginou que certamente deveriam ser os dois de quem a senhoria lhe falara; depois viu que a ruiva vinha pelo outro lado. Não queria que ela o visse e escondeu-se atrás da portaria de um edifício enquanto via a namorada avançar a passos rápidos para o seu prédio e desaparecer. Depois viu os dois homens entrarem também. Foi tomado pela dúvida e não ousou sair do seu posto de observação. Ao fim de aproximadamente um minuto, saíram os três do imóvel; apenas então ele reparou num carro que estava estacionado a poucos metros do prédio. Os dois homens e a jovem embarcaram e o carro partiu.

Jaromil compreendeu que certamente deveriam ser policiais; mas ao medo que o paralisava logo misturou-se um sentimento de estupor exultante, com a ideia de que o que fizera naquela manhã era um ato real, sobre cuja injunção as coisas haviam-se posto em movimento.

No dia seguinte ele foi para a casa da namorada para surpreendê-la na volta do trabalho. Mas a senhoria disse que ela não voltara desde que os dois homens a haviam levado.

Ficou muito abatido. Na manhã seguinte, foi imediatamente à polícia. Como da outra vez, o filho do porteiro tratou-o muito amistosamente. Apertou-lhe a mão, brindou-o com um sorriso jovial, e quando Jaromil

perguntou-lhe o que acontecera à sua namorada que ainda não voltara para casa, ele disse que não se preocupasse.

“Você nos deu uma pista muito importante. Vamos cozinhá-los como é preciso.” Seu sorriso era muito eloquente.

Novamente Jaromil saiu do prédio da polícia na manhã glacial e ensolarada, novamente aspirou o ar gelado, e sentiu-se forte como quem cumpriu o seu destino. Mas não era a mesma coisa que da outra vez. Agora, pensava pela primeira vez que o seu ato *fizera-o penetrar na tragédia*.

Sim, era o que pensava, palavra por palavra, ao descer a escadaria externa: estou entrando na tragédia. Ouvia sem cessar aquele alerta ameaçador *vamos cozinhá-los como é preciso* e aquelas palavras ataçavam a sua imaginação; pôde compreender que sua namorada estava agora nas mãos de homens desconhecidos, à mercê deles, que estava em perigo, e que um interrogatório de vários dias não é absolutamente uma bobagem; lembrou-se do que o seu antigo colega de escola lhe dissera sobre o judeu moreno e sobre o trabalho violento dos policiais. Todas aquelas ideias e imagens enchiam-no de uma matéria suave, perfumada, nobre, e ele tinha a impressão de crescer, de ir pelas ruas como um monumento itinerante de tristeza.

Depois pensou que agora compreendia por que os versos que escrevera dois dias antes não valiam nada. Pois naquele momento não sabia ainda o que acabara de fazer. Apenas agora compreendia a sua própria ação, compreendia-se a si mesmo, e ao seu destino. Há apenas dois dias queria escrever versos sobre o dever; mas agora já sabia mais coisas: a glória do dever nasce da cabeça cortada do amor.

Jaromil ia pelas ruas, fascinado com seu próprio destino. Chegando em casa, encontrou uma carta. Eu ficaria muito feliz se você pudesse vir

me ver na próxima semana, tal dia e tal hora, numa pequena reunião em que você encontrará pessoas que lhe interessarão. Estava assinada pela cineasta.

Apesar de aquele convite nada prometer de certo, proporcionou um enorme prazer a Jaromil, pois ele via ali a prova de que a cineasta não era um caso perdido, que a sua aventura ainda não havia terminado e que o jogo ia continuar. A ideia vaga, mas singular, fez com que ele sentisse que era profundamente simbólico que aquela carta lhe chegasse exatamente no dia em que ele compreendera o trágico de sua situação; pôde experimentar o sentimento confuso, mas exaltador, de que tudo o que acabara de viver nos dois últimos dias finalmente o qualificava para enfrentar a beleza radiosa da cineasta morena e para ir à reunião mundana, com segurança, sem temor e como um homem.

Sentia-se feliz como nunca. Sentia-se cheio de poemas e sentou-se à mesa de trabalho. Não, não é justo opor o amor ao dever, pensava, esta é exatamente a antiga concepção do problema. O amor ou o dever, a mulher amada ou a revolução, não, não, não é nada disso. Se pusera a ruiva em perigo, isso não significava que o amor não contava para ele; pois o que Jaromil desejava era exatamente que o mundo por vir fosse um mundo onde o homem e a mulher pudessem se amar com mais força do que nunca. Sim, era assim: Jaromil pusera a própria namorada em perigo, e exatamente por essa razão a amava mais do que os outros homens amam as suas mulheres; por essa razão exatamente sabia o que é o amor e o mundo futuro do amor. É claro que era terrível sacrificar uma mulher concreta (ruiva, gentil, pequena, faladeira) pelo mundo futuro, mas certamente era a única tragédia do nosso tempo digna de belos versos, digna de um grande poema!

Portanto, sentava-se à mesa e escrevia, depois levantava e andava pelo quarto, e pensava que o que escrevia era a melhor coisa que escrevera até então.

Era uma noite excitante, mais excitante que todas as noites de amor que pudesse imaginar, era uma noite excitante apesar de passá-la sozinho no seu quarto de criança; sua mãe estava no quarto ao lado e Jaromil esquecera completamente que a detestava alguns dias antes; quando ela bateu à porta para perguntar-lhe o que estava fazendo ele respondeu até mesmo com ternura, *mamãe*, e pediu que o ajudasse a encontrar calma e concentração já que, disse ele, “estou escrevendo hoje o maior poema da minha vida”. Mamãe sorriu (com um sorriso maternal, atencioso, compreensivo) e concedeu-lhe a tranquilidade.

Depois ele se deitou na cama e disse para si mesmo que naquele exato momento a sua pequena ruiva estava cercada de homens: policiais, inquisidores, guardas; que poderiam fazer dela o que quisessem; que o guarda a observava pelo olho mágico da porta enquanto ela se sentava no balde para urinar.

Ele não acreditava absolutamente nessas possibilidades extremas (sem dúvida iriam interrogá-la e soltá-la rápido), mas a imaginação não tem rédeas: incansavelmente, ele a imaginava em sua cela, sentada no balde, observada por um desconhecido, os inquisidores arrancando-lhe as roupas; mas uma coisa o deixava abismado: apesar de todas essas imagens, não sentia ciúme algum!

Terás que ser minha e morrer sob a roda, se eu o quiser! O grito de John Keats atravessa o espaço dos séculos. Por que Jaromil estaria enciumado? A ruiva agora é sua, ela lhe pertence mais do que nunca: seu destino é criação sua; é o seu olho que a observa enquanto ela urina no

balde; são as palmas das suas mãos que a tocam nas mãos dos guardas; ela é a sua vítima, sua obra, ela é dele, dele, dele.

Jaromil não sente ciúme; ele adormeceu no sono másculo dos homens.

Sexta parte

ou

O QUADRAGENÁRIO

1

A primeira parte da nossa narrativa engloba aproximadamente quinze anos da vida de Jaromil, mas a quinta parte, que no entanto é mais longa, refere-se a um ano apenas. Portanto, neste livro, o tempo se desenrola num ritmo inverso ao da vida real; ele retarda.

A razão disso é que estamos examinando Jaromil a partir de um observatório que construímos no lugar onde, no correr do tempo, situa-se a sua morte. Sua infância encontra-se, para nós, nos longínquos tempos em que se confundem meses e anos; nós o vimos avançar com sua mãe, desde as distâncias nebulosas até o observatório perto do qual tudo é visível como no primeiro plano de um quadro antigo, no qual o olhar distingue cada folha das árvores e, sobre cada folha, o traçado delicado das nervuras.

Do mesmo modo que a vida de vocês é determinada pela profissão ou o casamento que escolheram, este romance é delimitado pela perspectiva que nos é oferecida do nosso posto de observação, de onde só se pode ver Jaromil e sua mãe, enquanto os outros personagens só podem ser vistos se aparecem na presença dos dois protagonistas. Escolhemos o nosso observatório como vocês escolheram o destino de vocês, e a nossa escolha é da mesma forma irremediável.

Mas todos lamentam não poder viver outras vidas além da única existente; também vocês gostariam de viver todas as suas virtualidades não realizadas, todas as suas vidas possíveis (ah! o inacessível Xavier!).

Nosso romance é como vocês. Também ele gostaria de ser outros romances, o que poderia ter sido e não foi.

É por isso que sonhamos constantemente com outros observatórios possíveis e não construídos. Suponha que coloquemos o nosso posto de observação, por exemplo, na vida do pintor, na vida do filho do porteiro, ou na vida da pequena ruiva. Na verdade, o que é que sabemos deles? Nada além do que sabe esse tolo Jaromil que, na verdade, nunca soube nada sobre ninguém! Como teria sido o romance se ele tivesse seguido a carreira desse oprimido, o filho do porteiro, no qual seu antigo colega de escola, o poeta, teria aparecido uma ou duas vezes, como um personagem episódico! Ou então se tivéssemos seguido a história do pintor e se tivéssemos podido por fim saber o que ele pensava exatamente da sua amante, cujo ventre enfeitava desenhando com tinta nanquim!

Se o homem não pode de forma alguma sair de sua vida, o romance fica muito mais livre. Suponha que desmontemos, imediata e clandestinamente, o nosso observatório, e que o transportemos para outro lugar, mesmo que por pouco tempo! Por exemplo, bem além da morte de Jaromil! Por exemplo, até hoje, quando mais ninguém, mas ninguém mesmo (sua mãe também morreu há alguns anos), se lembra do nome de Jaromil...

2

Ah, meu Deus, se transportássemos para hoje o nosso observatório! E se fôssemos visitar os dez poetas que estavam sentados na tribuna com Jaromil durante a reunião com os policiais! Onde estão os poemas que eles recitaram naquela noite? Ninguém, mas ninguém mesmo se

lembra; e os próprios poetas se recusariam a lembrá-los: porque têm vergonha, hoje todos têm vergonha...

No fundo, o que restou daquele tempo distante? Hoje, representam para todo mundo os anos dos processos políticos, das perseguições, dos livros do índice e dos assassinatos judiciais. Mas nós, que nos lembramos, devemos trazer o nosso testemunho: não era apenas o tempo do horror, mas também o tempo do lirismo! O poeta reinava junto com o carrasco.

O muro, atrás do qual homens e mulheres estavam presos, estava inteiramente recoberto de versos e, diante dele, as pessoas dançavam. Ah não, não uma dança macabra. Aqui dançava a inocência! A inocência com seu sorriso ensanguentado.

Era a época da poesia ruim? Não exatamente! O romancista que escrevia sobre esse tempo com os olhos cegos do conformismo compunha obras nascidas mortas. Mas o poeta lírico, que exaltava esse tempo da mesma forma cega, muitas vezes deixou atrás de si uma bela poesia. Porque, vamos repetir, no campo mágico da poesia, qualquer afirmação torna-se verdadeira, por menos que haja por trás dela a força do sentimento vivido. E os poetas viviam seus sentimentos com tal fervor que o espaço irisava-se de um arco-íris, de um milagroso arco-íris acima das prisões...

Mas não, não vamos transportar o nosso observatório para o presente, porque pouco nos importa pintar esse tempo e ainda oferecer-lhe novos espelhos. Se escolhemos esses anos não é porque queríamos traçar seu retrato, mas apenas porque eles nos pareciam ser uma cilada incomparável preparada para Rimbaud e Lermontov, uma cilada incomparável preparada para a poesia e para a juventude. E o romance seria outra coisa senão uma cilada armada para o herói? Ao diabo com a pintura da época! O que nos interessa é o jovem que escreve poemas!

É por isso que nunca devemos perder de vista este rapaz a quem demos o nome de Jaromil. Sim, vamos deixar um pouco de lado nosso romance e transportemos nosso observatório para além da vida dele, situando-o no pensamento de um personagem totalmente diferente, moldado por outra massa. Mas não nos afastemos tampouco de dois ou três anos depois da morte de Jaromil para permanecer no tempo em que nosso poeta ainda não foi esquecido por todos. Construamos um capítulo que seja, em relação ao resto da narrativa, o que é o pavilhão do parque em relação ao solar.

O pavilhão fica afastado uma dezena de metros, é uma construção independente, não sendo fundamental para o solar. Mas a janela do pavilhão está aberta, de maneira que as vozes dos habitantes do solar se deixem sempre ouvir facilmente.

3

Imaginemos esse pavilhão como um pequeno apartamento conjugado: uma entrada com um armário incorporado à parede, que foi negligentemente deixado bem aberto, um banheiro com uma banheira cuidadosamente polida, uma pequena cozinha com louça por guardar, e um quarto; no quarto, um divã enorme em frente ao qual há um espelho grande, com uma estante de livros em toda a volta, talvez duas gravuras emolduradas entre vidros (reproduções de pinturas e estátuas antigas), uma longa mesa com dois assentos, e uma janela voltada para o pátio interno e dando sobre as chaminés e os telhados.

Estamos no fim da tarde e o proprietário do apartamento acaba de voltar para casa; abre uma pasta e dela retira roupas azuis de trabalho amassadas que pendura no armário; entra no quarto e abre completamente a janela; é um dia ensolarado de primavera e uma brisa

fresca penetra no quarto; ele vai até o banheiro, deixa cair água bem quente na banheira e se despe; examina seu corpo e fica satisfeito; já entrou nos quarenta, mas desde que trabalha com as mãos sente-se em excelente forma; tem o cérebro mais leve e os braços mais fortes.

No momento, está deitado na banheira em cujas bordas apoiou uma prancha, o que faz com que a banheira sirva ao mesmo tempo de mesa; há livros espalhados à sua frente (essa estranha predileção pelos autores antigos!), ele se aquece na água escaldante, e lê.

Até que ouve a campainha. Um toque breve, depois dois longos, e, após uma pausa, mais um toque breve. Não gostava de ser incomodado por visitas inopinadas, de maneira que havia combinado, com suas amantes e seus amigos, sinais pelos quais reconheceria os visitantes. Mas quem é que aquele tipo de sinal poderia anunciar?

Pensou que estava envelhecendo e ficando com a memória fraca.

“Um momento!”, ele gritou. Saiu da banheira, secou-se, enfiou rapidamente o roupão e foi abrir.

4

Uma jovem vestindo um sobretudo de inverno estava esperando na porta.

Reconheceu-a imediatamente e ficou tão surpreso que não encontrou nada para dizer.

“Eles me soltaram”, ela disse.

“Quando?”

“Esta manhã. Esperei que você voltasse do trabalho.”

Ele ajudou-a a tirar o sobretudo, que era marrom, pesado e velho. Pendurou-o num cabide e alojou-o no cabideiro. A jovem usava um vestido que o quadragenário conhecia bem; lembrou-se de que ela o

usava na última vez que viera vê-lo, sim, aquele vestido e aquele sobretudo. Um dia de inverno de três anos atrás irrompia repentinamente naquela tarde primaveril.

A jovem também espantou-se de que o quarto ainda fosse o mesmo, quando tantas coisas haviam mudado na sua vida desde aquele dia.

“Tudo aqui está como antes”, ela disse.

“Sim, tudo está como antes.” O quadragenário concordou e convidou-a a sentar-se na poltrona onde ela sempre se sentava; em seguida começou a fazer perguntas afobadamente: “Está com fome? É verdade, já comeu? Quando comeu? Para onde você vai quando sair daqui? Vai para a casa dos seus pais?”.

Ela respondeu que devia ir para a casa dos pais, que estivera na estação de trem mais cedo, mas hesitara e viera até a casa dele.

“Espere, vou me vestir”, ele disse. Acabava de se dar conta de que usava um roupão de banho; passou para a antecâmara e fechou a porta; antes de começar a se vestir, ergueu o fone do telefone; discou um número e, quando uma voz de mulher respondeu, desculpou-se dizendo que não teria tempo naquele dia.

Ele não tinha nenhum compromisso com a garota que o esperava no quarto; no entanto, não queria que ela escutasse sua conversa e falava com voz abafada. Enquanto falava, olhava para o longo sobretudo marrom que estava pendurado no cabide e que deixava a antecâmara repleta de uma música tocante.

5

Havia aproximadamente três anos que a vira pela última vez, e mais ou menos cinco anos que a conhecia. Tinha amigas muito mais bonitas, mas aquela garota possuía qualidades preciosas: tinha apenas dezessete

anos quando a encontrara; era de uma espontaneidade engraçada, eroticamente dotada e maleável: fazia exatamente o que lia nos olhos dele; ela compreendera ao final de quinze minutos que não deveria falar de sentimentos diante dele, e sem que ele precisasse explicar nada vinha dócil e unicamente nos dias em que ele a convidava (apenas uma vez por mês).

O quadragenário não escondia sua queda por mulheres lésbicas; um dia, em meio à embriaguez do amor físico, a pequena cochichou-lhe ao ouvido que surpreendera uma desconhecida numa cabine, na piscina, e fizera amor com ela; a história agradou muito ao quadragenário e, quando ele em seguida descobriu a sua inverossimilhança, ficou ainda mais tocado com o empenho da jovem em agradá-lo. Aliás, ela não se cansava de invenções; apresentava o quadragenário às suas amigas e tornou-se a inspiradora e a organizadora de inúmeros divertimentos eróticos.

Ela compreendera que não apenas o quadragenário não exigia fidelidade, mas que se sentia mais seguro quando suas amigas tinham ligações sérias. Divertia-o portanto com uma inocente indiscrição sobre seus namorados passados e presentes, que interessava e divertia o quadragenário.

No momento, estava sentada diante dele numa poltrona (o quadragenário vestira uma calça leve e um pulôver) e dizia:

“Ao sair da prisão, vi cavalos.”

6

“Cavalos? Que cavalos?”

Quando atravessara a porta da prisão, de manhã bem cedo, ela cruzara com cavaleiros de um clube hípico. Mantinham-se sobre as selas, eretos

e firmes, como se aderissem ao animal formando com ele um único corpo inumano. A jovem, aos pés deles, sentia-se rente ao chão, pequena e insignificante. De longe, de cima dela, chegava-lhe o bafo dos cavalos e dos risos; ela dera de cara contra a parede.

“E aonde você foi depois?”

Fora ao ponto final da linha do bonde. Era cedo ainda, mas o sol já estava queimando; ela usava um pesado sobretudo e os olhares dos transeuntes a intimidavam. Tinha medo de que houvesse muita gente no ponto do bonde e que as pessoas a encarassem. Mas, felizmente, no abrigo havia apenas uma velha senhora. Ainda bem; era reconfortante haver apenas uma velha senhora.

“E você soube imediatamente que viria primeiro à minha casa?”

Seu dever era ir à casa dela, à casa dos pais. Fora até a estação, fizera fila no guichê, mas, ao chegar a sua vez de apanhar o bilhete, mudara de opinião. Tremia só de pensar em sua família. Depois, sentira fome e comprara um pedaço de salame. Sentada numa praça, esperara até as quatro horas para que o quadragenário voltasse do trabalho.

“Estou contente de que você tenha vindo primeiro à minha casa”, ele disse.

“E você se lembra?”, continuou ele depois de um instante. “Você tinha dito que nunca mais viria à minha casa.”

“Não é verdade”, disse a pequena.

Ele sorriu: “É verdade”, disse ele.

“Não.”

7

Evidentemente era verdade. Naquele dia, quando ela viera vê-lo, o quadragenário logo abriu o pequeno armário do bar; como ele se

preparasse para servir dois copos de conhaque, a pequena meneara a cabeça: “Não, não quero beber nada. Nunca mais beberei com você”.

O quadragenário estava espantado e a pequena prosseguiu: “Nunca mais virei à sua casa, e se vim hoje foi unicamente para lhe dizer isso”.

Como o quadragenário não parasse de se espantar, ela lhe dissera que amava sinceramente o rapaz cuja existência ele bem conhecia, e que não queria mais enganá-lo; viera para pedir-lhe que a compreendesse e não lhe quisesse mal.

Apesar de levar uma vida amorosa extremamente variada, o quadragenário no fundo era um idílico e velava pela tranquilidade e a ordem das suas aventuras. Certo, a pequena gravitava no céu estrelado dos seus amores como uma humilde estrela intermitente, mas mesmo uma única pequena estrela, quando bruscamente arrancada de seu lugar, pode romper desagradavelmente a harmonia de um universo.

E, além disso, estava decepcionado com a sua incompreensão: pois ele sempre ficara feliz de que ela tivesse um namorado que a amasse; incitava-a a falar sobre ele e aconselhava-a sobre a maneira como deveria se comportar com ele. O jovem o divertia muito, a ponto de ele guardar numa gaveta os poemas que a pequena recebia do namorado; não simpatizava com aqueles poemas, mas ao mesmo tempo se interessava por eles, como lhe interessava e lhe era antipático o mundo que tomava corpo ao redor dele e que ele observava da sua banheira cheia de água escaldante.

Estava disposto a velar sobre dois amantes com uma benevolência cínica, e a súbita decisão da jovem soava-lhe como ingratidão. Não pudera controlar-se o suficiente para não deixar transparecer nada e a jovem, vendo seu ar aborrecido, falava com loquacidade para justificar

sua decisão; jurava amar seu jovem namorado e queria ser honesta com ele.

E agora estava sentada diante do quadragenário (na mesma poltrona, vestindo o mesmo vestido) e queria nunca ter dito nada parecido.

8

Não estava mentindo. Ela fazia parte daquelas almas excepcionais que não distinguem entre o que é e o que deve ser, e que identificam o seu desejo moral e a verdade. Lembrava-se evidentemente do que dissera ao quadragenário; no entanto sabia também que não deveria tê-lo dito e agora recusava à lembrança o direito a uma existência real.

Mas, com certeza, ela se lembrava muito bem! Naquele dia demorara-se na casa do quadragenário mais do que pretendia e chegara atrasada ao seu encontro. Seu namorado estava zangadíssimo e ela sentiu que só poderia fazê-lo recuperar seus melhores sentimentos se invocasse uma desculpa à altura de sua raiva. Inventara então que o irmão estava se preparando para fugir clandestinamente para o Ocidente e que ela ficara longo tempo com ele. Não desconfiara de que seu namorado a obrigaria a denunciar o irmão.

Já no dia seguinte, ao sair do trabalho, fora até a casa do quadragenário para lhe pedir conselho; ele mostrou-se compreensivo e amigo; aconselhou-a a persistir na sua mentira e convencer o namorado de que, após uma cena dramática, seu irmão havia jurado que não atravessaria para o outro lado. Disse exatamente como ela deveria descrever a cena durante a qual dissuadira o irmão de atravessar clandestinamente para o Ocidente, e o que deveria dizer para sugerir ao namorado que ele se tornara indiretamente o salvador de sua família, pois sem a sua influência e a sua intervenção o seu irmão talvez já tivesse

sido preso na fronteira, ou, quem sabe, talvez já tivesse sido morto por um guarda na fronteira.

“Como terminou a conversa com o seu namorado naquele dia?”, ele perguntou-lhe agora.

“Não falei com ele. Me prenderam no momento em que eu voltava da sua casa. Estavam me esperando em frente ao edifício.”

“Então nunca mais falou com ele depois disso?”

“Não.”

“Mas com certeza devem ter-lhe contado o que aconteceu com ele?”

“Não.”

“Realmente, você não sabe?”, espantou-se o quadragenário.

“Não sei de nada.”

A pequena sacudiu os ombros sem demonstrar curiosidade, como se não quisesse saber de nada.

“Ele morreu”, disse o quadragenário. “Morreu pouco depois da sua prisão.”

9

Isso ela ignorava; de muito longe lhe chegavam as palavras patéticas do rapaz que habitualmente media o amor com a bitola da morte.

“Ele se matou?”, perguntou ela com voz suave, que subitamente estava pronta a perdoar.

O quadragenário sorriu.

“Não. Ele caiu doente e morreu, de forma banal. A mãe dele se mudou. Você não encontrará nenhum rastro deles na casa. Apenas um grande monumento negro no cemitério. Parece a tumba de um grande escritor. A mãe mandou gravar nela uma inscrição: *Aqui repousa o poeta...*

e abaixo do nome dele o epitáfio que você um dia me mostrou: aquele em que ele dizia querer morrer entre as chamas.”

Calaram-se; a jovem pensava que seu namorado não pusera fim aos seus dias, mas morrera banalmente; a sua morte era ainda uma maneira de dar-lhe as costas. À saída da prisão, estava decidida a nunca mais vê-lo, mas não pensara que ele não estaria mais presente. Se ele não pertencia mais a este mundo, a razão dos seus três anos de prisão também já não existia, e tudo não passava de um pesadelo, um não senso, algo de irreal.

“Escute”, disse ele. “Vamos preparar o jantar. Venha me ajudar.”

10

Estavam ambos na cozinha e cortavam pão; puseram então fatias de presunto e de salame sobre manteiga; abriram uma lata de sardinhas com um abridor; encontraram uma garrafa de vinho; tiraram dois copos do aparador.

Tinham esse costume quando ela vinha à casa do quadragenário. Era agradável constatar que aquele fragmento de vida estereotipado continuava a esperá-la, inalterado, imutável, e que hoje ela podia penetrá-lo sem sofrimento; pensou que aquela era a mais bela parte da vida que jamais conhecera.

A mais bela? Por quê?

Era uma parte de sua vida em que estava em segurança. Aquele homem era bom para ela e nunca lhe exigia nada; ela não era culpada nem responsável por nada; sempre sentia-se segura ao seu lado; como nos sentimos seguros quando nos vemos por um momento fora do alcance do nosso próprio destino; como o personagem do drama se sente seguro quando a cortina desce após o primeiro ato e começa o

intervalo; os outros personagens por sua vez retiram suas máscaras e conversam despreocupados.

O quadragenário havia tempos tinha o sentimento de viver fora do drama de sua vida: no começo da guerra, alcançara clandestinamente a Inglaterra com sua mulher, servira na aviação britânica e perdera a mulher durante um bombardeio a Londres; depois voltara a Praga, permanecera no exército, e mais ou menos na época em que Jaromil decidira inscrever-se na Escola de Altos Estudos Políticos, seus superiores decidiram que, durante a guerra, ele estabelecera laços demasiado estreitos com a Inglaterra capitalista e não era suficientemente confiável para um exército socialista. De maneira que se encontrara na oficina de uma fábrica, de costas para a História e suas representações dramáticas, de costas para o seu próprio destino, totalmente voltado para si mesmo, seus divertimentos privados e seus livros.

Três anos antes a pequena viera dizer-lhe adeus, porque ele só lhe prometia uma pausa enquanto o seu jovem namorado lhe prometia a vida. E, agora, está sentada diante dele, mastigando um pão com presunto, bebendo vinho e infinitamente feliz porque o quadragenário está lhe proporcionando um intervalo em que sente desabrochar, lentamente, o delicioso silêncio.

Sentiu-se de repente mais à vontade e sua língua se soltou.

11

Restavam sobre a mesa apenas pratos vazios com migalhas, uma garrafa de vinho semivazia, e ela falava (livremente e sem ênfase) sobre a prisão, sobre os outros detentos e os guardas, e demorava-se, como

sempre o fazia, nos detalhes que julgava interessantes e que associava aqui e ali ao fluxo sem lógica mas encantador de sua tagarelice.

No entanto, havia novidades na sua conversa de agora; em geral, suas frases caminhavam ingenuamente na direção do essencial, enquanto hoje elas pareciam ser apenas um pretexto para evitar o fundo da questão.

Mas que questão? Então o quadragenário pensou adivinhá-la e perguntou: “O que aconteceu com seu irmão?”.

“Eu não sei...”, disse a jovem.

“Já o soltaram?”

“Não.”

O quadragenário finalmente compreendeu por que a pequena fugira do guichê da estação e por que tinha tanto medo de voltar para casa; pois ela não era apenas uma vítima inocente, era também culpada por haver causado a desgraça do irmão e de toda a família; ele podia facilmente imaginar o que haviam feito para obrigá-la a confessar durante os interrogatórios e como, tentando escapar, ela se envolvera em novas mentiras cada vez mais suspeitas. Como é que poderia explicar aos pais que não fora ela quem denunciara o irmão acusando-o de um crime imaginário, mas um namorado de quem ninguém ouvira falar e que nem mesmo estava mais neste mundo?

A pequena estava calada, e o quadragenário sentia crescer nele uma corrente de compaixão que acabou por deixá-lo submerso: “Não vá à casa dos seus pais hoje. Você tem tempo para isso. Primeiro é preciso que reflita. Se quiser, pode ficar aqui”.

Depois, inclinou-se sobre ela e pousou a mão em seu rosto; não a acariciava, apenas mantinha a mão terna longamente apertada contra a sua pele.

Aquele gesto expressava tanta bondade que as lágrimas começaram a rolar pelas faces da jovem.

12

Desde a morte de sua mulher, que amava, ele detestava as lágrimas femininas; elas o assustavam, como lhe assustava a ideia de que as mulheres poderiam fazer dele um ator nos dramas de suas vidas; ele via nas lágrimas tentáculos que queriam abraçá-lo para arrancá-lo do idílio do seu não destino; as lágrimas causavam-lhe repugnância.

Portanto, ficou surpreso ao sentir sobre a sua mão aquela odiosa umidade. Mas, em seguida, ficou ainda mais surpreso ao constatar que, desta vez, não podia resistir ao seu poder de emoção; na verdade, sabia que não eram lágrimas de amor, que não se destinavam a ele, que não representavam nenhuma artimanha, nenhum meio de chantagem, nenhuma cena; sabia que se contentavam simplesmente em ser, por si mesmas, e que rolavam dos olhos da jovem como escapa invisivelmente do homem a tristeza ou a alegria. Contra a sua inocência não havia escudo algum; estava emocionado até as profundezas da alma.

Pensou consigo mesmo que, durante todo o tempo em que se conheciam, ele e a jovem jamais haviam feito mal um ao outro; que sempre haviam se proporcionado um breve instante de bem-estar e que nada queriam além disso; que nada tinham a censurar-se mutuamente. E ele experimentava uma especial satisfação com a ideia de que após a prisão da jovem ele fizera tudo o que estava a seu alcance para salvá-la.

Aproximou-se dela e ergueu-a da poltrona. Enxugou as lágrimas do seu rosto com os dedos e tomou-a com ternura nos braços.

13

Além das janelas desse instante, em algum lugar distante, três anos atrás, a morte demonstra impaciência na narrativa que abandonamos; sua silhueta óssea já entrou no palco iluminado e projeta tão longe a sua sombra que o pequeno apartamento onde a jovem e o quadragenário estão agora de pé face a face é invadido pelo claro-escuro.

Ele enlaça o corpo da jovem com ternura e ela se deixa envolver, imóvel, nos seus braços.

O que quer dizer deixar-se envolver?

Significa que ela se abandonou; deixou-se ficar em seus braços e quer permanecer assim.

Mas esse abandono não é uma abertura! Deixou-se ficar em seus braços, cercada, inacessível; seus ombros arqueados protegem os seios, sua cabeça não se volta para o rosto do quadragenário, mas permanece inclinada sobre seu peito; está olhando para a escuridão do seu suéter. Deixou-se ficar em seus braços, fechada sobre si mesma, lacrada, para que ele a esconda no seu abraço como num cofre de aço.

14

Ele levantou o rosto molhado da jovem na direção do seu, e pôs-se a beijá-la. Estava sendo levado pela simpatia compassiva, não pelo desejo sensual, mas as situações possuem o seu próprio automatismo, do qual não se pode escapar: enquanto a beijava, tentava abrir-lhe os lábios com a língua; em vão; os lábios da jovem estavam fechados e recusavam-se a responder aos seus.

Mas, coisa estranha, quanto menos ele conseguia beijá-la, mais sentia crescer nele a onda da paixão, pois compreendia que a jovem que

tinha nos braços estava enfeitiçada, que lhe haviam arrancado a alma, e que após essa amputação só lhe restava uma ferida sangrenta.

Sentia nos braços o corpo exangue, ósseo, lamentável, mas a onda úmida da simpatia começava a cair, apagava os contornos e os volumes, privando-os de sua precisão e materialidade. E, exatamente neste momento, desejava-a fisicamente!

Era absolutamente inesperado: estava sensual sem sensualidade, desejava sem desejo! Talvez fosse a bondade pura que, por uma misteriosa transubstanciação, transformava-se em desejo físico!

Mas, talvez exatamente porque era inesperado e incompreensível, aquele desejo o transportava. Começou a acariciar avidamente o corpo da jovem e a abrir os botões do seu vestido.

Ela se defendeu: “Não, não! Por favor, não! Não!”.

15

Como as palavras não tinham o poder de fazê-lo parar, ela fugiu e correu para se refugiar num canto do quarto.

“O que é que você tem? O que está acontecendo?”, ele perguntou.

Ela comprimia-se contra a parede e mantinha-se calada.

Ele se aproximou e acariciou-lhe o rosto: “Não tenha medo de mim, você não deve ter medo de mim. Me diga o que está acontecendo. O que deu em você? O que está acontecendo?”.

Ela estava imóvel, calada, e não conseguia encontrar as palavras. E diante de seus olhos surgiram os cavalos que vira passar em frente à porta da prisão, grandes animais robustos que formavam, com seus cavaleiros, arrogantes criaturas de corpo duplo. Ela ficava tão pequena perto deles, sem uma medida comum com a sua perfeição bestial, que tinha vontade de se confundir com as coisas que estavam ao seu alcance,

por exemplo, um tronco de árvore ou uma parede, para desaparecer na sua matéria inerte.

Ele continuava a insistir: “O que é que você tem?”.

“Pena que você não seja uma mulher velha ou um ancião”, disse ela finalmente. Depois continuou: “Eu nunca deveria ter vindo aqui, porque você não é nem uma mulher velha nem um ancião”.

16

Ele acariciou-lhe longamente o rosto, sem dizer palavra, depois (já estava escuro no quarto) pediu-lhe que o ajudasse a fazer a cama; estavam deitados lado a lado no divã muito largo, e ele falava-lhe com voz suave e reconfortante, como nunca falara a ninguém havia anos.

O desejo físico desaparecera, mas a simpatia, profunda e incansável, continuava presente e precisava da luz; o quadragenário acendeu o pequeno abajur da mesa de cabeceira e olhou para a jovem.

Ela estava tensa, crispada, e olhava para o teto. O que teriam feito com ela na prisão? Teria apanhado? Teria sido ameaçada? Torturada?

Ele não sabia. A pequena estava calada e ele acariciava-lhe os cabelos, a testa, o rosto.

Acariciou-a até que pôde sentir o pânico desaparecer do seu rosto.

Acariciou-a até que os olhos da pequena se fechassem.

17

A janela do pequeno apartamento está aberta e deixa entrar no quarto a brisa da noite primaveril; a lâmpada da cabeceira está apagada e o quadragenário está deitado, imóvel, ao lado da jovem, escuta sua respiração nervosa, vela sobre seu entorpecimento, e quando está certo

de que ela adormeceu, acaricia-lhe novamente a mão, suavemente, feliz por ter podido proporcionar-lhe seu primeiro sono na nova era da sua triste liberdade.

A janela do pavilhão ao qual comparamos este capítulo também está aberta e deixa penetrar até aqui os perfumes e os ruídos do romance que abandonamos pouco antes do seu paroxismo. Estão ouvindo a morte tamborilando impaciente ao longe? Que espere; ainda estamos aqui, no apartamento deste desconhecido, escondidos em outro romance, outra aventura.

Em outra aventura? Não. Na vida do quadragenário e da jovem, seu encontro é mais um intervalo entre as suas aventuras do que propriamente uma aventura. Este encontro não vai gerar nenhuma sequência de acontecimentos. Não passa de um breve momento de descanso que o quadragenário concede à jovem antes do longo tormento que será a vida dela.

Também no nosso romance este capítulo não passa de uma pausa tranquila, em que um homem desconhecido subitamente acendeu a lâmpada da bondade. Vamos preservar diante dos olhos ainda por alguns instantes essa lâmpada sossegada, essa luz caridosa, antes que o pavilhão que este capítulo representa se esconda de nossas vistas.

Sétima parte

ou

O POETA MORRE

1

Só o verdadeiro poeta sabe como está triste a casa de espelhos da poesia. Atrás da vidraça, há o crepitar longínquo do tiroteio, e o coração queima com a partida. Lermontov abotoa seu uniforme militar; Byron guarda uma pistola na gaveta de sua mesa de cabeceira; Wolker desfila em seus versos com a multidão; Halas rima os seus insultos; Maiakóvski não consegue avançar com sua canção. Uma magnífica batalha alcança o ápice nos espelhos.

Mas atenção! Assim que os poetas atravessam por engano os limites da casa dos espelhos, encontram a morte, pois não sabem atirar, e se atiram só conseguem atingir a sua própria cabeça.

Ai, vocês podem ouvi-los? Um cavalo está avançando pelos caminhos sinuosos do Cáucaso; o cavaleiro é Lermontov, e está armado com uma pistola. Mas eis que se ouve o choque de outros cascos e um carro rangendo se aproxima! Desta vez é Puchkin, que também está armado com uma pistola e também vai bater-se em duelo!

E o que é que estamos ouvindo agora? Um bonde; um bonde de Praga, ofegante e barulhento; nesse bonde está Jaromil, que vai de um subúrbio a outro; faz frio: ele está usando um terno escuro, gravata, um sobretudo, chapéu.

2

Que poeta não sonhou com a própria morte? Que poeta não a imaginou? *Ah, se é preciso morrer, que seja contigo, meu amor, e apenas nas chamadas, transformado em claridade e calor...* Vocês pensam que o que

incitava Jaromil a imaginar a própria morte nas chamas não passava de um jogo fortuito da imaginação? De jeito nenhum; pois a morte é uma mensagem; a morte fala; o ato da morte possui sua própria semântica, e não é indiferente saber de que maneira um homem encontrou a morte, e em que elemento.

Jan Masaryk expirou em 1948, jogado de uma janela num pátio de um palácio em Praga. Seu destino fragmentou-se sobre a dura casca da História. Três anos mais tarde, o poeta Konstantin Biebl, assustado com a face do mundo que ajudara a construir, precipitou-se do alto de um quinto andar sobre os paralelepípedos da mesma cidade (a cidade das defenestrações), para perecer, como Ícaro, pelo elemento terrestre e, através de sua morte, oferecer a imagem da discórdia trágica entre o ar e a gravidade, entre o sonho e o despertar.

Mestre Jan Hus e Giordano Bruno não poderiam morrer nem pela corda nem pelo gládio; só poderiam morrer na fogueira. Suas vidas transformaram-se assim na incandescência de um sinal, na luz de um farol, uma tocha que brilha ao longe no espaço dos tempos. Pois o corpo é efêmero e o pensamento é eterno e o ser trêmulo da chama é a imagem do pensamento. Jan Palach, que vinte anos após a morte de Jaromil, numa praça de Praga, derramou gasolina sobre o próprio corpo e ateou fogo, dificilmente poderia ter feito ressoar o seu grito na consciência da nação se tivesse morrido afogado.

Por outro lado, Ofélia seria inconcebível nas chamas e não poderia terminar seus dias senão nas águas, pois a profundidade da água se confunde com a profundidade da alma humana; a água é o elemento exterminador daqueles que estão perdidos em si mesmos, no seu amor, nos seus sentimentos, na sua demência, nos seus espelhos e nos seus turbilhões. É na água que se afogam as jovens das canções populares

cujo noivo não voltou da guerra; foi na água que Harriet Shelley se jogou; foi no Sena que se afogou Paul Celan.

3

Ele desceu do bonde e está se dirigindo para a mansão coberta de neve de onde fugiu precipitadamente, naquela noite, deixando sozinha a bonita moça morena.

Está pensando em Xavier.

No começo, só havia ele, Jaromil.

Depois Jaromil criou Xavier, sua cópia, e com ele sua outra vida, sonhadora e aventureira.

E eis que é chegado o momento em que a contradição é abolida entre o estado de sonho e o estado de vigília, entre a poesia e a vida, entre a ação e o pensamento. De uma só vez, a contradição entre Xavier e Jaromil também desapareceu. Ambos acabaram por se confundir e passaram a ser uma só criatura. O homem do devaneio tornou-se o homem da ação, a aventura do sonho tornou-se a aventura da vida.

Aproximava-se da casa e sentia renascer sua antiga timidez, ainda aumentada pela coceira na garganta (sua mãe não queria deixá-lo sair para ir ao sarau e, de acordo com ela, teria sido melhor que ficasse na cama).

Estava hesitante diante da porta e precisava evocar todos os grandes dias que vivera recentemente para adquirir coragem. Pensava na ruiva, pensava nos interrogatórios que ela sofria, pensava nos policiais e no desenrolar dos acontecimentos que desencadeara por sua própria força e sua própria vontade...

“Sou Xavier, sou Xavier...”, pensou ele, e tocou.

4

A sociedade reunida por ocasião do sarau compunha-se de jovens atores e atrizes, jovens pintores e estudantes de belas-artes; o proprietário participava pessoalmente da festa e emprestara todos os cômodos da casa. A cineasta apresentou Jaromil a algumas pessoas, pôs-lhe um copo na mão, pediu que ele mesmo se servisse de uma das inúmeras garrafas de vinho, e deixou-o sozinho.

Jaromil sentia-se ridiculamente engomado no seu traje de noite, de camisa branca e gravata; ao seu redor, todos estavam vestidos informalmente e com naturalidade, vários estavam de suéter. Mexia-se sem parar na cadeira, até que se decidiu; tirou o paletó, pendurou-o no encosto da cadeira, abriu o colarinho da camisa e desatou a gravata; sentiu-se então um pouco mais à vontade.

Cada um tentava superar o outro para chamar a atenção. Os jovens atores comportavam-se como se estivessem em cena, falando com voz forte e afetada, esforçando-se para valorizar seu espírito ou a originalidade de suas opiniões. Também Jaromil, que já esgotara vários copos de vinho, esforçava-se por manter a cabeça acima da superfície da conversa; por várias vezes, conseguiu pronunciar uma frase que achava insolentemente espirituosa e que por alguns segundos chamava a atenção dos outros.

5

Através da parede, ela podia ouvir a música barulhenta de dança vinda de um rádio; a prefeitura, havia pouco tempo, atribuíra o terceiro quarto do andar à família do locatário; os dois cômodos, onde a viúva mora

com o filho, parecem uma concha de silêncio cercada de barulho por todos os lados.

Mamãe está ouvindo música. Está sozinha e pensa na cineasta. Já quando a viu pela primeira vez pressentiu de longe o perigo de um amor entre ela e Jaromil. Tentou ligar-se a ela pela amizade com o único objetivo de ocupar antecipadamente uma posição de vantagem a partir da qual poderia lutar para preservar o filho. E agora compreende humilhada que seus esforços de nada serviram. A cineasta nem mesmo sonhou em convidá-la para a festa. Puseram-na de lado.

Um dia, a cineasta confidenciou-lhe que trabalhava no clube de empreendimentos da Segurança Nacional porque saíra de uma família rica e precisava de proteção política para poder prosseguir seus estudos. E agora ocorre à mamãe que essa moça sem escrúpulos sabe explorar tudo em seu próprio interesse; mamãe não representava para ela mais do que um degrau onde subira para aproximar-se de Jaromil.

6

E a competição prosseguia: todos queriam estar no centro das atenções. Alguns se puseram ao piano, havia casais dançando, grupos vizinhos riam e falavam alto; rivalizavam-se na ironia, cada um querendo superar o outro para ser o ponto de mira.

Martynov também estava lá; grande, bonito, de uma elegância quase que de opereta com o seu grande punhal, cercado de mulheres. Ah, como ele deixa Lermontov irritado! Deus foi injusto em ter dado um rosto tão bonito a esse imbecil e pernas curtas a Lermontov. Mas se o poeta não tem pernas longas, possui um espírito sarcástico que o empurra para o alto.

Aproximara-se do grupo de Martynov e espreitava a ocasião. Depois, disse uma impertinência e ficou observando os vizinhos estupefatos.

7

Finalmente (após uma longa ausência) ela reapareceu no aposento. Aproximou-se e fixou nele o olhar dos grandes olhos escuros.

“Você está se divertindo?”

Jaromil imaginou que reviveria o belo momento que haviam passado juntos no quarto da cineasta, sentados face a face e presos um ao outro pelo olhar.

“Não”, ele respondeu, olhando-a nos olhos.

“Está se aborrecendo?”

“Vim aqui por você e você está sempre longe de mim. Por que me convidou, se não podemos ficar juntos?”

“Mas tem uma porção de gente interessante aqui.”

“Sem dúvida. Mas para mim eles não passam de um pretexto para poder estar perto de você. Não passam de degraus que eu queria subir para alcançá-la.”

Sentia-se audacioso e estava satisfeito com sua eloquência.

Ela riu: “Hoje há muitos desses degraus aqui!”.

“Em vez desses degraus, talvez você pudesse me mostrar uma escada dissimulada que me conduzisse mais rapidamente até você.”

A cineasta sorriu: “Vamos tentar”, disse. Ela tomou-lhe a mão e o foi levando. Conduziu-o pela escada que levava à porta de seu quarto, e o coração de Jaromil pôs-se a bater mais forte.

Em vão. No quarto que ele já conhecia havia mais outros convidados.

8

No quarto ao lado há muito já desligaram o rádio, é noite escura, a mãe espera pelo filho e pensa em sua derrota. Mas logo avalia que, mesmo tendo perdido essa batalha, continuará a lutar. Sim, é exatamente isso que está sentindo: lutará, não permitirá que o tirem dela, não se deixará separar dele, irá acompanhá-lo para sempre, segui-lo para sempre. Está sentada numa poltrona, mas tem a sensação de ter começado a andar; andar através de uma longa noite para ir ao encontro dele, para retomá-lo.

9

O quarto da cineasta está cheio de discursos e de fumaça, através dos quais um dos homens (deve ter em torno de trinta anos) olha atentamente para Jaromil já há algum tempo.

“Tenho a impressão de já ter ouvido falar de você”, disse ele finalmente.

“De mim?”, perguntou Jaromil com satisfação.

O homem perguntou a Jaromil se não era ele o rapaz que ia à casa do pintor desde a infância.

Jaromil estava feliz de poder, por meio de uma relação comum, ligar-se mais solidamente àquela sociedade de gente desconhecida, e apressou-se em aquiescer.

“Mas você não vai vê-lo há muito tempo”, disse o homem.

“Sim, há muito tempo.”

“E por quê?”

Jaromil não sabia o que responder, e sacudiu os ombros.

“Pois eu sei por quê. Ameaçaria atrapalhar a sua carreira.”

Jaromil tentou rir: “Minha carreira?”.

“Você publica poemas, recita em encontros, a dona da casa faz um filme sobre você para cuidar da sua reputação política. Enquanto o pintor não tem o direito de expor. Você sabe que ele foi tratado como inimigo do povo pela imprensa?”

Jaromil ficou calado.

“Sabe ou não sabe?”

“Sim, ouvi falar.”

“Parece que as pinturas dele são abjeções burguesas.”

Jaromil continuava calado.

“Você sabe o que o pintor está fazendo?”

Jaromil sacudiu os ombros.

“Foi despedido do liceu e trabalha como operário numa obra. Porque não quer renunciar às suas ideias. Só pode pintar à noite com luz artificial. Mas faz belas telas, enquanto você escreve belas merdas!”

10

E ainda uma impertinência, depois mais outra, tantas e tão boas que o belo Martynov acabou por se ofender. Ele repreende Lermontov diante de todos.

O quê? Lermontov devia renunciar às suas palavras espirituosas? Precisava desculpar-se? Nunca!

Seus amigos o previnem. Não tem sentido arriscar um duelo por uma bobagem. É melhor acertar tudo. Sua vida vale muito mais, Lermontov, do que o irrisório fogo-fátuo da honra!

O quê? Existe coisa mais preciosa que a honra?

Sim, Lermontov, a sua vida, a sua obra.

Não, nada é mais precioso que a honra!

A honra é nada mais que a fome da sua vaidade, Lermontov. A honra é uma ilusão de espelhos, a honra não passa de um espetáculo para esse público insignificante que amanhã não estará mais aqui!

Mas Lermontov é jovem e os segundos em que vive são vastos como a eternidade, e essas poucas senhoras e senhores que olham para ele são o anfiteatro do mundo! Ou atravessará essa gente com passo viril e firme, ou ele não será digno de viver!

11

Sentia rolar pela face a lama da humilhação e sabia que não podia ficar nem mais um minuto entre eles com aquele rosto enlameado. Tentavam em vão acalmá-lo, consolá-lo.

“É inútil buscarmos a nossa reconciliação”, ele disse. “Há casos em que a reconciliação é impossível.”

Em seguida levantou-se e virou-se nervosamente para o seu interlocutor. “Pessoalmente, lamento que o pintor seja operário e que pinte sob luz artificial. Mas, considerando-se as coisas com objetividade, é absolutamente indiferente que ele pinte à luz de vela ou que não pinte nunca. Não muda nada. Todo o universo dos seus quadros já morreu há muito tempo. A vida real está em outro lugar! Está toda em outro lugar! E é por essa razão que parei de ir à casa do pintor. Não me interessa discutir com ele problemas que não existem. Que ele esteja o melhor possível! Não tenho nada contra os mortos! Que a terra lhe seja leve. E digo isto também para você”, continuou ele, o indicador apontado para seu interlocutor, “que a terra lhe seja leve. Você morreu e nem mesmo sabe disso.”

O homem, por sua vez, levantou-se e disse: “Talvez fosse interessante ver no que daria um combate entre um cadáver e um poeta”.

Jaromil sentiu o sangue lhe subir à cabeça: “Podemos experimentar”, disse ele, e ergueu o punho para atingir seu interlocutor, mas este lhe segurou o braço, torceu-o violentamente e fez com que girasse sobre ele mesmo; depois o apanhou com a mão pelo colarinho e com a outra pelo fundo das calças, e levantou-o.

“Para onde devo levar o senhor poeta?”, perguntou.

As jovens senhoras e os jovens senhores presentes que, alguns instantes antes, esforçavam-se por reconciliar os dois adversários, não puderam deixar de rir. O homem atravessava o aposento mantendo firmemente no ar Jaromil, que se debatia como um peixe terno e desesperado. Ele transportou-o assim até a porta da sacada, abriu-a, depositou ali o poeta e deu-lhe um pontapé.

12

Um tiro ecoou, Lermontov levou a mão ao coração e Jaromil caiu sobre o cimento gelado da sacada.

Oh, minha Boêmia, transformas tão facilmente os tiros em burlescos pontapés!

No entanto, precisamos zombar de Jaromil porque ele é apenas uma paródia de Lermontov? Precisamos zombar do pintor porque ele imitava André Breton com seu casaco de couro e seu cão pastor? E será que André Breton também não era uma imitação de alguma coisa nobre, com a qual queria se parecer? A paródia não seria o eterno destino do homem?

Aliás, não existe nada mais fácil que inverter a situação.

13

Um tiro ecoou, Jaromil levou a mão ao coração e Lermontov caiu sobre o cimento gelado da sacada.

Está ensanguentado dentro do grande uniforme dos oficiais do czar e levanta-se do chão. Está horivelmente abandonado. Falta aqui a historiografia literária com seus bálsamos, que poderiam dar um significado solene à sua queda. Falta aqui a pistola cuja detonação apagaria a sua pueril humilhação. Resta apenas o riso que lhe chega através das vidraças e o desonra para sempre.

Ele se aproxima da balaustrada e olha para baixo. Mas pobre dele! A sacada não é suficientemente alta para que tenha a certeza de morrer, caso pule. Faz frio, suas orelhas estão congeladas, seus pés estão congelados, ele saltita num pé e no outro e não sabe o que fazer. Tem medo de que a porta da sacada se abra, teme que ali apareçam rostos escarnecidos. Caiu na armadilha. Está na armadilha da farsa.

Lermontov não teme a morte, mas teme o ridículo. Queria pular, mas não pula, pois sabe que um suicídio é trágico, mas que um suicídio fracassado é escarnecedor.

(Mas como, como? Que frase estranha! Que um suicídio aconteça ou falhe, é sempre um único e mesmo ato, ao qual somos levados pelas mesmas raízes e pela mesma coragem! Então, em que consiste aqui a diferença entre o trágico e o ridículo? Apenas no acaso do sucesso? O que é que distingue o pequeno do grande? Diga, Lermontov! Apenas os acessórios? Uma pistola ou um pontapé? Apenas os cenários que a História impõe à aventura humana?)

Basta! É Jaromil quem está na sacada, de camisa branca, com o nó da gravata desatado, e tremendo de frio.

Todos os revolucionários amam as chamas. Percy Shelley também sonhava com a morte no fogo. Os amantes de seu grande poema morrem juntos na fogueira.

Shelley projetou neles a imagem de si mesmo e de sua mulher, e no entanto morreu afogado. Mas seus amigos, como se quisessem reparar esse erro semântico da morte, fizeram à beira do mar uma grande fogueira para incinerar seu corpo mordiscado pelos peixes.

Mas será que a morte também quer zombar de Jaromil, deixando jogado sobre ele o gelo em vez de chamas?

Pois Jaromil quer morrer; a ideia do suicídio o atrai como o canto do rouxinol. Sabe que está gripado, que vai ficar doente, mas não volta para dentro, não pode suportar a humilhação. Sabe que apenas o abraço da morte pode acalmá-lo, esse abraço que ele vai encher com todo o seu corpo e toda a sua alma e no qual finalmente encontrará a grandeza; sabe que apenas a morte pode vingá-lo e acusar de assassinos aqueles que caçoam.

Diz para si mesmo que vai deitar-se em frente à porta e deixar o frio assá-lo por baixo para facilitar à morte o seu trabalho. Senta-se no chão; o cimento está tão gelado que ao fim de alguns minutos não sente mais o traseiro; quer se deitar, mas lhe falta coragem para apoiar as costas contra o chão gelado, e levanta-se.

O gelo envolvia-o por inteiro: estava dentro dos seus sapatos leves, sob as calças e a sunga de ginástica, escorregava a mão sob sua camisa. Jaromil rangia os dentes, sentia dor na garganta, não conseguia engolir, espirrava e tinha vontade de mijar. Desabotoou a braguilha com os dedos transidos; depois urinou no chão à sua frente e viu que sua mão, que segurava seu membro, tremia de frio.

15

Ele se contraía de dor sobre o chão de cimento, mas por nada no mundo teria concordado em abrir a porta para ir se juntar aos que haviam zombado dele. Mas o que é que estavam fazendo? Por que não vinham buscá-lo? Será que eram tão maus? Ou tão bêbados? E há quanto tempo estava ali, tiritando no frio glacial?

Subitamente o lustre do aposento se apagou e restou apenas uma luz bem fraca.

Jaromil aproximou-se da janela e viu o divã iluminado por um pequeno abajur cor-de-rosa; olhou durante algum tempo e viu dois corpos nus que se abraçavam.

Estava rangendo os dentes, tremendo, e olhava; a cortina semipuxada o impedia de distinguir com certeza se o corpo da mulher coberto pelo corpo do homem pertencia à cineasta, mas tudo indicava que sim: os cabelos dessa mulher eram pretos e longos.

Mas quem é este homem? Meu Deus! Jaromil sabe muito bem! Pois já viu esta cena antes! O frio, a neve, o chalé na montanha e, contra uma janela iluminada, Xavier com uma mulher! No entanto, a partir de hoje, Xavier e Jaromil deveriam ser uma única e só pessoa! Como pode ser que Xavier o tenha traído? Meu Deus, como pode fazer amor debaixo de seus olhos com a sua amiga?

16

Agora estava escuro no quarto. Não havia mais nada para ver nem para ouvir. E também no seu espírito não havia mais nada: nem raiva, nem desgosto, nem humilhação; no seu espírito só havia um frio terrível.

Não podia suportar ficar aqui por muito tempo; abriu a porta de vidro e entrou; não queria ver nada, não olhava nem à esquerda nem à direita, e atravessou o quarto num passo rápido.

Havia luz no corredor. Ele desceu a escada e abriu a porta do quarto onde deixara o paletó; estava escuro, apenas um pequeno clarão que penetrava até aqui vindo da entrada iluminava vagamente alguns adormecidos de respiração ofegante. Continuava tremendo de frio. Tateando, procurava seu paletó sobre as cadeiras, mas não conseguia encontrá-lo. Espirrou; um adormecido acordou e chamou-lhe a atenção.

Saiu do quarto e foi para a entrada. Seu sobretudo estava pendurado no cabideiro. Vestiu-o diretamente sobre a camisa, apanhou o chapéu e saiu correndo da casa.

17

O cortejo pôs-se em marcha. À frente, o cavalo puxa o carro fúnebre. Atrás dele vai a sra. Wolker, que se dá conta de que uma ponta do travesseiro branco ficou para fora da tampa preta; aquela ponta de pano imprensado é como uma censura, a cama onde o seu menino (ah, faz apenas vinte e quatro anos!) dorme o seu último sono não está bem-feita; sente um desejo incontrollável de acertar o travesseiro sob a cabeça do pequeno.

Depois, põem na igreja o esquife cercado de coroas de flores. A avó acaba de ter um ataque e, para ver, deve levantar com o dedo a própria pálpebra. Ela examina o esquife, examina as coroas; uma delas tem uma faixa com o nome de Martynov. “Jogue isso fora”, ela ordena. Seu olho senil, sob o qual o dedo mantém a pálpebra paralisada, vela fielmente pela última viagem de Lermontov, que só tem vinte e seis anos.

18

Jaromil (ah, ele ainda não tem vinte anos) está no seu quarto e tem febre alta. O médico diagnosticou uma pneumonia.

Através da parede podem-se ouvir os locatários brigando em voz alta, e os dois cômodos onde moram a viúva e seu filho são uma pequena ilha de silêncio, ilha cercada. Mas mamãe não ouve a confusão do cômodo ao lado. Ela só pensa nos remédios, nas infusões fumegantes e nos panos úmidos. Quando ele era pequeno, ela havia passado vários dias seguidos junto dele, para trazê-lo de volta, vermelho e ardente, do reino dos mortos. Desta vez ainda, vai velar por ele, da mesma forma apaixonada, longa e fiel.

Jaromil dorme, delira, acorda e recomeça a delirar; as chamas da febre lambem seu corpo.

Bem, ao menos as chamas? Será que, apesar de tudo, ele será transformado em claridade e calor?

19

Diante da mãe está um desconhecido que quer falar com Jaromil. A mãe recusa. O homem lhe relembra o nome da jovem ruiva. “Seu filho denunciou o irmão dela. Agora ambos estão presos. Preciso falar com ele.”

Estão de pé frente a frente, no quarto da mãe, mas para a mãe, agora, este quarto não passa da entrada do quarto do filho; ela fica ali montando guarda como um anjo defendendo a porta do paraíso. A voz do visitante é insolente e lhe desperta raiva. Ela abre a porta do quarto do filho: “Pois bem, fale com ele!”.

O desconhecido percebeu o rosto escarlate do rapaz delirando de febre, e a mãe lhe disse em voz baixa e firme: “Ignoro sobre o que o senhor quer falar, mas posso garantir que meu filho sabia o que estava fazendo. Tudo o que ele faz é no interesse da classe operária”.

Ao pronunciar essas palavras, que ouvira frequentemente da boca do filho, mas que até então lhe eram estranhas, ela experimentava uma infinita sensação de poder; agora, estava unida a seu filho de forma mais forte do que nunca; formava com ele uma só alma, uma só inteligência; formava com ele um só universo, talhado numa única matéria.

20

Xavier tinha na mão a mochila onde levava um caderno de tcheco e um manual de ciências naturais.

“Aonde você quer ir?”

Xavier sorriu e mostrou a janela. Ela estava aberta, o sol brilhava e de longe chegavam as vozes da cidade cheia de aventuras.

“Você prometeu me levar com você...”

“Isso tem muito tempo”, disse Xavier.

“Você quer me trair?”

“Sim, vou traí-la.”

Jaromil não conseguia retomar o fôlego. Sentia apenas uma coisa: que detestava infinitamente Xavier. Pensava, ainda há pouco, que ele e Xavier eram um só ser com uma dupla aparência, mas agora entende que Xavier é uma pessoa completamente diferente e que é inimigo jurado de Jaromil.

Xavier inclinou-se sobre ele e acariciou-lhe o rosto: “Você é bonita, tão bonita...”.

“Por que você fala comigo como se eu fosse uma mulher? Está louco?”, exclamou Jaromil.

Mas Xavier não se deixava interromper: “Você é bonita, mas eu preciso traí-la”.

Em seguida fez meia-volta e dirigiu-se até a janela aberta.

“Eu não sou uma mulher! Você sabe muito bem que não sou uma mulher!”, gritava Jaromil atrás dele.

21

A febre diminuiu provisoriamente e Jaromil olha ao redor; as paredes estão vazias; a fotografia emoldurada do homem em uniforme de oficial desapareceu.

“Onde está papai?”

“Papai não está mais aqui”, disse a mãe com ternura.

“Como? Quem o levou?”

“Eu, meu querido. Não quero que ele fique olhando para nós. Não quero que alguém se interponha entre nós. No momento, é inútil que eu minta para você. É preciso que você saiba. Seu pai nunca quis que você visse a luz do dia. Nunca quis que você vivesse. Queria me obrigar a não trazê-lo ao mundo.

Jaromil estava exausto pela febre e não tinha mais forças para fazer perguntas ou discutir.

“Meu garotinho lindo”, disse-lhe a mãe com a voz engasgada.

Jaromil compreende que a mulher que lhe fala sempre o amou, que nunca fugiu dele, que ele nunca precisou ter medo de perdê-la e que ela nunca o deixou com ciúme.

“Eu não sou bonito, mamãe. Você é bonita. Está com uma aparência tão jovem.”

Ela ouve o que o filho diz e sente vontade de chorar de alegria.

“Você acha que sou bonita? Mas você se parece comigo. Nunca quis admiti-lo, mas se parece comigo e fico feliz com isso.”

Ela acariciava os cabelos do filho, que eram amarelos e finos como penugem, e cobria-os de beijos: “Você tem cabelos de anjo, meu querido”.

Jaromil sente a que ponto está cansado. Não teria mais forças para ir procurar outra mulher, elas estão todas tão distantes e o caminho que leva até elas é infinitamente longo.

“Na realidade, mulher nenhuma jamais me agradou”, ele disse, “apenas você, mamãe. Você é a mais linda de todas.”

Mamãe chora e o beija: “Lembra-se de nossas férias na estação de águas?”.

“Sim, mamãe, foi você quem eu mais amei.”

Mamãe vê o mundo através de uma enorme lágrima de felicidade; ao seu redor tudo se embaça na umidade; as coisas, libertadas dos entraves da forma, alegram-se e dançam: “É verdade, meu querido?”.

“Sim”, disse Jaromil, que segura na palma de sua mão ardente a mão da mãe, e está cansado, infinitamente cansado.

22

A terra já se amontoa sobre o caixão de Wolker. A sra. Wolker já está voltando do cemitério. A lápide já está no seu lugar sobre o caixão de Rimbaud, mas sua mãe, pelo que se soube, mandou que reabrissem a sepultura da família em Charleville. Estão vendo aquela senhora austera vestida de preto? Ela está examinando o buraco escuro e úmido e certificando-se de que o caixão está no lugar certo e bem fechado. Sim,

tudo está em ordem. Arthur está repousando e não vai escapar. Arthur nunca mais fugirá. Tudo está em ordem.

23

Então, afinal, só água, nada mais que água? Não há chamas?

Abriu os olhos e viu, inclinado sobre ele, um rosto de queixo suavemente recuado e finos cabelos louros. Aquele rosto está tão próximo que ele pensa estar deitado em cima de um poço que lhe devolve a própria imagem.

Não, nada de chamas. Ele vai se afogar na água.

Olhava o seu rosto na superfície da água. Depois, sobre esse rosto, viu subitamente um enorme pavor. E foi a última coisa que viu.

MILAN KUNDERA nasceu em Brno, na República Tcheca, em 1929, e emigrou para a França em 1975, onde vive como cidadão francês. Romancista e pensador de renome internacional, é autor, entre outras obras, de *A insustentável leveza do ser*, *A brincadeira*, *Risíveis amores*, *A ignorância*, *A cortina*, *O livro do riso e do esquecimento*, *A valsa dos adeuses* e *A lentidão*, publicadas no Brasil pela Companhia das Letras.

Copyright © Milan Kundera, La vie est ailleurs 1973

É proibida toda e qualquer adaptação da obra

Tradução anteriormente publicada pela editora Nova Fronteira S.A., feita com base na tradução francesa La vie est ailleurs, de François Kérel, que por sua vez foi feita a partir do original tcheco.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Život Je Jinde

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Silvana Afram

Revisão

Juliane Kaori

Gabriela Morandini

Marina Pastore

ISBN 978-65-5782-832-8

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

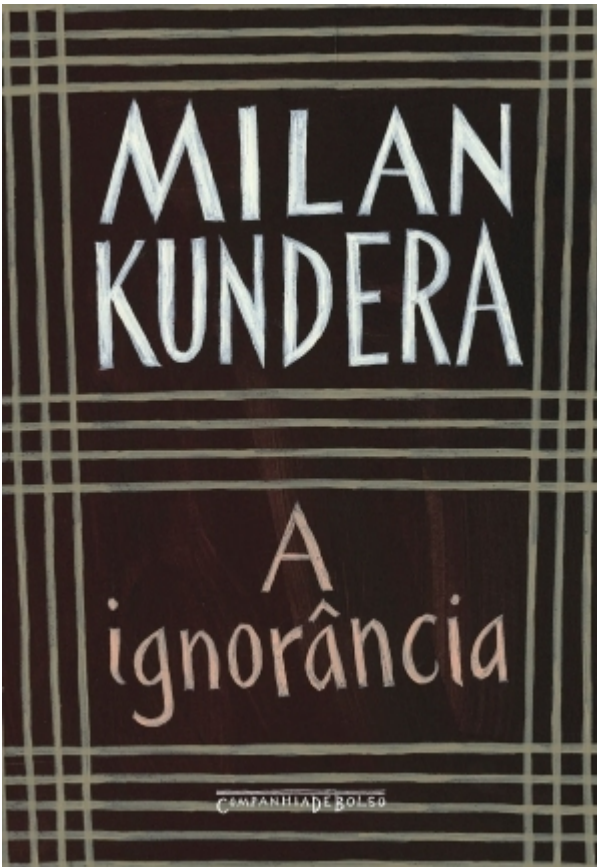
04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br



A ignorância

Kundera, Milan

9786557828076

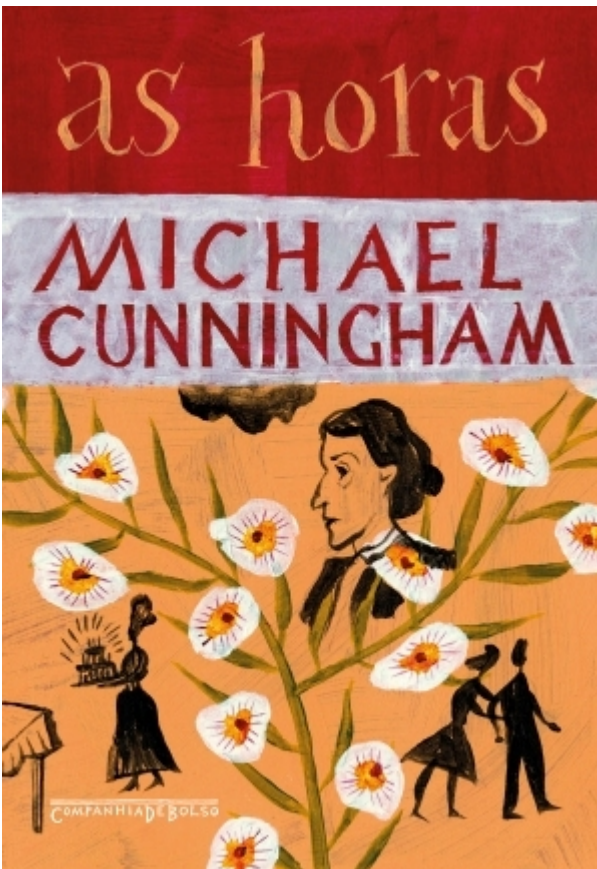
128 páginas

[Compre agora e leia](#)

Namorados de adolescência, Josef e Irena passam vinte anos longe de sua terra natal, ele vivendo na Dinamarca, ela em Paris. Irena reencontra Josef por acaso no aeroporto de Paris. Os dois decidem retornar a Praga, reerguida segundo as regras capitalistas depois da

queda dos regimes comunistas do Leste europeu, em 1989. Em comum, eles têm uma história de exílio e um sentimento profundamente nostálgico em relação à paisagem tcheca. Reviver essa relação de amor significa refazer todo o percurso da separação. Neste romance sobre a memória, Milan Kundera subverte a noção de nostalgia. O escritor relembra a etimologia da palavra, que em sua origem grega remete ao "sofrimento causado pelo desejo irrealizado de retornar". Esse sentimento liga-se também à ignorância: só há nostalgia daquilo de que não temos mais notícia. Como afirma o narrador, "acaso" é um outro modo de dizer "destino". O fascínio que as coincidências e os pequenos retornos exercem é aquele da consciência do presente e de sua ligação com o passado. Na memória, os acasos se harmonizam e ganham beleza.

[Compre agora e leia](#)



As horas (Nova edição)

Cunningham, Michael

9786557827307

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

O aclamado romance de Michael Cunningham que deu origem ao filme estrelado por Meryl Streep, Nicole Kidman e Julianne Moore. Em 1923, nos arredores de Londres, Virginia Woolf escreve Mrs. Dalloway enquanto tenta encontrar a tranquilidade em meio aos

sintomas de um transtorno mental. A angústia também é constante na vida da dona de casa Laura Brown, que vive num subúrbio de Los Angeles em 1949 e se esforça para desempenhar o papel de esposa e mãe da melhor maneira possível. Já na Manhattan do fim dos anos 1990, a editora Clarissa Vaughan organiza uma festa para o amigo Richard, que tem aids em estágio avançado e acaba de ganhar um prêmio literário. Neste romance extraordinário que lhe rendeu o Pulitzer de 1999, Michael Cunningham explora a vida dessas três mulheres — a primeira real, as outras duas fictícias — unidas pelo não pertencimento e pelo desejo de encontrar profundidade nas experiências mais comuns.

[Compre agora e leia](#)



Niketche (Edição de bolso)

Chiziane, Paulina

9786557821398

296 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos romances moçambicanos mais renomados do século XX, agora em edição de bolso. Da vencedora do Prêmio Camões 2021. Rami é uma esposa fiel e subserviente. Ela faz o que manda a tradição, mas nem assim consegue ser amada por Tony, com quem

é casada há vinte anos. Certo dia, Rami descobre que o marido tem várias amantes — e filhos — por todo o Moçambique, e decide conhecê-las uma a uma. "Eu, Rami, sou a primeira-dama, a rainha mãe. [...] O nosso lar é um polígono de seis pontos. É polígamo. Um hexágono amoroso", diz. A partir desse encontro surpreendente, todas terão suas vidas completamente transformadas. De origem humilde, Paulina Chiziane foi a primeira mulher moçambicana a publicar um romance — apesar de não se considerar romancista, mas uma contadora de histórias. Em Niketche, ela mistura bom humor, consciência social e lirismo para traçar um vigoroso painel da condição feminina e da sociedade de seu país.

[Compre agora e leia](#)



Cem dias entre céu e mar

Klink, Amyr

9788563397768

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

O navegador que atravessou o Atlântico num minúsculo barco a remo faz o relato de sua assombrosa façanha, dos preparativos cuidadosos até os embates com ondas gigantescas e a chegada

triunfal ao litoral brasileiro. Navegando ao lado dos peixes, entretendo conversas com gaivotas e tubarões, remando no meio de uma creche de baleias, Cem dias entre céu e mar é o relato de uma travessia absolutamente incomum: mais de 3500 milhas (cerca de 6500 quilômetros) desde o porto de Lüderitz, no sul da África, até a praia da Espera no litoral baiano, a bordo de um minúsculo barco a remo. Verdadeira odisséia moderna, neste livro Amyr Klink transporta o leitor para a superfície ora cinzenta, ora azulada do Atlântico Sul, tornando-o cúmplice de suas alegrias e seus temores, ao mesmo tempo em que narra, passo a passo, os preparativos, as lutas, os obstáculos e os presságios que cercaram a extraordinária viagem.

[Compre agora e leia](#)



Grande sertão: veredas

Rosa, João Guimarães

9786557821879

504 páginas

[Compre agora e leia](#)

Edição de bolso de uma das principais obras-primas da língua portuguesa. "O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquentada e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem." Publicado

originalmente em 1956, Grande sertão: veredas é uma das obras mais apaixonantes da literatura brasileira. Ao narrar o mundo através dos olhos de Riobaldo, Guimarães Rosa constrói um romance fascinante, que mescla sofrimento, luta, alegria, violência, amor e morte em uma prosa extremamente inventiva. Neste clássico arrebatador, as paisagens percorridas pelos jagunços ganham uma dimensão universal e profundamente humana. "Sertão: é dentro da gente." Esta edição, de bolso, conta com posfácio de Davi Arrigucci Jr., cronologia do autor e sugestões de leitura.

[Compre agora e leia](#)